

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FLÁVIA SANTOS DA SILVA

O SEMANTISMO SOCIAL ENTRE LÍNGUAS

Uberlândia - MG

2015

FLÁVIA SANTOS DA SILVA

O SEMANTISMO SOCIAL ENTRE LÍNGUAS

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito obrigatório para a obtenção de título de mestre.

Área de concentração: Linguagem, Texto e Discurso.

Orientadora: Prof. Dr^a. Cármen Lúcia Hernandes Agustini

Uberlândia - MG

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586s
2015

Silva, Flávia Santos da, 1991-
O semantismo social entre línguas / Flávia Santos da Silva. - 2015.
216 f. : il.

Orientadora: Carmen Lúcia Hernandes Agustini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Semântica - Teses. 3. Traduções - Teses. 4.
Benveniste, Émile, 1902-1976 - Teses. I. Agustini, Carmen Lúcia
Hernandes . II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me deu a oportunidade de retornar à vida terrestre.

À minha orientadora Cármen Lúcia Hernandes Agustini, que me proveu dos recursos para adentrar no coração da Linguística, principalmente no pensamento de Émile Benveniste.

Ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade, pelas discussões proveitosas.

Ao professor Marcio Chaves-Tannús, que me possibilitou ter contato com a pérola da episteme, em uma época de crise do conhecimento nas humanidades.

Aos professores Ariel Novodvorski e Stéfano Paschoal, pela leitura tão atenta e minuciosa quando da qualificação e da defesa deste trabalho.

Ao professor João Bortolanza, por me ter aberto os olhos e me conduzido ao berço da civilização ocidental, doando de si mesmo para ensinar a língua latina, e ao GEL LATIUM, pelos encontros intelectualmente instigantes, pelo coleguismo afável.

À professora Eliane Mara Silveira, por ter me permitido participar dos encontros tão profícuos do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure.

Aos demais professores do ILEEL, com os quais pude conhecer a Linguística e algumas línguas, dentre as quais o francês, tão cara para mim, por ser língua de cultivo intelectual dos célebres Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.

A Ferdinand de Saussure, homem dos fundamentos, pensador genial da Linguística.

A Émile Benveniste, por sua agudeza de espírito, seu rigor incomparável e sua erudição admirável, que me permitiram constituir-me de conhecimentos sólidos nesta jornada, nunca acabada, da formação acadêmica.

*[...] et chaque fois que la parole déploie l'événement,
chaque fois le monde recommence.
Aucun pouvoir n'égale jamais celui-là,
qui fait tant avec si peu.*

(BENVENISTE, 1966, p. 29)

RESUMO

Neste trabalho, tomamos o semantismo social, conceito forjado por Émile Benveniste, como objeto de estudo a partir do funcionamento da tradução. E, para estudar esse fato, filiamos-nos aos estudos semânticos desse autor. Nosso *corpus* de estudo é composto pela versão em francês do texto *L'appareil formel de l'énonciation*, primeiramente publicada na revista *Langages* de Paris em março de 1970 e quatro anos depois no segundo tomo de *Problèmes de linguistique générale*, e por suas traduções, tanto em português como em espanhol. A importância de analisar esse texto e suas traduções dá-se por sua relevância junto à teoria de Benveniste: ele foi um dos últimos textos escritos por ele, sendo, então, o início do que mais tarde ele, provavelmente, teria chamado de teoria da enunciação. Partindo da tese de que a enunciação é o colocar o aparelho formal da língua em funcionamento pelo locutor, temos a hipótese de que o semantismo social funciona interlinguisticamente, o que poderia ser formulado em forma de pergunta: por que o semantismo social torna a tradução possível? Assim sendo, esta pesquisa tem o objetivo principal de demonstrar por que o semantismo social é o possível da tradução e por que o semiotismo é o impossível, a fim de verificarmos a nossa hipótese. E desdobramos o objetivo principal em três específicos: (i) destrinçar os pormenores do funcionamento da significação, (ii) refletir sobre a diferença entre objeto de estudo e objeto de pesquisa e (iii) problematizar o método em Benveniste. Sobre o método, (i) fazemos uma pesquisa qualitativa por meio da análise das traduções, em português e espanhol, do artigo *L'appareil formel de l'énonciation*, (ii) usamos a noção de níveis de análise linguística proposta por Benveniste para fazer essa análise e (iii) utilizamos principalmente o artigo *La forme et le sens dans le langage*, de onde pudemos tirar a base de nossa hipótese, para fundamentá-la. Assim, finalizamos a dissertação com as considerações a respeito de o que a tradução permite compreender sobre o semantismo social entre línguas.

Palavras-chave: Émile Benveniste. Semântica. Semantismo Social. Homem. Linguagem. Tradução.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, on prend le sémantisme social, concept forgé par Émile Benveniste, comme objet d'étude à partir du fonctionnement de la traduction. Pour étudier ce fait linguistique, on utilise les études sémantiques de cet auteur. Notre *corpus* d'étude est composé par la version en français du texte *L'appareil formel de l'énonciation*, premièrement publiée dans le périodique *Langages* de Paris en mars de 1970 et quatre années plus tard dans le second tome de *Problèmes de linguistique générale*, et par ses traductions en portugais et en espagnol. Il est important d'analyser ce texte et ses traductions parce qu'il a de l'influence le long de l'oeuvre de Benveniste: c'était l'un des derniers textes écrits par lui, lequel ouvre le commencement de ce que plus tard Benveniste probablement aurait appelé de théorie de l'énonciation. En partant de la thèse que l'énonciation est la mise en oeuvre de l'appareil formel de la langue par un locuteur, on a l'hypothèse que le sémantisme social fonctionne interlinguistiquement, ce qui pourrait être formulé comme une question: pourquoi le sémantisme social rend la traduction possible? De cette manière, ce travail a l'objectif principal de démontrer la raison par laquelle le sémantisme social est le possible de la traduction et le sémiotisme, l'impossible. Et on a trois objectifs spécifiques: (i) comprendre en détail le fonctionnement de la signification; (ii) penser à la différence entre objet d'étude et objet de recherche; (iii) discuter la méthode en Benveniste. À propos de la méthode, (i) on fait une recherche qualitative en analysant des traductions en portugais et en espagnol de l'article *L'appareil formel de l'énonciation*; (ii) on utilise la conception de niveaux d'analyse linguistique proposé par Benveniste afin de faire l'analyse; (iii) on exploite principalement l'article *La forme et le sens dans le langage*, duquel on a tiré notre hypothèse, pour la fonder. Ainsi, on finalise la dissertation avec les considérations à propos de ce que la traduction permet de comprendre sur le sémantisme social parmi les langues.

Mots clés: Émile Benveniste. Sémantique. Sémantisme social. L'homme. Langage. Traduction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
 CAPÍTULO I – A FORMA E O SENTIDO NA LINGÜÍSTICA	 19
1. DAS CRÍTICAS	19
2. BLOOMFIELD E O MENTALISMO	21
3. HJELMSLEV E A SUBSTÂNCIA	29
4. A FORMA E O SENTIDO EM BENVENISTE	35
5. EM RESUMO	44
 CAPÍTULO II – ESTUDANDO A SIGNIFICAÇÃO	 47
1. O CAMPO DE ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO	47
2. A SIGNIFICAÇÃO NA SEMIOLOGIA	48
3. A SIGNIFICAÇÃO NA LINGÜÍSTICA	57
4. EM RESUMO	69
 CAPÍTULO III – DAS ENTIDADES LIVRES E DA FRASE	 71
1. A ANÁLISE SEMIÓTICA	71
2. A ANÁLISE SEMÂNTICA	82
3. REFLEXÕES SOBRE SEMIÓTICA E SEMÂNTICA	106
4. EM RESUMO	109
 CAPÍTULO IV – O OBJETO E SEU ENTORNO	 111
1. APONTAMENTOS PRIMEIROS	111
2. CONSIDERAÇÕES SAUSSURIANAS	113
3. O SEMANTISMO SOCIAL NA TRADUÇÃO	116
4. EM RESUMO	125
 CAPÍTULO V – ALINHAVANDO OBJETO DE ESTUDO E DE PESQUISA	 127
1. O MÉTODO EM BENVENISTE	127
2. CRITÉRIOS DE ANÁLISE	129
3. OS PROCEDIMENTOS DESTA PESQUISA	140

4. EM RESUMO	143
CAPÍTULO VI – UMA ANÁLISE INTEGRATIVA ENTRE LÍNGUAS	145
1. A PALAVRA, A FRASE, E O TEXTO	145
2. O PROBLEMA DA TRANSISTEMÁTICA E DO INTERLINGUISTICO	168
3. O PARADOXO DO SEMANTISMO SOCIAL	185
DA TRADUÇÃO À LÍNGUA: DESDOBRAMENTOS	199
GLOSSÁRIO	209
REFERÊNCIAS	215

INTRODUÇÃO

Émile Benveniste é linguista nascido na Síria em 1902, então colônia da França. Doutor em Letras pela Sorbonne, deu aulas no Collège de France até sua morte, em 1976. Foi influenciado por muitos pensadores, a saber¹: Antoine Meillet, seu professor orientador no programa da escola linguística de Paris; Jung Grammatiker, líder de um grupo de linguistas alemães que estudavam a filologia das línguas indo-europeias baseando-se no modelo darwiano de evolução; Émile Durkeim, o qual deu um aspecto mais sociológico ao estudo histórico da língua; Michel Bréal, escritor de *Éssai de sémantique: sciences de significations* (1897), um dos primeiros a colocar a subjetividade na língua em primeiro plano.

Esse autor sírio reavalua a teoria linguística saussuriana, ao considerar a influência do sujeito na língua, adotando o conceito de discurso. A respeito de sua formação, Todorov (2012, p. 183-184) declara que, desde seus dezesseis anos de idade, Benveniste já havia contraído o vírus da Linguística por ter feito uma lista de uma dezena de línguas que pretendia aprender. Com essa idade, entra no Collège de France, onde teve aulas com Antoine Meillet. O interesse pela matéria árida que é a Linguística, como afirma o próprio Todorov, fez com que ele tivesse uma paixão exclusiva, sacerdotal, por essa disciplina:

Il est entré en science comme on entre dans les ordres religieux, corps et âme: c'est plus qu'une vocation, un sacerdoce. Tout se passe comme si, à l'intérêt qu'il porte aux langues et au langage, s'était ajouté un sentiment de devoir, de reconnaissance envers cette profession qui l'a arraché aux incertitudes matérielles et lui a accordé une dignité et un prestige remarquables, à lui, le petit juif pauvre émigré en France, venu, sans ses parents, de son pays oriental. Le travail, pour lui, est donc à la fois une passion et un devoir. Il n'a pas d'amis en dehors du cercle de ses collègues, ne prend jamais de vacances. (TODOROV, 2012, p. 185-186)²

Ainda que tivesse toda essa dedicação que lhe rendeu uma erudição incomparável, juntamente com o prestígio decorrente, Benveniste continuou sendo sempre o pequeno pobre judeu, pequeno, aqui, entendido como modesto e, pobre, como simples. E essa sua simplicidade sempre transparece nos textos que escreve: escritos em um francês

¹ Cf. KRITZMAN, 2006, p. 426.

² Esta tradução e as demais que se seguirem são nossas: “Ele entrou na ciência como se entra nas ordens religiosas, de corpo e alma: é mais que uma vocação, é um sacerdócio. Tudo se passa como se, ao interesse que tem com relação às línguas e à linguagem, tivesse sido acrescentado um sentimento de dever, de reconhecimento para com essa profissão que o deslocou das incertezas materiais e lhe concedeu dignidade e prestígio notáveis, a ele, o pequeno judeu pobre emigrado para a França, vindo, sem seus pais, de seu país oriental. O trabalho, para ele, é, ao mesmo tempo, uma paixão e um dever. Ele não tem amigos fora de seu círculo de colegas e jamais tira férias”.

incomparavelmente claro, dá-nos a sensação de serem prosa, prosa poética. O rigor, a formalidade e a complexidade de seu pensamento não fizeram com que ele engessasse o que escreve em uma estrutura textual de difícil compreensão.

Com seu livro *Problèmes de Linguistique Générale* (doravante PLG), primeiro volume de 1966 e segundo volume de 1974, Benveniste fornece bases para o que, hoje, alguns autores chamam de Linguística da Enunciação, apesar de ele mesmo nunca ter cunhado esse termo. Esse livro não é um tratado de linguística, mas um compêndio de artigos escritos por esse autor em épocas diferentes. Antes que pudesse vislumbrar a escrita de um tratado que versasse sobre a enunciação, ele teve um derrame que o deixou afásico por muitos anos e que acabou por matá-lo em três de outubro de 1976. Perdemos, assim, o que poderia ter sido uma grande obra sobre a linguagem e o seu funcionamento. Entretanto, o acervo que permanece já serve como um alicerce sólido para a construção de conhecimento no que concerne ao funcionamento da linguagem.

E desse alicerce utilizamos o conceito de enunciação que, segundo Benveniste, “est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d’utilisation”³. Desse conceito elementar, podemos pensar nos dois modos de significância da língua: o primeiro, com relação ao funcionamento, ou seja, ao semantismo social; o segundo, com relação ao ato individual de utilização, ou seja, à subjetividade. E pensar esses dois mecanismos implica refletir como a linguagem funciona, ou ainda, como a sua natureza dupla profundamente paradoxal funciona⁴.

Sobre essa natureza dupla paradoxal, tomamos como objeto de estudo o semantismo social a partir do funcionamento da tradução. Por esse motivo, é necessário esclarecer, de início, que não estamos tomando a tradução como objeto de estudo, mas apenas como o meio que possibilita problematizar nosso objeto, ou seja, como objeto de pesquisa. Isso porque entendemos a tradução como um fato linguístico, podendo, pois, servir de ponto de partida para se pensar o objeto da Linguística, a língua. E, para estudar o semantismo social na tradução, filiamo-nos aos estudos semânticos de Benveniste.

Tendo definido nosso objeto de estudo, passemos ao nosso *corpus* de estudo. A versão em francês do texto *L'appareil formel de l'énonciation*, primeiramente publicada na revista *Langages* de Paris em março de 1970 e, quatro anos depois, no segundo tomo de PLG, terá suas traduções analisadas, tanto em português como em espanhol. A importância de analisar esse texto e suas traduções dá-se por sua relevância junto à teoria de Benveniste: foi um dos

³ BENVENISTE, 1974, p.80: “É o colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização”.

⁴ Cf. Ibid., p. 95.

últimos textos escritos por ele, sendo, então, o início do que mais tarde esse autor, provavelmente, poderia ter chamado de teoria da enunciação.

Partindo da tese de que a enunciação é o colocar o aparelho formal da língua em funcionamento pelo locutor, portanto, um fator necessário e constitutivo do funcionamento da língua e, conseqüentemente, também o sendo o semantismo social, aventamos a hipótese de que o semantismo social funciona interlinguisticamente, o que poderia ser formulado em forma de pergunta: por que o semantismo social torna a tradução possível? Baseamo-la no dizer de Benveniste de que:

On peut transposer le sémantisme d'une langue dans celui d'une autre, "salva veritate"; c'est la possibilité de la traduction; mais on ne peut pas transposer le sémiotisme d'une langue dans celui d'une autre, c'est l'impossibilité de la traduction. On touche ici la différence du sémiotique et du sémantique. (BENVENISTE, 1974, p. 228) ⁵

Nessa citação, Benveniste faz uma projeção, um questionamento acerca da possibilidade e impossibilidade da tradução, depois de longamente ter dissertado sobre a forma e o sentido na linguagem. Conseqüentemente, ele não chega a fazer uma demonstração disso, dado que o afirma apenas no final do artigo *La forme et le sens dans le langage* (doravante *La forme*). Apropriamo-nos, então, desse questionamento, analisando-o a partir do *corpus* de estudo.

Assim sendo, esta pesquisa tem o objetivo principal de demonstrar por que o semantismo social é o possível da tradução e por que o semiotismo é o impossível, a fim de verificarmos a nossa hipótese. E desdobramos o objetivo principal em três específicos: (i) destringer os pormenores do funcionamento da significação, (ii) refletir sobre a diferença entre objeto de estudo e objeto de pesquisa e (iii) problematizar o método em Benveniste. O primeiro objetivo específico se justifica porque o semantismo social é um aspecto da significação, conceito que implica que forma e sentido sejam necessariamente conectados, o que fornece fundamentos para se compreender a possibilidade da tradução. O segundo, porque é necessário delimitar a maneira como a tradução pode ser estudada pela Linguística. E o terceiro, porque, pelos motivos supracitados, Benveniste não teve a oportunidade de discorrer exaustivamente sobre o método de análise em seu campo teórico.

⁵ "Pode-se transpor o semantismo social de uma língua ao de outra, 'salva veritate'; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semiotismo, é a impossibilidade da tradução. Toca-se aqui na diferença do semiótico e do semântico".

Sobre o método, (i) fazemos uma pesquisa qualitativa por meio da análise das traduções, em português e espanhol, do artigo *L'appareil formel de l'énonciation*, (ii) usamos a noção de níveis de análise linguística proposta por Benveniste (1966) e (iii) utilizamos principalmente o artigo *La forme*, de onde pudemos tirar a base de nossa hipótese, para fundamentá-la.

É necessário explicar que a escolha por manter as citações em língua estrangeira no corpo do texto ao longo da dissertação e as traduções em nota de rodapé também é um procedimento metodológico, dado que muitas vezes nos valem de termos em francês, explicando os sentidos possíveis veiculados por eles nessa língua, a fim de esquadrihar o pensamento de Benveniste. Seria uma incoerência colocar as traduções das citações no corpo da dissertação e, logo abaixo, discutir as noções partilhadas por termos em língua estrangeira. Além do mais, vale ressaltar que o termo *corpus* neste trabalho não possui a carga conceitual como na Linguística de *Corpus*, mas a designação de um conjunto organizado de enunciados que serve como matéria para se analisar o objeto de estudo.

Como se pode ver, apesar de Benveniste não ter dissertado especificamente sobre tradução como fato linguístico, julgamos que sua teoria provê recursos para fazermos uma reflexão sobre a mesma. Assim sendo, estruturamos esta dissertação da seguinte forma: no primeiro capítulo, discorremos sobre como as noções de forma e de sentido foram recebidas por Bloomfield, Hjelmslev e Benveniste. No segundo capítulo, partimos para o estudo da significação na Semiologia e na Linguística, a partir do ponto de vista benvenistiano. No terceiro capítulo, diferenciamos a Semiótica da Semântica. No quarto, dissertamos sobre nosso objeto de estudo, o semantismo social, e nosso objeto de pesquisa, a tradução. No quinto, discutimos sobre o método em Benveniste e os pormenores dos procedimentos desta pesquisa. E, finalmente, no sexto capítulo, utilizamos o *corpus* para pensar o objeto. Feito isso, finalizamos a dissertação com as considerações finais a respeito de o que a tradução permite compreender sobre o semantismo social entre línguas.

CAPÍTULO I

A FORMA E O SENTIDO NA LINGUÍSTICA

1. DAS CRÍTICAS

La forme é um texto de 1966, apresentado por Benveniste em uma conferência de abertura, em um Congresso de Filosofia, em Genebra. Divide-se em duas seções: a conferência e a discussão que decorreu desta. Possui, ao todo, cinquenta e cinco parágrafos, os quais discutiremos pormenorizadamente para fundamentarmos a parte teórica desta dissertação.

Benveniste (1974, p. 215) começa sua fala com uma afirmação intrigante: de que o assunto de que trata, a forma e o sentido na linguagem, pareceria interessar mais à Filosofia que à Linguística. Isso se deve à tradição da Lógica Contemporânea de tratar de questões como: (i) compreensão ou qualidade, e extensão ou quantidade, em Port-Royal, (ii) referência (o que a palavra quer dizer), sentido (a fórmula dessa palavra) e imagem associada (imagem associada a essa palavra por cada locutor da língua) em Frege, (iii) sentido (intensão) e referência (extensão) em Carnap, só para dar alguns exemplos⁶.

Apesar dessa tradição, Benveniste (1974, p. 216) afirma que tratará dessa questão como linguista, já que, embora tivesse uma formação sólida em Filosofia, o que artigos como *Catégories de pensée et catégories de langue* (1958) comprovam, essa é sua formação principal. Dessa forma, no segundo parágrafo de *La forme*, expõe que não possui o ponto de vista dos linguistas no que concerne à forma e ao sentido na linguagem, o que coloca à vista a questão de que os linguistas ainda não tivessem um ponto de vista comum a esse respeito, não por não conseguirem entrar em consenso entre si, mas por nem discutirem sobre isso. Isso se dá porque, na década de 70, a aversão ao estudo do sentido era algo comum, a tal ponto de ser deixado de fora da Linguística.

Ademais, Benveniste (1974, p. 216) explica que a escola de Bloomfield tomava o sentido como sendo “infestado” de subjetivismo, taxando seu estudo de mentalismo e, por isso, estaria para a Psicologia, não para a Linguística. O mesmo, Todorov (1966, p. 6) comenta sobre a glossemática de Hjelmslev: apenas a forma da substância, sua cadeia abstrata de relações, interessaria à Linguística, não a substância, o sentido. Tudo isso por causa do caráter vago das pesquisas em Semântica.

⁶ Cf. TODOROV, 1966, p. 8-9.

Nesse sentido, Benveniste escreve sobre a forma e o sentido da linguagem a fim de: (i) definir os campos de estudos da forma e do sentido e (ii) tornar o estudo do sentido tão concreto, definido e descritível quanto o da forma. Para isso, ele define seu objeto de estudo: a linguagem comum, excluindo a linguagem poética, ainda que o estudo daquela ajude no estudo desta. Ele afirma que a linguagem poética tem suas próprias leis e funções. A esse respeito, Benveniste diz que:

La principale difficulté – une très grande difficulté – de l'étude linguistique de la langue poétique vient de ce qu'on n'a guère pris conscience de la spécificité des catégories de cette forme de langage. Quelques progrès ont été faits sur la voie de cette reconnaissance. En particulier R. Jakobson (ici préciser). Il faut bien voir que les schémas fonctionnels propres à l'analyse du langage en général et qui sont faits pour ce qui est appelé la "prose", ne conviennent pas à l'analyse de la poésie. (BENVENISTE, 2009, não paginado)⁷

A linguagem poética exigiria um estudo à parte por possuir categorias linguísticas específicas, que estão para além dos esquemas proposicionais da linguagem ordinária. O modo de análise de uma não serve para a outra. Como o objetivo do nosso trabalho não é discutir a diferença entre essas duas formas de linguagem, iremos direto à discussão sobre o estudo da forma e do sentido na linguagem ordinária.

Dessa maneira, traremos, a seguir, algumas passagens de *Language* de Bloomfield para discutir o porquê da crítica de Benveniste sobre esse teórico. E, como Todorov possui uma crítica muito semelhante à de Benveniste com relação a Hjelmslev, discutiremos algumas passagens de seu famoso artigo *Pour une sémantique structurale* e de seu livro *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. O que se julga como negativo na obra desses dois autores é o fato de terem almejado retirar o sentido dos estudos linguísticos. Por esse motivo, depois de bem analisado esse ponto negativo nos dois pensadores, traremos a noção de forma e de sentido de Benveniste para explicar o porquê esse autor considera que o estudo do sentido pode ser tão descritível quanto o da forma.

⁷ “A principal dificuldade – uma dificuldade muito grande – do estudo linguístico da língua poética advém do fato de que ainda mal tomamos conhecimento da especificidade das categorias dessa forma de linguagem. Alguns progressos foram feitos em vista disso. Em particular, R. Jakobson (aqui, precisar). É necessário perceber que os esquemas funcionais próprios à análise da linguagem em geral e que são feitos para o que é chamado de ‘prosa’ não convêm à análise poética”.

2. BLOOMFIELD E O MENTALISMO

No livro *Language*, Bloomfield faz constantemente o contraste entre a teoria mentalista e a teoria mecanicista/materialista. Na primeira, há a afirmação de que o ser humano não se esgota no corpo material, mas possui também um espírito, mente ou vontade que “is entirely different from material things and accordingly follows some other kind of causation or perhaps none at all”⁸. Na segunda, o ser humano se esgota no corpo físico, e todas as suas capacidades, inclusive a de falar, resultam meramente de seu metabolismo. E, logo no prefácio do livro, ele afirma filiar-se a esta.

Dessa forma, as ondas sonoras (ou “speech”, que aqui traduzimos por “oralidade”, para que essa noção não se confunda com a noção saussuriana de “fala”, da qual ainda trataremos bastante neste texto) serviriam para preencher a descontinuidade entre o sistema nervoso do falante e o do ouvinte: o falante é estimulado por um evento prático e, por sua vez, dirige-se ao ouvinte, esperando dele uma resposta e este o ouve e a transmite⁹. Nesse percurso, há que se distinguir o que é língua e o que não é. Os eventos práticos relacionados ao estímulo e à resposta são o que ele chama de “meaning” (que traduziremos aqui como “sentido”). Tudo o que sobra disso é a língua, o objeto que serve de interesse aos linguistas¹⁰.

Com isso, a língua é reduzida às ondas sonoras, à oralidade, já que ele a define em termos puramente físicos e fisiológicos: “physiologically, language is not a unit of function, but consists of a great many activities, whose union into a single far-reaching complex of habits results from repeated stimulations during the individual’s early life”¹¹. A língua não é uma função, na medida em que não seria possível encontrar no cérebro uma região específica que teria a função da oralidade. Ela é o produto de atividades sociais, as quais resultam de estímulos repetitivos, dentre os quais as ondas sonoras, puramente físicas, que excitam o ouvido do ouvinte e, conseqüentemente, seu sistema nervoso.

Como a língua está sempre relacionada com atividades sociais, eventos práticos que induzem a hábitos, Bloomfield afirma que o ideal seria a Linguística se dividir em dois domínios: a Fonética, que estudaria as ondas sonoras que o falante produz sem relacioná-las com os eventos práticos e a Semântica, que estudaria as situações práticas da vida

⁸ BLOOMFIELD, 1979, p. 33: “é inteiramente diferente das coisas materiais e, por isso, segue outro tipo de causação ou, talvez, nenhum”.

⁹ Cf. Ibid., p. 26.

¹⁰ Cf. Ibid., p. 27.

¹¹ Ibid., p. 37: “Fisiologicamente, a língua não é uma unidade de função, mas consiste em muitas atividades, cuja união em um único complexo considerável de hábitos resulta de estímulos repetidos durante a idade tenra do indivíduo”.

relacionadas com estímulos e respostas, ou seja, o sentido. Entretanto, “our knowlegde of the world in which we live is so imperfect that we can rarely make accurate statements about the meaning of a speech-form”¹². Por esse motivo, a Semântica seria impraticável. Assim sendo, ele propõe a Fonologia ou Fonética Prática:

Phonology involves the consideration of meanings. The meanings of speech-forms could be scientifically defined only if all branches of science, including, especially, psychology and physiology, were close to perfection. Until that time, phonology and, with it, all the semantic phase of language study, rests upon an assumption, the fundamental assumption of linguistics: we must assume that in every speech-community some utterances are alike in form and meaning. (BLOOMFIELD, 1979, p. 78)¹³

Como estudar o sentido em si seria impraticável, restaria a possibilidade de estudá-lo relacionando-o à forma, que é aqui o fonema – unidade mínina distintiva do som¹⁴ – se as outras ciências, que seriam incubidas de estudar o sentido, a saber, a Psicologia e a Fisiologia, estivessem num avanço tal de suas pesquisas que fornecessem resultados sobre os eventos práticos do mundo seguros o suficiente para que o linguista pudesse relacioná-los com o funcionamento da língua. Entretanto, como isso, para Bloomfield, está longe de acontecer (e, para nós, está para a ordem do impossível), a Fonética Prática ficaria reduzida ao estudo dos órgãos vocais, sua relação com as ondas sonoras e a como o registro destas ajuda a descrever os fonemas da língua, os quais, sendo impossível de serem discerníveis pelo sentido, o seriam pelo registro dos sons da língua. Por conseguinte, ainda que Bloomfield afirme que o fonema só possa ser discernível pelo sentido, a impossibilidade do seu estudo pela Linguística tornaria a análise e o registro dos sons das línguas uma arte e uma habilidade prática¹⁵.

Todavia, como só se pode discernir as formas da língua por meio do sentido, tem-se que encontrar maneiras de fazer esse estudo. Bloomfield propõe duas¹⁶: (i) utilizar definições científicas, na medida em que as outras ciências consigam prover o sentido dos eventos práticos e (ii) utilizar o improvisado mesmo, o senso-comum. No primeiro caso, ele chama a atenção para o fato de que, já que as ciências não conseguem fornecer resultados seguros, nem

¹² BLOOMFIELD, 1979, p. 74: “Nosso conhecimento do mundo em que vivemos é tão imperfeito que raramente conseguimos fazer afirmações adequadas sobre o sentido de uma forma oralizada”.

¹³ “A Fonologia envolve o estudo do sentido. Os sentidos de uma forma oralizada poderiam ser cientificamente definidos apenas se todos os ramos da ciência, incluindo, especialmente, a Psicologia e a Fisiologia, estivessem perto da perfeição. Até chegarmos a isso, a Fonologia e toda a fase semântica do estudo da língua continuarão se baseando em uma afirmação, a que é fundamental na Linguística: devemos assumir que em toda comunidade alguns pronunciamentos são semelhantes em forma e em sentido”.

¹⁴ Cf. Ibid., p. 79.

¹⁵ Cf. Ibid., p. 93.

¹⁶ Cf. Ibid., p. 138-140.

sempre os sentidos dados cientificamente coincidem com os dados pela convenção social. No segundo caso, têm-se três possibilidades: (i) a demonstração, ou seja, apontar para a coisa que tem relação com a forma; (ii) a circunlocução, uma explicação circular da coisa que faz remeter à forma; (iii) a tradução, um equivalente para uma forma de uma língua desconhecida.

Para distanciar-se, pois, da teoria mentalista, em que a língua seria a expressão de ideias, sentimentos e volições¹⁷, o que a faria ser muito mística, Bloomfield acaba por transformar a língua em substância, já que, como o senso comum, ele relaciona a forma diretamente com o referente. Um exemplo para confirmar essa nossa afirmação está na sua definição de “dizer deslocado”: “people very often utter a word like apple when no apple at all is present. We may call this displaced speech. [...] In other ways, too, we utter linguistic forms when the typical stimulus is absent”¹⁸. Ora, se o estímulo, a coisa “maçã”, precisaria estar presente para o enunciado não se configurar como um dizer deslocado, há aí a noção de univocidade: o estímulo, que é o sentido, tem relação direta com a palavra, que é a forma. Na falta do estímulo, os interlocutores teriam que recorrer, então, ao sentido primeiro: “a starving beggar at the door says *I’m hungry*, and the housewife gives him food: this incident, we say, embodies the primary or dictionary meaning of the speech-form *I’m hungry*”¹⁹. O que vemos aqui é que, para que “*I’m hungry*” pudesse ser entendido, os locutores teriam que recorrer aos sentidos de “*I*”, “*be*” e “*hungry*” dados pelo dicionário, com o que o sentido desse enunciado seria apenas um somatório do sentido de cada palavra individualmente.

Como o linguista não consegue definir o sentido de uma palavra, já que este teria relação direta com o referente, que nem sempre está presente, ele teria que recorrer ao sentido dado por outras ciências ou ao senso comum – à demonstração e à circunlocução principalmente. Doravante, Bloomfield explica a questão das classes de forma e classes de sentido: “in any one form-class, every form contains an element, the class-meaning, which is the same for all forms of this form-class”²⁰. A classe de sentido seria um elemento que faz com que uma forma se enquadre em determinada classe. Por exemplo, “if the meanings of the English past tense and of the word *go* are defined, the linguist can define *went* as ‘the past of

¹⁷ Cf. BLOOMFIELD, 1979, p. 142.

¹⁸ Ibid., p. 14: “as pessoas, geralmente, pronunciam uma palavra como ‘maçã’ quando não há maçã nenhuma presente. Podemos chamar isso de dizer deslocado. [...] Dessa forma, pronunciamos formas linguísticas quando o estímulo típico está ausente”.

¹⁹ Ibid., p. 142: “um mendigo faminto diz à porta ‘estou com fome’ e a dona de casa dá-lhe comida: esse acontecimento envolve o sentido primeiro ou de dicionário da forma oralizada ‘estou com fome’”.

²⁰ Ibid., p. 146: “em qualquer classe formal, cada forma contém um elemento, a classe de sentido, que é o mesmo para todas as formas dessa classe formal”.

go”²¹. Esse exemplo mostra que Bloomfield reduz a noção de sentido à de forma: se “the past of go” é o elemento que enquadra “went” dentro do tempo passado, definindo-o, o sentido de “went” seria meramente a metalinguagem que permite tornar essa forma discreta em termos descritivos, ou seja, seria apenas a explicação (diga-se de passagem, parcial) do seu funcionamento enquanto forma.

Mais adiante, ele continua: “we may say that certain meanings, once they are defined, can be recognized as recurring in whole series of forms”²². Sendo o sentido o elemento que enquadra determinada forma em determinada classe, ele é recorrente em séries inteiras de formas, por exemplo, o elemento “the past of” seria recorrente na série inteira dos verbos da língua inglesa. Dessa maneira, o sentido seria apenas um princípio estrutural de uma classe de formas, portanto, forma. Outra afirmação de Bloomfield que comprova a nossa de que ele reduz o sentido à forma, é a de que “any utterance can be fully described in terms of lexical and grammatical forms; we must remember only that the meanings cannot be defined in terms of our science”²³. Escapando o estudo do sentido dos domínios da Linguística, o estudo de um enunciado, inclusive do seu sentido, pode ser reduzido à descrição de sua forma.

Com o que vimos até agora, na tentativa de se distanciar da chamada teoria mentalista, Bloomfield ora reduz o sentido à forma, ora ao referente. Nesse segundo caso, o referente daria o sentido primeiro, o sentido do dicionário. Fugindo deste, o locutor estaria desviando-se do sentido²⁴: (i) estreitando-o, como no caso de “massa” poder se referir especificamente a “macarrão” ou (ii) aumentando-o, como no caso de ao sentido de “carne” poder ser incluído o de “proteína texturizada de soja”, a tal “carne de soja”. Além de aqui haver o problema de aumentar ou estreitar o sentido, o que tem mais a ver com extensão que com intensão, corroborando o fato de que esse autor reduz o sentido ao referente, há o fato de ele reduzir, assim, a língua à substância. Outra afirmação de Bloomfield que confirma a nossa é a de quê:

A workable system of signals, such as a language, can contain only a small number of signaling-units, but the things signaled about – in our case, the entire content of the practical world – may be infinitely varied. Accordingly, the signals (linguistic forms, with morphemes as the smallest signals) consist of different combinations of the signaling-units (phonemes), and each such combination is arbitrarily assigned to some feature of the practical world

²¹ I Cf. BLOOMFIELD, 1979, 146: “se os sentidos do tempo verbal passado do inglês e da palavra ‘go’ forem definidos, o linguista pode definir ‘went’ como ‘o passado de go’”.

²² Ibid., p. 147: “podemos dizer que alguns sentidos, uma vez que são definidos, podem ser reconhecidos como recorrendo em toda uma série de formas”.

²³ Ibid., p. 167: “qualquer proferimento pode ser completamente descrito em termos de formas gramaticais e lexicais; apenas temos que lembrar que os sentidos não podem ser definidos em termos de nossa ciência”.

²⁴ Cf. Ibid., p. 150.

(sememe). The signals can be analyzed, but not the things signaled about. (BLOOMFIELD, 1979, p. 162)²⁵

Para ele, a língua teria referência direta com o mundo, portanto, seria substância, por ser um sistema prático de signos. Sendo prático, a coisa a que o signo se refere pode ser compreendida como sendo o semema. Por reduzir o semema (sentido) ao referente, mais à frente ele afirma que a Linguística deve sempre partir da forma e não do sentido, já que este “could be analyzed or systematically listed only by a well-high omniscient observer”²⁶. Aqui também vemos o problema da possibilidade de o locutor ter controle sobre a língua e sobre o mundo.

Por conseguinte, o problema não está em se reduzir a língua à substância. O problema é que, ao mesmo tempo em que reduz o sentido ao referente, com o que decorre que a língua é substância, ele afirma que a relação entre forma e sentido é arbitrária, o que faz concluir que a língua é convenção. Para isso, Bloomfield dá o exemplo de que, para falar do mesmo referente, as línguas possuem formas diferentes, por exemplo, “horse” e “cheval”²⁷. Mas, como a relação entre forma e sentido pode ser arbitrária se o sentido é o estímulo (o referente) de que fala o locutor, se o sentido é a coisa sinalizada pelo signo? Reduzindo o sentido ao referente, o fato de haver formas distintas que se relacionam com o mesmo referente não é suficiente para a afirmação de que a língua é convenção. A língua ser convenção não implica apenas formas diferentes para referentes semelhantes, mas, sobretudo, relação indireta entre forma e referente; portanto, há uma distinção clara entre forma, sentido e referente. Como Bloomfield reduz sentido a referente, haveria uma relação direta entre forma e referente, decorrendo-se que a língua seria substância. Nesse sentido, afirmando, ao mesmo tempo, que a língua é substância e convenção, chega-se a uma contradição.

Por conseguinte, ainda que ele afirme que a forma se refira à coisa de maneira arbitrária, esse arbitrário deveria ser entendido mais como o fato de que poderia ser uma forma e não outra a se referir a uma coisa que ao fato de que essa forma se refira indiretamente à coisa. Se a forma se referisse indiretamente à coisa, Bloomfield deixaria clara

²⁵ “Um sistema eficiente de signos, tal como a língua, pode conter apenas um pequeno número de unidades, mas as coisas sinalizadas – no nosso caso, o conteúdo inteiro do mundo pragmático – podem ser infinitamente variadas. Desse modo, os signos (formas linguísticas, com morfemas como unidades menores) consistem em combinações diferentes de unidades (fonemas), e cada combinação é arbitrariamente assinalada a algum aspecto do mundo pragmático (semema). Os signos podem ser analisados, mas não as coisas sinalizadas”.

²⁶ BLOOMFIELD, 1979, p. 162: “poderia ser analisado ou sistematicamente listado apenas por um observador altamente onisciente”.

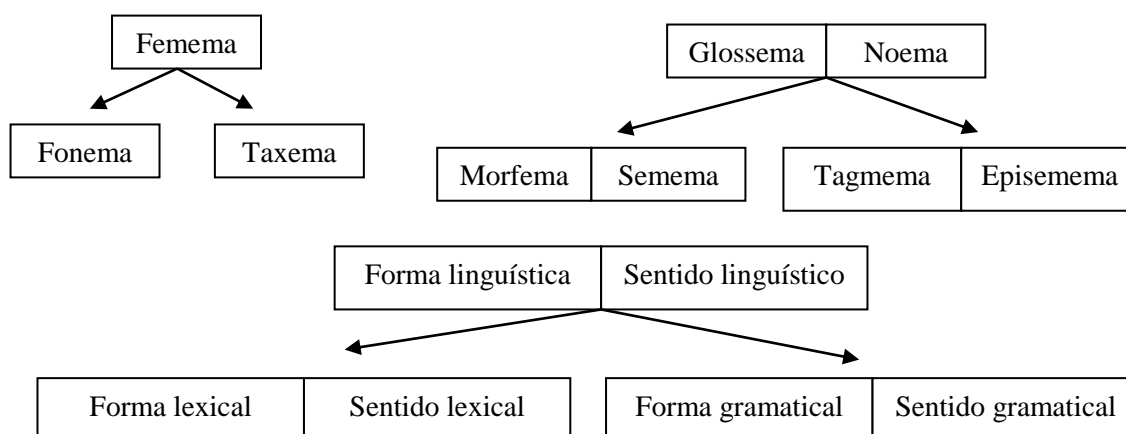
²⁷ Cf. Ibid., loc. cit.

a diferença entre sentido e referente e o que vemos aqui é o contrário: ele reduz um ao outro. Essa redução faz com que se atribua à língua características que não lhe são próprias:

The distinction, then, between the pronoun-forms he and she, creates a classification of our personal nouns into male (defined as those for which the definite substitute is he) and female (similarly defined by the use of the substitute she). Semantically, this classification agrees fairly well with the zoological division into sexes. (BLOOMFIELD, 1979, p. 253)²⁸

Ora, o gênero das línguas, ainda que seja um traço cultural, também é formal. Aliás, a forma só pode advir da cultura. Por isso, sua relação com a divisão zoológica dos gêneros não pode ser direta. Por conseguinte, quando se está em uma perspectiva que relaciona a língua diretamente ao mundo, transforma-se uma característica formal em uma substancial. Nesse sentido, o problema dos gêneros concerniria mais à Morfologia, relacionando a forma ao referente, que à Semântica, relacionando a forma ao sentido. Com isso, não queremos dizer que todo estudo morfológico relacionaria forma e referente, apenas que, como na perspectiva de Bloomfield não se diferencia forma, sentido e referente, seria inevitável estudar a questão dos gêneros, relacionando forma e referente na Morfologia. Ainda que anteriormente já tivesse dito que o sentido não concerne à Linguística, ele insiste no seu estudo, propondo várias unidades discretas de sentido²⁹:

Figura 1 – A forma e o sentido em Bloomfield.



Fonte: A autora.

²⁸ “A distinção, então, entre as formas pronominais ‘he’ e ‘she’ cria uma classificação para os nossos substantivos pessoais em masculino (definidos como aqueles para os quais o substituto definitivo é ‘ele’) e feminino (definidos como aqueles para os quais o substituto definitivo é ‘ela’). Semanticamente, essa classificação se ajusta bem à divisão zoológica dos sexos”.

²⁹ Cf. BLOOMFIELD, 1979, p. 264.

Os fememas são as unidades mínimas não-significantes da língua. Dividem-se em: (i) fonema, unidade mínima distintiva de sons; (ii) taxema, traço distintivo mínimo de arranjos gramaticais, por exemplo, a ordem das palavras, a prosódia de um enunciado (modulação e modificação fonética) e as classes de palavras (seleção). Os glossemas são as unidades mínimas significantes; seu sentido é o noema. Dividem-se em: (i) morfema, unidade mínima significante do léxico e semema, o sentido do morfema; (ii) tagmema, unidade mínima significante de arranjos gramaticais, por exemplo, se são expressões nominativas (nomes) ou finitas (verbos), e episemema, o sentido do tagmema, por exemplo, o gênero, número, caso, tempo verbal, aspecto, modo.

As formas linguísticas são unidades significativas da língua que portam um sentido linguístico. Dividem-se em: (i) forma lexical, unidade significativa do léxico, e sentido lexical; (ii) forma gramatical, traço significativo de arranjo gramatical, por exemplo, os constituintes ditos isoladamente, construção (constituente dito em relação a outros) e substituição (quando um constituinte é substituído por outro), e sentido gramatical, por exemplo, “frase”, “pergunta”, “exclamação”, entre outros. Exemplifiquemos.

No enunciado “O pintor está infeliz”, (i) “infeliz” possui o taxema de seleção “adjetivo” e seus fonemas são /infeˈlis/; (ii) “infeliz” possui dois morfemas, “in” cujo semema é “negação” e “feliz”, cujo semema é “aquele que foi favorecido pelas circunstâncias”, seu tagmema é uma expressão nominativa, cujo episemema poderia ser “singular”; (iii) “infeliz” é uma forma lexical que porta o sentido lexical “aquele que não foi favorecido pelas circunstâncias” e possui a forma gramatical de construção, cujo sentido gramatical poderia ser “afirmação” na frase “o pintor está infeliz”.

Dessa forma, percebe-se que Bloomfield fica nesse contrapasso de que, embora afirme que o sentido não concerne à Linguística, só ele possibilita reconhecer e descrever as formas da língua. Mas a noção de sentido que vemos acima acabou por ser reduzida à de forma. Em outros momentos, esse autor retoma a noção de que o sentido são as características práticas relacionadas ao mundo. Por exemplo, quando explica o porquê de as formas da língua se modificarem, ainda que reconheça que essa mudança só ocorra por causa do sentido, Bloomfield o retira do estudo da Linguística, justamente por ter relação com os eventos pragmáticos do mundo: “fluctuation does not depend upon formal features, but upon meaning, accordingly escapes a purely linguistic investigation. The changes which are always going on

in the practical life of a community, are bound to affect the relative frequencies of speech-forms”³⁰.

Apesar disso, no capítulo 24, ele trata da mudança semântica, que é a mudança lexical que não está para a forma, como no caso anterior, mas para o sentido, relacionando-o fortemente com o referente: “the shift into a new meaning is intelligible when it merely reproduces a shift in the practical world. A form like *ship* or *hat* or *hose* designates a shifting series of objects because of changes in the practical world”³¹. E, no mesmo capítulo, ele volta a reduzir sentido à forma: “a normal extension of meaning is the same process as an extension of grammatical function”³², ou seja, a mudança semântica seria, nada mais, nada menos, que uma mudança da forma, o que gera uma contradição com o que disserta no capítulo sobre flutuação na mudança da forma, em que, embora distinga a forma de sentido, relaciona sentido fortemente a estímulo-resposta. E o relaciona a isto para se afastar da teoria mentalista: “when one person stimulates another by speech, popular belief deems the speech alone insufficient, and supposes that there is also a transference of some non-physical entity, an *idea* or *thought*”³³, isto é, o estímulo-resposta seria suficiente para compreender o funcionamento do sentido na oralidade.

Enfim, pelo que pudemos compreender com o estudo de sua obra é que Bloomfield, a fim de tornar a Linguística mais formal e científica, acaba por reduzir o sentido a estímulo-resposta, à forma ou ao referente. O problema disso é que, além de essas três concepções acabarem por se tornar contraditórias ao longo de sua obra, Bloomfield fica no entremeio de excluir não excluindo o sentido da Linguística - ao mesmo tempo em que afirma que o sentido não possa ser estudado por essa ciência, também afirma que, sem o sentido, não é possível tornar a forma discreta. Por esse motivo, em alguns momentos, ele acaba apelando para o improvisado, o que, em outros momentos, critica como sendo um excesso de subjetivismo do qual a Linguística deveria se livrar.

Assim sendo, foi possível que compreendêssemos a crítica de Benveniste de que a escola bloomfieldiana “taxait de mentalisme l’étude du ‘meaning’, de quelque manière qu’on

³⁰ BLOOMFIELD, 1979, p. 398: “a flutuação não depende de caracteres formais, mas do significado e, por causa disso, escapa a uma investigação puramente linguística. As mudanças que estão sempre ocorrendo na vida prática de uma comunidade estão para afetar as frequências relativas das formas oralizadas”.

³¹ Ibid., p. 435: “a transferência a um novo sentido é inteligível quando ela simplesmente reproduz uma transferência no mundo pragmático. Uma forma como ‘ship’ ou ‘hat’ ou ‘hose’ designa uma série de transferências de objetos por causa de mudanças no mundo prático”.

³² Ibid., p. 441: “uma extensão normal do sentido está para o mesmo processo que a extensão de uma função gramatical”.

³³ Ibid., p. 508: “quando uma pessoa estimula outra pela oralidade, a crença popular considera a oralidade por si só insuficiente e supõe que há também a transferência de uma entidade não física, uma ‘ideia’ ou ‘pensamento’”.

traduise ce terme. Cette qualification équivailait à la rejeter comme entachée de subjetivisme, comme échappant à la compétence du linguiste”³⁴ e do porquê urge tornar seu estudo mais formal e coerente – o simples ensejo de retirar o sentido da Linguística, explicando-o por outros termos que não por sua natureza própria, causa um sem-número de incoerências, como pudemos ver.

3. HJELMSLEV E A SUBSTÂNCIA

No seu livro *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, Louis Hjelmslev faz, primeiramente, apontamentos epistemológicos importantes para, depois, apresentar os princípios de o que seria sua teoria da linguagem, a Glossemática. Sobre esta, o que nos interessa é a maneira como ele trata o sentido.

Hjelmslev (2009, p. 55-56) define o sentido como sendo o fator comum definido pela função que o une ao princípio estrutural da língua e a outros fatores que tornam as línguas dessemelhantes umas das outras. Função são os diferentes tipos de dependência estabelecidos entre os funtivos³⁵, os elementos que compõem uma função, quais sejam: (i) a correlação, na qual os funtivos têm uma dependência “ou...ou” com outros funtivos no nível do paradigma e (ii) a relação, na qual os funtivos têm uma dependência “e...e” com outros funtivos no nível do sintagma. Assim sendo, a correlação se configura como um sistema, a língua, e a relação como um processo, um texto³⁶. O sentido é, portanto, a dependência que elementos de uma mesma língua ou de línguas diferentes possuem em comum no princípio estrutural da língua.

Possuindo uma dependência com outros elementos no que tange à estrutura de uma língua, eles não se configuram, todavia, como funtivos, os quais fazem parte de uma função e se configuram eles mesmos como tal, mas apenas como grandezas, isto é, “o mesmo pensamento que, assim considerado, apresenta-se provisoriamente como uma massa amorfa”³⁷ que são definidas por funções externas, já que, sendo uma grandeza, o sentido não pode ser, por si, nem uma correlação, fazendo parte de um sistema linguístico específico, nem de uma relação, tomando dependência dentro de um texto específico.

³⁴ BEVENISTE, 1974, p. 216: “taxava de mentalismo o estudo do ‘meaning’, de qualquer maneira que esse termo seja traduzido. Essa qualificação equivalia a rejeitá-lo como cheio de subjetivismo, como escapando da competência do linguista”.

³⁵ Cf. HJELMSLEV, 2009, p. 39.

³⁶ Cf. Ibid., p. 43.

³⁷ Ibid., p. 56.

Consequentemente, um mesmo sentido pode apresentar-se por formas diferentes, estejam elas numa mesma língua ou em línguas diferentes: “constatamos no *conteúdo* linguístico, em seu processo, uma *forma* específica, a *forma do conteúdo*, que é independente do *sentido* com o qual ela se mantém numa relação arbitrária e que ela transforma em *substância do conteúdo*”³⁸. Todo conteúdo possui uma forma específica. O conteúdo é uma grandeza que, contraindo a função semiótica, que está para o nível da estrutura da língua, torna-se um funtivo. Como funtivo, pode entrar em relação com outros funtivos, o que configura um processo. O processo sendo texto, aquele se apresenta sempre sob uma forma específica, a qual, consequentemente, torna-se forma da grandeza que contraiu a função semiótica, o funtivo conteúdo, dando-se por forma desse conteúdo. A forma do conteúdo, por ser o texto no qual o conteúdo contraiu a função semiótica, possui uma relação arbitrária com o sentido, ou seja, é um texto cuja solidariedade com o pensamento deu-se de maneira imotivada. Com isso, a forma do conteúdo tranforma o sentido em substância do conteúdo, isto é, o sentido é o pensamento de onde provém o conteúdo de um dado texto.

Sendo o sentido a substância de onde provém o conteúdo e possuindo este sempre uma forma específica, o sentido pode se apresentar sob formas diferentes, seja no que concerne à relação, em textos diferentes, seja no que concerne à correlação, em sistemas diferentes:

O sentido “não-formado” que se pode extrair dessas cadeias linguísticas assume uma forma de modo diferente em cada língua. Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na “massa amorfa do pensamento” ao enfatizar valores diferentes numa ordem diferente, coloca o centro de gravidade diferentemente e dá aos centros de gravidade um destaque diferente. (HJELMSLEV, 2009, p. 57)

Vemos, pois, que, em Hjelmslev, sentido é substância porque é pensamento. Sendo pensamento, pode tomar formas distintas para um mesmo conteúdo. Por isso, poderíamos dizer que o sentido é enformado por um conteúdo. Consequentemente, conteúdo e sentido não são o mesmo: uma forma pode não ter sentido e ter conteúdo, na medida em que o pensamento possa continuar, por assim dizer, amorfo, incompreensível, ainda que enformado em um dado texto, o que não significa que esse texto não tenha conteúdo³⁹. Além de substância do conteúdo, Hjelmslev também fala em substância da expressão:

Os exemplos citados, o perfil mediano da parte superior da boca e o contínuo das vogais, são assim zonas fonéticas de sentido que se formam

³⁸ HJELMSLEV, 2009, p. 57.

³⁹ Cf. HJELMSLEV, 2009, p. 54.

diferentemente nas línguas, conforme suas funções específicas, e que, enquanto *substância* da expressão, ligam-se, através desse fato, à sua *forma* da expressão. (HJELMSLEV, 2009, p. 60)

Como a expressão é uma grandeza que se torna fúntivo quando em oposição ao conteúdo na função semiótica, a substância da expressão é a materialização da língua que, por assim dizer, confere sentido à expressão. O sentido é entendido aqui como possuindo dependência entre os elementos da forma:

A sequência de sons [bwa] enquanto fato único pronunciado *hic et nunc*, é uma grandeza que pertence à substância da expressão que, em virtude apenas do signo, se liga a uma forma da expressão sob a qual é possível reunir outras grandezas de substância da expressão (outras pronúncias possíveis, por outros locutores ou em outras ocasiões, do mesmo signo). (HJELMSLEV, 2009, p. 62)

A substância da expressão tem, pois, a ver com questões fonéticas e fonológicas que, segundo Hjelmslev, devem ser compreendidas como sendo o sentido da expressão. Tomados separadamente, a expressão e o conteúdo podem ser tidos como linhas, linhas cuja solidariedade depende da oposição dos signos, por exemplo, na linha do conteúdo a solidariedade dos signos depende apenas daquilo que concerne ao conteúdo. Quando em interação, essas duas linhas vão formar o que ele chama de face, a face da expressão e a face do conteúdo, que está para a primeira articulação da língua, ou seja, o nível morfológico. Tomando linha e face, há o plano, sendo o plano do conteúdo relacionado com o que Saussure chamava de plano das ideias e o plano da expressão relacionado com seu plano dos sons⁴⁰.

Tendo definido esses conceitos, Hjelmslev (2009, p. 63) afirma que é pouco produtivo dividir a Linguística em Fonética, Morfologia, Sintaxe, Lexicografia e Semântica, sendo mais profícuo pensá-la a partir da divisão de plano do conteúdo e plano da expressão:

O estudo da expressão e o do conteúdo são, ambos, estudos da relação entre expressão e conteúdo; estas duas disciplinas se pressupõem mutuamente, são interdependentes e, separá-las, seria um grave erro. Como já ressaltamos (cf. Caps. 9 a 11), a análise deve basear-se nas funções. (HJELMSLEV, 2009, p. 77)

Como vimos, uma função é um tipo de solidariedade que pode se estabelecer entre diferentes elementos da língua. Ora, a função do tipo “e...e” ou “ou...ou” relaciona-se à oposição, portanto, está para a forma, não para o sentido. Assim sendo, não só o que Hjelmslev chama de substância da expressão, que ele relaciona com o plano dos sons em

⁴⁰ Cf. HJELMSLEV, 2009, p. 63.

Saussure, está para a forma, mas também o que chama de substância do conteúdo. Portanto, o sentido da expressão não é propriamente sentido, mas um tipo de relação opositiva entre os sons da língua, e o sentido do conteúdo também não é propriamente sentido, mas um tipo de relação opositiva entre os processos da língua, que estão para a forma, para o texto.

Quando dizemos que nem a substância da expressão nem a substância do conteúdo podem ser compreendidas como sentido, mas como forma, relacionamos esses conceitos com o que o próprio Hjelmslev denomina de sentido:

Nas línguas, semelhanças e diferenças pertencem àquilo que, com Saussure, denominamos de forma, e não à substância que é formada. *A priori*, talvez se poderia supor que o sentido que se organiza pertence àquilo que é comum a todas as línguas e, portanto, às suas semelhanças; mas isto é ilusão, pois ele assume sua forma de maneira específica em cada língua; não existe formação universal, mas apenas um princípio universal de formação. (HJELMSLEV, 2009, p. 79)

Em páginas anteriores, ele havia definido sentido como o fator comum que só se define pela função que o “une ao princípio de estrutura da língua e a todos os fatores que fazem com que as línguas se distingam umas das outras”⁴¹. Com a citação presente, compreendemos que, sendo um fator comum, o sentido é o princípio universal que torna as línguas dessemelhantes, uma vez que ele pode ser enformado tanto por conteúdos quanto por expressões distintas. É, pois, a forma que delimita o sentido, ou ainda, o sentido assume uma forma, sem a qual ele se torna inacessível:

O sentido, em si mesmo, é informe, isto é, não está submetido, em si mesmo, a uma formação, mas é suscetível de uma formação qualquer. Se há limites aqui, eles estão na formação e não no sentido. É por isso que o sentido é, em si mesmo, inacessível ao conhecimento, uma vez que a condição de todo conhecimento é uma análise, seja qual for sua natureza. Portanto, o sentido só pode ser reconhecido através de uma formação, sem a qual ele não tem existência científica. (HJELMSLEV, 2009, p. 79)

Informe, o sentido se torna inacessível ao estudo científico. Assumindo uma forma, ele passa a poder ser estudado, porém, só pode ser reconhecido através da formação que toma. Podendo ser estudado apenas por meio da forma, ele acaba por se confundir com a forma. A consequência disso é a impossibilidade de se tomar o sentido como objeto de estudo por ele mesmo, em uma disciplina específica da Linguística: “é impossível tomar o sentido, seja o da expressão ou o do conteúdo, como base da descrição linguística”⁴². Isto é, se não se

⁴¹ HJELMSLEV, 2009, p. 55-56.

⁴² Ibid., p. 80.

considerar o sentido seja como substância da expressão seja como substância do conteúdo não se pode estudá-lo pela Linguística.

Estando a expressão e o conteúdo para a forma, tem-se que tomar o sentido como forma para poder estudá-lo, ou seja, acaba-se estudando, na verdade, apenas a forma, excluindo-se o sentido da Linguística:

Dado que a formação linguística do sentido é arbitrária, isto é, que ela se baseia não no sentido, mas no próprio princípio da forma e nas possibilidades que decorrem de sua realização, estas duas descrições, linguística e não-linguística, devem ser feitas independentemente uma da outra. (HJELMSLEV, 2009, p. 80)

Ou seja, uma descrição do sentido é não-linguística, não deve ser feita por essa ciência. Portanto, o que ele chama de Glossemática é o estudo dos glossemas, das formas mínimas da língua e as funções que elas têm com outras formas⁴³. Reduzindo a Linguística ao estudo das funções que os fúntivos têm com outros fúntivos, reduz-se o estudo da Linguística à forma:

“Forma” significa aqui *forma linguística* e “substância”, como vimos, substância linguística ou *sentido*. [...]. Aquilo que, de um ponto de vista, é “substância” torna-se “forma” de um outro ponto de vista; isto está relacionado com o fato de que os fúntivos denotam apenas terminais ou pontos de intersecção das funções, e que apenas a malha funcional de dependências é acessível ao conhecimento e possui uma existência científica, enquanto que a “substância”, no sentido ontológico, continua a ser um conceito metafísico. (HJELMSLEV, 2009, p. 83)

Sabemos que, na Ontologia, a substância são as coisas do mundo. Portanto, nesse trecho vemos que ele toma sentido por referente, na medida em que o referente é o objeto tangível a que a forma linguística se relaciona. Na tentativa de reduzir a Linguística ao estudo da forma, Hjelmslev força a “passagem” do objeto para a língua. A substância não se torna “forma de um outro ponto de vista”, na língua, já que ela continua sendo substância no mundo. O que se passa é que esse objeto é significado pela língua, portanto, o sistema linguístico produz um intermediário entre forma e coisa, o sentido, o qual não é a coisa em si transformada em forma sob um outro ponto de vista, mas o conceito que faz compreender a coisa imotivadamente. Transformar a coisa em forma implica uma passagem direta entre língua e mundo. Entretanto, essa passagem é indireta, dado que é arbitrária.

No seu artigo *Pour une sémantique structurale*, ele diz que toda descrição científica deve ou considerar seu objeto como uma estrutura ou como fazendo parte de uma estrutura.

⁴³ HJELMSLEV, 2009, p. 82-83.

No entanto, como há ciências, tais quais a Lexicografia, que, segundo Hjelmslev, fazem apenas uma enumeração do léxico, ou a Semântica, que tratam apenas de questões secundárias,

On objectera peut-être que, s'il est en ainsi, l'adoption d'une méthode structuraliste n'est pas imposée par l'objet de l'investigation, mais qu'elle est choisie arbitrairement par l'investigateur. On est ainsi de retour à l'ancien problème, débattu au moyen-âge, de savoir si les notions (concepts ou classes) dégagées par l'analyse résultent de la nature même de l'objet (réalisme) ou si elles résultent de la méthode (nominalisme). [...] Le problème s'impose le plus fortement en sémantique, dont la méthode est actuellement moins développée; mais en principe il ne s'impose pas moins pour l'étude de l'expression. (HJELMSLEV, 1957, p. 102)⁴⁴

Quando Hjelmslev associa o método estrutural ao Nominalismo e ao Realismo, percebemos que ele toma o objeto de estudo por objeto no mundo: tomar o objeto de estudo como estrutura é algo completamente diferente de tomar o objeto no mundo como estrutura. No Realismo, pregava-se que a coisa no mundo já portava em si os conceitos; já no Nominalismo, os nomes, que veiculam conceitos, apenas serviam para nomear, instrumentalmente, a coisa no mundo. Aqui, então, há a questão de as noções, ou melhor, o sentido, ser tirado ou não do objeto no mundo diretamente. Não se trata das noções, ou melhor, os conceitos teóricos, tirados da análise. As noções teóricas têm relação com o objeto de estudo. As noções, o sentido, de que tratam o Nominalismo e o Realismo, têm relação com o objeto no mundo. Objeto no mundo nem sempre coincide com o objeto de estudo, já que uma ciência pode ter como objeto algo que não seja uma coisa no mundo, por exemplo, a Linguística⁴⁵. Vemos, pois, que aqui há uma ambivalência sobre o que Hjelmslev está compreendendo por “noção”: conceito teórico relacionado com o objeto de estudo, ou sentido que emana ou não da coisa no mundo.

Nesse contexto, do fato de Hjelmslev tomar o sentido como coisa no mundo, o que já vimos, ele afirma que o problema entre o Realismo e o Nominalismo é mais grave na Semântica. Esse autor está tomando, pois, a Semântica como a ciência que estuda a coisa no mundo; portanto, a questão de a noção, o sentido, emanar ou não da coisa seria um problema.

⁴⁴ “Far-se-á a objeção, talvez, de que, se assim o é, a adoção de um método estruturalista não é imposta pelo objeto de investigação, mas que ele é escolhido arbitrariamente pelo investigador. Estamos, assim, de volta ao velho problema, debatido na Idade Média, de saber se as noções (conceitos ou classes) deduzidas pela análise resultam da natureza própria ao objeto (realismo) ou se elas resultam do método (nominalismo). [...] O problema se impõe mais fortemente na Semântica, cujo método é atualmente o menos desenvolvido. Mas, em princípio, ele não se impõe menos ao estudo da expressão”.

⁴⁵ Aliás, objeto no mundo e objeto de estudo nunca coincidem, já que não é possível ter acesso ao Real. Entretanto, para não tornar essa discussão ainda mais confusa, tomaremos isso como uma possibilidade a fim de que fique mais clara a nossa crítica.

Entretanto, como a Semântica é disciplina da Linguística, cujo objeto de estudo é forma e não substância, essa problemática medieval não lhe cabe como problema metodológico, mas apenas como problema teórico. Expliquemos.

O Nominalismo e o Realismo não concernem à Semântica enquanto um método de análise de seu objeto de estudo, já que, nesta ciência, objeto de estudo e objeto no mundo não coincidem. Se o sentido fosse substância, entraria em questão tomá-lo ou de maneira nominalista ou de maneira realista. No entanto, como não é o caso, o fazer semântico não depende de a coisa estar sendo analisada em si mesma (Realismo) ou se o método o está influenciando (Nominalismo), dado que a Semântica não analisa a coisa. O objeto de estudo da Semântica é o sentido, que não é substância; portanto, o Nominalismo e o Realismo entram na Semântica de maneira teórica a fim de discutir se seu objeto de estudo provém diretamente ou não dos objetos no mundo. Consequentemente, interessa à Semântica saber se o sentido emana diretamente ou não do objeto no mundo, e não se os conceitos teóricos de que ela trata emanam diretamente ou não do objeto no mundo.

Dessa forma, não há fundamento em afirmar que a Semântica faria um Realismo a partir do Nominalismo, ou seja, que estudaria as noções que emanam diretamente da coisa no mundo (Realismo) a partir de um método específico (Nominalismo), o método estruturalista⁴⁶. Todavia, como ele tenta fugir da análise da coisa, acaba por reduzir a Semântica a uma álgebra, na qual seria possível prever, por meio de cálculos, as relações formais entre os signos⁴⁷ e os signos em si mesmos⁴⁸, com o que o sentido é reduzido à forma. Desse modo, estudando a rede funcional das palavras de uma dada sociedade, a Semântica se aproximaria de uma Lexicologia⁴⁹. Enfim, como Bloomfield, Hjelmslev ora reduz o sentido ao referente, ora à forma.

4. A FORMA E O SENTIDO EM BENVENISTE

O que vimos até agora foi ou a redução do sentido à forma ou ao referente. Por conseguinte, voltemo-nos a Benveniste para verificar como ele compreende sentido e forma. Esse autor define o primeiro no quarto parágrafo de *La forme* como “dans une première

⁴⁶ Cf. HJELMSLEV, 1957, p. 102.

⁴⁷ Cf. Ibid., p. 107-108.

⁴⁸ Cf. Ibid., p. 111.

⁴⁹ Cf. Ibid., p. 111.

approximation, le sens est la notion impliquée par le terme même de langue comme ensemble de procédés de communication identiquement compris par un ensemble de locuteurs”⁵⁰.

Sendo uma primeira aproximação, vemos que essas definições sofrem uma especialização ao longo do desenvolvimento do texto. A especialização desses termos é discutida no terceiro capítulo desta dissertação. De qualquer forma, o que temos por ora é que o sentido, em Benveniste, é a noção implicada pelo termo próprio da língua. Antes, porém, de esquadrihar a definição de sentido, é necessário analisar, primeiramente, os pormenores de cada um dos termos que compõem a sua definição.

Nesse excerto, Benveniste diz que língua é um conjunto de procedimentos de comunicação. Dentre os sentidos de “procédé”, podemos compreendê-lo como “manière d'agir, de se comporter”⁵¹. Sabemos que a língua não tem um comportamento, mas um funcionamento. Dessa forma, a língua seria o conjunto das maneiras de fazer funcionar a comunicação. Estando esta funcionando entre os locutores de uma mesma sociedade, seus procedimentos são identicamente compreendidos por todos. “Identique” de “identiquement” pode ter o sentido de “tout à fait semblable, mais distinct”⁵². Isso quer dizer que, ainda que a língua funcione de maneira parecida para todos os seus locutores, essa maneira não é homogênea. Tanto em francês quanto em português, “idêntico” pode não implicar necessariamente igualdade homogênea, mas semelhança, isto é, acordo em algumas partes e desacordo em outras. Portanto, os procedimentos de comunicação de uma língua podem ser semelhantes entre um conjunto de locutores e estranhos a outros. A consequência disso é que comunicação não deve ser entendida como transmissão unívoca e inequívoca de sentidos entre locutores, mas como transmissão equívoca, ou seja, transmissibilidade, por haver uma falha constitutiva.

Sendo o sentido a noção implicada pelo termo próprio da língua, temos que “notion” é um conceito, ou seja, a representação de que se faz de algo intuitivamente⁵³. Esse algo é a representação que fazemos do mundo, da realidade, já que a língua permite um acesso à realidade: “le langage re-produit la réalité. Cela est à entendre de la manière la plus littérale: la réalité est produite à nouveau par le truchement du langage”⁵⁴. E o “intuitivo” pode ser aqui

⁵⁰ BENVENISTE, 1974, p. 217: “em uma primeira aproximação, o sentido é a noção implicada pelo termo próprio da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores”.

⁵¹ PROCÉDÉ. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “maneira de agir, de se comportar”.

⁵² IDENTIQUE. In: MORVAN, 2011, p. 362: “de muitas maneiras semelhante, mas diferente”.

⁵³ Cf. NOTION. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado.

⁵⁴ BENVENISTE, 1966, p. 25: “a linguagem re-produz a realidade. Isso deve ser entendido da maneira mais literal possível: a realidade é produzida de novo por meio da linguagem”.

entendido como o que se dá sem o recurso do raciocínio⁵⁵, ou seja, está para a ordem do inconsciente, aqui entendido como um não-saber. A consequência disso é que os locutores fazem uma representação do mundo, mas não têm acesso nem a como fazem essa representação nem ao que os motivou a fazê-la. Eles desconhecem o que provoca e o que organiza essa representação:

Nous pensons un univers que notre langue a d'abord modelé. Les variétés de l'expérience philosophique ou spirituelle sont sous la dépendance *inconsciente* d'une classification que la langue opère du seul fait qu'elle est langue et qu'elle symbolise (BENVENISTE, 1966, p. 6, *italico nosso*).⁵⁶

Não tendo esse controle, a noção de locutor, em Benveniste, está longe de ser aquela de senhor da língua, que tem domínio completo sobre ela. Essa representação que se faz do mundo, que, sendo significada pela língua, não pode ser um decalque desse mundo, mas apenas seu paralelo por ser implicada pelo termo próprio da língua. “Terme” é onde algo acaba e isso, por ser próprio, é constitutivo da língua, pertencendo de maneira exclusiva a ela.

Como o sentido é implicado pelo termo próprio da língua, o funcionamento da língua tem como consequência o sentido. Isto é, o fato de os homens colocarem a língua em funcionamento pelos procedimentos de comunicação é concomitante à representação simbólica do mundo. Comunicando-se, eles representam o mundo. Servindo para representar o mundo, a linguagem acaba estando para além da transmissão unívoca de sentidos. E é aí, no sentido, onde termina a língua, ou seja, o que a difere de outros sistemas semiológicos, o que lhe pertence exclusivamente.

A esse respeito, Benveniste (1974, p. 64) afirma que a língua combina dois modos distintos de significância: o modo semiótico que “désigne le mode de signifiante qui est propre au signe linguistique et que le constitue comme unité” e o modo semântico que “est engendré par le discours”⁵⁷. E é justamente pelo fato de a língua combinar o modo semântico e o modo semiótico que ela se difere de todos os outros sistemas semiológicos, dos quais alguns são somente semióticos; por exemplo, os sinais de trânsito; outros são somente semânticos, por exemplo, a pintura.

⁵⁵ Cf. INTUITIF. In: MORVAN, 2011, p. 390.

⁵⁶ “Nós pensamos um universo que nossa língua modelou primeiramente. As variedades da experiência filosófica ou espiritual estão sob a dependência *inconsciente* de uma classificação que a língua opera do simples fato de ela ser língua e de, por isso, simbolizar”.

⁵⁷ “designa o modo de significância que é próprio ao signo linguístico e que o constitui como unidade”; “é engendrado pelo discurso”.

A consequência disso é que pensamos um universo modelado pela língua, já que ela instaura uma realidade imaginária aos olhos do homem⁵⁸, ao que os animais, por exemplo, não têm acesso: eles veem o mundo em si, não o mundo simbolizado, consequentemente, eles não conseguem pensar *sobre* esse mundo, já que apenas a simbolização via língua permite pensar sobre aquilo a que ela se refere: não existe, fundamentalmente, pensamento discreto sem língua⁵⁹. Para tal, é necessário que a língua se enforme de significação, ou seja, é necessário que haja uma atividade constante entre modo semiótico e modo semântico⁶⁰, entre forma e sentido, o que é pauta do segundo capítulo desta dissertação.

Sobre a forma, ainda no quarto parágrafo de *La forme*, Benveniste (1974, p. 217) a define como: “la forme est au point de vue linguistique (à bien distinguer du point de vue des logiciens), soit la matière des éléments linguistiques quand le sens en est écarté, soit l’arrangement formel de ces éléments au niveau linguistique dont il relève”⁶¹.

Vemos aqui que a noção de forma de que trata é diferente da Lógica, já que a esta interessa apenas o arranjo formal dos elementos, não a matéria desses elementos: “toutes les propositions élémentaires auxquelles a affaire la logique se réduisent à une forme schématique, que les médiévaux et les modernes exprimeront par: *S est P*”⁶². Essa forma esquemática, elaborada pelos medievais a partir de Aristóteles, indica o arranjo elementar dos elementos que compõem uma proposição: “S” é o sujeito ao qual “P” atribui um predicado (aqui compreendido como uma propriedade) por meio da cópula “é”. Assim disposta uma proposição, ela pode ser relacionada com outra a fim de que, das duas, possa-se seguir necessariamente uma conclusão, com o que se tem a construção de um argumento. Dessa maneira, sendo a Lógica uma ciência cujo objeto de estudo é o argumento, a ela importa, dentre outras coisas, estudar a correção dos argumentos; portanto, verificar se os elementos que o compõem foram arranjados de maneira correta ou incorreta, a fim de ser possível declarar a coerência ou incoerência de uma teoria científica.

Por outro lado, à Linguística interessa tanto o arranjo dos elementos linguísticos quanto a matéria desses elementos. É necessário saber, pois, de que consiste essa matéria. Saussuriano que é Benveniste, julgamos conveniente voltar-nos a Saussure para saber se essa

⁵⁸ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 25.

⁵⁹ Ibid., loc.cit.

⁶⁰ Cf. BENVENISTE, 1966., p. 26.

⁶¹ “a forma é, do ponto de vista linguístico (para bem distinguir do ponto de vista dos lógicos), seja a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é desconsiderado, seja o arranjo formal desses elementos no nível linguístico do qual ele emerge”.

⁶² BLANCHÉ, 2002, p. 30: “todas as proposições elementares às quais a Lógica se relaciona se reduzem a uma forma esquemática, que os medievais e os modernos exprimirão por: ‘S é P’”.

matéria se trata de entidades linguísticas ou de unidades linguísticas. A esse respeito, Saussure (1964, p. 145) afirma que “l’entité linguistique n’existe que par l’association du signifiant et du signifié”⁶³. A entidade linguística só existe pela união da imagem acústica com o conceito. Um sem o outro seria mera abstração.

Posta essa primeira característica das entidades linguísticas, vamos à segunda: “l’entité linguistique n’est complètement déterminée que lorsqu’elle est *délimitée*, séparée de tout ce qui l’entoure sur la chaîne phonique. Ce sont ces entités délimitées ou *unités* qui s’opposent dans le mécanisme de la langue”⁶⁴. A partir disso, vemos que as entidades linguísticas têm a propriedade de ser delimitadas e, quando há delimitação, elas se tornam unidades linguísticas. Para compreender a delimitação, há de se considerar duas questões: (i) que ela depende da matéria fônica, mas não é ela mesma uma operação material e (ii) que ela implica o reconhecimento, não a separação.

Sobre a primeira questão, vejamos o que há na edição crítica de Engler, que apresenta as notações de aula dos alunos de Saussure, dispondo-as lado a lado com os trechos do CLG. No caderno de Sechehaye, encontramos: “il faut délimiter les unités, opération nullement purement matérielle, mais nécessaire et possible, parce qu’il y un élément matériel”⁶⁵. A delimitação das entidades se dá por meio da cadeia fônica, que é a realização material da língua, porém, a delimitação nunca já está posta nessa cadeia fônica, por isso, não é uma operação material. Ao contrário, ela emerge do material, mas depende de uma operação mental: “nous tombons facilement dans cette idée : quand on parle des signes, nous pensons immédiatement aux signes visuels et nous tombons dans l’idée fausse que la séparation des signes est toute simple, ne nécessite pas une opération de l’esprit”⁶⁶. Fazer uma comparação rasa da língua com outros sistemas semiológicos pode levar falsamente à crença de o sistema mesmo já fornecer a delimitação de suas entidades.

Ora, para haver a delimitação, é necessária uma operação do intelecto, ou seja, um locutor que reconheça as entidades que estão em jogo em uma cadeia fônica, delimitando-as, reconhecendo-as como unidades, o que alça a cadeia fônica à cadeia acústica, que é a representação da realização material da língua. Com isso, chegamos à segunda questão: dizer

⁶³ “a entidade linguística existe apenas pela associação do significante com o significado”.

⁶⁴ SAUSSURE, 1964, p. 145: “a entidade linguística só está completamente determinada quando ela é delimitada, separada de tudo o que a entorna na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou ‘unidades’ que se opõem no mecanismo da língua”.

⁶⁵ SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 233: “é necessário delimitar as unidades, operação que não é puramente material, mas necessária e possível por haver um elemento material”.

⁶⁶ Ibid., p. 233-234: “enganamo-nos facilmente por essa ideia: quando falamos de signos, pensamos imediatamente nos signos visuais e nos enganamos pela ideia falsa de que a separação dos signos é muito simples, de que não necessita de uma operação do intelecto”.

que a delimitação significa separar a entidade da cadeia acústica, não pode implicar isolá-la dessa cadeia, mas reconhecê-la nela. Sobre isso, no caderno de Riedlinger está posto que:

Si nous sortons de la langue, il peut ne pas en être de même pour d'autres signes : ce qui s'adresse à l'organe visuel peut comporter une multiplicité de signes simultanés. Je puis même superposer un signe plus général, qui serait le fond, et d'autres projetés sur celui-ci. Toutes les directions et combinaisons <sont possibles, toutes les ressources qui peuvent résulter de la simultanéité seront à ma disposition dans ce système de signes>. La matière phonique sera toujours dans le même sens et n'admet pas la simultanéité de deux signes. (SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 233)⁶⁷

O sistema linguístico pressupõe combinações, relações. Por esse motivo, delimitar uma unidade não pode implicar isolá-la da cadeia fônica, já que a delimitação só é possível pelas combinações materializadas pela cadeia fônica mesma. Contudo, diferentemente de outros sistemas semiológicos, a língua não permite que suas entidades estejam sobrepostas umas em relação a outras, justamente por se realizar materialmente por meio de uma cadeia fônica, que é uma linha que presume o caráter temporal, isto é, a existência de apenas uma dimensão⁶⁸, de as entidades apenas poderem se dispor umas depois das outras, nunca simultaneamente. As entidades não se misturam na cadeia fônica. Consequentemente, separar uma entidade da cadeia fônica leva ao reconhecimento desta pelo locutor, ao reconhecimento que só é possível pelas relações linguísticas que a cadeia fônica materializa.

Notemos bem que a cadeia fônica não oferece as relações linguísticas, mas apenas a materialização dessas relações. No caderno de Riedlinger essa questão fica mais clara:

Du côté de l'instrument matériel du signe en linguistique, est-ce le caractère d'être la voix humaine <le produit des appareils vocaux> qui est décisif ? Non. Mais il y a ici un caractère capital de la matière phonique non mis suffisamment en <relief>, c'est de se présenter à nous comme une chaîne acoustique, ce qui entraîne immédiatement le caractère temporel, qui est de n'avoir qu'une dimension. (SAUSSURE. In : ENGLER, 1989, p. 234)⁶⁹

A matéria fônica, que é o produto dos aparelhos vocais, simplesmente materializa a cadeia acústica, que está para o funcionamento próprio da língua. Aquela, por ser material, é

⁶⁷ “Se saímos da língua, verificaremos que pode não ser o mesmo para outros tipos de signos: o que se refere à organização visual pode comportar uma multiplicidade de signos simultâneos. Posso mesmo sobrepor um signo mais geral, que seria o fundo, e outros projetados sobre ele. Todas as direções e combinações <são possíveis, todos os recursos que podem resultar da simultaneidade estarão à minha disposição nesse sistema de signos>. A matéria fônica estará sempre no mesmo sentido e não admite a simultaneidade de dois signos”.

⁶⁸ Cf. SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 234.

⁶⁹ “Com relação ao instrumento material do signo linguístico, a voz humana <o produto dos aparelhos vocais> é que é decisiva? Não. Mas há aqui um aspecto capital não colocado o suficiente em destaque: é o de se apresentar a nós como uma cadeia acústica, o que resulta imediatamente o aspecto temporal, que é o de possuir apenas uma dimensão”.

abstrata à Linguística; esta, por concernir à natureza da língua, é que é concreta⁷⁰. Por esse motivo, o papel da matéria fônica é apenas o de tornar audível aquilo que é engendrado pelo próprio sistema linguístico, as relações entre as entidades.

Aí, pois, rege a diferença entre entidades e unidades: aquelas se apresentam para o locutor como uma massa indistinta na matéria fônica; estas, por outro lado, podem ser delimitadas, reconhecidas por meio de uma operação mental do locutor. Para toda operação, aqui compreendida como o ato mesmo da delimitação, é necessário um operador, aquilo que permite a operação. Para delimitar as entidades em unidades, qual seria o operador? Ainda no caderno de Riedlinger, há a seguinte informação:

mais <il y a tout de suite quelque chose qui nous fait réfléchir>: si nous entendons une langue étrangère, nous sommes hors d'état de faire les coupures ; donc, ces unités ne sont pas données directement par le côté phonique ; il faut associer l'idée" (SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 235)⁷¹.

Saussure dá o exemplo de um locutor ser exposto a uma língua que lhe seja estranha. Nesse caso, ele não conseguiria fazer as delimitações. Isso porque elas não estão postas de antemão na cadeia fônica, já que dependem de uma operação mental. Para que o locutor consiga operá-la, é necessária a associação da ideia. Eis aí o operador da delimitação: apenas o significado permite fazer o corte na cadeia acústica, o que o faz ter acesso a uma unidade, ou seja, uma entidade que ele reconheça como unidade.

O fato de o significado ser o operador da delimitação não implica que as entidades, não-delimitadas, tenham apenas significante e não o significado, e que apenas as unidades, delimitadas, tenham significante e significado. A esse respeito, deve ficar claro que a primeira característica das entidades é elas só existirem pela associação do significado e do significante. O que as torna concretas é essa união. Não a havendo, as entidades são pura abstração. Desse modo, o fato de uma entidade não ser delimitada não implica que não tenha um significado, mas que o locutor não reconheça esse significado. Eis aí uma diferença crucial. Na matéria fônica, o locutor tem acesso à cadeia acústica da língua. Entretanto, cabe a ele reconhecer em uma porção da cadeia acústica o(s) significado(s) associado(s) pelo contrato social a fim de que ela se torne reconhecível e, portanto, uma unidade:

⁷⁰ Cf. SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 232.

⁷¹ “mas <há imediatamente algo que nos faz refletir>: se escutamos uma língua estrangeira, estamos fora da possibilidade de fazer as delimitações; então, essas unidades não são dadas diretamente pela cadeia acústica – é necessário associá-la à ideia”.

En résumé, la langue ne se présente pas comme un ensemble de signes délimités d'avance, dont il suffirait d'étudier les significations et l'agencement; c'est une masse indistincte où l'attention et l'habitude peuvent seules nous faire trouver des éléments particuliers. (SAUSSURE, 1964, p. 146)⁷²

As unidades da língua não são delimitadas por elas mesmas, *a priori*. Primeiramente, elas se apresentariam ao locutor como entidades, não delimitadas, e se tornam unidades apenas pelo manejo que ele opera sobre a língua. Ainda que a união de significante e significado aconteça na e pela ordem própria da língua, quem maneja a língua são os homens; portanto, cabe a eles, não à língua, reconhecer certas entidades como unidades ou não. A língua ter uma ordem própria não significa que ela tenha vida própria. Por não ter vida própria, ela precisa ser operada por homens. Por ter uma ordem própria, ela possui uma organização formal que existe por um contrato social e que funciona a despeito da vontade de apenas um homem. Por isso, Saussure diz que encontrar os elementos particulares da língua, suas unidades, só se dá pela atenção e pelo hábito. Ora, a atenção e o hábito só existem no e pelo contrato social que, conforme sucede, pode automatizar essa delimitação. Sobre isso, Saussure faz uma crítica à gramática normativa:

Donc nous avons affaire ici à un classement défectueux ou incomplet; la distinction des mots en substantifs, verbes, adjectifs, etc., n'est pas une réalité linguistique indéniable. Ainsi la linguistique travaille sans cesse sur des concepts forgés par les grammairiens, et dont on ne sait s'ils correspondent réellement à des facteurs constitutifs du système de la langue. Mais comment le savoir ? Et si ce sont des fantômes, quelles réalités leur opposer ? Pour échapper aux illusions, il faut d'abord se convaincre que les entités concrètes de la langue ne se présentent pas d'elles-mêmes à notre observation. (SAUSSURE, 1964, p. 152-153)⁷³

Os conceitos que a gramática normativa forja não correspondem necessariamente aos fatores constitutivos do funcionamento da língua. Isso porque as entidades não se apresentam elas mesmas à observação, apesar de aquele que a observa ser um especialista da linguagem, o qual, sendo especialista, não deixa de ser um locutor; portanto, também atravessado pelo fato de conseguir reconhecer apenas as unidades, e não as entidades em si. Dessa maneira,

⁷² “Resumindo, a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados *a priori*, dos quais seria suficiente estudar as significações e o agenciamento; é uma massa indistinta em que a atenção e o hábito podem por si só nos fazer encontrar os elementos particulares”.

⁷³ “Então, temos diante de nós uma classificação defeituosa ou incompleta: a distinção das palavras em substantivos, verbos, adjetivos, etc., não é uma realidade linguística inegável. Assim, a Linguística trabalha sem cessar sobre conceitos forjados pelos gramáticos e dos quais não sabemos se correspondem à realidade dos fatores constitutivos do sistema da língua. Mas, como saber? E se são fantasmas, quais realidades opor a eles? Para escapar das ilusões, é necessário, primeiro, convencer-se de que as entidades concretas da língua não se apresentam elas mesmas às nossas observações”.

qualquer descrição da língua deve levar em conta a impossibilidade de completude. A impossibilidade de completude, no entanto, não deveria levar à banalidade do assunto:

Opposer la forme au sens est une convention banale et dont les termes mêmes semblent usés; mais si nous essayons de réinterpréter cette opposition dans le fonctionnement de la langue en l'y intégrant et en l'éclairant par là, elle reprend toute sa force et sa nécessité; nous voyons alors qu'elle enferme dans son antithèse l'être même du langage, car voici que d'un coup, elle nous met au coeur du problème le plus important, le problème de la signification. (BENVENISTE, 1974, p. 217)⁷⁴

A oposição entre forma e sentido seria banal, por exemplo, em Bloomfield, em que ele reduz uma à outra, ou em Hjelmslev, em que ele acaba fazendo o mesmo. Entretanto, Benveniste propõe ir além dessa banalidade e estudar a oposição entre forma e sentido naquilo em que se pode encontrar a necessidade de funcionamento da língua: a significação.

Dessa forma, ao ter definido a forma como “soit la matière des éléments linguistiques quand le sens en est écarté, soit l'arrangement formel de ces éléments au niveau linguistique dont il relève”⁷⁵, Benveniste combina a noção de entidade e a de unidade. Os elementos linguísticos cujos sentidos são afastados seriam as entidades linguísticas. Notemos bem que, por “écarter”, não estamos compreendendo “descartar”, mas “afastar”⁷⁶ na medida em que o linguista, ao invés de prender-se a um sentido que ele mesmo associa em uma unidade, abre-se para uma vasta possibilidade de sentidos. O arranjo formal desses elementos linguísticos também estaria contemplado na noção de forma. Todavia, por estarem esses elementos funcionando dentro de um nível linguístico específico, eles não seriam mais entidades, mas unidades, já que a distinção de um elemento em um nível já leva em consideração o sentido.

Assim sendo, a oposição entre forma e sentido torna-se necessária para explicar o ser próprio da linguagem, a significação. Isso porque a propriedade primordial da linguagem é significar, o que explica todas as funções humanas, a saber, as atividades de fala, de pensamento e de ação. Significando, a linguagem permite a existência de todas as realizações individuais e coletivas na sociedade. Consequentemente, sem linguagem, não há a possibilidade de sociedade porque não há possibilidade de humanidade:

⁷⁴ “Opor a forma ao sentido é uma convenção banal, cujos termos próprios parecem estar desgastados. Mas se nos dispusermos a reinterpretar essa oposição no funcionamento da língua, integrando-a nele e esclarecendo-a por ele, ela retoma toda a sua força e a sua necessidade. Vemos, então, que ela engloba em sua antítese o ser próprio da linguagem, já que, de uma vez só, coloca-nos no imo do problema mais importante: o problema da significação”.

⁷⁵ BENVENISTE, 1974, p. 217: “seja a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é ignorado, seja o arranjo formal desses elementos no nível linguístico de que ele releva”.

⁷⁶ Cf. ÉCARTER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado.

[Les fonctions du langage] sont si diverses et si nombreuses que cela reviendrait à citer toutes les activités de parole, de pensée, d'action, tous les accomplissements individuels et collectifs qui sont liés à l'exercice du discours: pour les résumer d'un mot, je dirais que, bien avant de servir à communiquer, le langage sert à vivre. Si nous pensons qu'à défaut du langage, il n'y aurait ni possibilité de société, ni possibilité d'humanité, c'est bien parce que le propre du langage est d'abord de signifier. A l'ampleur de cette définition, on peut mesurer l'importance qui doit revenir à la signification. (BENVENISTE, 1974, p. 217)⁷⁷

A propriedade da linguagem de significar via a antítese forma-sentido é o que fundamenta a humanidade no homem, ou seja, o que faz o homem homem. Por esse motivo, Benveniste afirma que a linguagem, muito antes que comunicar, serve para viver. A causa da significação é a própria vivência dos homens, que, ao seu turno, só existe por causa da significação. Sobre esta, discutiremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

5. EM RESUMO

Neste capítulo, discutimos do primeiro ao quarto parágrafo do texto *La forme*. O tema principal foi como a forma e o sentido são tratados na Linguística de maneira geral e em Benveniste.

No que concerne à Linguística, começamos por explicar a crítica de Benveniste em relação a Bloomfield e do motivo que este considerava seu estudo como mentalismo. Fazendo um estudo do seu livro *Language*, pudemos compreender essas questões e outras mais, a de que, por exemplo, embora considere o estudo do sentido como mentalismo, ele não pode prescindir do sentido, já que só este possibilita tornar a forma discreta. Por isso, nesse entremeio de excluir e não excluir o sentido da Linguística, Bloomfield reduz o sentido ou ao referente ou à forma.

Na mesma linha de pensamento de Benveniste, apropriamo-nos da crítica que Todorov faz de Hjelmslev para ter um conhecimento mais amplo sobre como outros teóricos vinham estudando o sentido, ou melhor, sobre como e por que eles vinham tentando excluir o sentido da Linguística. Discutindo o seu célebre artigo *Pour une sémantique structurale* e o livro *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, pudemos entender que, ao tentar relacionar o

⁷⁷ “[As funções da linguagem] são tão diversas e tão numerosas que isso levaria a mencionar todas as atividades da fala, do pensamento, da ação; todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso. Para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Na falta de linguagem, não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade. Isso porque o ser próprio da linguagem é significar, acima de tudo. Na amplitude dessa definição, podemos mensurar a importância que deve ser dada à significação”.

sentido à substância, Hjelmslev o reduz ao referente. Ao fazê-lo, ele confunde objeto de estudo com o objeto no mundo, o que, a fim de fugir da análise da substância, acaba por reduzir a análise do sentido à forma.

Dois teóricos diferentes, um norte-americano e outro dinamarquês, ao tentarem excluir o sentido da Linguística, acabaram chegando às mesmas consequências. Trazendo ambos, podemos compreender por que Benveniste (1974, p. 217) afirma que “opposer la forme au sens est une convention banale et dont le termes mêmes semblent usés”, o que exige a necessidade de estudá-los de maneira mais formal e mais precisa. “Formal” aqui não implicando reduzir o sentido à forma, mas ser cientificamente coerente.

Assim, detivemo-nos mais precisamente sobre como ele define a forma e o sentido. Para isso, Saussure (não só o do CLG, mas também o Saussure das outras fontes) foi o nosso grande aliado, já que nos possibilitou entender, por exemplo, de que matéria linguística trata Benveniste quando fala de forma.

Dessa maneira, chegamos a duas conclusões muito importantes para nosso trabalho. Em primeiro lugar, a forma em Benveniste são tanto as entidades, elementos linguísticos não-delimitados, quanto as unidades, elementos linguísticos funcionando em um arranjo e em um nível linguístico específico. Em segundo lugar, o sentido é, além daquilo que possibilita tornar a forma discreta para o locutor, o que faz a língua se diferenciar de todos os outros sistemas semiológicos.

Entramos, pois, aí, no problema da significação, o qual é tema do próximo capítulo desta dissertação. Partindo desse problema geral, poderemos entrar num aspecto específico dele: o do semantismo social e, deste, para um mais específico ainda: o do semantismo social interlinguístico. Isso será estudado, na análise, com as traduções do texto *L'appareil formel de l'énonciation* porque, em primeiro lugar, esse texto tem uma importância para o todo da obra de Benveniste porque resume a maneira como ele tomava o homem na língua e, em segundo lugar, suas considerações teóricas também ajudarão a desenvolvermos a análise.

CAPÍTULO II

ESTUDANDO A SIGNIFICAÇÃO

1. O CAMPO DE ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO

A partir do que diz Benveniste (1974, p. 217-218) no quinto parágrafo de *La forme*, poderíamos afirmar que a significação pode ser tida como problema em dois sentidos: (i) por ser uma questão a ser investigada, (ii) por não ser ainda investigada por ela mesma na Semiologia, na Linguística nem na Filosofia. O primeiro é um problema epistemológico, promovendo a investigação científica. Já o segundo, um problema metodológico, que dificulta essa investigação: se o objeto não é tratado por si mesmo nem em uma disciplina nem em outra, ele acaba não sendo bem tratado por nenhuma, dado que permanece em posição secundária.

De qualquer forma, Benveniste afirma que alguma atenção tem sido dada a ela, especialmente nas escolas americanas de Carnap e de Quine. No entanto,

dans leur préoccupation de rigueur, ils ont écarté toute tentative de définition directe de la signification; pour ne pas tomber dans le psychologisme, ils ont remplacé l'analyse de la signification par le critère objectif d'acceptabilité, éprouvé au moyen de tests, selon que des prédicats sont acceptés ou non par le locuteur. (BENVENISTE, 1974, p. 218)⁷⁸

Não definindo a significação diretamente, esses autores teriam-na tocado apenas em suas bordas. Assim sendo, em Carnap, a significação seria a associação do locutor de um tal predicado *Q* a um tal objeto *y*; portanto, o mesmo que intensão, designação⁷⁹, e, em Quine, a significação seria o mesmo que sinonímia⁸⁰.

O conceito de significação na Linguística é, pois, diferente daquele da Lógica Contemporânea: “à nous en tenir pour l’instant à ce que chacun comprend par là, on peut tenir pour admis que le langage est l’activité signifiante par excellence, l’image même de ce que peut être la signification”⁸¹. Dessa maneira, a significação seria a atividade significante da língua, ou seja, a oposição constante entre forma e sentido, já que, sendo a língua forma e

⁷⁸ “na sua preocupação de rigor, eles desconsideraram toda tentativa de definição direta da significação; para não se enganarem com o psicologismo, eles substituíram a análise da significação pelo critério objetivo da aceitabilidade, verificada por meio de testes, segundo os predicados serem aceitos ou não pelo locutor”.

⁷⁹ BENVENISTE, 1974, p. 218.

⁸⁰ Ibid., loc.cit.

⁸¹ Ibid., loc.cit: “para nos fixarmos agora naquilo que cada um compreende por isso, podemos ter por admitido que a linguagem é a atividade significante por excelência, a imagem própria do que pode ser a significação”.

sentido, ambos estão em funcionamento opositivo constante. Como a língua possui a atividade significativa por excelência, ela pode ser comparada com outros modelos semiológicos. Por esse motivo, neste capítulo, discutiremos a noção de significação na Linguística e na Semiologia, começando por esta última, já que seu escopo é mais geral.

2. A SIGNIFICAÇÃO NA SEMIOLOGIA

Se a atividade de significar é a significação, qualquer modelo significativo pode ser comparado com o funcionamento da língua, uma vez que ela é o único sistema semiológico que possui uma atividade significativa por excelência:

Effectivement dès qu'une activité est conçue comme représentation de quelque chose, comme "signifiant" quelque chose, on est tentée de l'appeler langage ; on parle ainsi de langage pour divers types d'activités humaines, chacun le sait, de façon à instituer une catégorie commune à des modèles variés. (BENVENISTE, 1974, p. 218)⁸²

Assim sendo, comecemos por diferenciar as noções de “semiológico” e de “semiótico”. Isso porque Benveniste afirma que “une des thèses majeures de Saussure est que la langue forme une branche d'une sémiologie générale”⁸³. Isso significa dizer que existem vários sistemas semiológicos, sendo a língua também um deles, porém, esta tem primazia em relação a esses outros. Dentre esses sistemas semiológicos, é necessário saber quais são semióticos. Admitamos, pois, o que Benveniste afirma sobre o sistema semiológico musical:

L'unité de base sera donc la note, unité distinctive et oppositive du son, mais elle ne prend valeur que dans la gamme, qui fixe le paradigme des notes. Cette unité est-elle sémiotique? On peut décider qu'elle l'est dans son ordre propre, puisqu'elle y détermine des oppositions. Mais alors elle n'a aucun rapport avec la sémiotique du signe linguistique, et de fait elle est inconvertible en unités de langue, à quelque niveau que ce soit. (BENVENISTE, 1974, p. 55)⁸⁴

⁸² “Efetivamente, desde que uma unidade é concebida como representação de alguma coisa, como ‘significando’ alguma coisa, somos tentados a chamá-la de linguagem; falamos assim de linguagem para diversos tipos de atividades humanas de maneira a instituir uma categoria comum a modelos variados”.

⁸³ BENVENISTE, 1974, p. 220: “uma das maiores teses de Saussure é que a língua forma um ramo de uma semiologia geral”.

⁸⁴ “A unidade de base será, então, a nota, unidade distintiva e opositiva do som, mas ela apenas toma valor na escala, que fixa o paradigma das notas. Essa unidade é semiótica? Podemos decidir que ela o seja na sua ordem própria, já que ela aí determina as oposições. Mas ela não tem nenhuma relação com a semiótica do signo linguístico e, de fato, não pode ser convertida em unidades de língua, em qualquer nível que seja”.

Assim, apenas os sistemas semiológicos que possam ser convertíveis à língua são semióticos. Essa conversão só é possível quando sejam compostos por signos, tal como o signo linguístico, o qual é uma entidade relativo-opositiva⁸⁵. Portanto, todo sistema semiótico é semiológico, mas nem todo sistema semiológico é semiótico. Com isso, é inadequado tomar um termo por outro como se fossem o mesmo. Por exemplo, Saussure, no item quatro do capítulo sobre o valor linguístico, coloca a língua no mesmo pé de igualdade que outros sistemas semiológicos, afirmando que: “dans la langue, *comme dans tout système sémiologique*, ce qui distingue un signe, voilà tout ce qui le constitue”⁸⁶. Aí vemos dois problemas: em primeiro lugar, a língua não está em pé de igualdade com todo e qualquer sistema semiológico porque nem todo sistema semiológico é constituído por signos; em segundo lugar, não estando para todo e qualquer sistema semiológico, a língua também não está para todo e qualquer sistema semiótico, já que ela é o único sistema semiótico por excelência, segundo Benveniste.

Com relação ao primeiro problema, Benveniste (1974, p. 65) afirma que há sistemas puramente semióticos, como os gestos de educação, e há os que são puramente semânticos, como a pintura. Esta é puramente semântica por não ser constituída por signos: não há uma forma constante para veicular sentidos diversos – a forma é tão diversa quanto os sentidos veiculados. Com isso, não se pode afirmar que o que distingue um signo em todo sistema semiológico é o que lhe constitui, já que um sistema semiológico pode ser constituído por aquilo que não é diferencial, pelo que é puramente semântico.

Com relação ao segundo problema, ainda que todo sistema semiológico convertível à língua seja semiótico, a língua é o único sistema semiótico por excelência, dado que ela se articula em duas dimensões: o semiótico e o semântico. Não se pode dizer que a língua seja puramente semiótica ou puramente semântica: ela articula os dois modos ao mesmo tempo. É necessário, pois, fazer a distinção de duas noções:

1) celle de structure formelle sémiotique donnée par les notions de “signe” et de “système de signes”; 2) celle de fonctionnement sémiotique, absente de la conception saussurienne de la langue. Si la langue peut être un interprétant général, c’est qu’elle n’est pas seulement un système où l’on manipule des signes. C’est le seul système dans lequel on puisse former des phrases. (BENVENISTE, 2012, p. 143)⁸⁷

⁸⁵ Cf. BENVENISTE., 2102, p. 143.

⁸⁶ SAUSSURE, 1964, p. 168, grifos nossos: “na língua, *como em todo sistema semiológico*, o que distingue um signo, eis aí tudo o que o constitui”.

⁸⁷ “1) a de estrutura formal semiótica dada pelas noções de ‘signo’ e de ‘sistema de signos’; 2) a de funcionamento semiótico, ausente na concepção saussuriana de língua. O fato de a língua poder ser um

Com essa citação, podemos ver que os sistemas convertíveis à língua podem ser ditos semióticos porque têm uma estrutura semiótica e que a língua está em primazia com relação a eles porque, além de estrutura semiótica, ela possui um funcionamento semiótico. Observemos, pois, que um sistema semiológico pode ter ou não uma estrutura semiótica. Com isso, a noção de sistema não se confunde com a de estrutura: (i) no campo maior da Semiologia, há sistemas com estrutura e outros sem estrutura e (ii) no campo da Linguística, toda língua é um sistema, mas cada língua particular apresenta uma estrutura específica.

Na Semiologia, um sistema possuir uma estrutura implica ele ser constituído de signos. Desse modo, os sistemas puramente semânticos como a pintura não possuem estrutura, ao passo que os sistemas semióticos possuem estrutura.

Na Linguística, cada língua particular ter uma estrutura implica a língua enquanto sistema poder produzir relações e oposições particulares em cada língua. Este é o princípio estrutural da língua⁸⁸: o sistema produz estruturas. Isso significa dizer que o sistema linguístico, dependendo da cultura em que está inserido, faz com que os signos se relacionem de maneira diferente, portanto, gerando estruturas diferentes. Por cultura, compreendemos “*le milieu humain, tout ce qui, par delà l’accomplissement des fonctions biologiques, donne à la vie et à l’activité humaines forme, sens et contenu*”⁸⁹. Como a cultura é a causa dessa produção de estruturas, o fato de a língua possuir o modo semântico fá-la um sistema tão complexo que comporta várias estruturas distintas, os diferentes idiomas do mundo.

Tomemos, pois, a comunicação animal para compreender mais alguns aspectos semiológicos envolvidos na significação, a partir do texto de Benveniste *Communication animale et langage humain*. A esse respeito, Benveniste (1966, p. 56) afirma que nenhum animal possui nem ao menos rudimentos de linguagem, uma vez que não há as condições fundamentais para uma comunicação propriamente linguística entre eles.

As abelhas, entretanto, mostrar-se-iam como uma exceção, uma vez que são capazes de avisar às suas colegas que encontraram comida e onde a encontraram. Os tipos de dança que possuem - a dança em círculos e a dança em oito - demonstram a distância que a comida está da colmeia e sua direção. Isso, então, poderia fazer pensar na possibilidade da existência de linguagem animal, uma vez que elas estabelecem uma convenção para essas distâncias, por

interpretante geral se dá por ela não ser meramente um sistema em que se manipulam signos. É o único sistema no qual se pode formar frases”.

⁸⁸ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 55.

⁸⁹ Ibid., p. 30: “o *meio humano*, tudo o que, para além da realização das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo”.

exemplo, fazem dez danças em oito, quando a comida está a cem metros de distância; sete danças, para duzentos metros; e duas danças, para seis quilômetros. Com isso,

Les abeilles apparaissent capables de produire et de comprendre un véritable message, qui enferme plusieurs données. Elles peuvent donc enregistrer des relations de position et de distance; elles peuvent les conserver en “mémoire”; elles peuvent les communiquer en les symbolisant par divers comportements somatiques. (BENVENISTE, 1966, p. 59)⁹⁰

Temos aí, então, um simbolismo rudimentar, já que as abelhas conseguem utilizar “signos”, as danças, para representar a realidade – a fonte da comida, sua distância e sua direção. Apesar de todas essas semelhanças com a linguagem humana, não se pode considerá-la como linguagem por dois motivos: (i) as abelhas não falam e não existe linguagem sem voz⁹¹, uma vez que, sendo o significante uma imagem acústica, só é possível reter na memória essa imagem se ela for ouvida antes pela voz de um outro; (ii) sendo gestual, ela não acontece não escuridão – sendo “vocal”, a linguagem humana não conhece esse obstáculo; (iii) esses gestos não incitam resposta; portanto, não há diálogo, condição fundamental da linguagem humana; (iv) seu conteúdo é limitado, já a da linguagem é ilimitado; (v) os “signos” das abelhas têm referência direta com a coisa no mundo; na linguagem humana, essa referência é indireta e, portanto, falha; (vi) não é possível decompor os “enunciados” das abelhas em elementos distintivos.

Portanto, os animais se comunicam não via linguagem, mas por meio de um código de sinais. Com isso, podemos concluir que há dois tipos de comunicação: a humana, que se dá via signos, simbolismo por excelência, e a animal, que se dá por sinais, simbolismo rudimentar. Sobre a diferença entre signos e sinais, é necessário compreender a faculdade de simbolizar, que é “la faculté de représenter le réel par un ‘signe’ et de comprendre le ‘signe’ comme représentant le réel, donc d’établir un rapport de ‘signification’ entre quelque chose et quelque chose d’autre”⁹². Essa faculdade simbolizante do signo está para a língua porque o homem, desde a mais tenra idade, aprende a diferenciar o conceito e a coisa, esta que serve apenas como um exemplar.

Consequentemente, há dois tipos de símbolo, os sinais e os signos. Nos humanos, o signo tem uma função representativa. Os animais não conseguem compreender signos, mas

⁹⁰ “As abelhas parecem capazes de produzir e de compreender uma mensagem em si, que engloba vários dados. Elas podem, então, registrar as relações de posição e de distância; elas podem conservá-las em ‘memória’; elas podem comunicá-las simbolizando-as por diversos comportamentos somáticos”.

⁹¹ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 60.

⁹² Ibid., p. 26: “a faculdade de representar o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representando o real, então, de estabelecer uma relação de significação entre uma coisa e outra”.

apenas responder automaticamente a sinais, que possuem uma função sensório-motora. Sendo o sinal natural ou convencional, ele não representa a coisa, ou seja, não nomeia por meio de um símbolo, apenas adverte univocamente a existência da coisa, por exemplo, o sino que anuncia a refeição. Não existe, pois, homem sem a faculdade simbolizante: o homem só é homem porque simboliza o mundo. O macaco, por mais próximo que esteja do homem, não é homem, uma vez que se comunica por sinais e o sinal é um simples reflexo do mundo; o símbolo, no homem, é uma re-presentação da coisa.

Todos os instrumentos de transmissão imitam a linguagem, não o contrário, porque “le langage est dans la nature de l’homme, qui ne l’a pas fabriqué”⁹³. O homem fabricou instrumentos de transmissão, tais como a Internet, que não está na natureza, mas não criou a linguagem porque ela faz parte de sua natureza mesma. Consequentemente, se a linguagem faz parte da natureza do homem e este criou instrumentos de transmissão, estes imitam o que está na natureza do homem, ou seja, a linguagem. Não é a linguagem que imita esses instrumentos de transmissão.

Se a linguagem os imitasse, ela não estaria na natureza própria do homem. Este a teria inventado um dia. Como invenção, ela teria uma data de fabricação, um dia de origem. Antes desse dia, então, o homem viveria sem a linguagem. Para Benveniste, isso é uma imaginação ingênua, pura ficção. A linguagem não tem uma origem. E isso já está atestado em Saussure (1964, p. 295-296) como um tipo de confusão grosseira:

On peut d’abord penser à l’origine première, au point de départ d’une langue; mais le plus simple raisonnement montre qu’il n’y en a aucune à laquelle on puisse assigner un âge, parce que n’importe laquelle est la continuation de ce qui se parlait avant elle. Il n’en est pas du langage comme de l’humanité : la continuité absolue de son développement empêche d’y distinguer des générations, et Gaston Paris s’élevait avec raison contre la conception de langues filles et de langues mères, parce qu’elle suppose des interruptions. Ce n’est donc pas dans ce sens qu’on peut dire qu’une langue est plus vieille qu’une autre. (SAUSSURE, 1964, p. 295-296)⁹⁴

A noção de origem, além de implicar a existência de homens sem linguagem, também implica a existência de língua-mãe e de línguas-filhas. Ora, se há as línguas que geram e as línguas que são geradas, a interrupção é colocada em evidência, na medida em que seria

⁹³ Ibid., p. 259: “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”.

⁹⁴ “Podemos, então, pensar na origem primeira, no ponto de partida de uma língua. Mas o raciocínio mais simples mostra que não há na língua nada em que se possa atribuir uma idade, já que qualquer língua poderia ser a continuação do que se falava antes dela. Não ocorre o mesmo na linguagem como na humanidade: a continuidade absoluta de seu desenvolvimento impede de distinguir as gerações da língua, e Gaston Paris opôs-se com razão contra a concepção de línguas-filhas e de línguas-mães, uma vez que supõem interrupções. Não é, pois, nesse sentido que se pode dizer que uma língua é mais velha que outra”.

possível dizer, por exemplo, quando terminou o latim e quando começou o português. Na verdade, o que temos é uma continuidade sem fim, uma continuidade de sincronias que se estendem pela diacronia. É por esse motivo que Bortolanza (2011, p. 1808) insiste no fato de o latim não ter morrido, pois o latim está nas línguas neolatinas, ainda que com a estrutura sintática modificada. O que há é uma convenção de, a partir da sincronia de uma determinada época, estabelecer-se dar outro nome para uma dada língua, cujos aspectos estruturais tenham sofrido uma transformação. Consequentemente, o homem nunca viveu sem a linguagem. Não existe uma época humana pré-linguagem:

Nous n'atteignons jamais l'homme séparé du langage et nous ne le voyons jamais l'inventant. Nous n'atteignons jamais l'homme réduit à lui-même et s'ingéniant à concevoir l'existence de l'autre. C'est un homme parlant que nous trouvons dans le monde, un homme parlant à un autre homme, et le langage enseigne sa définition même de l'homme (BENVENISTE, 1966, p. 259).⁹⁵

Além disso, as quatro propriedades fundamentais da linguagem impedem que ela sirva apenas de instrumento, a saber: sua natureza imaterial, seu funcionamento simbólico, seu agenciamento articulado e o fato de veicular conteúdos⁹⁶. Assim sendo, a linguagem, por ser simbólica, é imaterial, e serve de intermediário para articular um conteúdo que, segundo Benveniste, é o sentido, o qual não é um conteúdo que está localizado na língua, mas que se produz relacionalmente na alocação.

É importante salientar que “imaterial” não implica necessariamente “abstrato”. A língua é imaterial no sentido de não ter existência palpável, que possa ser tocada. Mas, de qualquer forma, ela tem existência; a língua é real. Por isso, é concreta, apesar de essa concretude ser imaterial. O próprio Saussure justificava sua concretude pelo fato de existir no cérebro dos locutores:

La langue n'est pas moins que la parole un objet de nature concrète, et c'est un grand avantage pour l'étude. Les signes linguistiques, pour être essentiellement psychiques, ne sont pas des abstractions; les associations ratifiées par le consentement collectif, et dont l'ensemble constitue la langue, sont des réalités qui ont leur siège dans le cerveau. En outre, les signes de la langue sont pour ainsi dire tangibles (SAUSSURE, 1964, p. 32).⁹⁷

⁹⁵ “nunca chegamos ao homem separado da linguagem e nunca o vemos inventando-a. Nunca chegamos ao homem reduzido a ele mesmo e se esforçando para conceber a existência do outro. É um homem que fala que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a língua ensina sua definição própria de homem”.

⁹⁶ BENVENISTE, 1966, p. 259.

⁹⁷ “a língua não é menos que a oralidade um objeto de natureza concreta e é uma grande vantagem para o estudo. Os signos linguísticos, por serem essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações ratificadas pelo

Os signos são “pour ainsi dire tangibles”, o que deveria ser mais adequadamente lido como algo concreto, que pode ser constatado como existente, do que algo que possa ser tocado. O funcionamento simbólico da língua, ou seja, seu funcionamento via signos, então, engendra a sua própria concretude: os signos são concretos, então, a língua existe. A partir de todas essas informações, poderíamos fazer o seguinte esquema:

Quadro 1 – Sistema de signos e sistemas de sinais.

	Sistema de signos linguísticos	Sistemas de sinais
Tipo de simbolismo	Simbolismo por excelência	Simbolismo rudimentar
Função	Representativa	Sensório-motora
Modo de realização	Vocal	Gestual, imagético ou audível
Unidades elementares	Signos	Sinais
Propriedades	Dialógica	Não-necessariamente dialógica
	Representação indireta	Imitação direta
	Conteúdo ilimitado	Conteúdo limitado
	Decomponível em elementos distintivos	Não-decomponível em elementos distintivos

Fonte: A autora.

Por ser dialógica, a língua pode ser compreendida como um instrumento de comunicação⁹⁸ na medida em que é uma forma que permite a intersubjetividade, ou seja, o fato de o eu se constituir pelo tu, não na medida em que apenas serve para etiquetar as coisas no mundo. Entrementes, sistemas semiológicos como o dos animais nem ao menos são instrumento, já que não permitem a nomeação:

On dit souvent que l’animal dressé comprend la parole humaine. En réalité l’animal obéit à la parole parce qu’il a été dressé à la reconnaître comme signal ; mais il ne saura jamais l’interpréter comme symbole. Pour la même raison, l’animal *exprime* ses émotions, il ne peut les *dénommer*. (BENVENISTE, 1969, p. 27)⁹⁹

Nomear implica representar, não etiquetar. Dessa maneira, os animais não conseguem representar suas emoções, o mundo. Enfim, se o conseguissem, não seriam animais, seriam homens. Desse modo, o signo, não o sinal, faz uma representação indireta do mundo, ou seja, o signo é a imagem de alguma coisa do mundo. Entretanto, para que haja essa imagem, é

consenso coletivo e cujo conjunto constitui a língua são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis”.

⁹⁸ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 97.

⁹⁹ “Diz-se geralmente que o animal domesticado compreende a fala humana. Na verdade, o animal obedece à fala porque ele foi domesticado a reconhecê-la como sinal, mas ele jamais saberia interpretá-la como símbolo. Pela mesma razão, o animal *exprime* suas emoções, ele não pode *denominá-las*”.

necessário que haja homens que a façam. Cada homem, sendo único e, portanto, diferente dos outros, a nomeação também se difere, o que produz a falha. Já o sinal é uma imitação do mundo, seu decalque.

Por ser indireto, o signo pode veicular uma infinidade de sentidos com uma finidade de formas, ao passo que o sinal, por ser direto, veicula um conteúdo finito, por esse conteúdo se confundir com a própria forma que o veicula, o sinal. Para cada sinal, há um conteúdo. Todavia, para cada signo, pode haver vários conteúdos. A consequência básica disso é que não há como decompor um sistema de sinais em elementos distintivos, já que, estando um sinal para um conteúdo, eles já são dados *a priori*. Na língua, ao contrário, como sua delimitação não é dada *a priori*, ela pode ser decomponível em elementos distintivos.

Consequentemente, a língua é o único sistema significativo que possui um duplo aspecto: o aspecto material, o de se realizar por meio de uma matéria fônica, e o aspecto psíquico, o de, a partir dessa matéria fônica, poder constituir-se em uma cadeia acústica, isto é, uma imagem que representa esse aspecto material¹⁰⁰. Ser vocal, pois, implica ser um sistema de signos e tudo o que essa noção de sistema acarreta, como mostrado no quadro acima.

Com isso, não se exclui a escrita, apenas se apresenta uma das causas de a língua ser um sistema de signos: o ser vocal, a oralidade, é que permite que a língua o seja. A escrita, não sendo a causa de existência da língua, é um sistema semiótico que representa outro sistema semiótico, a língua mesma, não a oralidade:

Si on pose que l'écriture est en soi et pour soi un système sémiotique, il faut en tirer les conséquences. La graphie "*représente*" la phone, tel est le principe. Donc rien ne peut et ne doit faire obstacle à cette représentation ni l'interpréter autrement qu'elle l'admet en soi. Il faut ici garder l'écriture comme établissant une relation réversible biunivoque entre deux termes et deux seulement: *graphie* \leftrightarrow *phone*. (BENVENISTE, 2012, p. 92)¹⁰¹

A língua representa o mundo. A escrita, ao seu turno, representa a língua, porque é uma invenção do homem. Por isso ela é um paralelo da língua: também é um sistema semiótico, o que tem duas consequências: (i) univocidade entre grafema e fone e (ii) equivocidade entre signo e palavra.

¹⁰⁰ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 28.

¹⁰¹ "Se colocamos que a escrita é em si e por si um sistema semiótico, faz-se necessário tirar as consequências disso. O grafema 'representa' o fone: esse é o princípio. Então, nada pode nem deve servir de obstáculo a essa representação nem a interpretar de outra maneira que não aquela que ela admite em si. É necessário aqui tomar a escrita como estabelecendo uma relação reversível biunívoca entre dois termos e somente dois: *grafema* \leftrightarrow *fone*.

No modo semiótico da língua, o signo é escrito pelo grafema ESPERANÇA que representa univocamente o fone [e.s.p.e.r.a.n.ç.a]. Isso porque cada signo gráfico de E-S-P-E-R-A-N-Ç-A é representado por um e apenas um signo fônico [e.s.p.e.r.a.n.ç.a]¹⁰², por isso, a univocidade entre grafema e fone. Quando esse signo “sai” do modo semiótico e “entra” para o modo semântico pela ação de um locutor lê-lo, o grafema ESPERANÇA passa a ser representado equivocadamente ou pela fonia [ispe’rãsa] ou por [espe’raNsa], supondo, nesse último caso, por exemplo, um brasileiro descendente de italianos lendo essa palavra. Desse modo, a relação entre grafema e fonia é equívoca porque depende das relações de sentido de cada locutor. No modo semântico, já não se tem certeza de nada. Por isso, a equivocidade entre signo e palavra.

Supondo que o grafema ESPERANÇA fosse lido em voz alta, não se poderia dizer nem que a oralidade estivesse representando a escrita, muito menos a língua. A oralidade não representa a língua: ela é a condição de existência da língua. A esse respeito, Saussure (1964, p. 154) afirma que “il est impossible que le son, élément matériel, appartienne par lui-même à la langue. Il n’est pour elle qu’une chose secondaire, une matière qu’elle met en oeuvre”¹⁰³. A oralidade (ou o som, não podendo ser confundido com o significante) é apenas uma matéria que a língua emprega de maneira ordenada, linear. Consequentemente, geralmente se coloca a oralidade em paralelo com a escrita, mas elas não estão em paralelo: enquanto a primeira é apenas uma materialidade, a segunda é um sistema semiótico.

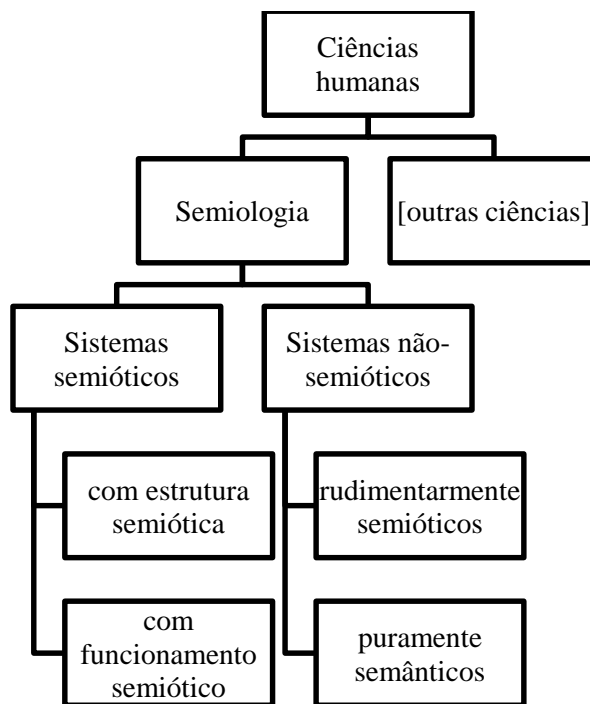
Consequentemente, o fato de a língua possuir um duplo aspecto – o psíquico, o de significar, e o material, o de se realizar por meios vocais – leva a duas consequências. O primeiro aspecto é o que caracteriza a significação, a atividade da língua de interação mútua entre forma e sentido, e o segundo aspecto é o que caracteriza a realização da significação, a comunicação, de modo que possa haver transmissibilidade entre os locutores. Disso, resulta que a língua é um sistema de signos, ou seja, se não fosse a significação e a comunicação, não haveria língua. Por isso, Benveniste afirma que “une des thèses majeures de Saussure est que la langue forme une branche d’une sémiologie générale”¹⁰⁴. Sendo a Linguística um ramo do estudo da Semiologia, como afirma Saussure, poderíamos localizar o problema da significação no seguinte esquema:

¹⁰² Cf. BENVENISTE, 2012, p. 92.

¹⁰³ “é impossível que o som, elemento material, pertença ele mesmo à língua. Ele é apenas algo secundário para a língua, uma matéria de que ela faz uso”.

¹⁰⁴ BENVENISTE, 1974, p. 220: “uma das maiores teses de Saussure é que a língua forma um ramo da Semiologia Geral”.

Figura 2 – A significação na Semiologia.



Fonte: A autora.

Dentre as várias ciências das ditas ciências humanas, a Semiologia é uma delas. Seu objeto de estudo são os sistemas semiológicos, que podem ser semióticos ou não. Os sistemas semióticos são aqueles que possuem uma estrutura parecida com a da língua, isto é, são compostos por entidades relativo-opositivas, e os sistemas não-semióticos não possuem estrutura.

Nesse sentido, poderíamos dizer que há quatro tipos de sistemas semiológicos: (i) os sistemas puramente semânticos, sem estrutura semiótica; (ii) os sistemas rudimentarmente semióticos, constituídos por sinais, possuindo uma estrutura rudimentar; (iii) os sistemas puramente semióticos, os quais, sendo constituídos por signos, possuem apenas estrutura semiótica e podem ser convertíveis à língua e (iv) o único sistema com funcionamento semiótico, a língua.

3. A SIGNIFICAÇÃO NA LINGÜÍSTICA

Benveniste compartilha com Saussure o postulado de que a língua é um sistema de signos, noção de signo esta que integra, no estudo da língua, a noção de significação¹⁰⁵. Isso

¹⁰⁵ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 220.

porque a noção de signo introduz o fato de que a língua é um sistema semiótico, ou seja, um sistema que significa. Mas a língua não é apenas isso, já que, como dito anteriormente, ela possui um duplo aspecto: o de significar e o de se realizar por meios vocais.

Esse duplo aspecto motivou Benveniste a afirmar que: “il nous incombe donc d’essayer d’aller au-delà du point où Saussure s’est arrêté dans l’analyse de la langue comme système signifiant”¹⁰⁶. Com isso julgamos poder entender não que ele quisesse ultrapassar Saussure, mas desenvolver seu pensamento, levando-o a outros caminhos e fazendo outras reflexões sobre a linguagem e seu funcionamento. Como Benveniste (1966, p. 33) afirma que “Saussure est d’abord et toujours l’homme des fondements”, ele continua Saussure, não no sentido de que este tivesse feito algo insuficiente que precisasse ser melhorado, mas no sentido de que, como Saussure fornece fundamentos seguros e coerentes, algumas questões, por terem ficado inacabadas, precisavam ser expandidas. Desenvolvendo-o, Benveniste produz as noções de estrutura semiótica e de funcionamento semiótico.

Assim, possuir uma estrutura semiótica significa possuir dois tipos de disposição interna: a de relação e a de oposição, já que os sistemas semióticos, ou seja, os que possuem estrutura, são constituídos de entidades relativo-opositivas. Há, pois, três tipos de relação¹⁰⁷: (i) o engendramento, que é a possibilidade de, entre sistemas distintos, mas contemporâneos, haver aquele que é gerador e aquele que é gerado; (ii) a homologia, que é a possibilidade de haver correlação entre os elementos de sistemas distintos e extemporâneos; (iii) a interpretância, que é a possibilidade de um sistema interpretar e compreender um outro.

No que se refere à oposição, há dois tipos: a diferença e a distinção. A diferença, segundo Saussure (1964, p. 166), é o fato de os caracteres que formam cada entidade, tomados à parte, diferirem no e pelo sistema que lhes é próprio, ou seja, para formar uma entidade, seus caracteres (por exemplo, o significante e o significado tomados separadamente) não existem antes do sistema: eles só existem por causa do sistema e este por causa deles; por esse motivo, esses caracteres estão constantemente negando-se, constituindo-se pelo que os outros não são.

Na distinção, como em nenhum sistema semiótico há apenas diferença e negação, os seus caracteres se unem para formar uma entidade. Havendo a entidade, há uma certa positividade, possibilitando que um *um* se diferencie de outro *um* em sua “totalidade”. Dizemos “certa” positividade, já que, como ela deriva da diferença, que é negativa, ela só

¹⁰⁶ Ibid., loc. cit: “isso nos incumbe de tentar ir além do ponto em que Saussure parou na análise da língua como sistema signifiante”.

¹⁰⁷ Cf. BENVENISTE, 2012, p. 143.

existe no e pelo sistema que lhe constitui. Portanto, esse *um* da unidade semiótica nunca é anterior ao sistema nem homogêneo e transparente. Muito bem exemplifica esse fato a afirmação de Benveniste, sobre mais especificamente o sistema semiótico linguístico, que “le signe est discontinu”¹⁰⁸. Ora, algo que é descontínuo não pode ser homogêneo ou transparente. O signo é heterogêneo porque um significante sempre pode se relacionar com outro significado e vice-versa. É equívoco porque essa heterogeneidade faz com que ele possibilite sentidos outros. Entretanto, disso não se pode tirar que ele não seja unívoco, já que, quando, da negação, surge a positividade, haverá um e apenas um significante para um significado e vice-versa. Desse modo, vemos que o fato de a positividade advir da negação faz com que o signo seja unívoco e equívoco ao mesmo tempo. É por isso que o signo é descontínuo: ele se torna *um* pela falha, pela interrupção.

O fato de a diferença estar para a negação e a distinção estar para a positividade e esta derivar daquela não é algo muito simples de se compreender, tanto que Benveniste, no décimo parágrafo de *La forme*, afirma que o fato de a língua formar parte da Semiologia foi ao mesmo tempo o infortúnio e a glória de Saussure, uma vez que o fez descobrir o princípio da Semiologia meio século antes de seu tempo¹⁰⁹. Glória, porque nos abre hoje a visão de como a língua, como sistema semiológico, funciona. Infortúnio, porque demoramos mais de meio século para compreendermos o que significa o signo ser positivo e negativo ao mesmo tempo, ou seja, como ele funciona como sistema semiótico: o que difere o signo pela negação é o que o constitui na positividade.

Desse modo, no oitavo parágrafo de *La forme*, Benveniste assevera não se poder tomar a noção de signo inocentemente:

Il faut d’abord comprendre tout ce qu’implique quant aux notions qui nous occupent ici – notion de sens et donc aussi notion de forme – la doctrine saussurienne du signe. On ne peut assez s’étonner de voir tant d’auteurs manipuler innocentement ce terme de “signe” sans discerner ce qu’il recèle de contrainte pour qui l’adopte et à quoi il l’engage désormais. Dire que le langage est fait de signes, c’est dire d’abord que *le signe est l’unité sémiotique*. (BENVENISTE, 1974, p. 219)¹¹⁰

¹⁰⁸ Ibid., p. 142: “o signo é descontínuo”.

¹⁰⁹ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 220.

¹¹⁰ “É necessário compreender, primeiro, tudo o que a doutrina saussuriana do signo implica quanto às noções das quais nos ocupamos aqui – tanto noção de sentido quanto de forma. Pode-se com frequência pasmar-se de ver tantos autores manipularem inocentemente o termo ‘signo’ sem discernir o que ele contém de restrição para aquele que o adota e a que ele se engaja doravante. Dizer que a linguagem é feita de signos é dizer primeiramente que *o signo é a unidade semiótica*”.

É de Saussure que Benveniste retira as implicações das noções de forma e sentido. Assim sendo, no item quatro do primeiro capítulo desta dissertação, para explicar a noção de forma em Benveniste, tomamos os conceitos de Saussure: forma, em Benveniste, são tanto as entidades, elementos linguísticos não-delimitados, quanto as unidades, elementos linguísticos funcionando em um modo e em um nível linguístico específico. Dessa maneira, julgamos que unidade aqui não deveria ser compreendida como aquilo que é homogêneo, mas como “*élément de base d'un ensemble de caractère structuré*”¹¹¹, ou seja, o signo é unidade semiótica, na medida em que ele é o elemento de base do modo semiótico da língua. Quando a entidade passa a funcionar no modo semiótico, ela pode ser tida como um signo:

Or l'unité particulière qu'est le signe a pour critère une limite inférieure: cette limite est celle de *signification*; nous ne pouvons descendre au-dessous du signe sans porter atteinte à la signification. L'unité, dirons-nous, sera l'entité libre, minimale dans son ordre, non décomposable en une unité inférieure qui soit elle-même un signe libre. Est donc signe l'unité ainsi définie, relevant de la considération sémiotique de la langue. (BENVENISTE, 1974, p. 220)¹¹²

O signo é a entidade livre que emerge do modo semiótico da língua. Entidade livre porque já delimitada, isto é, já reconhecida “por si mesma” pelo locutor. Assim sendo, o fato de ela ser “delimitada” pelo sentido não significa que ela funcione num sistema fechado, como acontece com as unidades do mundo físico, que estão para o contínuo e o homogêneo, mas que ela permite ser distinguida de outras unidades na cadeia da fala pelo locutor com o recurso do sentido. Isso significa que, embora discreta, essa entidade livre está para o descontínuo e o heterogêneo, dado que a linguagem não emerge do mundo físico, não sendo contínua nem homogênea, mas descontínua e discrepante.

Além de permitir ser segmentada, a língua é um sistema de entidade livres porque essas podem se relacionar “livremente” com outras, agrupando-se em níveis cada vez mais superiores até chegar à frase. Entretanto, há que se atentar para o fato de que, ainda que haja essa “liberdade”, já que o sistema linguístico é relacional e não fechado, há um limite. Esse limite é a significação, ou seja, como as formas da língua se relacionam ao sentido,

¹¹¹ UNITÉ. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “elemento de base de um conjunto de caráter estruturado”.

¹¹² “Ora, a unidade própria que é o signo tem por critério um limite inferior: esse limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem nos atermos à significação. A unidade, diríamos, será a entidade livre, mínima na sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. O signo é, então, a unidade assim definida, emergindo da consideração semiótica da língua”.

produzindo significância para permitir a transmissibilidade, chega-se à unidade mínima da língua quando se chega ao limite de segmentação que o sentido permite.

No décimo parágrafo de *La forme*, Benveniste (1974, p. 220) afirma que o signo é uma entidade bilateral por natureza. Para compreender esse “por natureza”, precisaremos recorrer aos conhecimentos do seu artigo *La nature du signe linguistique*. Esse artigo apresenta o princípio estrutural da língua, enunciado como o aspecto absoluto do signo que preceitua a necessidade dialética dos valores em constante oposição¹¹³, isto é, o princípio estrutural da língua é de que o signo é relacional.

No começo deste item, vimos mais detidamente como a oposição funciona na língua. Agora, é necessário compreender melhor o funcionamento da relação. Para isso, as implicações da teorização de Saussure sobre a arbitrariedade do signo devem ser consideradas. Assim sendo, segundo Benveniste (1966, p. 50), o conceito de arbitrariedade do signo tem que ser coerente com a obra de Saussure como um todo, não podendo haver contradição da definição que ele dá ao signo e à explicação de sua natureza fundamental. Para defini-lo, Saussure diz: “le signe linguistique unit non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique”¹¹⁴. Aqui ele deixa claro que a língua não é nomenclatura, não sendo um conjunto de nomes que se relacionam com coisas, mas forma, ou melhor, sistema de conceitos, significados, que se relacionam com imagens acústicas, significantes.

Por essa definição, pode-se dizer, então, que o significante é a imagem acústica do nome, ao passo que não se pode afirmar o mesmo com relação ao significado e à coisa, já que o significado não é a imagem conceitual da coisa. O signo tem relação com o nome na medida em que este fornece o som físico que permite a sua impressão psíquica¹¹⁵, o significante. Entretanto, o signo não tem relação com a coisa. Temos aí, então, uma lacuna: o que seria o significado? Se não é imagem conceitual da coisa, é imagem de quê? Para depreender o que seria o significado, é necessário fazê-lo inferindo sua definição a partir da explicação que Saussure faz quanto à natureza do signo.

A esse respeito, Benveniste afirma que Saussure toma a arbitrariedade do signo como emanando do fato de que ele não tenha “aucune attache naturelle dans la réalité”¹¹⁶. Como muito bem nos mostra Benveniste, esse dizer de Saussure não trata apenas dos dois elementos, significante e significado, como também de um terceiro elemento, a realidade, ou

¹¹³ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 55.

¹¹⁴ SAUSSURE, 1964, p. 98: “o signo linguístico não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”.

¹¹⁵ Cf. Ibid., loc. cit.

¹¹⁶ BENVENISTE, 1966, p. 50: “nenhuma relação natural com a realidade”.

ainda, o objeto no mundo. Isso porque Saussure está tomando aí significado como objeto no mundo. Benveniste nos mostra, pois, que a arbitrariedade não está para o signo, mas para o sentido que ele veicula. O que é arbitrário não é o fato de tal significante se correlacionar com tal significado, mas com a referência que certo signo tenha com uma coisa no mundo.

Ele explica, pois, que há um problema no pensamento saussuriano: “en réalité Saussure pense toujours, quoiqu’il parle d’*idée*’, à la représentation de l’*objet réel* et au caractère évidemment non nécessaire, immotivé, du lien qui unit le signe à la chose signifiée”¹¹⁷ - quando diz que determinado significante se relaciona com determinado significado, geralmente, essa ideia de “significado” está relacionada à ideia de “objeto no mundo” e não de “conceito genérico”.

Por haver esse equívoco, Saussure postula o fato de o signo ser arbitrário. No entanto, Benveniste comprova que o signo não pode ser arbitrário, uma vez que, sendo “significado” conceito genérico, ou seja, derivado do funcionamento da oposição semiótica, e não objeto no mundo, há uma necessidade (e não arbitrariedade) imanente na língua de certo significado relacionar-se com certo significante, já que a língua não é um conglomerado de conceitos genéricos e sons emitidos ao acaso: um significante sempre será o correlato fônico de um conceito e um significado sempre será um correlato mental de um significante¹¹⁸. Assim, temos que um conceito genérico, inexoravelmente, estará relacionado a uma imagem acústica. Daí vem o motivo de Benveniste sustentar a tese de que a arbitrariedade não está para a ordem do signo, mas para o modo semântico, uma vez que a referência entre signo e realidade (objeto simbolizado do e no mundo) é que se torna arbitrária.

Nesse sentido, ele nos prova que, como a união entre significante e significado é necessária, a união entre signo e objeto simbolizado é arbitrária. O signo é imotivado porque não tem relação natural nenhuma com a realidade, ou seja, com o objeto no mundo. Consequentemente, a arbitrariedade, em Saussure, está para o funcionamento do significado no modo semântico, o qual é específico de um sistema linguístico, não ao funcionamento do significado no modo semiótico, que é constitutivo de *todo* sistema linguístico.

Desse modo, há por consequência a questão de a língua ser forma e não substância: se fosse substância, a realidade interferiria na ordem própria da língua. Como não interfere, a língua é forma¹¹⁹. Tendo a língua sua ordem própria, a explicação da natureza do signo não

¹¹⁷ BENVENISTE, 1966, p. 54: “na verdade, Saussure pensa sempre, embora ele fale de ‘ideia’, na representação do *objeto real* e no caráter evidentemente não necessário, imotivado, da ligação que une um signo a algo significado”.

¹¹⁸ Cf. Ibid., p. 51.

¹¹⁹ Cf. Id., 1974, p. 50.

deve entrar em contradição com o que o próprio Saussure afirma quando da explicação do valor linguístico:

La langue est encore comparable à une feuille de papier: la pensée est le recto et le son le verso ; on ne peut découper en même temps le verso; de même dans la langue, on ne saurait isoler ni le son de la pensée, ni la pensée du son; on n’y arriverait que par une abstraction dont le résultat serait de faire de la psychologie pure ou de la phonologie pure. (SAUSSURE, 1964, p. 157)¹²⁰

Como não é possível separar significado de significante, sua união é necessária: os dois evocam-se juntos necessariamente. Nesse sentido, Benveniste afirma que:

Si le signe pris en soi n’est pas arbitraire, comme on pense l’avoir montré, il s’ensuit que le caractère “relatif” de la valeur ne peut dépendre de la nature “arbitraire” du signe. Puisqu’il faut faire abstraction de la convenance du signe à la réalité, à plus forte raison doit-on ne considérer la valeur que comme un attribut de la *forme*, non de la substance. Dès lors dire que les valeurs sont “relatives” signifie qu’elles sont relatives *les unes aux autres*. (BENVENISTE, 1966, p. 54)¹²¹

Isso significa dizer que o significado é imanente porque está inseparavelmente relacionado ao significante. Estando inseparavelmente relacionado com o significante, esse significado só se diferencia de outros significados porque está necessariamente relacionado a outros significados no sistema, daí a oposição negativa, ou seja, a atividade de um significado se diferenciar de outro significado e de um significante se diferenciar de outro significante. Estando relacionado aos outros significados do sistema e sendo a união entre significante e significado necessária, na verdade, temos que um signo está necessariamente relacionado a outros signos, daí a oposição positiva, ou seja, o fato de o signo ser *um* e se diferenciar de outros signos por causa da negação. A consequência disso é que imanência implica relação, isto é, o funcionamento dos dois tipos de oposição: a diferença (negação) e a distinção (positividade). O significado do signo é imanente porque é relacional. Consequentemente, o

¹²⁰ “a língua é ainda comparável a uma folha de papel: o pensamento é a frente e o som, o verso; não se pode cortar o verso ao mesmo tempo. É o mesmo na língua: não é possível isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som. Apenas se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer a Psicologia pura ou a Fonologia pura”.

¹²¹ “Se o signo tomado em si mesmo não é arbitrário, como pensamos tê-lo mostrado, segue-se que o caráter ‘relativo’ do valor não pode depender da natureza ‘arbitrária’ do signo. Isso porque é necessário fazer abstração das propriedades do signo com relação à realidade, pelo forte motivo de que se deve considerar o valor apenas como um atributo da *forma*, não da substância. Disso resulta dizer que os valores são ‘relativos’ significa que eles são relativos *uns com relação aos outros*”.

sistema linguístico não é atômico, mas relacional. Imanência implica relação, não atonicidade.

Por conseguinte, aí se desvela a natureza dupla paradoxal do signo: tanto ocorre da união *necessária* entre significante e significado, isto é, possui uma constituição própria, quanto ocorre da união *arbitrária* entre signo e objeto simbolizado, ou seja, possui uma significância imotivada. Logo, a arbitrariedade está para o modo semântico da língua, ao passo que a união do signo está para o modo semiótico da língua. Portanto, no seu artigo, Benveniste conclui dizendo que há uma imanência, ou melhor, uma necessidade imanente entre imagem acústica (significante) e conceito (significado) pela questão de o valor estar para a ordem dos signos, que estão em constante oposição, não do sentido no modo semântico, que é arbitrário¹²².

Isso posto, temos as seguintes implicações: (i) se o caráter do signo é absoluto, então, a união entre significado e significante é necessária; (ii) se a união entre significado e significante é necessária, então, tanto o significante quanto o significado são imanentes ao sistema, isto é, só existem por causa do sistema; (iii) se são imanentes, o valor de um significante só se dá em diferenciação com outro significante e o mesmo para o significado – oposição negativa; (iv) se assim é, então, o valor de um signo depende do valor de outro signo – oposição positiva; (v) se o seu valor é dependente de outro signo, então, seu valor é relacional; (vi) se seu valor é relacional, ele não depende da arbitrariedade do signo; (vii) se o signo não depende da arbitrariedade, então, a união imotivada entre signo e objeto simbolizado não modifica a ordem própria da língua.

Nesse sentido, só se pode entender o que Saussure quis dizer quando da afirmação de que a língua tem sua ordem própria no sentido de levar em consideração o funcionamento paradoxal do signo: ao mesmo tempo em que ele é imanente porque relacional, ele é arbitrário. A arbitrariedade do signo não modifica a ordem própria da língua. Por isso, o signo é imutável. Entretanto, o signo também é mutável, ou seja, a arbitrariedade do signo pode modificar a ordem própria da língua. Eis aí outro paradoxo: a união necessária entre significante e significado permite a imutabilidade do signo e a união arbitrária entre signo e objeto simbolizado permite a mutabilidade do signo. Portanto, a noção de arbitrariedade não exclui a de necessidade.

¹²² Cf. BENVENISTE, 1966, p. 55.

Sobre isso, Benveniste afirma que o pensamento comparativo da época era de que “de l’universelle dissemblance on conclut à l’universelle contingence”¹²³, isto é, sendo tudo diferente, só poderia haver contingência, arbitrariedade, fazendo com que “l’infinie diversité des attitudes et des jugements amène à considérer que rien apparemment n’est nécessaire”¹²⁴, ou seja, a noção de arbitrariedade aboliria a de necessidade. Contudo, o próprio Saussure deixou clara a necessidade da união entre significante e significado no exemplo da folha de papel. Além do mais, ele o faz quando da definição de significado no CLG:

Des concepts tels que “maison”, “blanc”, “voir”, etc., considérés en eux-mêmes, appartiennent à la psychologie; ils ne deviennent entités linguistiques que par association avec des images acoustiques; dans la langue, un concept est une qualité de la substance phonique, comme une sonorité déterminée est une qualité du concept. (SAUSSURE, 1964, p. 145)¹²⁵

Não se pode pensar, pois, o conceito sem a imagem acústica e vice-versa, com o que o significado é apenas o valor do significante¹²⁶, não podendo comportar a noção de “árvore”, por exemplo. Assim, explicada a questão da estrutura semiótica, passemos, então, ao funcionamento semiótico. Como vimos, a língua está em primazia com relação aos outros sistemas semióticos pelo fato de ela ser o único sistema semiótico por excelência, ou seja, ela é o único sistema que articula, ao mesmo tempo, o modo semiótico e o modo semântico. Isso significa dizer que há uma atividade incessante entre forma e sentido na língua, o que toca o problema da significação.

A língua possuir um funcionamento semiótico implica, pois, dizer que ela é enformada de significação: “la possibilité de la pensée est liée à la faculté de langage, car la langue est une structure informée de signification, et penser, c’est manier les signes de la langue”¹²⁷. Pensamos porque manejamos os signos da língua, que é forma, tendo que ser, portanto, enformada de sentido, o que constitui a significação, para que o homem possa se relacionar ao mundo e aos outros homens no mundo.

Ainda que Saussure não tivesse recorrido mais demoradamente sobre a relação da língua com a realidade, poderíamos dizer que, quando afirma que o significante “est

¹²³ BENVENISTE, 1966, p. 51: “da dessemelhança universal se chega à contingência universal”.

¹²⁴ Ibid., loc.cit: “a diversidade infinita das atitudes e dos julgamentos leve a considerar que nada aparentemente é necessário”.

¹²⁵ “Conceitos como ‘maison’, ‘blanc’, ‘voir’, etc., considerados por eles mesmos, pertencem à Psicologia. Eles só se tornam entidades linguísticas pela associação de imagens acústicas. Na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito”.

¹²⁶ Cf. SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 232.

¹²⁷ BENVENISTE, 1969, p. 74: “a possibilidade do pensamento está ligada à faculdade da linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os signos da língua”.

immotivé, c'est-à-dire arbitraire par rapport au signifié, avec lequel il n'a aucune attache naturelle dans la réalité"¹²⁸, aí já haja uma explicação *elementar* do funcionamento da significação. Ainda no décimo parágrafo de *La forme*, Benveniste diz que:

En traitant du signe linguistique, il [Saussure] a par avance frayé la voie à une description des unités sémiotiques: celles-ci doivent être caractérisées au double point de vue de la forme et du sens, puisque le signe, unité bilatérale par nature, s'offre à la fois comme signifiant et comme signifié. (BENVENISTE, 1974, p. 220)¹²⁹

É de Benveniste, então, que tiramos essa afirmação nossa, já que ele assevera que Saussure, antes de seu tempo, abriu caminhos para a descrição das unidades semióticas vistas tanto a partir da forma como do sentido. Dessa maneira, apesar de ele não ter entrado na questão da análise semântica, os fundamentos que forneceu para a análise semiótica também devem ser vistas a partir do funcionamento semiótico, que tem a ver com a significação.

Benveniste, em outra passagem¹³⁰, diz que a questão do funcionamento semiótico está ausente em Saussure. Assim sendo, o que estamos afirmando aqui é que já haveria uma explicação *elementar* desse funcionamento, pressupostos que, cinquenta anos depois, permitiram que Benveniste fizesse um aprofundamento, estabelecendo postulados e tirando daí suas consequências.

Outra evidência para essa explicação elementar sobre o funcionamento semiótico seria o tão famoso “la langue est un système de signes *exprimant des idées*”¹³¹, em que vemos que a língua é um forma que exprime ideias, isto é, veicula sentido. Além disso, aí já haveria a noção elementar de que a língua re-produz a realidade, ou seja, nós pensamos o mundo a partir das ideias que a língua veicula sobre esse mundo. E como as entidades sempre se apresentam como unidade ao locutor, os sentidos que elas partilham não existem antes da língua. Saussure mesmo afirma que: “il n’y a pas d’idées préétablies, et rien n’est distinct avant l’apparition de la langue”¹³². A distinção semântica entre os elementos da língua só existe no e por esse sistema, e as idéias que esse sistema veicula só são passíveis de serem veiculadas pelo fato de a língua, na sua constante atividade de oposição, enformar-se de significação quando o locutor se apropria dela.

¹²⁸ SAUSSURE, 1964, p. 101: “é imotivado, isto é, arbitrário com relação ao significado, com o qual ele não tem nenhuma ligação natural na realidade”.

¹²⁹ “Tratando do signo linguístico, ele [Saussure], antecipadamente, concedeu passagem a uma descrição das unidades semióticas: estas devem ser caracterizadas sob o duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo, unidade bilateral por natureza, se mostra ao mesmo tempo como signifiante e como significado”.

¹³⁰ Cf. BENVENISTE, 2012, p. 143.

¹³¹ SAUSSURE, 1964, p. 33, itálico nosso: “a língua é um sistema de signos que exprime ideias”.

¹³² Ibid., p. 155: “não há ideias pré-estabelecidas e nada é discreto antes da aparição da língua”.

Assim, retomemos o que asserta Benveniste sobre o funcionamento semiótico: “si la langue peut être un interprétant général, c’est qu’elle n’est pas seulement un système où l’on manipule des signes. C’est le seul système dans lequel on puisse former des phrases”¹³³. O funcionamento semiótico, pois, é o colocar em uso a estrutura semiótica da língua, o sistema de signos. E esse uso não implica simplesmente manipular os signos, mas manejá-los, isto é, servir-se da língua como um instrumento no sentido de enformá-la de significação, ou seja, formar frases com essa estrutura semiótica.

E isso tem a consequência de a formação de frases permitir o funcionamento semiótico, o que leva ao fato de a língua ser uma máquina de produzir sentido e não de etiquetar as coisas do mundo: “si la langue est un instrument de communication ou l’instrument même de la communication, c’est qu’elle est investie de propriétés sémantiques et qu’elle fonctionne comme une machine à produire du sens, en vertu de sa structure même”¹³⁴. Vemos aqui que se pode dizer que a língua é um instrumento de comunicação. Não há problema nessa afirmação, a não ser se ela estiver relacionada ao seu funcionamento semiótico, ou melhor, ao fato de ser caracterizada por possuir o modo semântico e este possibilitar o locutor servir-se da estrutura semiótica para, a partir deste finito, produzir o infinito.

Produzindo o infinito, o locutor dispõe-se do signo como “unité de sens”¹³⁵, deixando este de ser meramente uma entidade, irreconhecível, passando a ser uma unidade que produz efeitos de sentido no locutor. Notemos bem, então, que, embora a união entre significado e significante seja necessária, é na mente do locutor que eles se evocam unidos: “ensemble les deux ont été imprimés dans mon esprit; ensemble ils s’évoquent en toute circonstance”¹³⁶. Isso quer dizer que, como a língua é um sistema que não funciona materialmente, mas apenas mentalmente, as entidades já sempre têm o significante e o significado unidos na mente do locutor. Entretanto, por não terem sido ainda delimitadas, é como se, todavia, não tivessem sido evocadas por ele, como se estivessem funcionando para a ordem do inconsciente, do não-saber. A partir do momento em que o locutor se apropria da língua, essas entidades se evocam, produzindo efeitos de sentido nesse locutor, tornando-se, então, unidades de sentido.

¹³³ BENVENISTE, 2012, p. 143: “O fato de a língua poder ser um interpretante geral se dá por ela não ser meramente um sistema em que se manipulam signos. É o único sistema no qual se pode formar frases”.

¹³⁴ Id., 1974, p. 97: “o fato de a língua ser um instrumento de comunicação ou o instrumento próprio da comunicação se dá por ela ser investida de propriedades semânticas e que ela funciona como uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua estrutura própria”.

¹³⁵ Ibid., loc. cit: “unidade de sentido”.

¹³⁶ BENVENISTE, 1966, p. 51: “juntos os dois foram impressos na minha mente; juntos eles se evocam em qualquer circunstância”.

É de Benveniste que tomamos para nós o termo “efeitos de sentido”: “chaque fois que la parole déploie l’événement, chaque fois le monde recommence”¹³⁷. Efeito de sentido é o desdobramento simbólico do acontecimento. O fato de o locutor falar tem como efeito o desdobrar-se o mundo, isto é, o mundo se desvela. Desvela-se na medida em que se abre, mostrando o que, sem o intermédio da língua, não seria possível ver. O efeito sendo o desdobramento, o sentido é a simbolização do mundo, a representação que permite estar no mundo, viver no mundo, fazer-se homem no mundo. Falar é, pois, alçar a língua a instrumento, não no sentido de utilizá-la ao bel prazer, mas no sentido de utilizá-la como intermediária entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo. Servindo de intermediária, ela produz efeitos de sentido, não “aplicações” de sentido. Efeito implica equivocidade; aplicação, univocidade.

Por produzir efeitos de sentido, apropriar-se da língua não implica controle, mas o ato em que o locutor tem de alçar a língua a instrumento a fim de abrir a condição de diálogo com outros locutores. Alçar a língua a instrumento é um procedimento necessário para se viver em sociedade. E este alçamento só é possível porque a língua é, dentre os sistemas semiológicos, o único com funcionamento semiótico, com o que nela há uma atividade incessante entre forma e sentido. Consequentemente, a língua é o único sistema semiótico enformado de significação, podendo ser essa objeto apenas de estudo da Linguística:

On aperçoit donc une distinction entre deux mondes et deux linguistiques: - le monde des formes d’opposition et de distinction, le sémiotique, qui s’applique à des inventaires clos, et s’appuie sur des critères de distinctivité, plus ou moins élaborés [...]; - l’autre monde est celui du sens produit par l’énonciation: le sémantique. (BENVENISTE, 2012, p. 144)¹³⁸

Para Benveniste, a Linguística se dividiria em duas grandes áreas: a Linguística da forma, que estuda o mundo semiótico e, por isso, poderia também ser chamada de Semiótica; e a Linguística do sentido que, por estudar o semântico, poderia ser chamada de Semântica. Dentro de cada uma delas, haveria uma infinidade de disciplinas linguísticas.

Tendo feito essa proposta de dividir a Linguística em Semiótica e em Semântica, Benveniste não recusa o fato de ainda ser necessário debruçar-se mais sobre a estrutura epistemológica de cada uma, ainda que, em alguns casos, seus objetos pareçam se misturar:

¹³⁷ Ibid., p. 29: “cada vez que a fala desvela o acontecimento, o mundo recomeça”.

¹³⁸ “Percebemos, então, uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas: - o mundo das formas de oposição e de distinção, o semiótico, que se aplica a inventários fechados e se apoia sobre critérios de distintividade, mais elaborados ou menos [...]; - o outro mundo é o do sentido produzido pela enunciação: o semântico”.

Mais alors que faire des catégories formelles qui sont de nécessités de l'expression, qui sont les truchements ou instruments nécessaires de la langue comme énonciation et production? Que faire des cas? des temps? des modes? Ce sont bien des catégories distinctives et oppositives, et cependant la langue se moule nécessairement dans ces distinctions pour réaliser ses énonciations. Faut-il réserver un statut special? Tout l'appareil flexionnel est ici en question. Il faudra y donner la plus grande attention. (BENVENISTE, 2012, p. 144)¹³⁹

Vemos aqui, pois, a urgência de se pensar a Linguística epistemologicamente a partir do problema da forma e do sentido, da significação. Como diz Benveniste, o problema do sentido é o problema da língua¹⁴⁰. Posto isto, no próximo capítulo compreenderemos, um pouco, o que é forma e sentido na Semiótica e na Semântica e como se estudar a significação nas duas. Sendo impossível abarcar a questão como um todo, trataremos dela na medida em que nos permita alçá-la a fundamento para a nossa análise.

4. EM RESUMO

Neste capítulo, discutimos do quinto ao décimo parágrafo do texto *La forme*. O tema principal foi o funcionamento da significação na língua. Partimos, assim, da crítica de Benveniste a Carnap e a Quine de que a significação não deve ser vista meramente nem como designação nem como sinonímia. Por esse motivo, julgamos pertinente pensá-la tanto do ponto de vista da Semiologia quanto da Linguística.

Na Semiologia, a significação deve ser vista a partir da noção de sistema semiológico, como a atividade incessante de significar existente em toda e qualquer organização que interprete o mundo com fins comunicativos, artísticos, entre outros. Cada sistema semiológico possui uma maneira particular de significar: alguns são puramente semânticos, outros são puramente semióticos, outros, rudimentarmente semióticos, sendo a língua o único sistema semiológico significante por excelência.

Isso se dá por ela estar fundada no princípio estrutural, que permite que esse sistema engendre uma infinidade de estruturas diferentes, as línguas do mundo. Essas estruturas são

¹³⁹ “Mas, então, o que fazer das categorias formais que são necessidades da expressão, que são os meios ou os instrumentos necessários da língua como enunciação e produção? O que fazer dos casos, dos tempos, dos modos? Essas são precisamente categorias distintivas e opositivas e, no entanto, a língua se molda necessariamente nessas distinções para realizar suas enunciações. É necessário reservar um estatuto especial a elas? Todo o aparelho flexional está aqui em questão. Será necessário dar-lhe muita atenção”.

¹⁴⁰ Cf. BENVENISTE, 2012, p. 146.

semióticas na medida em que são organizadas em signos linguísticos e que comportam o funcionamento semiótico, isto é, a combinação do semiótico com o semântico.

Nesse sentido, na Linguística, a significação deve ser vista sob esse duplo aspecto: atividade incessante de significar que só tem motivo de ser pela estrutura semiótica. Isso se dá pelo signo ser necessário e funcionar arbitrariamente. A necessidade fornece a máquina, ao passo que a arbitrariedade, a possibilidade de produzir sentido. É por esse motivo que Benveniste que diz a língua é uma máquina de produzir sentido.

Consequentemente, no final deste capítulo, destacamos o fato de que a Linguística deve ser dividida em duas: a Semiótica, que permite compreender o instrumental maquinário da língua, e a Semântica, que permite compreender os efeitos de sentido. Isso será melhor aprofundado no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

DAS ENTIDADES LIVRES E DA FRASE

1. A ANÁLISE SEMIÓTICA

Estudada a significação de uma maneira geral, agora é necessário ocuparmo-nos especificamente com as entidades livres, no modo semiótico, e da frase, no modo semântico. Como já vimos, as entidades livres podem ser os signos, “livres” na medida em que foram reconhecidas pelo locutor e que funcionam no modo semiótico se relacionando a outros signos.

Levando isso em consideração, Benveniste define o significante da seguinte maneira: “le signifiant n’est pas seulement une suite donnée de sons qu’exigerait la nature parlée, vocale, de la langue, il est la forme sonore qui conditionne et détermine le signifié, l’aspect formel de l’entité dite signe”¹⁴¹. Sobre essa definição, há questões importantes a serem pontuadas.

Em primeiro lugar, com a noção de significante, que não é uma cadeia de sons, mas uma forma sonora, Benveniste retoma a definição saussuriana de significante e, ao mesmo tempo, desenvolvendo-a. Retoma Saussure no sentido em que este afirma que:

L’entité linguistique n’existe que par l’association du signifiant et du signifié (voir p. 101); dès qu’on ne retient qu’un de ces éléments, elle s’évanouit; au lieu d’un objet concret, on n’a plus devant soi qu’une pure abstraction. A tout moment on risque de ne saisir qu’une partie de l’entité en croyant l’embrasser dans sa totalité; c’est ce qui arriverait, par exemple, si l’on divisait la chaîne parlée en syllabes; la syllabe n’a de valeur qu’en phonologie. Une suite de sons n’est linguistique que si elle est le support d’une idée; prise en elle-même, elle n’est plus que la matière d’une étude physiologique. (SAUSSURE, 1964, p. 144)¹⁴²

A entidade linguística só pode ser concebida como tal se ela é tomada pela união do significante e do significado no modo semiótico. Tomar o significante isoladamente levaria a considerá-lo como uma sequência de sons, o que o reduziria à Fisiologia. O significante não é

¹⁴¹ BENVENISTE, 1974, p. 220: “o significante não é apenas uma extensão dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua requeriria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o significado, é o aspecto formal da entidade dita signo”.

¹⁴² “A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado (ver p. 101). Desde que se retenha apenas um desses elementos, ela esvanece: no lugar de um objeto concreto, apenas se tem diante de si uma pura abstração. A todo instante, tomamos o risco de compreender apenas uma parte da entidade, julgando havê-la tomado em sua totalidade. É o que aconteceria, por exemplo, se dividíssemos a cadeia da fala em sílabas: a sílaba apenas tem valor na Fonologia. Uma sequência de sons só é linguística se ela é o suporte de uma ideia; tomada nela mesma, ela não é nada além da matéria de um estudo fisiológico”.

uma sequência de sons porque esta é matéria pura. Sobre esse mesmo trecho, no caderno de Constantin, podemos compreender melhor o que Saussure entenderia por matéria:

Ainsi, si nous prenons le côté matériel, la suite de sons, elle ne sera linguistique que si elle est considérée comme le support matériel de l'idée; / [288] mais envisagé en lui-même, le côté matériel, c'est une matière qui n'est pas linguistique, matière qui peut seulement concerner l'étude de la parole, si l'enveloppe du mot nous représente une matière qui n'est pas linguistique. <Une langue inconnue n'est pas linguistique pour nous.> A ce point de vue-là, on peut dire que le mot matériel, c'est une abstraction au point de vue linguistique. Comme objet concret, il ne fait pas partie de la linguistique. (SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 232)¹⁴³

A matéria, considerada por ela mesma, é apenas uma cadeia de sons que torna o signo material. Entretanto, essa materialização, na Linguística, é pura abstração. Isso porque os sons, não sendo o suporte de uma ideia, não podem ser considerados signos, portanto, escapam ao domínio de estudo da Linguística. Por conseguinte, o significante não pode ser matéria. Ele é, ao contrário, o suporte material da ideia. Isso leva a duas consequências importantes.

Primeiramente, há que se diferenciar matéria e forma. A cadeia de sons da língua é matéria. O significante é forma. Ser forma significa dizer que o significante é o suporte material do significado. Ser suporte material não é ser necessariamente matéria, mas ser a representação dessa matéria. É por isso que, no trecho que acabamos de citar de Benveniste, ele afirma que o significante é uma forma sonora, ou seja, forma naquilo em que representa os sons produzidos pelo aparelho fonador humano, em suma, uma imagem acústica. Em contrapartida, o significante, não podendo ser tomado por si mesmo, já que sua união com o significado é necessária, ele é, como Saussure afirma, o suporte material desse significado¹⁴⁴, isto é, o significante é suporte naquilo em que condiciona e determina o significado. Condiciona e determina na medida em que o significante enforma o significado, dando forma àquilo que, sem a língua, é apenas uma massa amorfa. É por isso que o significante é o aspecto formal do signo: aquilo que torna o signo discreto no pensamento humano. Saussure

¹⁴³ “Assim, se tomamos o lado material, a sequência de sons, ela apenas será linguística se for considerada como suporte material da ideia; / [288] mas, tomado nele mesmo, o lado material, é uma matéria que não é linguística, matéria que pode somente concernir o estudo da fala, se o envelope da palavra nos apresenta uma matéria que não é linguística. <Uma língua desconhecida não é linguística para nós>. Sobre esse ponto de vista, podemos dizer que a palavra material é uma abstração do ponto de vista linguístico. Como objeto concreto, não faz parte da Linguística”.

¹⁴⁴ Como se pode ver no caderno de Constantin, na verdade, Saussure afirmaria que o significante é o suporte material da ideia. Aqui tomamos ideia por significado, dado que, não possuindo a língua ideias preestabelecidas, estas só podem ser discretas uma vez enformadas pelo significante, tornando-se ideia o significado, ou seja, uma qualidade da imagem acústica (cf. SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 273).

(1966, p. 99) afirma que o signo é uma entidade psíquica. Nesse sentido, é o significante que opera o corte na massa indistinta de ideias no pensamento do homem.

A segunda consequência é que, sendo a Fonética uma disciplina da Linguística, não pode ter como objeto de estudo a cadeia de sons em si, entendida como matéria. Essa afirmação só a encontramos no CLG, não no caderno dos alunos de Saussure, o que nos leva a pressupor que seja um acréscimo dos editores. Nesse sentido, a cadeia de sons interessaria à Acústica, disciplina da Física, não à Fonética. Também poderia interessar à Fisiologia ou à Fonoaudiologia, naquilo em que a produção dos sons da língua têm relação com o aparelho fonador humano e patologias relacionadas a isso. Entretanto, não se pode dizer que o objeto de estudo da Fonética seja o significante, mas os fonemas. Aqui chegamos ao que Benveniste desenvolve de Saussure quanto à definição de significante:

On sait que toute forme linguistique est constituée en dernière analyse d'un nombre restreint d'unités sonores, dites phonèmes; mais il faut bien voir que le signe ne se décompose pas immédiatement en phonèmes, non plus qu'une suite de phonèmes ne compose immédiatement un signe. (BENVENISTE, 1974, p. 220)¹⁴⁵

Sendo a Fonética uma disciplina da Linguística, seu objeto tem que ser forma. Vimos, pois, que não pode ser o som, visto que ele é matéria e matéria, na Linguística, ao invés de ser algo concreto, é algo abstrato. Contudo, também não pode ser o significante, já que este não pode ser tomado separadamente do significado. Finalmente, não pode ser o signo, já que o este não se constitui imediatamente de fonemas.

Consequentemente, a noção de signo e de fonema, embora relacionadas, são diferentes e a análise de um e de outro requer objetivos e métodos distintos. Ainda que ambos sejam forma, o signo é uma entidade psíquica e fonema, uma unidade sonora. Por “unidade sonora”, entendemos que ele está para o modo semiótico e representa a cadeia de sons. Assim sendo, o fonema se difere do significante na medida em que este representa a cadeia de sons no modo semiótico, unindo-se a um significado, por isso, formando uma entidade psíquica, já que isso só pode ocorrer no e pelo homem. É por esse motivo que Benveniste diz que o signo não pode ser imediatamente decomposto em fonemas e que estes não compõem imediatamente um signo. Isso não se dá imediatamente porque há de haver uma passagem: a passagem entre forma e sentido, ou seja, a significação. Dessa maneira,

¹⁴⁵ “Sabemos que qualquer forma linguística é constituída, em última instância, de um número restrito de unidades sonoras, ditas fonemas. Mas é necessário observar que o signo não se decompõe imediatamente em fonemas, da mesma forma que uma sequência de fonemas não compõe imediatamente um signo”.

L'analyse sémiotique, différente de l'analyse phonétique, exige que nous posions, avant le niveau des phonèmes, celui de la structure phonématique du signifiant. Le travail consiste ici à distinguer les phonèmes qui font seulement partie, nécessairement, de l'inventaire de la langue, unités dégagées par de procédures et une technique appropriées, et ceux qui, simples ou combinés, caractérisent la structure formelle du signifiant et remplissent une fonction distinctive à l'intérieur de cette structure. (BENVENISTE, 1974, p. 221)¹⁴⁶

O objeto da Fonética são os fonemas e o da Semiótica, a estrutura fonemática do significante. O primeiro são elementos que fazem parte do inventário da língua. O segundo preenche uma função distintiva por compreender-se dentro da estrutura do significante. Notemos que os fonemas possuem um *caráter* distintivo dentro do inventário da língua, ao passo que a estrutura fonemática, uma *função* distintiva. Por função, compreendemos aqui a capacidade de uma unidade linguística poder enquadrar-se em um nível superior¹⁴⁷, veiculando sentidos.

Consequentemente, pelo fato de o fonema possuir traços distintivos sem ser ele mesmo distintivo, Benveniste (1966, p. 121) o enquadra no nível merismático, ou seja, o nível dos traços de oclusão, dentalidade, fricção, labialidade, oralidade, nasalidade, entre outros, substituindo, nesse caso, o termo “fonema” por “merisma”. Já a estrutura fonemática estaria no nível fonemático, em que tanto a operação de segmentação quanto a de substituição podem ser utilizadas, já que a estrutura fonemática pode tomar uma função e não outra a fim de veicular um sentido e não outro, ou seja, a estrutura fonemática já é ela mesma significativa. Com isso, Benveniste utiliza o termo “fonema” como fazendo parte da noção de “estrutura fonemática”, já que, para ele, o fonema é uma unidade distintiva, ou seja, significativa, e não apenas *possui* traços distintivos. Por exemplo, a Fonética estuda em que ambiente uma dental ou uma nasal pode ser produzida. A Semiótica, por outro lado, estuda qual a função que um fonema dental ou nasal preenche dentro de uma estrutura, por exemplo, o fonema nasal /ɲ/ tem a função de negação na palavra “indivisível”.

Com tudo isso, podemos afirmar, pois, que a Fonética estuda os merismas (os *caracteres* distintivos do significante, portanto, faz uma análise hipolinguística) e a Semiótica, a estrutura do significante, incluindo nela os fonemas (a *função* distintiva do significante,

¹⁴⁶ “A análise semiótica, diferente da análise fonética, exige que determinemos, antes do nível dos fonemas, o da estrutura fonemática do significante. O trabalho consiste aqui em distinguir os fonemas que fazem parte apenas, necessariamente, do inventário da língua, unidades deduzidas por procedimentos e uma técnica apropriados, e aqueles que, simples ou combinados, caracterizam a estrutura formal do significante e preenchem uma função distintiva no interior dessa estrutura”.

¹⁴⁷ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 120.

portanto, faz uma análise intralinguística). Dessa maneira, o fato de os fonemas serem compreendidos como fazendo parte da estrutura fonemática do significante implica que a forma não pode ser analisada por si mesma, mas tem que ser analisada a partir do sentido. Isso quer dizer que, não havendo como estudar a estrutura do significante por si mesma, já que ele é essencialmente psíquico, uma das possibilidades é estudar essa imagem acústica como unidade sonora, isto é, como forma, na medida em que esteja inserida em um arranjo formal de um nível linguístico específico, no caso, o nível fonemático.

Como dissemos, a noção de fonema em Benveniste faz parte da noção de estrutura fonemática do significante, com o que estudar a estrutura do significante não implica apenas análise no seu nível fonemático, mas também os seus componentes formais, de uma maneira geral, em outros níveis. A esse respeito, fazemos duas ressalvas.

Em primeiro lugar, estudar a estrutura do significante não implica dissociá-la do significado, mas dar maior atenção à imagem acústica, naquilo em que ela possa ser estudada como forma. Mais adiante, veremos também como dar maior foco ao estudo do significado enquanto forma, o que também não leva à sua dissociação do significante, já que os dois são indissociáveis. Aqui retomamos uma das questões que criticamos em Hjelmslev no primeiro capítulo desta dissertação: a diferença entre objeto de estudo e objeto no mundo. O signo, grosso modo, enquanto objeto no mundo (aqui, claro, entendido não como substância, mas como uma forma que existe nos cérebros dos locutores, portanto, concreta) possui a união entre significante e significado necessária e, por isso, indissociável. Agora, como objeto de estudo, é possível dar atenção maior a uma e não a outra dessas contrapartes. Tornamos a nos ocupar com essa questão para deixar claro que Benveniste não se contradiz ao propor uma análise semiótica do significante e do significado em separado.

Em segundo lugar, Benveniste (1974, p. 221) afirma que a análise da estrutura do significante permitirá fazer grandes inventários estatísticos sobre as estruturas das línguas. Aqui damos destaque ao fato de que fazer inventários estatísticos não implica matematizar a Linguística. Expliquemo-nos. Os *inventários* estatísticos estão para o objeto, a língua. O *fazer* esses inventários está para o fazer linguístico, o método. Este, para analisar o objeto, pode não ser matemático, ainda que de seu objeto possam-se tirar resultados matematizáveis. A ciência linguística pode, e deve, portanto, ser formal, sem, no entanto, ser formalista¹⁴⁸. Sobre isso, Benveniste sustenta que:

¹⁴⁸ Sobre “formal” e “formalista”, cf. BLANCHÉ, 2002, p. 9.

Si la science du langage doit se choisir des modèles, ce sera dans les disciplines mathématiques ou déductives qui rationalisent complètement leur objet en le ramenant à un ensemble de propriétés objectives munies de définitions constantes. C'est dire qu'elle deviendra de plus en plus "formelle", au moins en ce sens que le langage consistera en la totalité de ses "formes" observables. (BENVENISTE, 1966, p. 8)¹⁴⁹

Para ser formal, a Linguística deve utilizar a dedução a fim de racionalizar seu objeto, isto é, atribuir-lhe propriedades objetivas em definições constantes que sirvam de premissas pertinentes para que delas se tirem as consequências necessárias a propósito da dissertação de uma teoria logicamente coerente. A Linguística deveria se espelhar apenas no fato de a Matemática ser uma das ciências em que a dedução é utilizada de maneira mais eficiente. Isso não implica, no entanto, que a Linguística deva passar a utilizar fórmulas ou uma língua artificial de símbolos para expressar-se. Com isso, ela se tornaria uma ciência formalista, o que não a tornaria mais eficiente para resolver os seus problemas teóricos, uma vez que esse tipo de formalismo, sendo muito útil para as ciências tecnológicas, que lidam com objetos que possuem um funcionamento unívoco, não consegue dar conta do objeto língua, que possui um funcionamento paradoxal e equívoco. É a linguagem ordinária nosso objeto de estudo e é a linguagem ordinária que devemos utilizar para descrever esse objeto. Utilizar a linguagem ordinária, entretanto, com o recurso das leis da lógica, por exemplo, a dedução, a fim de que, da descrição formal das formas da língua, possamos conseguir fazer, dentre outras coisas, esses inventários estatísticos que Benveniste propõe.

Nesse sentido, Benveniste lista os componentes formais que entram na análise semiótica:

Nous instaurons donc sous la considération sémiotique des classes particulières que nous dénommons comme sémiotiques, même un peu lourdement, pour les mieux délimiter et pour les spécifier dans leur ordre propre: des sémio-lexèmes, qui sont les signes lexicaux libres; des sémio-catégorèmes, qui sont des sous-signes classificateurs (prefixes, suffixes, etc) reliant des classes entières de signifiants, assurant par là de grandes unités, supérieures aux unités individuelles, et enfin des sémio-phonèmes qui ne sont pas tous les phonèmes de la nomenclature courante, mais ceux qui, comme on vient de l'indiquer, caractérisent la structure formelle du signifiant. (BENVENISTE, 1974, p. 221-222)¹⁵⁰

¹⁴⁹ "Como a ciência da linguagem deve escolher seus modelos, isso se dará a partir das disciplinas matemáticas ou dedutivas que racionalizam completamente seu objeto, conduzindo-o a um conjunto de propriedades objetivas com definições constantes. É dizer que ela se tornará cada vez mais 'formal', pelo menos nesse sentido de que a linguagem irá compor-se da totalidade de suas 'formas' observáveis".

¹⁵⁰ "Instauramos, então, sob a consideração semiótica, classes particulares que nomeamos como semióticas, mesmo um pouco inadequadamente, para melhor delimitá-las e para especificá-las na sua ordem própria: sémio-lexemas, que são signos lexicais livres; sémio-categoremas, que são sub-signos classificatórios (prefixos, sufixos, etc), que ligam classes inteiras de significantes, assegurando, com isso, grandes unidades, superiores às

Julgamos que Benveniste considera o seu nomear essas classes semióticas um tanto grosseiro por elas não serem puramente semióticas, dado que pressupõem a noção de função, já que o sentido é considerado na análise. Todavia, como não há outro termo para fazer essa designação e como não é possível analisar o modo semiótico da língua sem levar em consideração o sentido, que fique essa denominação.

Assim sendo, as classes semióticas que ele elenca são: (i) os sêmio-lexemas, formas livres da língua que têm função lexical, a de designar uma noção; (ii) os sêmio-categoremas, formas presas que têm função classificatória, a de fornecer classes e sub-classes formais; (iii) os sêmio-fonemas, formas sonoras que têm função fonológica, a de fornecer distinções fonológicas que, não sendo apenas merismáticas, já são distinções sonoras significativas. Sobre essas classes, façamos algumas observações.

Sobre a função classificatória e a fonológica, ao fazerem parte seus componentes formais de um nível superior de análise¹⁵¹, eles não estarão apenas classificando ou distinguindo, mas também veiculando um sentido, como vimos, por exemplo, a propósito do fonema /ĩ/ em “indivisível”. Assim sendo, podemos dizer que a Fonologia está para os fonemas, e a Fonética, para os merismas. Como “merisma” significa delimitação em grego, eles delimitam o que está para o linguístico e o que está, por assim dizer, aquém do linguístico. Assim, como os merismas são os caracteres distintivos das ondas sonoras produzidas pelo aparelho fonador humano, aquém deles estariam questões fisiológicas e acústicas, que Benveniste (1966, p. 121) chama de fatos infralinguísticos, portanto, não estão para a Linguística.

E quando dizemos que os sêmio-lexemas têm a função de *designar* uma noção, estamos nos reportando ao fato de um lexema veicular sentido por relacionar-se, arbitrariamente, com um objeto no mundo, o qual é, ele mesmo, sempre já significado pela língua. Por isso, os sêmio-lexemas designam uma noção, não um objeto. Entretanto, essa noção, por relevar do modo semiótico, ainda que seja implicada pelos procedimentos de comunicação, portanto, da arbitrariedade, só se configura pela necessidade, ou seja, pelo valor puramente diferencial de oposição entre os signos. Com isso, queremos dizer que, nos sêmio-lexemas, a noção é ainda puramente diferencial, não é discursiva ainda, embora ela só exista por causa do discurso.

unidades individuais; e, enfim, sêmio-fonemas, que não são os fonemas da nomenclatura vigente, mas aqueles que, como acabamos de indicar, caracterizam a estrutura formal do significante”.

¹⁵¹ Sobre os níveis de análise, trataremos deles mais especificamente no próximo capítulo desta dissertação.

Por ora, entramos no estudo do significado na análise semiótica, e de como os termos “significado”, “sentido” e “noção” estão imbricados na teoria benvenistiana. No primeiro capítulo desta dissertação, vimos que Benveniste define sentido como a noção implicada pelos procedimentos de comunicação da língua. Sendo isso uma definição geral, agora é necessário compreender seus detalhes: em que consiste essa noção estar para o modo semiótico e, depois, no próximo item, em que consiste ela estar para o modo semântico.

No modo semiótico, Benveniste (1974, p. 222) toma o termo “sentido” por “significado” na medida em que ele, não funcionando propriamente no discurso, mas na oposição entre os signos, possibilita que o locutor reconheça ou não um determinado signo como fazendo parte ou não de um sistema linguístico particular. Por exemplo, o sêmio-lexema “cavalo”, um locutor brasileiro reconheceria, agora, “tavalo”, não. Com isso, percebemos que esse significado, que poderíamos chamar de sentido semiótico, funciona em favor do reconhecimento ou da identificação dos signos de uma língua. Já que o significante opera o corte na massa amorfa de ideias, o significado permite que esse significante seja distinguido ou não por um locutor. Ou ainda, o significante enforma sonoramente o significado e o significado enforma conceitualmente o significante, com o que ambos colaboram para que se tornem forma: um deixando de ser uma matéria acústica e o outro, uma aglomeração confusa de ideias. O significante é a forma, o significado, o conteúdo, não um conteúdo hipostasiado, mas um conteúdo formal, já que enformado pelo significante.

Consequentemente, Benveniste (1966, p. 23) sustenta que a língua se define mais pelo que ela distingue do que pelo que exprime. Isto significa dizer que o que faz a língua ser língua é a distinção, significância do modo semiótico, não a veiculação de sentidos no modo semântico, embora só exista distinção por causa dos sentidos movimentados no discurso. Cada um dos dois atuando em favor do outro – o significante, na delimitação; o significado, na identificação – sua união é necessária para que haja língua. Como Saussure (1964, p. 156) mesmo afirma, se não houvesse língua, haveria ou materialização do pensamento ou espiritualização do som. Entretanto, misteriosamente, pensamento e som se unem de maneira estruturada, de modo a se tornarem uma forma articulada, a língua.

Com isso, vemos que o significado não é nem o pensamento, as ideias, as noções em si, mas já uma contraparte linguística. Isto implica dizer que o significado não tem que ser definido, já que ter acesso à massa conceitual enformada pelo significante é impossível. E isso porque a positividade do signo se dá pela negação, isto é, os signos se tornam *um* porque vão negando-se, opondo-se e diferenciando-se constantemente e indefinidamente, com o que há uma dinamicidade na língua, não uma estaticidade que permitiria ter acesso à origem do

significado. Essa empresa, pois, não deve ser vista como impossível na medida em que houvesse uma origem e por algum motivo não pudéssemos acedê-la, o que implica a estaticidade, mas na medida em que é logicamente incoerente, pelo menos de nossa perspectiva, dado que fere os postulados saussurianos do funcionamento da língua, que implicam a dinamicidade.

Os signos estão indefinidamente se opondo porque há locutores que manejam a língua. Manejando-a no modo semiótico, eles estão constantemente lidando com a oposição “tem sentido *versus* não tem sentido”, o que é o princípio de discriminação de uma língua particular. Se um signo existe, o locutor maneja-o. Se não existe ou se já existiu, ele pode ou não passar a existir ou existir de novo:

Signifier, c'est avoir un sens, sans plus. Et ce oui ou non ne peut être prononcé que par ceux qui manient la langue. [...] C'est dans l'usage de la langue qu'un signe a existence; ce qui n'entre pas dans l'usage de la langue n'est pas un signe, et à la lettre n'existe pas. Il n'y a pas d'état intermédiaire; on est dans la langue ou hors de la langue, “tertium non datur”. Et qu'on n'objecte pas les archaïsmes qui subsistent dans l'usage, quoiqu'ils ne soient plus définissables ou opposables aujourd'hui. (BENVENISTE, 1974, p. 222)¹⁵²

O sentido semiótico, o significado, permite discriminar o que está na língua e o que está fora da língua. O que está dentro é um signo. O que está fora não é um signo. E esse critério discriminatório só é definido pelo uso, ou seja, pela maneira como os locutores manejam a língua. É por isso que, há pouco, afirmamos que o significado não funciona *no* discurso, mas *pelo* discurso, ou seja, depende do discurso para existir. A língua não existe *a priori*. Ela só existe porque os homens falam. Os homens falam pelo discurso. Assim sendo, é por meio do sentido arbitrário que, por assim dizer, é “definido” no modo semântico quando os homens falam, que o significado é estabelecido no modo semiótico, com o que se abre a possibilidade de um signo ser discriminado por outros signos ou ainda pelo que não é signo. Consequentemente, pelo fato de o uso determinar a existência de um signo, até mesmo os arcaísmos podem voltar a ser usados. Ou ainda, podemos criar neologismos.

É por tudo isso que Benveniste (1974, p. 223) afirma que significar e distinguir são o mesmo: a distinção vem como decorrência da significação, esta aqui podendo ser entendida de duas maneiras: ou como a atividade incessante entre forma (significante) e sentido

¹⁵² “Significar é ter um sentido, nada mais. E esse ‘sim’ ou ‘não’ apenas podem ser ditos por aqueles que manejam a língua. [...] É no uso da língua que o signo tem existência. O que não entra no uso da língua não é um signo e não existe literalmente. Não há estado intermediário: está-se dentro ou fora da língua, ‘tertium non datur’. E não objetemos os arcaísmos que subsistem ao uso, embora eles não sejam mais definíveis ou opositivos hoje”.

(significado) no modo semiótico ou como a atividade incessante entre forma (significante e significado) no modo semiótico e o sentido do modo semântico. No primeiro caso, temos o fato de que o significado permite que o significante seja reconhecido na estrutura semiótica. No segundo caso, temos o fato de que o sentido do modo semântico, que é arbitrário, permite que, no modo semiótico, o signo possa ter um conceito genérico, o que leva ao funcionamento semiótico.

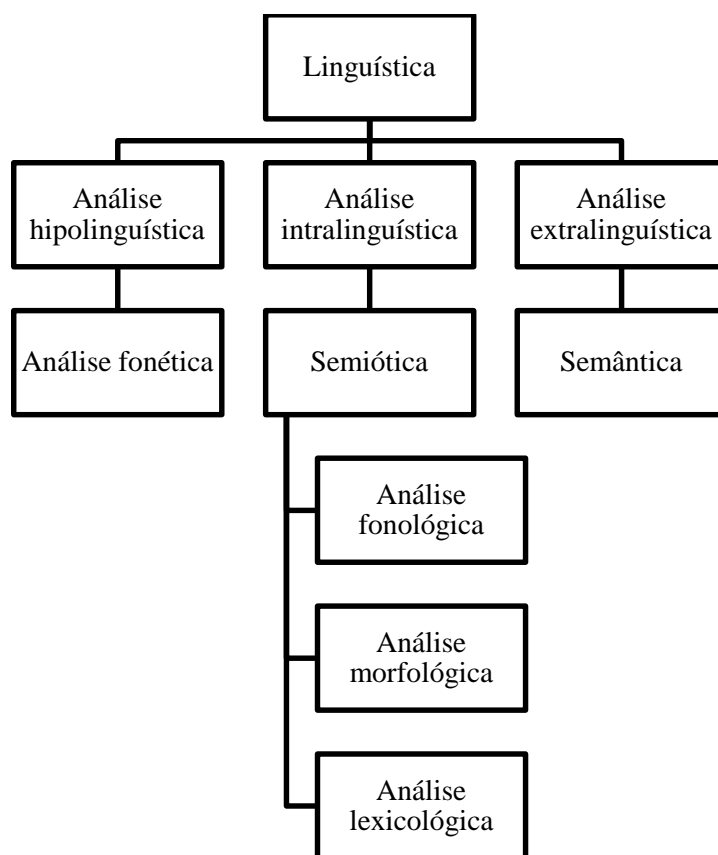
Sobre esse segundo caso, é necessário deixar claro que, a língua, como sistema, possui uma ordem própria, portanto, funciona de maneira universal em todas as línguas, não sofrendo alteração pelo discurso. Entretanto, como estrutura, ou seja, funcionando de maneira específica em uma língua particular, pode vir a sofrer alterações por causa do discurso, isto é, o funcionamento semiótico pode intervir na estrutura semiótica. Isso não implica, porém, que, na análise semiótica, estude-se a maneira como o discurso opera nos signos de uma língua, posto que isso já faria entrar em uma análise semântica.

Por isso, Benveniste (1974, p. 223) estabelece o primeiro postulado da semiótica, que é o de ocupar-se da estrutura semiótica de per si, a partir das classes de análise que ele propõe, sem voltar-se a questões de como a língua relaciona-se com o mundo, em outras palavras, com o discurso. O segundo postulado é de que o sentido semiótico tem um valor puramente genérico e conceitual, ou seja, ele é simplesmente a contraparte do significante que permite a identificação de um signo, não o sentido que permite fazer relação à situação de discurso, à subjetividade, à produção de efeitos de sentidos outros, como é o sentido do modo semântico.

Reafirmamos, porém, que isso não implica que o sentido semiótico já esteja posto *a priori* no signo, uma vez que ele só existe por causa das relações de oposição que, por sua vez, o manejo da língua pelos locutores, isto é, o discurso, é que as coloca em movimento. O terceiro postulado é a binaridade, tanto na relação significante/significante quanto na relação sim/não que permite a discriminação de um signo, com o que a estrutura semiótica esteja para a relação paradigmática¹⁵³. Diante de tudo o que vimos até aqui, julgamos ser conveniente fazer o seguinte esquema:

¹⁵³ Em Benveniste, as noções de relação paradigmática e de relação associativa estão funcionando sinonimicamente.

Figura 3 – Os tipos de análise em Linguística, com ênfase na análise semiótica.



Fonte: A autora.

O estudo da análise semiótica nos permitiu ver a Linguística de uma maneira mais ampla. Esta compreenderia três tipos de análise: a hipolinguística, a intralinguística, e a extralinguística. A análise hipolinguística tem como objeto de estudo os merismas, cujo método seria a análise fonética.

A análise intralinguística tem como objeto de estudo a estrutura fonemática do significante, que, podendo ser estudada sob três pontos de vista diferentes, pode subdividir-se em três objetos: os sêmio-fonemas, estudados pela análise fonológica; os sêmio-categoremas, pela análise morfológica; e os sêmio-lexemas, pela análise lexicológica. A análise intralinguística está dentro da Semiótica, justamente por analisarem-se as unidades linguísticas que, além de traços distintivos, possuem função distintiva, isto é, as unidades que compõe a estrutura fonemática do significante. É por esse motivo que a análise fonética ficaria de fora da Semiótica: seu objeto de estudo não possui função distintiva, apenas comporta traços distintivos.

O terceiro tipo de análise que se teria em Linguística seria a Semântica, que, como adiantamos um pouco neste item, trata de estudar o sentido relacionado ao discurso. Com

isso, explicaremos por que a chamamos de extralinguística. A esse respeito, veremos mais detalhes no próximo item.

2. A ANÁLISE SEMÂNTICA

A análise semântica tem como objeto de estudo a frase. A frase preenche a função comunicativa da língua, isto é, a função de que, por meio da língua, possa-se movimentar sentidos em direção a interlocutores, e, assim, estabelecer uma significação intentada. Entretanto, o fato de a função comunicativa ser uma propriedade da língua não implica que baste que se arrematem os signos uns aos outros para formar uma frase. Aqui encontramos dois problemas: primeiro, a questão de se, a partir dos signos, possa-se formar frases e, segundo, se da frase se consegue ou não preencher a função comunicativa diretamente. Sobre o primeiro problema,

Contrairement à l'idée que la phrase puisse constituer un signe au sens saussurien, ou qu'on puisse par simple addition ou extension du signe, passer à la proposition, puis aux types divers de construction syntaxique, nous pensons que le signe et la phrase sont deux mondes distincts et qu'ils appellent des descriptions distinctes. Nous instaurons dans la langue une division fondamentale, tout différente de celle que Saussure a tentée entre langue et parole. (BENVENISTE, 1974, p. 224)¹⁵⁴

Nessa citação, há três pontos importantes a serem discutidos. Em primeiro lugar, Benveniste rebate, juntamente com Saussure, a tese de que a frase como um todo é um signo linguístico. Investigando no CLG o trecho a que Benveniste se refere, encontramos o seguinte:

Une théorie assez répandue prétend que les seules unités concrètes sont les phrases: nous ne parlons que par les phrases, et après coup nous en extrayons les mots. Mais d'abord jusqu'à quel point la phrase appartient-elle à la langue (voir p. 172)? Si elle relève de la parole, elle ne saurait passer pour l'unité linguistique. (SAUSSURE, 1964, p. 148)¹⁵⁵

Saussure não se filia a “théorie assez répandue” justamente por questionar se a frase pode ser considerada como pertencente à língua, o que deveria ser considerado se ela fosse vista como um signo. Em seguida, colocando a prótase da condicional no presente do

¹⁵⁴ “Contrariamente à concepção de que a frase possa constituir um signo no sentido saussuriano, ou que possamos, por simples adição ou extensão do signo, passar à proposição, depois aos tipos diversos de construção sintática, pensamos que o signo e a frase são dois mundos diversos e que eles reclamam descrições distintas. Instauramos na língua uma divisão fundamental, diferente da que Saussure tentou entre língua e fala”.

¹⁵⁵ “Uma teoria bastante difundida pretende que as únicas unidades concretas sejam as frases: falamos apenas por frases e, destas, retiramos as palavras. Mas até que ponto a frase pertence à língua (ver p. 172)? Como ela provém da fala, ela não pode se passar por uma unidade linguística”.

indicativo – “si elle relève de la parole” – e a apódose no condicional – “elle ne saurait passer pour l’unité linguistique” - pode-se ler que o que sustenta Saussure é o fato de que a frase provém da fala.

Isso tem como consequência o fato de ela não poder ser compreendida como um signo, já que ficaria posto “a frase provindo da fala, ela não pode ser compreendida como uma unidade linguística”, o que fica explícito em outro trecho do CLG: “la phrase est le type par excellence du syntagme. Mais elle appartient à la parole, non à la langue”¹⁵⁶. Para ele, a frase só poderia ser considerada signo no caso de sua sintagmatização no sistema, por exemplo, “maria-vai-com-as-outras”¹⁵⁷. Para Benveniste, entretanto, a frase não é signo porque pertence ao discurso. Isso será melhor discutido no capítulo sexto deste trabalho.

Aqui chegamos, pois, ao segundo ponto, ao fato de a extensão dos signos poderem formar uma proposição e, desta, outros tipos de frase. Por “proposition”, julgamos que Benveniste esteja se referindo ao conceito de proposição na Gramática, não na Lógica, já que está tratando de construções sintáticas, não de correção de argumento. Na gramática francesa, “proposition” está no entremeio do que chamamos de período e de oração na gramática portuguesa. Isso porque há três tipos de “propositions”: “proposition indépendante”, que seria o período simples ou o período composto por coordenação; “proposition principale”, que seria a oração principal; “proposition subordonnée”, que seria a oração subordinada¹⁵⁸. Assim sendo, Benveniste questiona se uma frase é simplesmente formada de orações que seriam advindas da simples adição de signos um após o outro. Questiona negando essa posição, já que, em seguida, afirma que o signo e a frase estão em dois mundos diferentes: o terceiro ponto em questão.

Esses dois mundos, porém, não se dão na diferença entre língua e fala, mas na diferença dos modos da língua: “il y a pour la langue deux manières d’être langue dans le sens et dans la forme. Nous venons d’en définir une, la langue comme sémiotique; il faut justifier la seconde, que nous appelons la langue comme sémantique”¹⁵⁹. Dado que o signo está para o modo semiótico e a frase, para o modo semântico, tanto o sentido como a forma podem ser concebidos num e no outro.

¹⁵⁶ SAUSSURE, 1964, p. 172: “A frase é o tipo por excelência do sintagma. Mas ela pertence à fala, não à língua”.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., loc.cit.

¹⁵⁸ Cf. TYPES DE PROPOSITIONS. In: BESCHERELLE, 2006, não paginado.

¹⁵⁹ BENVENISTE, 1974, p. 224: “há na língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma. Acabamos de definir uma, a língua como semiótico. É necessário justificar a segunda, que chamamos a língua como semântico”.

Pelo fato de a língua possuir esses dois modos, ela também possui duas modalidades: a função significante e a função comunicativa. A primeira, estudada pela Semiótica, dá-se pela relação entre forma e sentido na língua, sendo forma aqui compreendida como o significante que enforma o sentido, o significado. Como é o significante que opera o corte e que dá a forma, a união necessária entre significante e significado tem como resultado o signo, que também é forma. Com relação à segunda função, estudada pela Semântica, a forma é tomada como a palavra, ou seja, o signo alçado no modo semântico, e o sentido é a noção que essa palavra pode movimentar em uma enunciação. O que possibilita ao signo ser alçado à comunicação, operando não mais como entidade semiótica, mas como unidade ou entidade livre, é a significação, que é a atividade incessante na língua que há entre forma, modo semiótico, e sentido, modo semântico.

Além disso, em linhas gerais, também se pode tomar a forma como estando para o modo semiótico, já que, no parágrafo quarto de *La forme*, Benveniste define-a como sendo o signo e/ou as suas relações; e o sentido para o modo semântico, já que a definição que dá de sentido está para a comunicação. Assim sendo, ainda que haja forma e sentido nos dois modos da língua, também se pode especificar a primeira para o semiótico e o segundo para o semântico.

A Semiótica, pois, está para o estudo da língua, e a Semântica, para o estudo da linguagem, estando apenas para esta última, portanto, estudar a fala, a atividade subjetiva de utilização da língua¹⁶⁰. Cabe destacar, porém, que as noções de língua e fala estão incluídas tanto na Semiótica quanto na Semântica: a diferença é que, na Semiótica, consideramos o sentido semiótico, ou distintivo, não o semântico. Por conseguinte, quando Benveniste (1974, p. 224) afirma que está instaurando uma divisão diferente da de Saussure, não é que ele esteja abandonando essa divisão entre língua e fala, mas operando outra, em que, ao mesmo tempo em que a divisão saussuriana é contemplada, ela é ampliada. Benveniste a desenvolve de outra forma, dado que parte do ponto de vista semântico, o que não significa discordância com Saussure, mas levá-lo a sério, uma vez que é o ponto de vista que cria o objeto.

Fazendo essa ampliação, Benveniste leva-nos a compreender que nos comunicamos por frases, que são equívocas e incompletas, ainda que sejam contínuas. Com elas, conseguimos alçar a língua à ação. Colocá-la em emprego e em ação é comunicar-se por meio

¹⁶⁰ A esse respeito, é necessário deixar claro que Benveniste utiliza o artigo definido masculino “le” para designar o objeto e o artigo definido feminino “la” para designar a ciência, ou seja, “le sémiotique” refere-se ao modo semiótico da língua e “la sémiotique”, à Semiótica; “le sémantique”, ao modo semântico, “la sémantique”, à Semântica.

dela. Comunicar implica a transmissibilidade de sentidos, a organização da vida dos homens e a instrumentação da descrição e do raciocínio¹⁶¹. Com relação à organização da vida, ela é mediadora entre o homem e o homem, o homem e o mundo, o pensamento e as coisas. E isso se faz transmitindo sentido, comunicando a experiência, impondo adesão, suscitando resposta, implorando, obrigando, entre outros. No que se refere ao raciocínio, a língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, regula o pensamento e desenvolve a consciência. Em suma, a língua serve para viver¹⁶². Sobre isso, há pontos importantes a serem comentados.

Em primeiro lugar, quando Benveniste diz, de uma parte, que a língua serve de mediadora entre o homem e o mundo e, de outra parte, entre o pensamento e as coisas, compreendemos que ele está falando do mesmo, ainda que um seja mais geral e o outro mais específico. Assim sendo, o pensamento, que está no homem, precisa de um intermediário, a língua, para poder apreender as coisas, que estão no mundo. Entretanto, como esse entremeio é falho, essa apreensão nunca é completa. Apesar disso, se não existisse, a massa amorfa das ideias nunca tomaria uma forma e, por conseguinte, não seria possível haver consciência. Desse ponto de vista, a consciência apenas se dá na diferença – é na diferença entre o eu e o mundo que o eu se constitui, o que o possibilita dizer “eu”. Consequentemente, o eu não é nem só eu, isto é, um todo egocêntrico, nem apenas um reflexo do mundo.

Em segundo lugar, a língua, ainda que sirva para a transmissibilidade, não é apenas instrumento da comunicação, mas também um instrumento da descrição e do raciocínio. Com isso queremos dizer que, embora, para o falante, a língua seja nitidamente um suporte que lhe possibilita transmitir seus pensamentos e, com isso, estabelecer o diálogo, a comunicação, com o que, desse ponto de vista, é passível considerar que a língua seja um instrumento de comunicação, não se deve reduzir seu funcionamento à maneira de o locutor a compreender. Desse modo, além de proporcionar o diálogo, ela permite voltar a ela mesma a fim de ensejar a descrição e o raciocínio. Essa volta, na metalíngua, deixa à mostra o fato de que a língua é o único sistema semiológico com funcionamento semiótico.

Quando o locutor fala, a estrutura semiótica de uma dada língua é posta em ação por meio de frases, isto é, o semiótico relaciona-se ao semântico, havendo, por isso, funcionamento semiótico. A esse respeito, vale ressaltar a afirmação de Benveniste de que é impossível passar do signo à frase¹⁶³, ou seja, não sendo a frase apenas uma acumulação de

¹⁶¹ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 224.

¹⁶² Cf. Ibid., p. 217.

¹⁶³ Ibid., 2012, p. 142.

signos, o ato de colocar a estrutura semiótica em emprego não pode ser reduzido ao fato de os signos serem utilizados. Isso porque a estrutura de uma língua não se dá apenas por seu léxico, os signos, mas por sua gramática, as relações entre esses signos. É por isso que, como já vimos, é imprescindível fazer uma análise semiótica, levando em consideração a função que um dado signo exerce em relação a outros signos, para não tomá-lo isoladamente.

Isso tudo leva ao fato de a frase ser a expressão semântica por excelência¹⁶⁴, já que é ela que permite poder-se compartilhar sentidos por meio da estrutura semiótica. Disso, tiramos algumas consequências sobre o que entendemos por sentido e por frase.

Sobre o sentido, na frase não existe significado, que é do signo, mas o intentado: “il ne s’agit plus, cette fois, du signifié du signe, mais de ce qu’on peut appeler l’intenté, de ce que le locuteur veut dire, de l’actualisation linguistique de sa pensée”¹⁶⁵. Na frase, o locutor expressa aquilo que “quer dizer”. Entrementes, como a frase é equívoca e o locutor não é dono da língua, esse “querer dizer” não implica um controle sobre aquilo que diz, mas a atualização do seu pensamento. O dicionário Larousse traduz “actualisation”, dentre outros sentidos, como “opération par laquelle une unité linguistique est réalisée concrètement au niveau de la parole”¹⁶⁶. Assim sendo, atualizar o pensamento é colocar a língua em emprego escrita ou verbalmente e, nesse emprego, o locutor estará referindo-se ao mundo. É por isso que “intentado” pode tomar o sentido de “referente” em outro texto do autor, *Les niveaux d’analyse linguistique*:

[...] Le langage porte référence au monde des objets, à la fois globalement, dans ses énoncés complets, sous forme de phrases, qui se rapportent à des situations concrètes et spécifiques, et sous forme d’unités inférieures qui se rapportent à des “objets” généraux ou particuliers, pris dans l’expérience ou forgés par la convention linguistique. Chaque énoncé, et chaque terme de l’énoncé, a ainsi un référent¹⁶⁷, dont la connaissance est impliquée par l’usage natif de la langue. (BEVENISTE, 1966, p. 128)¹⁶⁸

¹⁶⁴ BENVENISTE, 1974, p. 224.

¹⁶⁵ Ibid., 225: “não se trata mais, dessa vez, do significado do signo, mas do que podemos chamar de intentado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento”.

¹⁶⁶ ACTUALISATION. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “operação pela qual uma unidade linguística é realizada concretamente no nível da fala”.

¹⁶⁷ Benveniste, por algum motivo, grafava esse termo com “d”, sendo que, no dicionário, ele está grafado com “t”. Cf. RÉFÉRENT. In: JEUGE-MAYNART, 201, não paginado.

¹⁶⁸ “[...] a linguagem tem referência com o mundo dos objetos, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados completos sob a forma de frases, que se relacionam a situações concretas e específicas, e sob a forma de unidades inferiores, que se referem a objetos ‘gerais’ ou particulares tomados pela experiência ou forjados pela convenção linguística. Cada enunciado, como cada termo do enunciado, tem, assim, um referente, cujo conhecimento é implicado pelo uso nativo da língua”.

Tudo isso funcionando no nível da frase, cada palavra tem um referente da mesma forma que cada enunciado o tem, ainda que esses referentes possam ser forjados pela própria convenção linguística. Por isso, a análise semântica pode ser tida como uma análise extralinguística, como vimos no final do capítulo anterior, no sentido de que ela exorbita os limites do modo semiótico, da língua, e atinge o modo semântico, da linguagem e do discurso.

Nessa citação, vemos que Benveniste definiu o intentado como aquilo a que se refere o locutor quando fala, assim, a frase não pode ser aqui tomada simplesmente pelo domínio da gramática normativa, que, em língua francesa, é distinguida de proposição (grosso modo, os tipos de oração) e classificada em frase declarativa, interrogativa, imperativa e exclamativa¹⁶⁹, mas pela produção do discurso¹⁷⁰. Sobre o que Benveniste compreende por discurso, podemos citar duas definições que ele dá ao largo dos PLG: (i) a linguagem colocada em ação¹⁷¹ e (ii) a manifestação da enunciação¹⁷². Tomando essas duas definições em separado, há a impressão de que Benveniste estaria dando duas definições distintas para discurso. Contudo, relacionando discurso a outros conceitos, percebemos que essas definições não são excludentes. Ao contrário, estão em função da mesma perspectiva.

Para fazer essa relação, utilizamos a segunda definição como fio condutor. O discurso é a manifestação da enunciação porque ele é produzido a cada vez que se fala/se escreve e é realizado por meio de “tous les genres où quelqu’un s’adresse à quelqu’un, s’énonce comme locuteur et organise ce qu’il dit de la catégorie de la personne”¹⁷³, ou seja, por meio dos próprios textos orais ou escritos em que o locutor se enuncia como sujeito. Quando discurso é assim definido em *Les relations de temps dans le verbe français*, Benveniste contrasta esse conceito com o de narrativa, que é “le mode d’énonciation qui exclut toute forme linguistique ‘autobiographique’”¹⁷⁴, isto é, a narrativa é o modo de enunciação em que o locutor não se enuncia como locutor. Se discurso e narrativa estão sendo contrastados e narrativa é um modo de enunciação, discurso também é um modo de enunciação.

Assim sendo, a enunciação, que é o ato de produzir um enunciado, de o locutor mobilizar a língua por sua conta¹⁷⁵, possui esses dois modos de realização, o discurso e a narrativa. Esses dois tipos de enunciado podem ser tidos como alocução também, já que,

¹⁶⁹ TYPES DE PHRASE. In: BESCHERELLE, 2006, não paginado.

¹⁷⁰ BENVENISTE, 1974, p. 225.

¹⁷¹ Cf. Id., 1966, p. 258.

¹⁷² Cf. Id., 1974, p. 81.

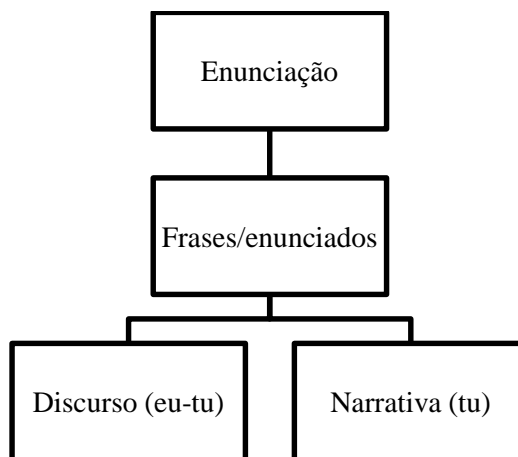
¹⁷³ BENVENISTE, 1966, p. 242: “todos os gêneros em que alguém se endereça a alguém, enuncia-se como locutor e organiza o que ele diz da categoria da pessoa”.

¹⁷⁴ Ibid., p. 239: “o modo de enunciação que exclui toda forma linguística ‘autobiográfica’”.

¹⁷⁵ Cf. Id., 1974, p. 80.

mesmo na narrativa, o tu é implicado: “toute énonciation est, explicite ou implicite, une allocution, elle postule un allocutaire”¹⁷⁶. Isto é, o discurso implica tanto o eu quanto o tu, já a narrativa implica apenas o tu:

Figura 4 – A enunciação e seus tipos de enunciado.



Fonte: A autora.

Quando o locutor se apropria da língua, o ato da enunciação, ele pode produzir dois tipos de frases: (i) o discurso, que são os enunciados, orais ou escritos, em que o locutor se enuncia; por exemplo, correspondências, memoriais, conversações orais as mais diversas, entre outros; e (ii) a narrativa, que são os enunciados em que o locutor não se enuncia; por exemplo, romances, lendas, causos, entre outros. Esses enunciados são alocações por implicarem um alocutário.

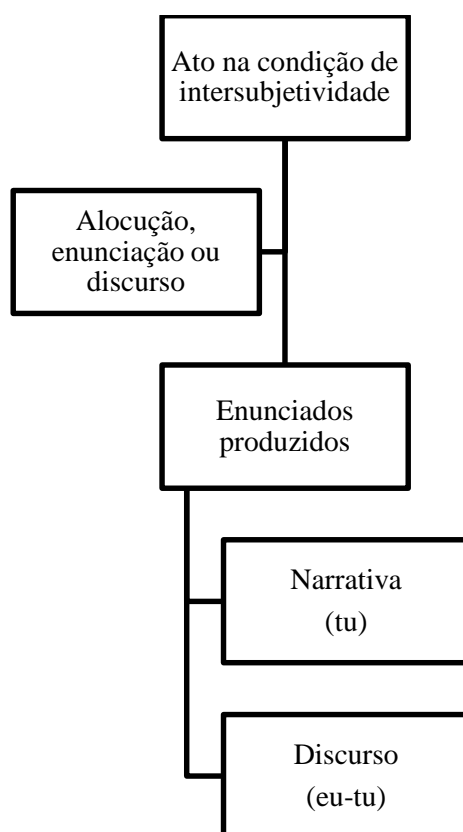
Nesse sentido, no vigésimo terceiro parágrafo de *La forme*, ao ser afirmado que a frase é a expressão do modo semântico, fica evidente que Benveniste está tomando frase pelo modo de manifestação da enunciação e, por conseguinte, a maneira pela qual a linguagem é operada no uso. Entretanto, ele não está lidando somente com um modo de manifestação da enunciação, o discurso, mas também com a narrativa, já que, nesse mesmo parágrafo, afirma estar tomando frase no seu sentido geral, isto é, tanto a manifestação em que são implicados o eu e o tu, quanto ao que apenas o tu é implicado. Podemos, pois, dizer que a frase é a realização da enunciação.

Entretanto, ao mesmo tempo em que é a realização da enunciação, é a produção do discurso: “nous disons la phrase en général, sans même en distinguer la proposition, pour

¹⁷⁶ BENVENISTE, 1974, p. 82: “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”.

nous en tenir à l'essentiel, la production du discours"¹⁷⁷. Com isso, queremos dizer que discurso aqui não está sendo tomado como o tipo de enunciado em que o locutor se implica, mas como "toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur et chez le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière"¹⁷⁸. Assim sendo, uma segunda acepção de discurso é a do ato em que o locutor implica o interlocutor, isto é, discurso aqui é o mesmo que enunciação e alocução. Com isso, para Benveniste, o discurso pode ser tanto o ato, que implica o tu, quanto o produto desse ato, um tipo de enunciado, implicando especificamente o eu. Consequentemente, como ato, o discurso pode ser entendido como a língua assumida pelo homem na condição de intersubjetividade¹⁷⁹:

Figura 5 – Ato e enunciados na condição de intersubjetividade.



Fonte: A autora.

¹⁷⁷ BENVENISTE, 1974, p. 225: "nos referimos à frase em geral, sem mesmo distingui-la da proposição, para retermo-nos no essencial, à produção do discurso".

¹⁷⁸ Id., 1966, p. 242: "toda enunciação que supõe um locutor e um auditário, em que haja no primeiro a intenção de influenciar o segundo de alguma maneira".

¹⁷⁹ Cf. Ibid., p. 266.

De posse dessas informações, é possível compreender o que Benveniste compreenderia por “situação de discurso” ainda no vigésimo terceiro parágrafo de *La forme*:

Le signe sémiotique existe en soi, fonde la réalité de la langue, mais il ne comporte pas d'applications particulières; la phrase, expression du sémantique, n'est *que* particulière. Avec le signe, on atteint la réalité intrinsèque de la langue; avec la phrase, on est relié aux choses hors de la langue; et tandis que le signe a pour partie constituante le signifié qui lui est inhérent, le sens de la phrase implique référence à la situation de discours, et l'attitude du locuteur. (BENVENISTE, 1974, p. 225)¹⁸⁰

Dicotomizemos, primeiro, signo e frase: (i) o signo funda a concretude da língua, isto é, manifesta-se no modo semiótico e possui um funcionamento generalizado e seu significado é inerente porque, como vimos, é imanente, necessário, o que implica emergir da diferença e possuir caráter distintivo; (ii) a frase é o enunciado que provém do modo semântico, por isso, possui um funcionamento particularizado, já que seu sentido implica referência à situação de discurso e à maneira subjetiva de o locutor manejar a língua. Com essa dicotomização, pode-se vislumbrar mais claramente o funcionamento paradoxal da língua: ou se está na língua ou se está fora da língua; todavia, para que o locutor maneje a língua, ele tem que estar na língua ao mesmo tempo. Disto, é necessário pensar a língua tanto como um sistema de signos quanto como a atividade manifestada pelas instâncias de discurso¹⁸¹.

As instâncias de discurso são as estruturas linguísticas, por exemplo, os indicadores do eu-tu-ele-aqui-agora, que emergem da situação de discurso, que é o estado de circunstâncias em que o locutor se apropria da língua. Com isso, quando Benveniste afirma que o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor, ele não está fazendo menção ao mundo e ao locutor propriamente dito, mas ao discurso. Sendo a frase particular, o sentido que ela pode (com)partilhar se construirá a partir do ato mesmo de manejar a língua. Construindo-se a partir do ato, o discurso, a frase é produto da maneira como o locutor olha para o mundo, por isso sua referência está para a situação do discurso, que é determinada a partir do ponto de vista do locutor, e, conseqüentemente, à maneira subjetiva de ele manejar a língua.

Entretanto, a frase não é completamente subjetiva, a ponto de o interlocutor não compreender o que fala o locutor, já que, por ela emergir da intersubjetividade, tem que se

¹⁸⁰ “O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas não comporta aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, é *apenas* particular. Com o signo, tocamos a realidade intrínseca da língua; com a frase, somos ligados às coisas fora da língua. E, enquanto o signo tem como parte constituinte o significado que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor”.

¹⁸¹ BENVENISTE, 1966, p. 257.

enquadrar na estrutura de relações de uma determinada língua, a qual é comum dentre seus interlocutores. A esse respeito, diz Benveniste que “le langage reproduit le monde, mais en soumettant à son organisation propre. Il est *logos*, discours et raison ensemble, comme l’ont vu les Grecs”¹⁸². A linguagem é *logos* porque é razão, pensamento organizado pelo modo semiótico, e discurso, ato de intersubjetividade que se dá pelo modo semântico, ao mesmo tempo. Dar destaque para um ou outro seria desconsiderar que a comunicação entre os homens só é possível porque a linguagem reproduz o mundo submetendo-o à sua estrutura.

Sendo *logos*, razão e discurso concomitantemente, a linguagem, ainda que tenha uma organização coesa, pode se manifestar incoerentemente, o que a abre para a falha constitutiva. Aí entra a questão de como o sentido funciona no modo semântico da língua:

Une première constatation est que le “sens” (dans l’acception sémantique qui vient d’être caractérisée) s’accomplit dans et par une forme spécifique, celle du syntagme, à la différence du sémiotique qui se définit par une relation de paradigme. D’un côté, la substitution, de l’autre connexion, telles sont les deux opérations typiques et complémentaires. (BENVENISTE, 1974, p. 225)¹⁸³

O sentido se realiza, ao passo que o significado, no modo semiótico, define-se. A realização do sentido dá-se pela forma de um sintagma e a definição do significado dá-se pela relação de um paradigma. Para que o sentido seja enformado, é necessário que haja conexão entre as unidades do sintagma e para que o significado seja relacionado, é necessária a substituição entre suas unidades. Dentre as consequências disso, há, em primeiro lugar, o fato de que o sentido só pode ser particular por dar-se no emprego da língua. Entretanto, a língua realizando-se apenas no sintagma, essa particularidade tem que se adequar aos tipos de conexões que sua estrutura permite, o que é medido na e pela intersubjetividade. Em segundo lugar, o significado sendo definido pelo paradigma, as substituições nunca são dadas *a priori*, mas pela binaridade, ou seja, pelo semelhante e dessemelhante, como vimos no item anterior. O significado, pois, ainda que seja inerente e possa ser definido, só se dá pela diferença, pela negação.

No vigésimo quinto parágrafo de *La forme*, Benveniste (1974, p. 225) denomina os signos de unidades semióticas e as palavras de unidades semânticas. “Unidade” semiótica

¹⁸² BENVENISTE, 1966, p. 25: “a linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua organização própria. Ela é ‘logos’, discurso e razão juntos, como já o sabiam os gregos”.

¹⁸³ “Uma primeira constatação é que o ‘sentido’ (na acepção semântica que acaba de ser caracterizada) se realiza na e por uma forma específica, a do sintagma, o que a difere do semiótico, que se define por uma relação de paradigma. De um lado, a substituição, do outro, a conexão: tais são as duas operações típicas e complementares”.

porque, não sendo possível ter acesso diretamente às entidades, os signos só podem ser identificados no e pelo discurso, aliás, pelo que resta do discurso, seus enunciados. É possível compreender como os signos foram definidos no paradigma apenas por meio do sintagma, ainda que eles não se realizem no sintagma. Afinal de contas, as relações paradigmáticas dependem da associação mental que cada locutor faz e, sendo impossível ter acesso a essa associação mental, a função do signo se lha depreende pelas conexões que o locutor fez na frase.

A esse respeito, ao semioticista não cabe analisar as entidades, o que suporia aceder a essa associação mental, que nem o locutor mesmo acede, mas as unidades semióticas, que já refletem um decalque dessa associação; e ao semanticista não cabe analisar o “querer dizer” das unidades semânticas, já que esse “querer dizer” depende tanto da estrutura semiótica, das relações associativas, que fogem ao controle mesmo daquele que as relacionou por emergirem da diferença, quanto do funcionamento semiótico, das relações sintagmáticas, que se dão por conexões que emergem da intersubjetividade.

A causa e a origem do sentido, seja ele semântico ou semiótico, portanto, sempre escapam, o que, entretanto, não impede que se possa fazer Semântica ou Semiótica. Sobre isso, pelo que estudamos até aqui, poderíamos fazer o seguinte quadro:

Quadro 2 – Propriedades do semiótico e do semântico.

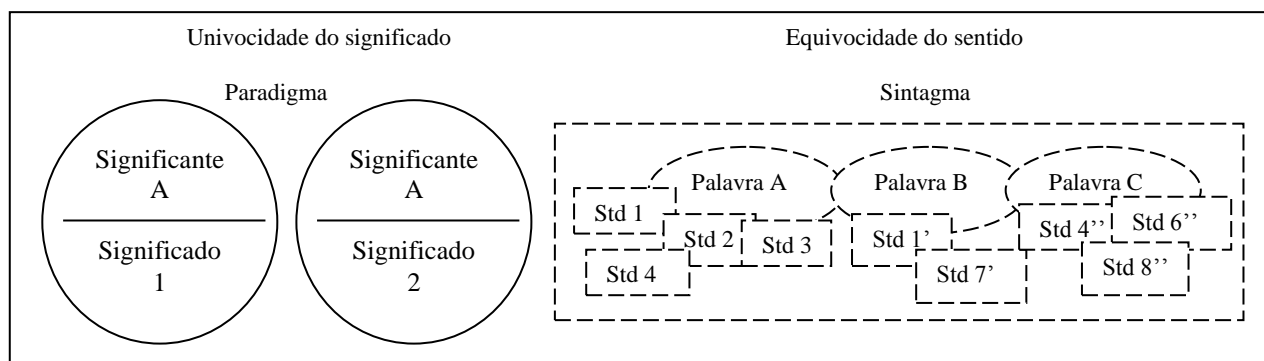
	Modo semiótico	Modo semântico
Unidade	Signo	Palavra, frase
Conteúdo veiculado	Significado (ou sentido semiótico): imanente porque depende do valor, unívoco	Sentido (ou sentido semântico): particular porque depende da situação de discurso, equívoco
Organização	Paradigma	Sintagma
Operação	Substituição, segmentação	Conexão, consecução

Fonte: A autora.

Assim, ao semanticista e ao semioticista cabe analisar a organização e as operações de sua unidade de análise naquilo em que, nessa reconstrução, elas permitem compreender os efeitos de sentido possíveis. Não se trata de apenas analisar os sentidos possíveis isoladamente. Por exemplo, no caso do significado, estudá-lo isoladamente seria considerá-lo unívoco pela positividade, não pela negatividade. Como o significado só se dá pelo valor, ainda que, quando se torna *um* signo com o significante, ele seja unívoco por causa da necessidade, as relações associativas podem sempre fazer o significante operar o corte em outra massa de ideias, com o que o significado sempre pode ser outro. No caso do sentido,

estudá-lo isoladamente seria desconsiderar a situação de discurso, que o torna equívoco, ou seja, na reconstrução da mesma situação, uma vez que não se tem acesso à situação de discurso ela mesma, o sentido sempre pode ser outro. Sobre a univocidade do significado e a equivocidade do sentido, exemplifiquemos:

Figura 6 – Sobre a univocidade e a equivocidade.



Fonte: A autora.

No paradigma, o significante A sempre pode se relacionar a outro significado. Entretanto, se relacionado ao significado 1, formará um e apenas um signo; se relacionado ao significado 2, formará outro signo. Daí a univocidade. Mas, em um mesmo sintagma, a palavra A e as outras palavras podem se relacionar a vários sentidos concomitantemente. E isso por dois motivos: em primeiro lugar, por causa do ato mesmo da enunciação: o locutor, ao falar ou escrever, não tem controle nem sobre aquilo que diz nem sobre aquilo que o seu interlocutor, na situação mesma de discurso, compreenderá. Em segundo lugar, por causa daquilo que resta da enunciação: a leitura ou escuta de um enunciado por diferentes locutores pode fazer compreender um sentido e não outro. Daí a equivocidade. Notemos que as fronteiras tracejadas da situação de discurso, da palavra e mesmo do sentido tentam ilustrar a fluidez do modo semântico.

Particularmente sobre a unidade semântica, Benveniste (1974, p. 225) declara ser a palavra uma unidade mínima e necessária: mínima para a mensagem e necessária para a codificação do pensamento. Por “mensagem”, entendamos poder implicar apenas transmissibilidade, não transmissão, uma vez que o ser próprio do modo semântico é a equivocidade. Definindo como a unidade mínima da mensagem, Benveniste faz encontrar a função natural da palavra, não a definindo simplesmente como a unidade mínima de sentido, mas como a unidade mínima que suscita sentido na mensagem, com o que ela preenche uma função nessa mensagem, o que veremos melhor adiante.

A palavra é a unidade necessária para a codificação do pensamento, que é o tornar o pensamento acessível ao outro por meio de uma realização formal, por causa do agenciamento:

Toute forme verbale, sans exception, en quelque idiome que ce soit, est toujours reliée à un certain présent, donc à un ensemble chaque fois unique de circonstances, que la langue énonce dans une morphologie spécifique. Que l'idée ne trouve forme que dans un agencement syntagmatique, c'est là une condition première, inhérente au langage. (BENVENISTE, 1974, p. 226)¹⁸⁴

Para Benveniste, o sentido de uma frase ou enunciado é a ideia que ela veicula. Por “idée”, compreendemos “représentation abstraite, élaborée par la pensée, d'un être, d'un rapport, d'un objet”¹⁸⁵. É a representação mental que se faz do conjunto de circunstâncias em que se encontra o locutor. Ainda que ele fale do passado ou do futuro, a ideia de sua frase estará ancorada no momento presente de sua enunciação. Pelo fato de o presente ser cada vez único e, portanto, particular, essa representação mental precisa passar por um agenciamento sintático a fim de que se torne passível de ser compreensível a e por outros locutores, abrindo a possibilidade de diálogo. Por “agencer”, compreendemos “disposer, arranger un ensemble de sorte que ses éléments soient exactement adaptés les uns aux autres et que le tout réponde au mieux à sa destination”¹⁸⁶. Isto é, o locutor tem que enformar o sentido que intenta produzir na e pela língua, relacionando seus elementos de modo a formar uma estrutura que seja reconhecida como linguística por seus interlocutores.

Assim sendo, ainda que o signo organize o pensamento, apenas o agenciamento das palavras permite codificá-lo. Realizar-se formalmente implica dar-se¹⁸⁷ (i) pela escolha, a partir das relações paradigmáticas, o que não implica capacidade de livre-arbítrio (de maneira a não ser completamente ativo), mas manejo da língua (não sendo completamente passivo); (ii) pelo agenciamento das palavras, dispô-las de maneira a formar um sintagma; (iii) pela organização sintática, de modo que esse sintagma seja composto, seguindo as regras de conexão de uma língua específica; (iv) pela ação que as palavras exercem umas sobre as outras, isto é, os efeitos de sentido produzidos entre elas quando agenciadas, com o que uma palavra não possa ter um sentido em si.

¹⁸⁴ “Toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, então, a um conjunto cada vez único de circunstâncias, que a língua enuncia em uma morfologia específica. Que a ideia só encontre forma num agenciamento sintagmático é uma condição primeira, inerente à linguagem”.

¹⁸⁵ IDÉE. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “representação abstrata, elaborada pelo pensamento de um ser, de uma relação, de um objeto”.

¹⁸⁶ AGENCER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “dispor, arranjar um conjunto de maneira que seus elementos estejam bem adaptados uns com os outros que o todo responda, o melhor possível, à sua destinação”.

¹⁸⁷ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 225.

Que o agenciamento organize o pensamento, Benveniste (1974, p. 226) assevera escapar ao domínio de estudo do linguista, cabendo a este aceitá-la como a condição necessária de organização da mente, o que torna a linguagem *logos*, a razão possibilitando o discurso e o discurso possibilitando a razão. Discutido o quadro geral da relação entre forma e sentido no modo semântico, passemos ao seu processo de realização. Esses tantos detalhes envolvidos nesse processo, lemos no vigésimo sétimo parágrafo de *La forme*. Por serem muitas as informações, julgamos ser mais viável dispô-las em um quadro para, então, fazer a problematização:

Quadro 3 – Funcionamento da palavra e da frase no modo semântico.

	Palavra	Frase
Sentido	Emprego – capacidade de integrar um sintagma e de preencher uma função proposicional	Ideia – resultado da maneira como as palavras são agenciadas
Referência	Objeto correspondente à palavra no presente da enunciação	Situação de discurso

Fonte: A autora.

No modo semântico, estão envolvidos o sentido e a referência, a palavra e a frase. No que concerne ao sentido, devemos atentar para o fato de que o sentido da palavra funciona de maneira distinta do sentido da frase. Na frase, o sentido pode ser tido como uma ideia, uma representação mental que resulta do agenciamento das palavras. Essa ideia resulta do agenciamento, entretanto, por assim dizer, é provocada pela situação de discurso.

Ao arranjar as palavras de modo a formarem uma frase que porta uma ideia, cada palavra é colocada em um emprego particular. Por “emprego”, compreendemos a circunstância em que se utiliza a palavra¹⁸⁸, circunstância esta que é a integração da palavra a um sintagma e o preenchimento de uma função proposicional. Integrar um sintagma implica dois aspectos - a não-redução da frase às suas partes e a repartição do sentido da frase entre elas:

La phrase se réalise en mots, mais les mots n'en sont pas simplement les segments. Une phrase constitue un tout, qui ne se réduit pas à la somme de ses parties; les sens inhérent à ce tout est réparti sur l'ensemble des constituants. Le mot est un constituant de la phrase, il en effectue la signification; mais il n'apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu'il a comme unité autonome. (BENVENISTE, 1966, p. 123-124)¹⁸⁹

¹⁸⁸ Cf. EMPLOI. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado.

¹⁸⁹ “As frases se realizam em palavras, mas as palavras não são simplesmente os segmentos delas. Uma frase constitui o todo, que não se reduz à soma de suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido sobre o

O fato de a frase se realizar por palavras não implica que ela seja uma soma de suas partes. No entanto, a ideia que a frase veicula é repartida entre essas palavras. Pode parecer contraditório o fato de ao mesmo tempo em que a frase não seja uma soma de suas partes, seu sentido resulte da relação de suas palavras. Interessante notarmos que, a esse respeito, Benveniste (1974, p. 226) utiliza as palavras “*assemblage*” e “*assembler*” para se referir a essa relação de palavras que resultam no sentido da frase como um todo: “*le locuteur assemble des mots...*”, “*le sens qui resulte de l’assemblage des mots*”, o que não leva às frases serem uma soma de suas partes.

A composição do sentido da frase é outra coisa que a composição de sua forma, no que a palavra está no entremeio, já que realiza a significação da frase, isto é, tanto funciona na veiculação de sentido quanto na estruturação da forma.

Com relação ao sentido, “à partir de l’idée chaque fois particulière, le locuteur assemble des mots qui dans *cet* emploi ont un ‘sens’ particulier”¹⁹⁰. A partir da representação mental que o locutor “quer” suscitar por meio da frase, essa ideia é enformada em uma estrutura linguística, relacionando as palavras de forma que, desse agenciamento, elas tenham um emprego cujo sentido seja particular àquela frase. Por conseguinte, a palavra entra na frase de modo que seu emprego contribua com a ideia da frase por meio do agenciamento sintático.

Todavia, esse agenciamento não leva a que a frase seja uma soma de suas partes. Ao contrário. Pelo fato mesmo de se estar tratando de agenciamento, arranjo que implica relação, e não adição, arranjo que implicaria um simples acréscimo, as palavras contribuem com a forma da frase no que elas se combinam sintaticamente, não apenas algoritmicamente. O resultado da adição é a soma; o da sintaxe, a frase. A sintaxe implica as regras infinitas de combinação de uma dada estrutura linguística, o que leva à equivocidade. Já a soma implica as regras finitas de combinação de um sistema numeral: a univocidade.

Ainda que essa diferença pareça óbvia, é muito comum relacionar a frase ao algoritmo, portanto, à soma das partes; e não à sintaxe, portanto, ao agenciamento das partes. Por exemplo, no verbete “algoritmo” do Dicionário Houaiss, encontramos:

Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: gramática generativa, matemática. Mecanismo que utiliza representações análogas para resolver problemas ou atingir um fim, noutros campos do raciocínio e da lógica. Ex.:

conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetuando a significação nela e não aparecendo necessariamente com o sentido que possui como unidade autônoma”.

¹⁹⁰ BENVENISTE, 1974, p. 226: “A partir da ideia cada vez particular, o locutor reúne as palavras que, nesse emprego, têm um ‘sentido’ particular”.

pode-se considerar a gramática como um a., na construção das frases. (ALGORITMO. In: HOUAISS, et al., 2001, não paginado)

A gramática não é um algoritmo para a construção de frases. Ela é, ao contrário, uma estrutura linguística. Por ser estrutura, comporta leis de combinação. Por ser linguística, essas leis de combinação, além de estarem para o infinito, comportam nelas mesmas os paradoxos de funcionamento da língua. Falar em algoritmo e em estrutura linguística leva a consequências completamente diferentes. Entretanto, ainda que se insista na relação de um e outro, não seria demais lembrar que a língua é um sistema de signos, não de números.

Portanto, quanto à produção de sentido, a palavra entra na frase de modo a (com)partilhar seu emprego com a ideia da frase, o que não implica soma, já que, quanto à estruturação da forma, a palavra entra na frase de modo a fazer combinações sintáticas. Dessa forma, pelo fato de a palavra realizar a significação na frase, é necessário pensar seu duplo aspecto de funcionamento: o emprego das palavras contribuindo com o todo – o aspecto do sentido - e o todo sendo resultado do agenciamento das palavras – o aspecto da forma. Emprego e agenciamento funcionando juntos, de modo que a frase tenha um funcionamento formal e não formalista, isto é, um funcionamento que implique articulação, não uma mera reunião dos constituintes.

Dado que tudo isto está envolvido no fato de a palavra integrar um sintagma, passemos agora ao seu preenchimento na função proposicional. A esse respeito, Benveniste cita Russell em *Les niveaux d'analyse linguistique*:

Une “fonction propositionnelle” est une expression contenant un ou plusieurs constituants indéterminés, tels que, lorsque des valeurs leur sont assignées, l’expression devient une proposition [...] “*x* est humain” est une fonction propositionnelle; tant que *x* reste indéterminé, elle n’est ni vraie ni fausse; mais, dès que l’on assigne un sens à *x*, elle devient une proposition vraie ou fausse. (RUSSELL, [199?], p. 188 apud BENVENISTE, 1966, p. 125)¹⁹¹

Nesse sentido, a noção de emprego vem junto com a noção de função proposicional na medida em que os constituintes indeterminados possam ser preenchidos por uma palavra, formando uma frase. Notemos que, nesse caso, poderíamos compreender esses constituintes indeterminados não como entidades linguísticas, mas como os “blocos” ou “espaços” que

¹⁹¹ “Uma função proposicional é uma expressão contendo um ou mais constituintes indeterminados, tais que, quando os valores lhe são atribuídos, a expressão torna-se uma proposição [...]: ‘*x* é humano’ é uma função proposicional; enquanto *x* manter-se indeterminado, ela não é nem falsa nem verdadeira; mas, desde que se lhe atribua um sentido, ela se torna uma proposição verdadeira ou falsa”.

possam ser semanticamente preenchidos em uma frase. Por exemplo, “ele comeu aqui *x*”, poderia ser preenchido por “ele comeu aqui hoje”, “ele comeu aqui ontem”, entre outros. Com isso, percebemos que não se trata simplesmente de haver função proposicional apenas nos “espaços” dedicados aos ditos termos essenciais da oração, embora, em Russell, haja referência explícita ao esquema “S é P”. Porém, no quadro teórico em que nos situamos, para os termos ditos acessórios também há constituintes indeterminados que podem ser preenchidos, já que, por exemplo, em “ele comeu aqui hoje”, as regras de combinação da Língua Portuguesa permitem que um adjunto adverbial temporal seja posposto a um adjunto adverbial de lugar. Além do mais, elas permitem que o adjunto “hoje”, frequentemente relacionado com o presente, seja agenciado com um verbo no passado.

No entanto, elas não permitem que “comeu” seja agenciado com “amanhã” na linguagem ordinária, ainda que, na linguagem poética, isso seja possível. Por exemplo, em uma narrativa, um dado personagem vivendo o dia 18 viaja no tempo para antecipar o que aconteceria no dia 19. Depois da viagem, volta ao dia 18 e diz aos seus: “o nosso inimigo comeu aqui amanhã”, o que poderia levar a diversos desdobramentos tanto na narrativa em si quanto no leitor que a lê. Sendo os objetivos da arte a suspensão, a experiência estética, o estranhamento, enfim, uma frase como essa poderia atingir esse(s) fim(s). Nesse caso, pois, não se trata simplesmente da suposta licença poética, mas do fato de a linguagem poética, como diz Benveniste (1974, p. 216-217), ter suas próprias leis e suas próprias funções. A função proposicional aí, então, poderia ser preenchida de maneira muito diversa da maneira que é preenchida na linguagem ordinária.

O que vemos aqui, pois, é que a sintaxe da língua não se restringe às regras de combinação descritas na gramática normativa. Afinal de contas, estando essas regras ao infinito, a gramática não conseguiria dar conta delas. Notemos bem, porém, que, quando se fala em sintaxe, está tratando-se de “regras” ou “leis” de combinação, as quais, embora estejam para o infinito, não podem engendrar qualquer tipo de combinação, dado que, com isso, tudo seria permissível, mas apenas aquilo que a estrutura da Língua Portuguesa, no caso, permite. Portanto, a crítica que fazemos à gramática normativa não está para destituí-la de sua utilidade quanto à regulamentação, à institucionalização do uso da Língua Portuguesa, mas para destituí-la da sua pretensão de completude. Ora, a Língua Portuguesa tem um funcionamento demasiado complexo para que suas leis sejam encerradas em apenas um livro.

Inclusive a maneira como as palavras são agenciadas para a escrita da gramática normativa pode revelar regras de combinação que essa própria gramática não normatizou¹⁹².

De qualquer maneira, como assinalamos no começo desta dissertação que nos ateremos apenas à linguagem ordinária, já que Benveniste também assinala-o no começo de *La forme*, não entraremos em mais detalhes sobre o funcionamento da linguagem poética. Assim, voltando à linguagem ordinária, toda frase possui espaços semânticos que, se não forem preenchidos, podem ser preenchidos por uma palavra. Como a palavra preenche uma função proposicional, seu emprego relaciona-se à maneira como essa função é preenchida. O sentido da palavra, portanto, é particular ao espaço semântico em que funciona. Por isso, “[le mot] n’apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu’il a comme unité autonome”¹⁹³. Dessa citação, duas ressalvas. Em primeiro lugar, voltamos à questão de que a parte contribui com o todo de modo a que o sentido da palavra funcione segundo a função proposicional, propiciando que seu emprego contribua com o sentido da frase, a ideia que é partilhada. Em segundo lugar, afirmar que a palavra tem um sentido como unidade autônoma não implica imanência de sentido, mas semantismo social. Mais detalhes sobre isso, veremos no próximo capítulo desta dissertação.

Como podemos ver no quadro 3, além do sentido, no modo semântico também está envolvida a referência, que tem um funcionamento na palavra e outro funcionamento na frase. Na palavra, a referência é “l’objet particulier auquel le mot correspond dans le concret de la circonstance ou de l’usage”¹⁹⁴. Por esse motivo, quando, no quadro 3, afirmamos que a referência é o objeto correspondente à palavra no presente da enunciação, por “correspondre” não compreendemos “être lié à quelque chose par un rapport nécessaire”¹⁹⁵, como em uma função matemática, mas uma relação arbitrária, especializando o termo pelo quadro teórico benvenistiano. A palavra corresponde a um objeto não por haver um motivo dado *a priori*, mas pela maneira mesma que os locutores utilizam a língua: por ela ser forma, ela é manejada segundo uma convenção social, não segundo a ordem das coisas do mundo que ditaria que o objeto *x* tivesse que ser nomeado de maneira *y*. Por conseguinte, a palavra corresponde à coisa simbolizada imotivadamente.

¹⁹² Cf. AGUSTINI, 2003, p. 123.

¹⁹³ BENVENISTE, 1966, p. 124: “[a palavra] não aparece necessariamente na frase com o sentido que ela tem como unidade autônoma”.

¹⁹⁴ Id., 1974, p. 226: “o objeto particular ao qual a palavra corresponde no concreto da circunstância ou do uso”.

¹⁹⁵ CORRESPONDRE. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “estar ligado a algo por uma relação necessária”.

Na frase, a referência é a situação de discurso, que Benveniste define como o estado de coisas que a provoca, o que não se pode nem prever nem adivinhar como foi¹⁹⁶. Por esse motivo,

La phrase est donc chaque fois un événement différent; elle n'existe que dans l'instant où elle est proférée et s'efface aussitôt; c'est un événement évanouissant. Elle ne peut sans contradiction dans les termes comporter d'emploi; au contraire, les mots qui sont disposés en chaîne dans la phrase et dont le sens résulte précisément de la manière dont ils sont combinés n'ont que d'emplois. (BENVENISTE, 1974, p. 227)¹⁹⁷

Sobre esta citação, duas problematizações: (i) o fato de a frase ser um acontecimento e (ii) o fato de, passada a enunciação, as palavras da frase terem apenas emprego, não referência. Por “événement”, compreendemos “fait marquant de l'actualité”¹⁹⁸, o fato que marca atualidade da enunciação, na medida em que atualiza a língua. Disso, resulta-se que a enunciação evanescente e estar ancorada no presente da enunciação.

Ainda que seja sempre particular e evanescente, o que leva a, fora da situação de discurso, poder não ser possível compreendê-la, a frase também pode ser compreendida fora da situação de discurso. Com isso, Benveniste (1974, p. 226) chama a atenção para o fato de se diferenciar sentido de referência. Desse modo, havendo correspondência entre palavra e objeto apenas no presente da enunciação, no que resta dela, o enunciado, há apenas o sentido. Dado que o emprego é o sentido das palavras, pode-se compreendê-lo como o valor contextual que é institucionalizado a respeito de uma palavra. Se Benveniste (1974, p. 227) afirma que o emprego da palavra é valor, então, ele só ocorre na diferença, no agenciamento de uma palavra com outras palavras. Sendo institucionalizado, ele só ocorre por uma convenção social.

É por esse motivo que a polissemia é um fato linguístico tão propalado entre as línguas naturais: “ce qu'on appelle la polysémie n'est que la somme institutionalisée, si l'on peut dire, de ces valeurs contextuelles, toujours instantanées, aptes continuellement à s'enrichir, à disparaître, bref, sans permanence, sans valeur constante”¹⁹⁹. A polissemia é a combinação de valores institucionalizados porque, muitas vezes, esses valores não se relacionam. Eles se

¹⁹⁶ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 226-227.

¹⁹⁷ “A frase é, então, cada vez um acontecimento diferente. Ela apenas existe no instante em que é proferida e se apaga em seguida: é um acontecimento evanescente. Ela não pode, sem contradição nos termos, comportar empregos; ao contrário, as palavras que são dispostas em cadeia na frase e cujo sentido resulta precisamente da maneira na qual eles são combinados têm apenas empregos”.

¹⁹⁸ ÉVÉNEMENT. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “fato que marca a atualidade”.

¹⁹⁹ BENVENISTE, 1974, p. 227: “o que chamamos de polissemia é apenas a soma institucionalizada, se o podemos dizer, desses valores contextuais, sempre instantâneos, aptos continuamente a se enriquecerem ou a desaparecerem, enfim, sem permanência, sem valor constante”.

acumulam no léxico pelo simples fato de a correspondência de uma palavra com referentes distintos ter se tornado uma convenção.

Passemos, então, ao que Benveniste chama de articulação semântica. No segundo capítulo desta dissertação, vimos que o fato de a língua ser articulada é a causa de ela ser um sistema de signos. Isso se dá porque, utilizando-se do aparelho fonador para emitir sons que materializam a simbolização que se faz do mundo, o homem abre a condição de diálogo com outros homens. Com isso, é possível que o eu se constitua pelo tu, na medida em que aquele escuta o que este diz, transformando o som em imagem, o significante, e aquilo de que se fala também em imagem, o significado, organizando, assim, sua mente em um sistema de signos. Dessa forma, vemos que a noção de articulação está intimamente ligada à noção de diálogo. Observemos que em “diálogo” há “logos”, o discurso e a razão sendo possíveis apenas na intersubjetividade. Não poderia haver o ato de apropriar-se da língua, o discurso, e a capacidade de simbolizar o mundo, a razão, em um homem sozinho no mundo. É por isso que Benveniste (1966, p. 259) assevera que o homem só é homem porque está na linguagem.

Ao estar na linguagem, o homem precisa articular as palavras em frase. Por isso, a denominação de articulação semântica, Benveniste explica no vigésimo oitavo parágrafo de *La forme*, esclarecendo: (i) a relação entre signo e palavra, (ii) como as palavras contraem seus valores e (iii) o fato de, na frase, a síntese fornecer o sentido e a análise, a forma.

Começemos pela relação entre signo e palavra: “tout fait ainsi ressortir le statut différent de la même entité lexical, selon qu’on la prend comme signe ou comme mot”²⁰⁰. Signo e palavra se relacionam pela noção maior de entidade lexical. No primeiro capítulo desta dissertação, afirmamos que as entidades linguísticas apresentam-se para o locutor como uma massa indistinta e que as unidades linguísticas podem ser delimitadas, reconhecidas por meio de uma operação mental. A entidade lexical, pois, pode ser delimitada pelo locutor semiótica ou semanticamente. Delimitando-a semioticamente, segue-se daí o reconhecimento do signo, isto é, a capacidade de o locutor conceber significados na massa indefinida de significantes, operando o corte da delimitação, possibilitando que ele reconheça que um signo é o que o outro não é. A delimitação semântica leva à compreensão de uma palavra, à capacidade de o locutor identificar um emprego possível de uma unidade em uma frase. Consequentemente, a entidade pode funcionar ou como unidade semiótica ou como unidade semântica.

²⁰⁰ BENVENISTE, 1974, p. 227: “Tudo faz assim sobressair o estatuto diferente da mesma entidade lexical, segundo tememo-la como signo ou como palavra”.

Sobre isso, atentemo-nos para o fato de que, por um lado, o reconhecimento semiótico não leva necessariamente à compreensão semântica e, por outro, não pode haver compreensão semântica sem o reconhecimento semiótico. Observemos o que diz Benveniste a respeito:

Le sémiotique (le signe) doit être reconnu; le sémantique (le discours) doit être compris. La différence entre reconnaître et comprendre renvoie à deux facultés distinctes de l'esprit : celle de percevoir l'identité entre l'antérieur et l'actuel, d'une part, et celle de percevoir la signification d'une énonciation nouvelle, de l'autre. Dans les formes pathologiques du langage, les deux facultés sont fréquemment dissociées. (BENVENISTE, 1974, p. 65)²⁰¹

Reconhecer e compreender são duas faculdades distintas da mente, o que não significa que estejam separadas. O fato de o locutor dissociá-las pode significar, inclusive, que ele possui alguma patologia da linguagem ou mesmo uma má formação escolar. Por exemplo, no caso da escrita, se não consegue compreender o que lê, estará dissociando o reconhecer de compreender: meramente decodificando um texto, ele não saberá dizer de que poderia tratar-se. Entretanto, o “leitor” pode não compreender por nem ao menos ser capaz de reconhecer a língua escrita, isto é, por não ser alfabetizado.

No caso da oralidade, a questão fica ainda mais complexa, já que, outros motivos que não uma patologia ou má formação escolar poderiam levar um locutor a não compreender ou nem ao menos reconhecer o que diz seu interlocutor. Por exemplo, o interlocutor pode não reconhecer pelo fato de a matéria fônica ter chegado de maneira defeituosa (por excesso de barulho no ambiente, por exemplo) aos seus ouvidos, o que o impede de representá-la, não conseguindo associar um significante a um significado possível, ou ainda pelo fato de a língua de seu interlocutor lhe ser estrangeira, entre outros. O não-reconhecimento pode dar-se por, embora locutor e interlocutor estejam fisicamente na mesma situação de discurso, eles estarem mentalmente em outra situação de discurso, construindo referências diferentes.

Desse modo, o fato de Benveniste definir situação de discurso como o estado de coisas que provoca uma frase²⁰² não implica esse estado de coisas se referir diretamente ao mundo, mas à maneira como se representa esse mundo. Por esse motivo, é uma “situação”, no mundo, “de discurso”, de representação desse mundo. Os homens não existem simplesmente porque

²⁰¹ “O semiótico (o signo) deve ser reconhecido; o semântico (o discurso) deve ser compreendido. A diferença entre reconhecer e compreender faz remeter a duas faculdades distintas da mente: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de um lado, e a de compreender a significação de uma enunciação nova, por outro lado. Nas formas patológicas da linguagem, as duas faculdades estão frequentemente dissociadas”.

²⁰² Cf. BENVENISTE, 1974, p. 226.

estão no mundo, mas porque estão no mundo representando-o sob a determinação da língua²⁰³.

De qualquer forma, havendo motivos vários para a dissociação entre reconhecimento semiótico e compreensão semântica, dos quais tratamos aqui apenas a título de exemplificação, o que podemos perceber é que o reconhecimento é necessário para a compreensão, embora a recíproca não seja verdadeira. Vejamos:

Le langage offre le modèle d'une structure relationnelle, au sens les plus littéral et le plus compréhensif en même temps. Il met en relation dans le discours des mots et des concepts, et il produit ainsi, en représentant d'objets et de situations, des signes, distincts de leurs référents matériels. (BENVENISTE, 1969, p. 28)²⁰⁴

A linguagem oferece uma estrutura relacional: o social fornecendo uma estrutura, isto é, a organização particular de uma dada cultura simbolizando o mundo, e o individual fornecendo o particular, a maneira pela qual o locutor concebe o mundo linguisticamente. A situação de discurso provoca a simbolização. O mundo estando a sua volta, um torvelinho de imagens acotovela-se na mente do locutor. Essas imagens, representando o mundo, só podem abrir a condição de diálogo no discurso quando alçadas a signo, isto é, quando a simbolização passa a compreender não só uma imagem conceitual, mas também uma imagem acústica, relacionadas, portanto, indiretamente aos referentes materiais que as motivaram. A simbolização, pois, é apreendida em uma estrutura semiótica que permite alçar os signos a palavras agenciadas em frases, o que se constitui como funcionamento semiótico, possibilitando a comunicação. O reconhecimento semiótico, pois, é necessário para a compreensão semântica. Portanto, não pode haver produção de frases – a compreensão semântica – sem a base da estrutura semiótica – o reconhecimento semiótico.

Com isso, é possível compreender um dos primeiros aspectos da articulação semântica, a relação entre signo e palavra, que possui duas consequências. Em primeiro lugar, há de haver “une assez grande variété d'expressions pour énoncer, comme on dit, ‘la même idée’”²⁰⁵. Sendo a ideia uma representação mental possível que se faz do mundo, o torvelinho de imagens do mundo que se acotovela diante do locutor permite que ele utilize um sem número de combinações na estrutura semiótica para alçá-las a frases, agenciando suas

²⁰³ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 26.

²⁰⁴ “A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Ela coloca em relação, no discurso, as palavras e os conceitos, e produz, assim, representando objetos e situações, signos, distintos de seus referentes materiais”.

²⁰⁵ BENVENISTE, 1974, p. 227: “uma grande variedade de expressões para enunciar, como se diz, ‘a mesma ideia’”.

palavras de maneira a elas possibilitarem uma ideia possível do mundo. Em segundo lugar, a consequência de que “l’idée doit subir la contrainte des lois de leur assemblage”²⁰⁶, isto é, não sendo o locutor origem daquilo que diz, toda ideia que ele “queira” veicular sofrerá, inevitavelmente, a coerção das leis de agenciamento de uma dada língua, a qual ele herdara.

Nesse sentido, os lexemas de uma língua podem ser contados, porém, quando entram em combinação, seguindo as regras de um dado idioma, frases ao infinito podem ser produzidas. De signo à frase, há um processo complexo, que possui três propriedades:

Nous avons dit qu’il y a d’une part des unités signifiantes, en second lieu la capacité d’agencer ces signes en manière signifiante et en troisième lieu, dirons-nous, il y a la propriété syntagmatique, celle de les combiner dans certains règles de consécution et seulement de cette manière. (BENVENISTE, 1974, p. 97)²⁰⁷

Das três propriedades, a primeira é a significante: a língua ser composta de unidades significantes; a segunda é a de agenciamento: de essas unidades se relacionarem; e a terceira é a sintagmática: de essas unidades serem combinadas, seguindo regras de um dado idioma, para formar frases, produzindo sentido. A primeira propriedade tem a ver com a finitude, o que Benveniste chama de redução categorial, e a segunda, com a infinitude, o que ele chama de transmutação da experiência em signos²⁰⁸.

Desse modo, chegamos ao segundo aspecto da articulação semântica: à maneira pela qual as palavras contraem valores - “c’est par suite de leur coaptation que les mots contractent des valeurs que en eux-mêmes ils ne possédaient pas et qui sont même contradictoires avec celles qu’ils possèdent par ailleurs”²⁰⁹. Sendo o valor as relações de oposição que emanam do funcionamento próprio da língua²¹⁰, a afirmação de que as palavras contraem valores implica o imbricamento entre modo semiótico e modo semântico, entre signo e palavra. A unidade semiótica, quando alçada a unidade semântica em uma situação de discurso, passa a funcionar como palavra. Funcionando como palavra, o signo, que originariamente estava para o paradigma, começa a funcionar no sintagma. O valor que ele contraiu ao funcionar no paradigma, o que Benveniste chama do valor que foi possuído “par ailleurs”, passa a sofrer uma coaptação no sintagma, isto é, as relações de oposição do sintagma modificam o seu

²⁰⁶ BENVENISTE, 1974, p. 227: “a ideia deve sofrer a coerção das leis de seu agenciamento”.

²⁰⁷ “Dissemos que há, de um lado, as unidades significantes, de outro, a capacidade de agenciar esses signos de maneira significativa e, ainda, diríamos, há a propriedade sintagmática, a de combiná-las em certas regras de consecução e somente dessa maneira”.

²⁰⁸ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 97.

²⁰⁹ Ibid., p. 227: “é pela sequência de sua coaptação que as palavras contraem valores que elas mesmas não possuiriam e que são até mesmo contraditórios com os valores que elas possuiriam alhures”.

²¹⁰ Cf. SAUSSURE, 1964, p. 162.

valor adquirido anteriormente no paradigma. Nessa passagem de paradigma a sintagma, pode-se dizer que a palavra, o signo alçado a unidade semântica, contrai, na frase, um valor que, nele mesmo, poderia até ser contraditório com o valor relacionado no paradigma. Este “nele mesmo” não implica o signo ter um significado intrínseco, mas que esse significado emerge das relações de oposição próprias ao sistema, porque elas sempre podem produzir valores diferentes.

Benveniste (1974, p. 227) afirma que as contradições que emergem das oposições são tão comuns que até mesmo perdemos consciência delas, como acontece na sintagmatização da auxilição verbal. Por exemplo, no paradigma, “ir” e “vir” poderiam contrair valores opositivos que produzem os sentidos opostos de “deslocar-se de A para B” e de “deslocar-se de B para A”, respectivamente, os quais no sintagma “ele vai vir” seriam contraditórios, mas não se tornam contraditórios por já estarem sintagmatizados. A consequência disso leva ao terceiro aspecto da articulação semântica:

Le “sens” de la phrase est dans la totalité de l’idée perçue par une compréhension globale ; la “forme” est obtenue par la dissociation analytique de l’énoncé poursuivie jusqu’aux unités sémantiques, les mots. Au-delà, les unités ne peuvent plus être dissociées sans cesser de remplir leur fonction. (BENVENISTE, 1974, p. 228)²¹¹

A partir disso, enunciamos que, na frase, a síntese fornece o sentido, e a análise, a forma, isto é, a coaptação das unidades permite produzir uma ideia por meio da frase, o sentido, ao passo que a dissociação da frase leva a que se chegue às unidades semânticas, à forma. Fazendo essa dissociação, as unidades semânticas deixarão de funcionar como palavras, já que elas deixarão de preencher sua função proposicional. Deixando de preencher uma função proposicional, elas não estarão mais para o modo semântico, mas para o modo semiótico, com o que chegamos aos signos, os quais preenchem funções puramente semióticas, seja o de funcionar como um fonema, categorema ou lexema. Por conseguinte, a síntese permite compreender como as palavras funcionam na frase e a análise permite compreender o funcionamento do signo no paradigma. Tal é a articulação semântica.

No final do segundo capítulo desta dissertação, destacamos o fato de Benveniste reclamar duas Linguísticas diferentes, a Semiótica e a Semântica, para os dois objetos diferentes, o semântico e o semiótico, que a língua combina. Entretanto, apesar de serem dois

²¹¹ “O ‘sentido’ da frase está na totalidade da ideia apreendida por uma compreensão global; a ‘forma’ pela dissociação analítica do enunciado até as unidades semânticas, as palavras. Além disso, as palavras não podem ser dissociadas sem cessar de preencher sua função”.

mundos diferentes que requerem análises distintas, eles não estão dissociados. A própria articulação semântica, na sua relação entre síntese e análise, exige a articulação dessas duas Linguísticas.

Na análise semiótica, compreende-se a forma como as unidades semióticas e o sentido como o tipo de função semiótica que essa entidade pode preencher. Seria uma análise *bottom-up*, olhando-se de baixo para cima. Na análise semântica, compreende-se a forma como as palavras não mais preenchendo uma função proposicional, mas como os signos preenchendo alguma função semiótica; e o sentido, tanto como o emprego da palavra na frase, isto é, a palavra preenchendo uma função proposicional, quanto como a ideia dessa frase. Seria uma análise *top-down*, olhando-se de cima para baixo.

3. REFLEXÕES SOBRE SEMIÓTICA E SEMÂNTICA

O texto *La forme* termina com a transcrição da discussão feita após a apresentação da conferência de Benveniste. Participaram dessa discussão: Paul Gochet, lógico belga, professor emérito da Universidade de Liège; Martial Gueroult, francês historiador da filosofia; Chaïm Perelman, lógico polonês, fundador da Nova Retórica; Jean-Claude Piguet, escritor suíço; e Paul Ricoeur, filósofo francês. É importante, pois, considerá-la neste texto porque permite compreender melhor o objeto e o método da Semiótica e da Semântica.

Gochet pergunta se haveria diferença entre frase e enunciado. Na Filosofia Analítica, frase – “sentence” - teria um caráter abstrato, portanto, seu valor de verdade seria o mesmo em qualquer tempo verbal que lhe fosse atribuído; o enunciado – “statement” – teria um caráter concreto, seu valor de verdade dependendo, pois, do tempo verbal, de seu uso. Quer saber, então, se a frase estaria para o modo semiótico e se o enunciado, para o modo semântico. Benveniste responde que para ele não há diferença entre frase e enunciado, e inclusive define frase como “énoncé de caractère nécessairement sémantique”²¹². Quer se utilize a palavra “enunciado” ou “frase”, estar-se-á referindo ao que está para o modo semântico da língua. Quer essa frase seja uma menção, ou de qualidade reportada, ou uma regra gramatical, ela já está semanticamente enformada. No modo semiótico, não é possível haver frase, já que as unidades semióticas estão para o paradigma.

Gueroult insiste sobre a questão da menção, afirmando que uma citação seria frase (no sentido da Filosofia Analítica) por ser uma afirmação tomada em favor de alguém; portanto,

²¹² BENVENISTE, 1974, p. 231: “enunciado de caráter necessariamente semântico”.

com valor abstrato. Gochet faz a ressalva de que uma frase que enunciasses um exemplo da gramática – “sentence” – não poderia ser tomada como enunciado – “statement” – por ela não ser atribuída a ninguém em particular. Benveniste admite não ter discutido devidamente essa questão e afirma poder considerá-las um material de enunciados fixos sob a forma escrita, isto é, frases que já estão funcionando no modo semântico, mas que possuem um caráter permanente, não-pessoal.

Em seguida, Perelman diz que os lógicos colocam a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática na Semiótica e interroga o porquê de Benveniste não fazer essa divisão tripla. Ao que Benveniste responde:

Si je ne me trompe, la notion de syntaxique, la notion de sémantique, la notion de pragmatique sont les trois ordres de notions auxquels les logiciens en général adhèrent. Ces trois notions constituent un ensemble qui est tout autrement articulé que ce que la langue en elle-même permet de concevoir. Ensemble ou séparément, elles appartiennent exclusivement au domaine qui est, dans ma terminologie, celui du sémantique. (BENVENISTE, 1974, p. 233)²¹³

Como a Lógica não tem como objetivo estudar a língua por ela mesma, essa tripla divisão pode ser aí bem fundamentada. Entretanto, na Linguística, em que a preocupação é de ir até os fundamentos, essa divisão não se justifica, uma vez que o que os lógicos chamam de semântico, de pragmático e de sintático o que já está para a ordem do sintagma e, portanto, do modo semântico.

Por esse motivo, Benveniste chama a atenção para o fato de que a noção de sintaxe tem a ver necessariamente com estrutura, não com sistema, não podendo, então, ter um caráter universal, como o é tomado na Lógica, dado que ela depende das leis de combinação de um idioma particular. Além disso, não é necessário distinguir a Semântica – que, na Lógica, refere-se à relação entre as palavras e as coisas – e a Pragmática – ao jogo de relações entre aqueles que se servem da língua, o locutor e o interlocutor – dado que a língua considerada como realização no modo semântico já pressupõe um locutor e uma situação que se relaciona ao mundo, seja a coisa no mundo ou um outro locutor.

Perelman afirma que a sintaxe comportaria mais do que ele havia dito, mais que uma simples concatenação entre signos. Ora, a sintaxe, estando para o modo semântico, não é uma simples concatenação entre signos, mas compreende o agenciamento entre palavras. De

²¹³ “Se não me engano, a noção de sintaxe, a noção de semântica, a noção de pragmática, são as três ordens de noções às quais os lógicos em geral se aderem. Essas três noções constituem um conjunto que é articulado de outra maneira que não a que a língua, nela mesma, permite conceber. Em conjunto ou separadamente, elas pertencem exclusivamente ao domínio que é, na minha terminologia, o do semântico”.

qualquer forma, ele ainda diz compreender que a Semântica, na Linguística, possui outro caráter que na Lógica, já que o linguista não se interessa pelos valores de verdade.

Sobre a análise e a síntese do modo semântico, Piguet assevera, tomando essas palavras como se fossem as de Benveniste, que “le sens de la phrase équivaut à la totalité de l’idée, perçue sémantiquement; la forme de la phrase en revanche est donnée par la dissociation de cette totalité en unités sémiotiques ou par la composition d’unités sémiotiques indépendantes”²¹⁴. Como vimos até aqui nesta dissertação, tanto a análise quanto a síntese no modo semântico implicam unidades semânticas, as palavras, não as unidades semióticas, os signos. De qualquer forma, ele pergunta se a Semântica compreende um método analítico e se a Semiótica, um método global não-analítico. Benveniste responde que realmente há duas Linguísticas distintas. Porém, não saberia dizer em que consistiriam os métodos de uma e de outra, por ainda estar no começo da grande reconstrução na qual ele insere a Linguística.

Ricoeur faz a intervenção de que essa bipartição da Linguística traria consequências filosóficas importantes, como a questão da “clôture” do universo linguístico. Referindo-se aqui ao mundo dos signos, ele pergunta, a partir das considerações de Chomsky, se o semiótico, como o semântico, não poderia ser prolongado à ordem sintagmática e se se poderia falar tanto de uma Semântica quanto de uma Semiótica da frase. Benveniste replica novamente que a frase não pode estar no modo semiótico, em que, por mais matemáticos que sejam os procedimentos adotados, “[ils] visent en définitive des réalisations. Nous ne cessons pas d’être dans le sémantique”²¹⁵. E assevera que o princípio estrutural da língua, os mecanismos gramaticais gerados pelo sistema, não está propriamente nem no modo semiótico nem no modo semântico, uma vez que a significação aí não intervém. Isso implica dizer que falar de gramática de uma dada língua não implica falar de agenciamento sintático diretamente. A estrutura específica de uma língua, que Benveniste chama de necessidade idiomática, está para outra ordem, que ele não chega a dissertar profundamente.

Outro congressista, cujo nome não é apontado, pergunta sobre a relação entre Lógica e Semiótica. Benveniste responde que a Linguística não tem a necessidade de pensar a questão dos valores de verdade; portanto, nesse sentido, a Lógica não se relacionaria à Semiótica. E finaliza dizendo que “quant à la place du sémiotique, je crois que c’est un ordre distinct, qui

²¹⁴ PIGUET apud BENVENISTE, 1974, p. 235: “o sentido da frase equivale à totalidade da ideia, percebida semanticamente; a forma da frase, em contrapartida, é dada pela dissociação dessa totalidade em unidades semióticas ou pela composição de unidades semióticas independentes”.

²¹⁵ BENVENISTE, 1974, p. 237: “[eles] concernem, em definitivo, a realizações. Nunca cessamos de estar no semântico”.

obligera à réorganiser l'appareil des sciences de l'homme"²¹⁶. Ele admite que suas considerações tenham impactos importantes para a ciência. No entanto, como elas estão apenas no começo, ficaria difícil discorrer sobre mais desdobramentos possíveis.

4. EM RESUMO

Neste capítulo, discutimos do décimo primeiro ao vigésimo oitavo parágrafo do texto *La forme*, como também a discussão que sucede o texto, parágrafos 34 a 55. O tema principal foi a diferença existente entre a análise das entidades livres, os signos, e da frase, no discurso, isto é, em que consistem a Semiótica e a Semântica para Benveniste.

A Semiótica tem como objeto de estudo a estrutura fonemática do significante. Por ser estrutura, ela está ligada a uma língua em particular. O aspecto fonemático implica analisar a função que um determinado segmento da imagem acústica preenche no signo. Como essa segmentação só é possível por meio do significado, estudar a estrutura fonemática do significante não implica estudá-lo isolada daquele. Com isso, é possível compreender o funcionamento do signo no paradigma, no que se refere aos sêmio-fonemas, aos sêmio-categoremas ou aos sêmio-lexemas.

A Semântica tem como objeto a frase. A frase implica sentido e referência, tanto dela mesma quanto das palavras que a compõem. O sentido das palavras é o seu emprego, isto é, as circunstâncias de uso, o valor, na frase; e a referência, a coisa significada pela língua a que se refere. Já o sentido da frase é a ideia que se produz na e pela coaptação das funções proposicionais das palavras, e a referência, a situação de discurso. Por discurso, compreendemos o ato em que o locutor maneja a língua, o que Benveniste também chama de enunciação ou alocução, já que sempre pressupõe um alocutário. Ademais, discurso pode ser a manifestação da enunciação, como também um modo específico de manifestação – o enunciado em que apenas o eu é implicado. Assim, a situação de discurso são as circunstâncias (materiais ou mentais) em que esse ato é realizado.

Consequentemente, Benveniste não faz a tripla divisão da Linguística em Sintaxe, Semântica e Pragmática, como o fazem os lógicos, por defender que os linguistas devem se interessar pela articulação semântica, que faz compreender a natureza da língua, e não por valores de verdade.

²¹⁶ BENVENISTE, 1974, p. 238: “quanto ao lugar do semiótico, creio que seja de uma ordem distinta, que obrigará a reorganizar o aparelho das ciências do homem”.

Como, neste capítulo, discutimos teoricamente os fundamentos da Semiótica e da Semântica, no próximo, problematizaremos as questões envolvidas em torno do nosso objeto de pesquisa e do nosso objeto de estudo para justificar os pressupostos benvenistianos de que nos utilizaremos para fazer a análise do *corpus*.

CAPÍTULO IV

O OBJETO E SEU ENTORNO

1. APONTAMENTOS PRIMEIROS

Terminamos o capítulo anterior justamente no ponto de *La forme* em que Benveniste começa a falar sobre a articulação semântica e sua relação com o semantismo social e a tradução. Por esse motivo, neste capítulo, primeiramente, faremos uma discussão de como a tradução é estudada na Tradutologia e de como ela o deveria ser pela Linguística, fazendo um apanhado geral da maneira como a tradução é vista na Tradutologia e trazendo os pressupostos saussurianos para fundamentar a diferença entre objeto de estudo e objeto de pesquisa.

Assim sendo, na Tradutologia, diz-se que a tradução a ser discutida muito antes de Cristo, no ano de 46, com a publicação de Cícero de *De optimo genere oratorum*, em que ele já defendia que não era necessário traduzir “verbum pro verbo”, mas sim o sentido. Segundo Hurtado Albir (2008, p. 104), Cícero inaugurou uma discussão que duraria mais de dois mil anos no Ocidente. Contudo, há de se destacar que, com Cícero, temos o marco da reflexão teórica acerca da tradução escrita. Porém, a utilização prática da tradução é muito mais antiga - a tradução oral é mais antiga que o Egito Antigo e registros de traduções escritas remontam de pelo menos dezoito séculos antes de Cícero.

Dentre as várias maneiras de classificar esses dois mil anos de história da tradução ocidental escrita, Hurtado Albir (2008, p. 104) faz uma divisão em dois grandes períodos: o primeiro que vai de Cícero até a II Guerra Mundial e o segundo que tem como marco esta guerra e se estende até os dias de hoje. Nesse segundo período, então, há o surgimento da Tradutologia, em que a discussão sobre a tradução passa a ter um caráter científico.

Dessa maneira, julgamos importante distinguir as noções de tradução e de Tradutologia. A tradução é um conhecimento procedimental, portanto, um saber fazer, que se adquire pela prática²¹⁷, a Tradutologia é a ciência que a estuda, é um conhecimento sobre a prática tradutora. Seus objetivos são: (i) definir-se ela mesma – seu âmbito de estudo, seu objeto, seus objetivos e seus métodos; (ii) promover ferramentas tanto para o tradutor quanto para o tradutólogo, ou ainda, ferramentas de tradução para aquele que faz tradução e ferramentas de análise da tradução para aquele que estuda a tradução. O primeiro objetivo,

²¹⁷ Cf. ANDERSEN 1983 apud HURTADO ALBIR, 2008, p. 25.

Hurtado Albir (2008, p. 10-11) chama de caracterização da Tradutologia e o segundo, de noções centrais de análise.

Assim sendo, a tradução pode ser definida sob quatro aspectos: (i) enquanto atividade entre línguas, em que predominam as teorias que dão mais ênfase à língua que à fala; (ii) enquanto atividade textual, em que se teoriza sobre a finalidade comunicativa de um texto; (iii) enquanto ato de comunicação, em que se teoriza sobre a funcionalidade de um texto em uma cultura; (iv) enquanto processo, em que se situam em teorizações sobre como se dá a atividade cognitiva do tradutor no ato de traduzir a partir da gramática gerativa, de estudos da comunicação sobre a compreensão e expressão de textos, de estudos hermenêuticos, entre outros.

Cada teoria, então, explica de maneira diferente as quatro características da tradução: (i) o método, que tem relação com as finalidades da tradução, por exemplo, tradução comunicativa, tradução literal, tradução livre, tradução filológica; (ii) a classe, que tem relação com a função e a direção, por exemplo, tradução profissional, que é um fim em si mesmo; tradução pedagógica, que não é um fim em si mesmo; tradução natural, que é a habilidade inata de traduzir; tradução direta, que vai da língua estrangeira (doravante L2) à língua materna (doravante L1); tradução inversa que vai de L1 a L2, entre outros; (iii) o tipo, que concerne aos gêneros do âmbito socioprofissional em que a tradução se encontra, por exemplo, tradução jurídica, literária, religiosa, entre outros; (iv) a modalidade, que se relaciona com o modo (primário e complexo) e o meio (som, grafia, imagem) da tradução, por exemplo, a tradução à primeira vista possui um modo complexo porque engloba os meios escrito e oral, entre outros.

Desse modo, Hurtado Albir (2008, p. 125) afirma que há cinco enfoques teóricos na Tradutologia: os enfoques textuais, os enfoques cognitivos, os enfoques socioculturais, os enfoques linguísticos e os enfoques semânticos. Estes últimos se limitariam a: (i) Linguística Comparada, comparando unidades isoladas entre línguas sob uma perspectiva diacrônica; (ii) Estilística Comparada, propondo categorias que expliquem os procedimentos de tradução utilizados por um tradutor; (iii) comparações gramaticais, utilizando categorias dos mais variados tipos de gramática; (iv) aplicação de modelos linguísticos, servindo-se das mais variadas teorias da linguagem; (v) enfoques semânticos, atendo-se a teorias que ajudam a compreender a significação em pormenores da tradução como os termos técnicos, a tradução literária, entre outros; (vi) enfoques semióticos, que comparam a relação da língua com outros tipos de sistemas semiológicos na tradução.

De maneira geral, a Tradutologia sob um enfoque linguístico está baseada na aplicação da Linguística para compreender seu objeto. Não há problema em uma ciência se servir de outra para compreender seu objeto, mas sim no fato de que, nessa aproximação, os limites de uma e outra sejam afrouxados e confundidos. Uma ciência não podendo ser estanque, pelo fato mesmo da impossibilidade de completude, não implica a falta de rigor na delimitação de seu objeto, conseqüentemente, de suas fronteiras. Por esse motivo, no item que se segue, problematizaremos os conceitos saussurianos de matéria e de objeto, a fim de tornar inteligível o lugar da tradução na Tradutologia e na Linguística, isso porque jugamos pouco formal a postura tão corrente de fazer confundir essas duas ciências pelo fato de, aparentemente, estarem tratando do mesmo objeto.

2. CONSIDERAÇÕES SAUSSURIANAS

Após a olhadela sobre o desenvolvimento da Linguística, Saussure entra na questão da matéria, o conteúdo, e da tarefa, os objetivos, dessa ciência. No caderno de Riedlinger temos, pois, a seguinte afirmação:

En parlant d'un principe *intérieur*, on pourrait définir la linguistique : a science du langage ou des langues. Mais alors la question se pose immédiatement : qu'est-ce que ce le langage ? [...] Il faudra donc nous contenter pour le moment de définir la linguistique de l'*extérieur* en la considérant dans ses tâtonnements progressifs par lesquels elle prend conscience d'elle-même en établissant ce qui n'est pas elle. (SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 19)²¹⁸

Num primeiro momento, a Linguística poderia, interiormente, ser considerada a ciência da linguagem. No entanto, como outras ciências também tomam como objeto o que se poderia chamar de linguagem, torna-se necessário defini-la a partir do exterior, ao que ele delimita sua matéria, que seria a de ser constituída “par toutes les manifestations du langage humain”²¹⁹. A matéria sendo todas as manifestações da linguagem, seus objetivos englobam tanto a descrição da sincronia e da diacronia das línguas quanto a investigação dos mecanismos que estão em jogo no funcionamento das línguas, o que faz com que a Linguística se delimite e se defina ela mesma.

²¹⁸ “falando de um princípio *interior*, poderíamos definir a Linguística: a ciência da linguagem ou das línguas. Mas, então, a questão se põe imediatamente: o que é a linguagem? [...] Será necessário, então, contentar-nos no momento de definir a Linguística a partir do *exterior*, considerando-a por meio de suas tentativas progressivas, pelas quais ela toma consciência dela mesma, estabelecendo o que não é ela”.

²¹⁹ SAUSSURE, 1964, p. 20.

Uma vez que esses dois objetivos parecem ser independentes entre si, no caderno de Dégallier é possível vislumbrar como se relacionam: “il faudra que de cette histoire de toutes les langues se dégagent lois générales; trouver les forces en jeu dans toutes les langues, séparer phénomènes généraux de phénomènes particuliers”²²⁰, isto é, partindo-se do particular, a comparação entre línguas, chega-se ao geral, os mecanismos comuns de funcionamento entre as línguas, não sendo adequado ao linguista, portanto, dissociar essas duas tarefas. Isso posto, Saussure começa a delimitar a Linguística em diferença com outras ciências, já que “les unes empruntent à la linguistique, les autres fournissent à [la] linguistique”²²¹, isto é, algumas ciências tomando informações da Linguística e outras as fornecendo, forma-se um emaranhado de disciplinas em comum.

Nesse sentido, a Linguística não é Etnografia, uma vez que não estuda a cultura em si, mas as manifestações culturais simbolizadas pela linguagem; não é História porque não estuda as memórias possíveis deixadas pelos homens no tempo, mas as marcas que essas memórias deixam na linguagem; não é Sociologia, dado que não estuda as condições de produção de uma sociedade em si, mas as manifestações dessas condições simbolizadas pela linguagem; não é Antropologia porque não estuda o homem em sociedade, mas as manifestações que o homem engendra na e pela linguagem na sociedade; não é Psicologia porque não estuda processos mentais, mas as manifestações da linguagem que se dão em e por esses processos.

Enfim, vemos que o fato de a matéria da Linguística tocar todas as manifestações da linguagem faz com que seu entorno seja muito amplo e heterogêneo, o que leva à seguinte consideração no caderno de Constantin: “domaine du langage prête à un grand nombre d’absurdités et erreurs. Tâche de linguistique est de rectifier beaucoup d’idées”²²². É por esse motivo que, no capítulo seguinte, Saussure estabelece que, ainda que sua matéria toque toda e qualquer manifestação da linguagem, seu objeto não pode ser essas manifestações em si:

Il n’y a, selon nous, qu’une solution à toutes ces difficultés : il faut se placer de prime abord sur le terrain de la langue et la prendre pour norme de toutes les autres manifestations du langage. En effet, parmi tant de dualités, la langue seule paraît être susceptible d’une définition autonome et fournit un point d’appui satisfaisant pour l’esprit. (SAUSSURE, 1964, p. 25)²²³

²²⁰ SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 20: “será necessário tirar as leis gerais dessa história de todas as línguas; encontrar as forças em jogo em todas as línguas, separar os fenômenos gerais dos fenômenos particulares”.

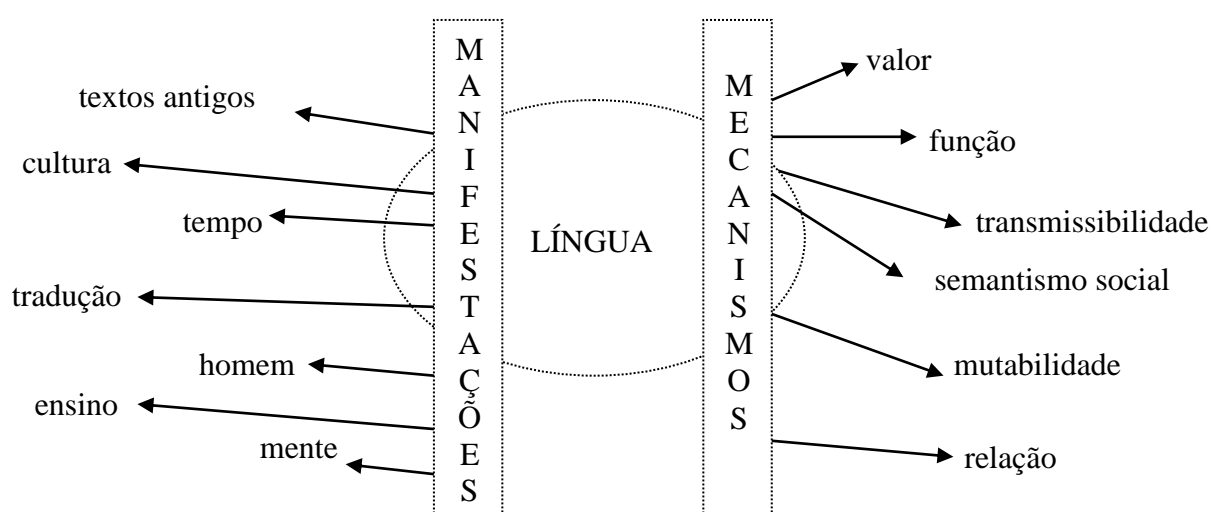
²²¹ Ibid., p. 21: “umas tomam emprestado da Linguística, outras emprestam à Linguística”.

²²² Ibid, p. 23: “o domínio da linguagem está inclinado a um grande número de absurdos e erros. A tarefa da Linguística é retificar muitas dessa ideias”.

²²³ “Há, para nós, apenas uma solução para todas essas dificuldades: é necessário se colocar, em primeiro lugar, sobre o terreno da língua e tomá-la por norma de todas as outras manifestações da linguagem. Com efeito, entre

Isso porque a língua é, para Saussure, um princípio de classificação, ou, para Benveniste, um princípio estrutural, ou seja, é o que permanece uno diante da heterogeneidade das suas possíveis formas de manifestação. É por isso que Caille anota em seu caderno: “monsieur de Saussure croit que la langue roule sur deux axes irréductibles” (SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 19)²²⁴. Esses dois eixos seriam o das manifestações heteróclitas, o eixo externo, e o dos mecanismos gerais, o eixo interno:

Figura 7 – A língua, algumas de suas manifestações e mecanismos.



Fonte: A autora.

Nesse esquema simplificado, tentamos demonstrar o objeto língua “rolando” sobre o eixo externo e o eixo interno. No interno, eixo dos mecanismos, elencamos alguns dos traços gerais tirados por indução a partir das manifestações da linguagem. No externo, eixo das manifestações, elencamos os textos antigos para contrastar a Linguística com a Filologia, já que àquela cabe tomar esses textos para pensar algum mecanismo; a cultura, o tempo, a mente e o homem para contrastá-la com a Etnografia, a História, a Psicologia e a Antropologia, respectivamente, dado que eles são vistos a partir de suas marcas na linguagem e os mecanismos que ficam “encravados” no sistema; o ensino, para contrastá-la com a Pedagogia, uma vez que ele é visto a partir dos mecanismos convencionados na língua que permitem uma criança inserir-se no mundo das letras, por exemplo; e a tradução, para contrastá-la com a

tantas dualidades, apenas a língua parece ser suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio que satisfaz o intelecto”.

²²⁴ “o senhor Saussure julga que a língua rola sobre dois eixos irredutíveis”.

Tradutologia, já que, na Linguística, a tradução é tomada como conteúdo do qual se pode induzir traços gerais de funcionamento da língua. Entretanto, muitos outros mecanismos e manifestações poderiam ter sido citados.

De qualquer maneira, mesmo esse esquema servindo apenas a título de exemplificação devido a sua grande limitação, é possível ver que a matéria da Linguística não se confunde com seu objeto e aí chegamos à tradução. Para a Linguística, a tradução seria uma de tantas outras manifestações da linguagem. Como essa ciência postula que devemos partir desses casos particulares para chegarmos às generalizações, o linguista toma a tradução como matéria a fim de chegar ao seu objeto, a língua. Sobre esse objeto, ele disserta sobre algum mecanismo específico, no nosso caso, o semantismo social, que é um aspecto do problema da significação. A língua sendo o objeto de estudo, qualquer um de seus mecanismos, pauta de uma investigação em particular, também pode ser tido como objeto de estudo, o qual, por sua vez, será pensado a partir de alguma manifestação da linguagem, no nosso caso, a tradução, que, para nós, constitui um objeto de pesquisa, isto é, o meio do qual partimos para pensarmos o objeto de estudo.

O funcionamento do semantismo social poderia ser estudado sob qualquer outro objeto de pesquisa, seja ele o ensino, a mente, o tempo, a cultura, entre outros. Neste trabalho, escolhemos fazê-lo orientando-nos ao produto da tradução. Faremos essas reflexões tomando como ponto de partida o conceito de articulação semântica.

3. O SEMANTISMO SOCIAL NA TRADUÇÃO

A articulação semântica implicando, de modo geral, a maneira como a experiência é transmutada a signo e esse, por sua vez, a palavra, podemos observar dois desdobramentos importantes, decorridos do vigésimo nono parágrafo de *La forme*. O primeiro refere-se ao fato de quê:

Les mots, instruments de l'expression sémantique, sont, matériellement, les "signes" du répertoire sémiotique. Mais ces "signes", en eux-mêmes conceptuels, génériques, non circonstanciels, doivent être utilisés comme "mots" pour des notions toujours spécifiques, circonstanciels, dans les acceptions contingentes du discours. (BENVENISTE, 1974, p. 228)²²⁵

²²⁵ "As palavras, instrumentos da expressão semântica, são, materialmente, os 'signos' do repertório semiótico. Mas esses 'signos', neles mesmos conceituais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como 'palavras', para noções sempre específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso".

As palavras são as unidades mínimas da mensagem das quais se serve o locutor para poder, dentre outros, comunicar-se. Nesse sentido, elas podem ser tidas como instrumentos. Notemos bem: são instrumentos do ponto de vista do locutor. “Instrument” sendo definido como “objet fabriqué servant à un travail, à un opération”²²⁶, a palavra, do ponto de vista do linguista, não poderia ser vista como tal, já que esse sabe que a língua não foi fabricada e que ela não tem um fim imediatista na sociedade. Todavia, o locutor, tendo a ilusão de que é origem do que diz, serve-se dela como instrumento, na medida em que crê estarem partindo dele as palavras que enuncia. Nisso, não há problema nenhum e não poderia ser de outra maneira.

De qualquer forma, as palavras, instrumentos que permitem o locutor exprimir uma ideia na frase, emergem do modo semiótico, por isso, podem ser tidas materialmente como signos. Benveniste aspeia “signo” pelo fato de, estando as palavras para o sintagma e os signos para o paradigma, as unidades que estão na frase não são exatamente os signos, mas palavras, por terem uma função proposicional. Desse modo, afirmar que as palavras na frase podem ser tidas materialmente como signos é apenas uma maneira de fazer lembrar o fato de que o reconhecimento semiótico é necessário para a compreensão semântica, isto é, sem o funcionamento do paradigma na estrutura semiótica, não seria possível o homem manejar a língua e alçá-la a instrumento da comunicação no sintagma.

Quando há esse alçamento, os signos, que são eles mesmos genéricos, ganham um caráter todo particular, com o que cada emprego da língua se torna evanescente. Com isso, quanto mais genérico o signo, por exemplo, “ser”, maior sua frequência de uso, já que a generalidade de um signo possibilita-o ter uma quantidade maior de usos particulares na frase.

O segundo desdobramento está para a independência relativa do pensamento no homem²²⁷. Isso se dá por dois motivos ao menos. Em primeiro lugar, para haver comunicação, é necessária a conversão do pensamento em discurso, o que implica seu assujeitamento à estrutura formal de uma dada língua. Entretanto, esse assujeitamento não implica que uma dada ideia só possa ser veiculada em uma dada estrutura. O fato de haver tradução, de podermos aprender e ensinar uma língua estrangeira, de podermos ler e compreender teorias de autores estrangeiros, por exemplo, prova que uma dada ideia pode ser veiculada em diferentes estruturas, isto é, em diferentes idiomas e também em diferentes formas no mesmo

²²⁶ INSTRUMENT. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “objeto fabricado que serve para um trabalho, para uma operação”.

²²⁷ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 228.

idioma. E isso se dá porque a língua é um sistema que comporta as mais variadas estruturas linguísticas.

Como sistema, seu funcionamento é universal, por isso, as particularidades de cada estrutura não contrapõem o funcionamento geral do sistema, aliás, essas particularidades estruturais funcionam no e pelo sistema. Isso não implica, porém, estarmos defendendo a possibilidade de uma gramática universal, já que a própria noção de gramática implica estrutura, não sistema. O que estamos defendendo é o fato de o japonês, o bantu, o português, entre outros, serem chamados de língua por haver princípios de funcionamento comuns a todos eles, quais sejam: a articulação semântica, o valor linguístico, a mutabilidade e imutabilidade do signo, a significação, enfim, o que faz todo idioma língua é o fato de possuir tanto uma estrutura semiótica quando um funcionamento semiótico, que permite articular modo semiótico e modo semântico. Com isso, vemos que o pensamento é relativamente independente de uma língua em particular, ainda que dependente do funcionamento da língua para tornar-se (com)partilhável.

Em contrapartida, o pensamento também é relativamente independente da língua, uma vez que o homem é capaz de produzir e de compreender sistemas semiológicos que nem ao menos possuem uma estrutura semiótica, por exemplo, a pintura. Se o pensamento fosse completamente dependente da língua, não seria possível expressar em uma tela aquilo que “está para além das palavras”, explicando de forma técnica, aquilo que, embora nos afete sensorialmente de maneira múltipla, não pode ser convertido à língua. Portanto, embora o homem só seja homem porque fala, porque a língua lhe constitui, essa constituição não implica uma dependência tal que o impeça de apreender o mundo por meio de outros tipos de sistemas semiológicos.

A partir desses dois desdobramentos, Benveniste mostra o paradoxo que está para a relação entre língua e pensamento: a independência relativa do pensamento com relação à língua, já que o homem apreende outros tipos de sistemas semiológicos, e ao mesmo tempo a modelagem estreita do pensamento à língua, já que seu funcionamento como sistema implica ter que modelá-lo a uma estrutura específica para abrir a condição de diálogo. Resumindo, o pensamento é dependente e independente da língua. Nesse sentido, Benveniste chega a duas discussões importantes: sobre a tradução e a metalíngua. Passemos à primeira:

On peut transposer le sémantisme d'une langue dans celui d'une autre, “salva veritate”; c'est la possibilité de la traduction; mais on ne peut pas transposer le sémiotisme d'une langue dans celui d'une autre, c'est

l'impossibilité de la traduction. On touche ici la différence du sémiotique et du sémantique. (BENVENISTE, 1974, p. 228)²²⁸

Sobre a possibilidade da tradução, as noções de semantismo e de “salva veritate” devem ser discutidas. O fato de a frase ser um acontecimento faz com que, passada a enunciação, as palavras da frase tenham apenas emprego, não referência. O que resta da enunciação é o enunciado. Sendo o enunciado um resto, uma sobra do manejar da língua pelo locutor, ele não está mais ancorado no presente da enunciação. Por isso, o emprego das palavras que funcionam no enunciado também é um remanescente da enunciação.

O sentido permanece, pois, após o manejo enunciativo graças, ao que Benveniste chama de semantismo social: “la langue entoure de toute part la société et la contient dans son appareil conceptuel, mais en même temps, en vertu d’un pouvoir distinct, elle configure la société en instaurant ce qu’on pourrait appeler le sémantisme social”²²⁹. A língua, sendo o interpretante, contém a sociedade no seu aparelho conceitual. Essa capacidade de interpretância, além disso, instaura o semantismo social por meio da atividade incessante da significação, isto é, provê formas que se relacionem com sentidos provindos da instauração da sociedade no seu aparelho conceitual, o que gera designações.

Essas são aqui compreendidas não como uma mera etiquetagem do mundo pela língua, mas como o testemunho da organização social, a saber, seus regimes políticos, seus modos de produção, seus movimentos artísticos, suas manifestações religiosas, entre outros. Por esse motivo, no modo semântico, a língua pode ser entendida como um sistema de designações. Por ser testemunho, a designação não se confunde com o referente. Aquela sendo a remanescência do ato de o locutor instaurar-se no presente, simbolizando o mundo, este é o estado de coisas no mundo que provoca esse ato. O referente, pois, sempre está já-lá, ao passo que a designação não pode ser dada *a priori* por depender de o locutor assumir-se como sujeito constituído por língua.

Ao mesmo tempo em que a designação depende da enunciação, ela é o remanescente desse ato. Como dependente do ato, ela seria apenas particular por constituir-se pela situação de discurso. Como remanescente desse ato, ela seria apenas social por ser o testemunho de referentes que sempre já estão lá mundo, o que faria com que, necessariamente, esse

²²⁸ “Podemos transpor o semantismo de uma língua no de outra, ‘salva veritate’: é a possibilidade da tradução. Mas não podemos transpor o semiotismo de uma língua no de outra: é a impossibilidade da tradução. Tocamos aqui a diferença do semiótico e do semântico”.

²²⁹ BENVENISTE, 1974, p. 98: “a língua engloba, de qualquer parte, a sociedade e a contém no seu aparelho conceitual mas, ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando o que poderíamos chamar de semantismo social”.

testemunho fosse espectralizado de maneira completamente igual entre todos os locutores que partilham de uma mesma cultura. Deste modo, percebemos que o jogo entre referência e subjetividade leva a que o funcionamento da designação seja paradoxal, funcionamento que implica constância, por causa da referência, e particularização, por causa da subjetividade.

O mundo existindo *a priori*, a sociedade faz uma simbolização comum desse mundo entre seus membros e o locutor faz uma simbolização particular dele. O ponto da questão é que, os homens vivendo em sociedade, há uma constância na maneira de simbolizar o mundo. Cada homem, porém, constituindo-se de maneira singular com o tu, atualiza essa simbolização. A designação, pois, é um testemunho que sempre pode ser atualizado.

Nesse sentido, compreendemos o semantismo social como a institucionalização dos empregos de uma palavra. É, então, a possibilidade de dar caráter de instituição àquilo que é sempre particular, porque ancorado no presente da enunciação: os empregos. A gramática normativa é o instrumento que torna a institucionalização das regras de combinação das palavras acessível. O dicionário, os sentidos possíveis das palavras. Entretanto, sendo a língua por si só uma instituição, o semantismo social não se restringe ao que está posto na gramática normativa nem no dicionário. Notemos que esses instrumentos tornam essa institucionalização acessível, o que não significa que ela se restrinja a essa acessibilidade. A gramática e o vocabulário de uma língua estão para a estrutura, portanto, não poderiam se restringir a normas que visam a dar unidade à língua de um Estado.

Desta maneira, chamamos a atenção para o fato de que a língua é uma instituição que pode ser compreendida de duas maneiras: do ponto de vista do Estado e do ponto de vista do sistema linguístico. Para o Estado, a língua é uma instituição, porque lhe confere caráter de unidade. Para o sistema, a língua é uma instituição, porque interpreta a sociedade, tornando-se uma organização que permite a vida entre os homens. De uma forma ou de outra, cabe lembrar o que afirma Saussure sobre “la langue est une institution; mais elle se distingue par plusieurs traits des autres institutions politiques, juridiques, etc”²³⁰. Com isso, queremos dizer que, quando asseveramos que a língua é uma instituição do ponto de vista do Estado, não estamos igualando-a a outras instituições sociais, mas evidenciando que é vista como possuindo também o objetivo de unificá-lo.

Passando à questão de “salva veritate”, meditemos sobre as considerações de Ferrater Mora:

²³⁰ SAUSSURE, 1964, p. 33: “a língua é uma instituição, mas ela se distingue por vários traços das outras instituições políticas, jurídicas, etc”.

A origem da expressão *salva veritate* – ou, se se quiser, do uso filosófico dessa expressão – encontra-se em Leibniz quando formula o princípio segundo o qual se dois termos têm o mesmo referente, um deles pode substituir o outro em qualquer enunciado em que apareça, ficando a salvo a verdade[...]. Frege seguiu Leibniz nesse ponto, citando o princípio (e a expressão) mencionado. (FERRATER MORA, 2004, p. 2583)

Frege discutiu essa questão para afirmar que a língua é imperfeita por poder veicular enunciados que possuem sentido, mas não referência, por exemplo, “um país europeu tem fronteiras comuns com dez outros países diferentes” tem sentido, mas não referência, por não existir no mundo²³¹. Ducrot (1984, p. 434) analisa o fato de que, embora “Vênus” e “estrela da manhã” tenham o mesmo referente, seus sentidos são diferentes. E Benveniste entra nessa discussão a fim de defender a possibilidade da tradução, na medida em que frases de línguas diferentes, se tiverem o “mesmo” referente, podem ter seus sentidos transpostos.

Lembremos que o referente de uma frase é sua situação de discurso e que seu sentido é a ideia que veicula. Desse modo, ainda que fora da situação de discurso, é possível compreender uma frase por causa do semantismo social. Porém, a cada vez que uma mesma frase é lida ou repetida oralmente, desvela-se outro acontecimento, uma nova situação de discurso, em que as palavras que compõem a frase corresponderão de maneira atualizada ao mundo, com o que a frase nunca veiculará exatamente a *mesma* ideia. Assim sendo, na tradução, nunca se poderá remontar ao “querer dizer original” de uma frase, apenas reconstruí-lo por meio do que os sentidos institucionalizados permitem reconstruir. Portanto, “*salva veritate*”, em Benveniste, não implica “manter a verdade”, mas poder-se veicular a “mesma” ideia em uma frase.

A tradução, sendo possível por causa do semantismo, torna-se impossível por causa do semiotismo, mas, sobretudo por causa da forma, esteja ela para o modo semiótico ou o para o modo semântico. No modo semiótico, cada língua possuindo uma estrutura diferente, é impossível transpor a estrutura de uma a outra língua, já que a estrutura fonemática de seus significantes e seus modos de agenciamento são completamente diferentes. No modo semântico, obtém-se a forma pela análise e o sentido pela síntese. Com isso, percebemos que não é a frase que comporta os empregos das palavras, mas as palavras que fornecem os empregos possíveis em uma frase.

A frase fornece a função proposicional. As palavras, ao preencherem uma determinada função, veiculam determinado sentido, que é particular a essa circunstância de utilização, o

²³¹ Cf. HENRY, 2013, p. 12.

emprego. Essa maneira de “encaixar” as palavras em uma frase, a qual possui suas particularidades em uma língua específica, não permite deslocá-las a uma outra língua.

Partindo da questão da independência relativa do pensamento com relação à língua e da questão da tradução, Benveniste chega à metalíngua no antepenúltimo parágrafo de *La forme*:

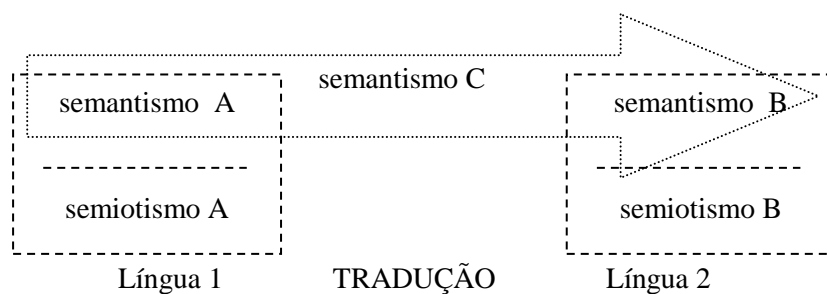
Que la traduction demeure possible comme procès global est aussi une constatation essentielle. Ce fait révèle la possibilité que nous avons de nous élever au-dessus de la langue, de nous en abstraire, de la contempler, tout en l'utilisant dans nos raisonnements et nos observations. La faculté métalinguistique, à laquelle les logiciens ont été plus attentifs que les linguistes, est la preuve de la situation transcendante de l'esprit vis-à-vis de la langue dans sa capacité sémantique. (BENVENISTE, 1974, p. 228-229)²³²

Aqui Benveniste relaciona tradução e metalíngua, na medida em que a causa de a tradução ser possível é o fato de o homem possuir a faculdade de transcender a língua. Transcender não a língua como um todo, mas apenas o seu semantismo. Como vimos, o pensamento é dependente da língua na medida em que tem de ser assujeitado à sua estrutura a fim de formar frases. Essa dependência está, pois, para o semiotismo.

Entretanto, com o pensamento, o homem consegue compreender e produzir o que está “para além das palavras”, por isso, o pensamento é independente por causa do semantismo. E essa independência, que Benveniste chama de faculdade metalinguística, possibilita a tradução, uma vez que é possível ao homem elevar-se acima do semiotismo e compreender o semantismo de estruturas linguísticas completamente diferentes. É por esse motivo que a mente é transcendente à língua na sua capacidade semântica. A partir disso, poderíamos fazer o seguinte esquema, lançando a prerrogativa de que, na tradução, o tradutor produz um terceiro semantismo:

²³² “O fato de a tradução permanecer possível como processo global é também uma constatação essencial. Isso revela a possibilidade que temos de nos elevar acima da língua, de nos abstrairmos dela, de a contemplarmos, utilizando-a nos nossos raciocínios e observações. A faculdade metalinguística, à qual os lógicos estiveram mais atentos que os linguistas, é a prova da situação transcendente da mente com relação à língua na sua capacidade semântica”.

Figura 8 – O semantismo social na tradução.



Fonte: A autora.

Esse esquema tenta mostrar que o tradutor deve elevar-se acima do semiotismo da L1 para apreender um possível semantismo A. A partir disso, compara esse semantismo A com um possível semantismo B, depreendido do semiotismo da L2. Ao relacionar o semantismo A ao semantismo B, ele (re)cria um semantismo C, o qual será transposto para o semiotismo B da L2. Exemplificando: suponhamos que L1 fosse o francês e que L2, o português. O tradutor depreende um semantismo a partir da estrutura da língua francesa e o compara com o semantismo que ele depreende da estrutura da língua portuguesa.

A partir disso, ele encontra a possibilidade de transpor o semantismo do francês para o português. Entretanto, essa possibilidade já é o resultado de um semantismo C (re)criado pelo tradutor, já que ele não é propriamente o semantismo do francês embutido no português nem o semantismo do português adaptado ao francês, mas um ponto de contato possível entre os semantismos dessas duas línguas. E isso se dá por causa, por um lado, do funcionamento semiótico e, de outro, da articulação semântica.

Devido ao funcionamento semiótico, porque, ao mesmo tempo em que disponibiliza um semiotismo B pelo qual um semantismo C possa ser veiculado, exige que este seja “fincado” naquele. Consequentemente, de L1 e de L2 o tradutor faz emergir semantismos que a sua experiência com o mundo permite perceber. Eles não podendo ser homogêneos, de cada estrutura ele retira sentidos diferentes decorrentes das experiências diferentes com essas línguas. Daí a articulação semântica: sua experiência transmutada a signo em L1 tem que ser transposta a L2 por meio de outro signo, no qual o significante operará o corte na massa amorfa de ideias que o tradutor julga ter depreendido de L1. Essa situação conflituosa de querer fazer concordar em uma estrutura estranha as ideias possíveis veiculadas previamente em outra estrutura (re)cria, pois, um terceiro semantismo. Porém, é apesar dele e graças a ele

que a tradução é possível: a tradução torna-se possível como processo global, já que se pode transpor o semantismo de uma língua a outra, “salva veritate”.

Portanto, o tradutor (re)cria *seu* próprio semantismo, aquele que está no entremeio de L1 e de L2, já que, a imparcialidade sendo impossível, não tem como passar o semantismo de A diretamente para B. Afinal de contas, não é nem mesmo possível ter acesso direto ao semantismo A, já que, a cada vez que uma frase é lida, um novo acontecimento se desvela. O tradutor, pois, sendo, sobretudo, um locutor, não pode saber qual seria o “querer dizer original” de uma frase dita em L1, mesmo que ela fosse sua língua materna.

Assim mesmo, a possibilidade de elevar-se acima do semiotismo, a metalíngua, e a possibilidade de transpor o semantismo de uma língua a outra, a tradução, “se superposent ainsi dans la langue telle que nous l’utilisons”²³³, na medida em que o paradigma de signos se organiza, segundo o critério da significação: no semiotismo, permitindo a emergência do discurso, e no semantismo, pelo qual a significação do intentado é produzida por sintagmatização, isto é, a experiência do locutor é alçada a palavras que se agenciam.

Esses dois mecanismos se sobrepõem na língua, o semiotismo como latência que fundamenta e o semantismo como potência que (re)cria, exigindo descrições linguísticas distintas, segundo uma entidade linguística seja tomada como signo ou como palavra. A tradução, segundo Benveniste, sendo um processo global de transposição de sentidos, é, pois, analisada mais coerentemente sob uma perspectiva semântica. Sobre essa análise,

Il faut tracer une distinction à l’intérieur du domaine sémantique entre la multiplicité indéfinie des phrases possibles, à la fois par leur diversité et par la possibilité qu’elles ont de s’engendrer les unes les autres, et le nombre toujours limité, non seulement de lexèmes utilisés comme mots, mais aussi des types de cadres syntaxiques auxquels le langage a nécessairement recours. (BENVENISTE, 1974, p. 229)²³⁴

Dentro do próprio modo semântico, é necessário compreender dois aspectos que se contrapõem: a finitude de palavras e de agenciamentos sintáticos e a infinitude de frases possíveis. Dessa maneira, a própria organização do semantismo que emerge do semiotismo cerceia a produção desse semantismo. Contudo, isso permite que nada fique solto na língua. Ademais, é esse próprio cerceamento da estrutura pela articulação semântica que permite a (re)criação de uma infinidade de frases, isto é, a finitude da estrutura “amarra” e “solta” ao

²³³ BENVENISTE, 1974, p. 229: “se sobrepõem assim na língua tal como a utilizamos”.

²³⁴ “É necessário traçar uma distinção no interior do domínio semântico entre a multiplicidade indefinida de frases possíveis, ao mesmo tempo por sua diversidade e pela possibilidade que elas têm de se engendrar, e o número sempre limitado, não somente de lexemas utilizados como palavras, mas também de tipos de quadros sintáticos aos quais a linguagem faz uso necessariamente”.

mesmo tempo. Consequentemente, a noção de estrutura está atrelada aos dois modos de significância da língua - não apenas ao semiótico - porque é um modo de organização que, por um lado, é regulado pelo critério da significação e que, por outro, permite o funcionamento dessa significação. Por esse motivo, Benveniste (1974, p. 229) assevera que há a demanda de grande esforço e estudo para saber analisar com rigor o que está para a estrutura e o que está para o discurso.

Como a língua é um sistema de signos que exprime ideias, “au fondement de tout, il y a le pouvoir signifiant de la langue, qui passe bien avant celui de dire quelque chose”²³⁵, isto é, o termo próprio da língua é significar, não comunicar. Dessa maneira, na tradução, surge um terceiro semantismo como decorrência dessa faculdade de significar. O tradutor pode garantir que o semantismo de L1 signifique em L2, mas não pode garantir a comunicação. Apesar de não haver garantias, há, pelo menos uma previsão, um intento do tradutor de fazer significar determinados sentidos. Porém, o entremeio que o tradutor encontra entre as duas línguas não assegura o que vai ser desdobrado desse semantismo e como ele vai ser desvelado pelos outros locutores.

Nesse sentido, Benveniste termina *La forme* retomando Heráclito que atribuiu ao oráculo de Delfos o seguinte: “il ne dit, ni ne cache, mais il signifie”²³⁶. O fato de não dizer nem esconder, mas significar, é utilizada como metáfora para fazer voltar à reflexão sobre a significação, de que o fim último da atividade incessante entre forma e sentido na língua não é dizer nem silenciar, mas significar, isto é, permitir o dizer ou o silêncio. Se a língua o permite, ela fornece as possibilidades, não as garantias.

Portanto, é necessário fazer uma análise semântica da tradução não no sentido de discutir que o texto da L1 diz “isso” e que a tradução diz ou não diz “isso”, mas no sentido de elencar os mecanismos subjacentes a essa manifestação da linguagem, teorizando formalmente sobre eles.

4. EM RESUMO

Neste capítulo, refletimos sobre como a tradução entra em um estudo linguístico. Para isso, primeiramente, partimos das considerações de Hurtado Albir (2008) sobre como ela é vista pela Tradutologia. Em seguida, tomamos as considerações de Saussure sobre a diferença

²³⁵ BENVENISTE, 1974, p. 229: “no fundamento de tudo, há o poder significante da língua, que é anterior ao de dizer algo”.

²³⁶ “ele não diz, nem esconde, mas significa”.

entre matéria e objeto em Linguística. Com isso, chegamos à conclusão de que, na Linguística, a tradução entra como matéria ou objeto de pesquisa, na medida em que é uma das tantas manifestações da linguagem que permitem chegar à reflexão sobre a natureza da língua, objeto de estudo, enquanto que, na Tradutologia, a tradução é um objeto de estudo, não objeto de pesquisa.

A partir disso, pensamos o funcionamento da tradução a partir de Benveniste, desenvolvendo os desdobramentos das suas considerações sobre a articulação semântica, nos parágrafos 29 ao 33 de *La forme*. Chegamos, pois, à conclusão de que a tradução é um processo global de transposição de sentidos por vários motivos. Em primeiro lugar, porque a mente é relativamente independente da língua. Em segundo lugar, porque o homem pode elevar-se acima da língua, na metalíngua. Em terceiro lugar, porque a estrutura, embora finque o semantismo nela, também permite que esse semantismo se destaque relativamente dela. Isso tudo permite que o tradutor se sirva do mecanismo da articulação semântica para relacionar os signos da língua de chegada a sentidos, que foram transmutados a partir de sua experiência, tanto com a língua de partida quanto com a de chegada.

CAPÍTULO V

ALINHAVANDO OBJETO DE ESTUDO E OBJETO DE PESQUISA

1. O MÉTODO EM BENVENISTE

No capítulo anterior, afirmamos que estamos tomando a tradução como fato linguístico, o que justifica sua entrada como objeto de pesquisa num trabalho de Linguística. Como a tradução é uma manifestação da linguagem e esta é heteróclita, deparamo-nos, pois, com a difícil empreitada de definir o que é um fato linguístico. E é justamente a partir desse problema que Benveniste abre o texto *Les niveaux de l'analyse linguistique* (doravante *Les niveaux*):

Quand on étudie dans un esprit scientifique un objet tel que le langage, il apparaît bien vite que toutes les questions se posent à la fois à propos de chaque fait linguistique, et qu'elles se posent d'abord relativement à ce que l'on doit admettre comme *fait*, c'est-à-dire aux critères qui le définissent tel. (BENVENISTE, 1966, p. 119)²³⁷

Notemos que, ao afirmar que a linguagem é objeto da Linguística, subentende-se objeto de pesquisa, não objeto de estudo. Nesse sentido, ele afirma que a linguagem deveria ser descrita como uma estrutura formal, isto é, que, a partir de sua heterogeneidade, chegue-se à estrutura, uma língua em particular. Como partir da heterogeneidade é algo a que o linguista não pode escapar, já que a língua só pode ser estudada por si mesma na e pela linguagem, é necessário estabelecer procedimentos e critérios rigorosos, o que faz com que esse objeto de pesquisa possa ser visto apenas em virtude do método.

É necessário, pois, saber distinguir dois aspectos: a impossibilidade de completude e a falta de formalidade de uma pesquisa. O fato de o objeto de pesquisa só funcionar em virtude do método não implica que as conclusões decorrentes da investigação possam ser qualquer uma. Uma vez estabelecidos procedimentos e critérios formais, o objeto de pesquisa será “escavado” de maneira a que se construa uma descrição coerente, a qual permita o estabelecimento de conclusões que sigam necessariamente dessa descrição. Assim, pois, a coerência aqui não deve ser simplesmente compreendida a partir dos preceitos da Linguística Textual, daquilo que é compreensível, que “faz sentido” no texto, mas, sobretudo, da Lógica, daquilo que é implicado necessariamente de outro.

²³⁷ “quando estudamos com uma disposição científica um objeto tal como a linguagem, parece que todas as questões são postas rapidamente e ao mesmo tempo com relação a cada fato linguístico, e que elas são postas primeiramente ao que devemos considerar como *fato*, isto é, aos critérios que o definem como tal”.

Quando Benveniste afirma que “on doit donc, devant l’extrême complexité du langage, viser à poser une ordonnance à la fois dans les phénomènes étudiés, de manière à les classer selon un principe rationnel [...]”²³⁸, vemos que o princípio racional é uma alusão aos axiomas lógicos, tais como o princípio do terceiro excluído (que, inclusive, já foi citado diretamente por Benveniste em *La forme*), que permitem ao investigador tecer uma cadeia de argumentos agenciados “selon les mêmes concepts et les mêmes critères”²³⁹. Com isso, podemos definir método como o mecanismo que permite ordenar coerentemente conceitos teóricos, de um lado, e critérios, de outro. Nessa ordenação, os conceitos são alinhavados com os critérios, de modo a que o linguista possa ter uma compreensão, ainda que incompleta, da língua.

Essa incompletude se dá por dois motivos. Em primeiro lugar, porque o pesquisador sempre partirá de uma manifestação da linguagem, não de todas; por conseguinte, seu objeto de pesquisa já é parcelar de antemão. Em segundo lugar, porque, a partir desse objeto de pesquisa, ele estudará um ou apenas alguns mecanismos da língua, por isso, a visão que terá sobre seu objeto de estudo também será parcelar e dependente do ponto de vista teórico. Consequentemente, o fato de toda investigação linguística ser incompleta por natureza não implica que ela não deva ser formal, isto é, a incompletude de uma investigação não deveria levar à negação dos princípios racionais que regem toda e qualquer pesquisa tida como científica. A impossibilidade de se chegar a uma verdade absoluta com relação ao objeto não é motivo para rejeitar a formalidade. Assim sendo, no escopo a que nos filiamos, é a noção de nível linguístico que ordena os critérios e os procedimentos de análise. Isso por quê:

Elle seule est propre à faire justice à la nature *articulée* du langage et au caractère *discret* de ses éléments ; elle seule peut nous faire retrouver, dans la complexité des formes, l’architecture singulière des parties et du tout. Le domaine où nous l’étudierons est celui de la langue comme système organique de signes linguistiques. (BENVENISTE, 1966, p. 119)²⁴⁰

A língua sendo um sistema orgânico de signos, portanto, uma organização complexa, apenas a noção de nível linguístico dá conta de relacionar articulação e discrição das entidades linguísticas, de modo a fazer vislumbrar a arquitetura que está implicada no funcionamento das partes com o todo. As decorrências de a linguagem ter uma natureza

²³⁸ BENVENISTE, 1966, p. 119: “devemos, então, diante da extrema complexidade da linguagem, visar a colocar uma ordem nos fenômenos estudados, de maneira a classificá-los segundo um princípio racional”.

²³⁹ Ibid., loc.cit: “segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios”.

²⁴⁰ “Apenas ela faz jus à natureza articulada da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; apenas ela pode fazer-nos encontrar, na complexidade de formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio em que a estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos linguísticos”.

articulada, que é, basicamente, a relação entre semiotismo e semantismo que possibilita operar cortes na estrutura, já foram discutidas nos capítulos anteriores. As decorrências sobre a descrição, que já é um procedimento de análise, serão discutidas no presente capítulo a fim de explicitarmos os critérios pelos quais partimos para fazê-la, se sobre o ponto de vista distribucional ou integrativo.

2. CRITÉRIOS DE ANÁLISE

O fato de as entidades linguísticas serem discretas, isto é, de o linguista poder aplicar o procedimento de diferenciação sobre elas, faz com que ele tenha diante de si dois critérios possíveis de análise: a distribuição, que se dá entre elementos do mesmo nível linguístico, e a integração, que se dá entre elementos de níveis distintos²⁴¹. Benveniste debruça-se sobre o critério de integração, dado que uma unidade linguística só pode ser reconhecida em uma unidade mais alta, isto é, a descrição vem em função da relação entre níveis diferentes. Por esse motivo, falta ao critério de distribuição o princípio racional que torna coerente a descrição linguística: a relação entre forma e sentido na língua. Para Benveniste,

Plutôt que de biaiser avec le “sens” et d’imaginer des procédés compliqués – et inopérants – pour le laisser hors de jeu en retenant seulement les traits formels, mieux vaut reconnaître franchement qu’il est une condition indispensable de l’analyse linguistique. (BENVENISTE, 1966, p. 122)²⁴²

Assim sendo, uma análise que não leve em conta tanto a forma como o sentido, torna-se desprovida do operador de análise, a noção de nível linguístico, que é justamente o que torna a descrição linguística coerente com os pressupostos teóricos de que parta. Isso significa dizer que qualquer teoria que parta do postulado de que a língua é um sistema de signos não poderia simplesmente ignorar a necessidade do nível como operador de análise, dado que, a estrutura articulando semiotismo e semantismo, o reconhecimento de uma forma apenas pode dar-se por meio do sentido que a integração de formas de um nível superior provê a essa forma de nível inferior.

Por isso, Benveniste afirma que “le sens est en effet la condition fondamentale que doit remplir toute unité de tout niveau pour obtenir statut linguistique”²⁴³, isto é, para que uma

²⁴¹ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 124.

²⁴² “Em vez de enviar o ‘sentido’ e imaginar procedimentos complicados – e inoperantes – para deixá-lo fora do jogo restando apenas os traços formais, é melhor reconhecer francamente que ele é uma condição indispensável da análise linguística”.

²⁴³ BENVENISTE, 1966, p. 122: “o sentido é, com efeito, a condição fundamental que deve preencher toda unidade de qualquer nível para obter *status* linguístico”.

unidade seja considerada como pertencente ao sistema linguístico e não a outro tipo de sistema semiológico, é necessário que ela seja uma forma que veicule sentido, dado que a língua é o único sistema com funcionamento semiótico, ou melhor, é o único sistema que articula semiotismo e semantismo.

Consequentemente, partir dos conceitos teóricos de Saussure e não operar com o sentido na análise é o mesmo que realizar uma descrição linguística incoerente, que gera contradições entre teoria e prática. Ainda que Saussure não tivesse dissertado propriamente sobre semiotismo e semantismo, o que nos mostra Benveniste é que esses conceitos, e outros decorrentes deles, seguem necessariamente do postulado de a língua ser um sistema de signos. Com isso, Benveniste vai além de Saussure, afirmando o próprio Saussure. De todas formas, poderíamos esboçar os dois métodos aqui em questão da seguinte maneira:

Quadro 4 – Os métodos distribucional e integrativo.

Método	Critério	Procedimento	Operações
Distribucional	distribuição	discrição	segmentação e substituição
Integrativo	integração	discrição	dissociação e integração (articulação)

Fonte: A autora.

Como o critério fornece a natureza do método, sua nomeação vem em função desse critério. Consequentemente, por derivação, podemos nomear o método que se pauta na integração como método integrativo, embora Benveniste não tivesse utilizado esse termo propriamente. Já que o método é o recurso de fazer pensar a língua a partir das manifestações da linguagem, o critério é a norma que direciona esse recurso. Porque direciona, ele aponta as operações, que são as aplicações do procedimento, ou técnica, cabal da Linguística: a discrição, isto é, a delimitação das entidades linguísticas por meio das relações que as ligam.

Se o critério for a distribuição, as operações a serem adotadas serão a segmentação, que é a discrição dos elementos no sintagma, e a substituição, que é a discrição dos elementos no paradigma. Se o critério for a integração, as operações a serem adotadas serão a dissociação e a integração, regidas por um operador, o nível linguístico. Ser um operador significa regular essa aplicação: sem o nível linguístico, não há como haver nem dissociação nem integração. Os pormenores desses, mais adiante.

Afirmamos que a discrição é o procedimento cabal da Linguística porque, sem essa técnica, é impossível partir das manifestações da linguagem e pensar os mecanismos da língua. A delimitação das entidades da linguagem, sejam elas tomadas por signos ou por palavras, é necessária para que o linguista consiga fazer as generalizações que levam ao

funcionamento orgânico da língua. Por esse motivo, o método, ao servir de recurso de se partir da linguagem para pensar a língua, acaba por fazer a ordenação entre teoria e prática em uma investigação: se aquilo que é posto na teoria não for evidenciado na prática, a passagem entre manifestações da linguagem e mecanismos da língua dar-se-á de forma equivocada. Dessa maneira, para prover uma passagem mais adequada, o linguista não deveria furtar-se de servir-se de um regulador: o nível linguístico. Isso não implica, pois, que todas as análises tenham que partir dos postulados de Benveniste, mas do postulado geral de funcionamento de que “la langue est le résultat d’un procès de symbolisation à plusieurs niveaux”²⁴⁴, portanto:

On peut donc concevoir plusieurs types de description et plusieurs types de formalisation, mais toutes doivent nécessairement supposer que leur objet, la langue, est informé de signification, que c’est par là qu’il est structuré, et que cette condition est essentielle au fonctionnement de la langue parmi les autres systèmes de signes. (BENVENISTE, 1966, p. 12)²⁴⁵

A formalidade da Linguística pode vir em decorrência de diferentes tipos de descrição, considerem eles: os valores que resultam das propriedades particulares de uma entidade linguística, das condições de agenciamento dessas entidades ou da situação de discurso. Entretanto, sendo a significação uma decorrência necessária dos postulados saussurianos, fazer uma análise desconsiderando essa significação que se dá em diferentes níveis, é o mesmo que desconsiderar a natureza própria da língua. Delineemos, pois, os pormenores que o nível linguístico incide na análise.

O primeiro deles é a necessidade de distinguir a noção de unidade com a de segmento formal, já que é nessa diferenciação que reside o procedimento de descrição da análise integrativa: “quand on décompose une unité, on obtient non pas des unités de niveau inférieur, mais de segments formels de l’unité en question”²⁴⁶. A unidade é uma forma livre ou presa, que pode funcionar semiótica ou semanticamente. Quando ela é decomposta, obtém-se, de antemão, segmentos formais, que são suas porções. Essas porções não são, ainda, significativas, portanto, não podem ser distintivas, mas apenas o produto de um corte automático na estrutura, sem levar em consideração o sentido, seja ele o semiótico ou o semântico. Dizemos, pois, que esse corte é automático porque não deriva desse princípio

²⁴⁴ BENVENISTE, 1966, p. 12.

²⁴⁵ “Podemos, então, conceber vários tipos de descrição e vários tipos de formalização, mas todos devem necessariamente supor que seu objeto, a língua, é informado de significação, que é por isso que ele é estruturado e que essa condição é essencial para o funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos”.

²⁴⁶ BENVENISTE, 1966, p. 124: “quando decompomos uma unidade, não obtemos uma unidade de nível inferior, mas segmentos formais da unidade em questão”.

racional, mas, sobretudo, de uma análise apressada e, por vezes, intuitiva, de uma unidade linguística, o que faz, portanto, que o resultado seja problemático do ponto de vista científico.

Para operar cientificamente com esses segmentos, é preciso verificar seu *status* linguístico, isto é, averiguar se eles podem ou não funcionar como unidades distintivas, que, para Benveniste, é o mesmo que funcionar como unidade significativa, dado que, como na língua só há diferença e ela só existe em função disso, é somente da distinção que pode emergir o sentido. Destaquemos, pois, a letra “a” de “acientífico”. Essa letra é apenas um segmento formal, dado que não há nela, isoladamente, nada que garanta que esteja relacionada a unidade na língua portuguesa.

Se a compararmos com “adeus”, “aquém”, “amar”, “favela”, entre outros, será possível averiguar que o que era apenas uma letra, segmento formal, pode ter o *status* de unidade fonemática do português. Se a compararmos com “acanônico”, “acatólico”, “acirúrgico”, “agráfico”, “ametafórico”, verificaremos que também pode funcionar como unidade categoremática. Se a observarmos na frase “em Linguística, toda análise que desconsidera o sentido produz um resultado acientífico”, poderemos considerar as consequências semânticas dela no discurso. Enfim, do que era considerado apenas um segmento, obtém-se uma unidade por levar-se o sentido em conta, desde a análise semiótica até a análise semântica.

Por isso, Benveniste afirma que “une unité sera reconnue comme distinctive à un niveau donné si elle peut être identifiée comme ‘partie intégrante’ de l’unité de niveau supérieur, dont elle devient l’*intégrante*”²⁴⁷. Para que um segmento possa ser considerado uma unidade, ele deve preencher uma função integrativa em uma unidade de nível superior. Essa unidade de nível inferior, por outro lado, pode ser decomposta em segmentos que serão tidos como unidades na relação forma e sentido. Assim sendo, a distinção entre segmento formal e unidade, torna-se, sobretudo, a distinção entre constituintes e integrantes. Os constituintes são os elementos formais menores de uma unidade de nível superior considerados como unidades de nível inferior. Os integrantes são as unidades de nível inferior que podem fazer parte de uma unidade de nível superior:

Que faut-il pour que dans ces constituants formels nous reconnaissons, s’il y a lieu, des unités d’un niveau défini ? Il faut pratiquer l’opération en sens inverse et voir si ces constituants ont fonction intégrante au niveau supérieur.

²⁴⁷ BENVENISTE, 1966, p. 125: “uma unidade será reconhecida como distintiva em um nível dado se ela puder ser identificada como ‘parte integrante’ de uma unidade de nível superior, na qual ela se torna um *integrante*”.

Tout est là : la dissociation nous livre la constitution formelle ; l'intégration nous livre des unités signifiantes. (BENVENISTE, 1966, p. 126)²⁴⁸

O que permite, pois, que uma unidade inferior seja considerada como integrante de uma superior é o sentido. Essa operação é a de integração. No caminho inverso, a operação de dissociação permite verificar quais são os segmentos de uma unidade superior. Notemos, porém, que, se esses segmentos não puderem integrar um nível superior, não podem, nem ao menos, ser considerados constituintes, ou ainda, se esses segmentos não forem integrados de maneira adequada, podem acabar tendo a sua natureza falseada. Expliquemos. A dissociação fornece, de antemão, segmentos formais, não unidades de nível inferior. Para verificar se esses segmentos são unidades e, portanto, constituintes, e saber qual é sua natureza, é necessário valer-se do sentido.

Por exemplo, comparando o segmento “a” de “acientífico” com “adeus”, “aquém”, “amar”, podemos, no mínimo, dizer que ele é uma unidade fonemática do português, mas não uma unidade categoremática, já que os lexemas escolhidos no paradigma não fornecem informações suficientes para que daí se tire essa conclusão; pelo segmento “a” neles não ser ele mesmo um categorema, apenas um fonema. Por outro lado, comparar o segmento “a” de “adeus” com “acirúrgico”, “agráfico”, “ametabólico”, também não permite dizer que ele seja uma unidade categoremática, apenas pelas unidades comparadas terem o “a” funcionando como unidade categoremática.

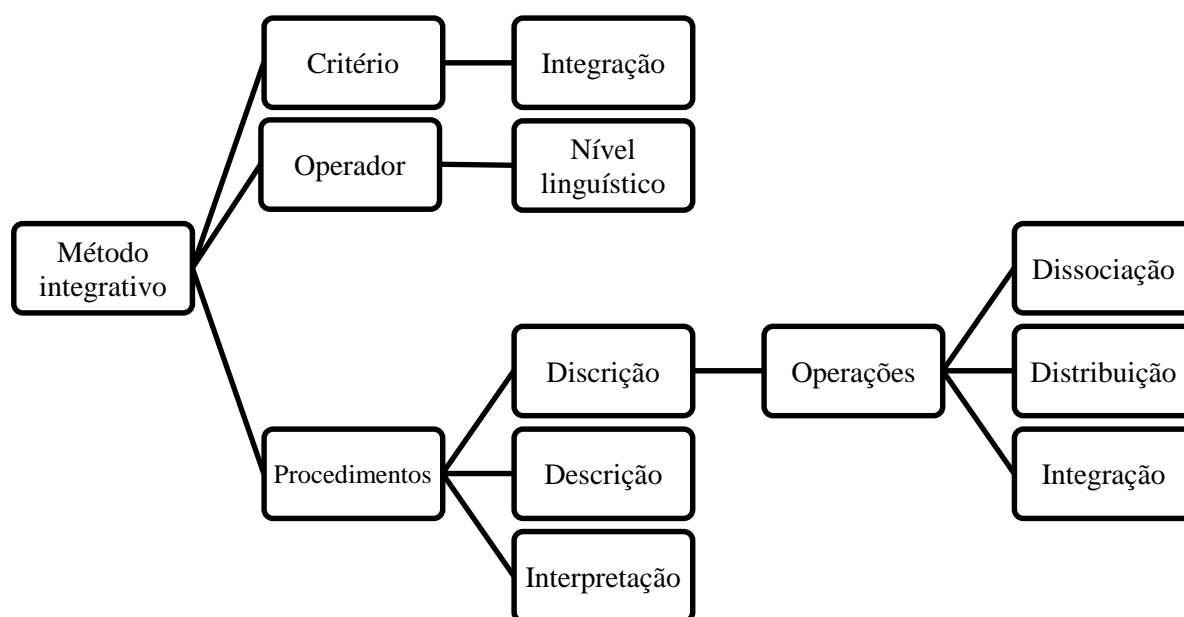
Com isso, queremos dizer que, ainda que o sentido e, portanto, o ponto de vista do linguista, faça parte da análise, não se podem aplicar as operações de qualquer maneira. O critério da integração deve ser regido pelo operador de análise, o nível linguístico. Quando se conclui que o “a” de “adeus” é uma unidade categoremática por ter sido comparado com o “a” de “agráfico”, temos, na verdade, que o operador não foi aplicado, dado que o “a” de “adeus” está para um nível, o fonemático, e o “a” de “agráfico” está para outro nível, o categoremático. Consequentemente, tomar o nível como operador não implica poder-se tirar conclusões sobre a natureza de uma unidade a partir da comparação de unidades de níveis diferentes. Na dissociação, a comparação entre níveis diferentes fornece apenas os segmentos, dos quais, para se saber a natureza, é necessário que sejam comparados com unidades do mesmo nível, a fim de que se possa verificar se podem integrar um nível superior ou não. Voltemo-nos a uma análise de Benveniste:

²⁴⁸ “O que é necessário para que, nesses constituintes formais, reconheçamos, se houver, unidades de um nível definido? É necessário aplicar a operação em sentido inverso e ver se esses constituintes têm função integrante em nível superior. Tudo está aqui: a dissociação nos fornece a constituição formal; a integração, as unidades significantes”.

Si on ramène fr. /om/ *homme* à [o] – [m], on n’a encore que deux segments. Rien ne nous assure encore que [o] et [m] sont des unités phonématiques. Pour en être certain, il faudra recourir à /ot/ *hotte*, /os/ *os* d’une part, à /om/ *heaume*, /ym/ *hume* de l’autre. (BENVENISTE, 1966, p. 125)²⁴⁹

Isto é, do movimento descendente de uma unidade de nível superior aos segmentos, é necessário comparar esses segmentos com as unidades de nível inferior que se adequam a eles, o que permite dizer se eles pertenceriam a esse nível inferior ou a outro, ou a nenhum. Se a comparação entre elementos de um mesmo nível faz-se necessária, logo, Benveniste não abandona de todo o critério da distribuição, mas o insere dentro da análise integrativa. Por esse motivo, poderíamos dizer que a distribuição aqui, ao invés de ser um critério, já é uma operação. Com isso e com as outras informações que vimos até aqui, podemos repensar o método integrativo da seguinte maneira:

Figura 9 – O método integrativo.



Fonte: A autora.

A partir do critério e do operador, são gerados procedimentos de análise que coadunam coerentemente com o pressuposto de que a língua é um sistema; portanto, uma

²⁴⁹ “Se restabelecemos fr. /om/ *homme* à [o] – [m], teremos apenas dois segmentos. Nada nos assegura ainda que [o] e [m] sejam unidades fonemáticas. Para estar certo disso, será necessário recorrer a /ot/ ‘hotte’, /os/ ‘os’, de um lado, e a /om/ ‘heaume’, /ym/ ‘hume’, de outro”.

organização relacional. Esses procedimentos são a discrição, a descrição, e a interpretação, que podem levar ou não a uma generalização, na qual se postule uma premissa que dê conta de explicar algum aspecto de funcionamento geral da língua. Para que a discrição possa ser aplicada, é necessário servirmo-nos das operações, sejam elas: (i) a dissociação, movimento de “cima-baixo” que permite discrepar os segmentos formais de uma unidade de nível superior; (ii) a distribuição, que compara esses segmentos com unidades de um mesmo nível inferior candidatas a pertencerem ao mesmo nível que eles; (iii) a integração, movimento de “baixo-cima” que permite verificar se esses segmentos são unidades e qual a sua natureza. Por conseguinte, a distribuição, por tratar de unidades de um mesmo nível, está no “meio” da análise, ao passo que a dissociação e a integração podem ambas estar no “começo” ou no “fim”.

Isso porque “la *forme* d’une unité linguistique se définit comme sa capacité de se dissocier en constituants de niveau inférieur. Le *sens* d’une unité linguistique se définit comme sa capacité d’intégrer une unité de niveau supérieur”²⁵⁰. Se o linguista quiser estudar a forma, ele fará um movimento de “baixo-cima”: dissociação, distribuição, integração. Se ele quiser estudar o sentido, o movimento será o inverso, de “cima-baixo”: integração, distribuição, dissociação. Quaisquer que sejam os movimentos eleitos, como o nível linguístico é operador de análise, a distribuição vem no “meio” necessariamente, a título de verificação. Assim sendo, os níveis linguísticos podem ser três: (i) o inferior, que abrange do fonema ao signo, o qual pode ser tido ou como uma forma livre ou como uma forma presa, o morfema; (ii) o intermediário, no qual a unidade ou pode ser dissociada em unidades inferiores, funcionando como signo, ou integrar um nível superior, funcionando como palavra; (iii) o superior, em que a frase se constitui como um todo, sem ser o resultado da soma de suas partes.

Sobre a relação entre esses três níveis, vejamos: “le phonème, discriminateur, est l’intégrant, avec d’autres phonèmes, d’unités signifiantes qui le contiennent. Ces signes à leur tour vont s’inclure comme intégrants dans des unités plus hautes qui sont informées de signification”²⁵¹. No nível inferior, os fonemas integram um nível superior, os signos, que, por sua vez, podem integrar uma palavra ou um grupo de palavras, as quais integram as frases.

²⁵⁰ BENVENISTE, 1966, p. 126-127: “a *forma* de uma unidade linguística define-se como sua capacidade de se dissociar em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade linguística se define como sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”.

²⁵¹ Ibid., p. 126: “o fonema, discriminador, é o integrante, com outros fonemas, de unidades significantes que o contêm. Esses signos, por sua vez, vão incluir-se como integrantes em unidades mais altas que são enformadas de significação”.

Desse modo, a palavra está no nível intermediário porque está no entremeio do signo, já que a dissociação permite tomá-la do ponto de vista semiótico, e da frase, já que a integração permite tomá-la do ponto de vista semântico.

Benveniste define a palavra como: “le mot peut donc se définir comme la plus petite unité signifiante libre susceptible d’effectuer une phrase, et d’être elle-même effectuée par des phonèmes”²⁵². No movimento de integração, a palavra não é tida simplesmente como uma unidade significante livre, mas como uma unidade significante livre capaz de efetuar uma frase. Ela é uma unidade mínima que possui um emprego, o qual contribui para a transmissibilidade da ideia veiculada nessa frase.

Como o emprego é o sentido particular de uma palavra em uma frase, ele vem em favor da função proposicional que, como já vimos, são os blocos semânticos em haver no sintagma, os quais podem ser preenchidos por uma unidade semântica. No movimento de dissociação, a palavra é tida como signo e o simples fato de o signo ter um significado, isto é, de poder ser identificado, já o faz preencher uma função proposicional na estrutura, a qual, aqui, poderia ser vista como os blocos semióticos em haver no paradigma. Semanticamente, não cabe ao linguista apontar o referente que se liga à palavra, mas estudar as funções que ela preenche na frase. Semioticamente, não cabe ao linguista apontar a origem do significado, dado que ele existe apenas no e pelo sistema, mas estabelecer um ponto metodológico que lhe permita ter uma visão, sempre parcelar, das relações entre o significante e o significado convencionados.

Assim sendo, entre os três níveis há os extremos: os merismas que, não podendo conter eles mesmos constituintes, só podem funcionar como integrantes; e a frase que, ao contrário, comportando constituintes, não pode funcionar ela mesma como integrante de um nível superior. Isso porque o nível da frase é chamado por Benveniste de categoremático:

Les types de phrases qu’on pourrait distinguer se ramènent tous à un seul, la proposition prédicative, et il n’y a pas de phrase hors de la prédication. Il faut donc reconnaître que le niveau catégorématique comporte seulement une forme spécifique d’énoncé linguistique, la proposition ; celle-ci ne constitue pas une classe d’unités distinctives. (BENVENISTE, 1966, p. 129)²⁵³

²⁵² BENVENISTE, 1966, p. 124: “a palavra, então, pode se definir como a menor unidade significante livre suscetível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas”.

²⁵³ “Os tipos de frases que poderíamos distinguir voltam-se a uma apenas, à proposição predicativa, e não há frase fora da predicação. É necessário, então, reconhecer que o nível categoremático comporta somente uma forma específica de enunciado linguístico, a proposição. Essa não se constitui como uma classe de unidades distintas”.

Em toda e qualquer frase, seus constituintes preenchem uma função proposicional. Por esse motivo, Benveniste diz que a frase é o mesmo que a proposição, que é o tipo de enunciado na forma esquemática “S é P” ou que pode ser convertida a ela. Ele faz, portanto, alusão a Aristóteles. Entretanto, ao mesmo tempo em que o retoma, vai além dele. O retorno a Aristóteles está para considerar que a frase não pode funcionar fora da predicação, isto é, que em toda e qualquer frase há uma propriedade – o predicado – sendo atribuído a um sujeito, ainda que esse seja oculto, indeterminado ou inexistente.

Predicar, pois, é uma propriedade fundamental da frase, não sendo o predicado apenas uma unidade dela. Por esse motivo, como cada frase predica algo, não é possível que essas predicações se oponham entre si como se fossem elas mesmas unidades distintas, dado que o predicado não é um constituinte da frase, mas uma propriedade fundamental dela, isto é, um mecanismo que lhe é constitutivo. Se não há predicação, não há frase.

Assim sendo, uma proposição só pode suceder outras por uma relação de consecução, sem que, no entanto, esse grupo de proposições forme uma unidade de nível superior. Consequentemente, o nível categoremático é o último nível a que se pode chegar porque a frase, por ser essencialmente predicativa, não pode integrar um nível ainda superior. Se a frase pudesse integrar um nível superior, ela seria seu integrante, portanto, uma unidade. Se fosse uma unidade, ela seria um signo, entretanto, “la phrase contient des signes, mais n’est pas elle-même un signe”²⁵⁴.

Em primeiro lugar, porque os lexemas podem ser contados e a quantidade de frases que pode ser criada em uma língua está para o infinito. Em segundo lugar, porque os signos podem sofrer a operação de distribuição em um nível específico; já a frase, não. Como ela está para o infinito, segmentá-la e compará-la com outras frases não forneceria bases para tirarmos as propriedades dela, uma vez que o que é heterogêneo não pode fornecer critérios homogêneos de análise. Em terceiro lugar, porque os signos convertidos a lexemas têm um emprego na frase; já a frase não possui um emprego na relação de consecução com outras frases, dado que ela ali não preenche uma função proposicional.

Nesse sentido, Benveniste vai além de Aristóteles por definir a frase ou a proposição como unidade de discurso, isto é, como podendo apresentar-se não apenas na modalidade declarativa, como o é a forma “S é P”, mas também na modalidade interrogativa e imperativa. Deixemos claro que isso não significa que Benveniste coadune com a infeliz afirmação de que Aristóteles esteja ultrapassado. Enquanto lógico, a Aristóteles interessavam-lhe apenas os

²⁵⁴ BENVENISTE, 1966, p. 129: “a frase contém signos, mas não é ela mesma um signo”.

enunciados declarativos, dado que, sendo o objeto de estudo da Lógica o argumento, apenas as declarações fornecem condições para pensarmos a coerência ou a incoerência de uma teoria científica. Enquanto linguista, a Benveniste interessavam-lhe também os outros tipos de enunciados, dado que, sendo o objeto de estudo da Linguística, a língua, não só as declarações, mas também as interrogações e as exclamações, fornecem condições para pensarmos esse objeto.

Sabemos que, na Lógica, a interrogação e frases imperativas não são consideradas proposição. Entretanto, para Benveniste, elas o são porque, sendo unidades de discurso, são também expressão da linguagem, da língua em ação. Por conseguinte, a noção de predicação tem que estar para além da noção de asserção – a língua em ação não diz apenas o que um sujeito é ou não é, mas também pode colocar isso em xeque, indagando, desconfiando ou intimando que ele seja dessa ou daquela maneira. Benveniste (1966, p. 130) expande, pois, a noção de predicação para a de função inter-humana: (i) a função de transmissibilidade de conhecimento, na proposição assertiva; (ii) a função de obtenção de uma informação, na proposição interrogativa; (iii) e a função de intimação de ordem, na proposição imperativa. Essas três modalidades de função “ne font que refléter les trois comportements fondamentaux de l’homme parlant e agissant par le discours sur son interlocuteur”²⁵⁵, isto é, refletem tanto o fato de que o homem é constituído pelo discurso quanto o fato de que o discurso, em contrapartida, funciona em função do comportamento humano.

Discutidas as consequências de a frase, ou a proposição, pertencer ao discurso, refletimos sobre o fato de ela ser uma unidade de discurso. Sabemos que a frase não pode ser ela mesma uma unidade, senão, seria distintiva e poderia integrar um nível superior. Assim sendo, quando Benveniste afirma que a frase é uma unidade de discurso, devemos compreender “unidade de discurso” por “segmento de discurso”: “la phrase est une unité, en ce qu’elle est un segment de discours, et non en tant qu’elle pourrait être distinctive par rapport à d’autres unités de même niveau, ce qu’elle n’est pas, comme on l’a vu”²⁵⁶.

Vimos que o segmento é uma porção de língua que, distribuído com outras porções de um mesmo nível, não pode ser considerado um constituinte desse nível nem integrante de um nível superior. O segmento, pois, não é nem um constituinte nem um integrante propriamente dito, já que a dissociação fornece essas porções, por assim dizer, “indeterminadas”, não

²⁵⁵ BENVENISTE, 1966, p. 130: “só fazem refletir os três comportamentos fundamentais do homem que fala e que age pelo discurso sobre seu interlocutor”.

²⁵⁶ Ibid., loc. cit.: “a frase é uma unidade no que ela é um segmento de discurso, e não no que ela poderia ser distintiva com relação a outras unidades de mesmo nível, o que ela não é, como vimos”.

unidades de antemão, uma vez que a delimitação de uma unidade só pode ser feita na e pela relação com outras, nunca *a priori*.

Consequentemente, a frase é um segmento de discurso porque, em primeiro lugar, ela não é constituinte de um nível inferior nem pode integrar um nível superior e, em segundo lugar, porque ela só pode ser compreendida por meio da relação. Entretanto, ainda que sua compreensão só possa ser dada pela relação, não estando nunca imanente na estrutura, ela pode ser tida como unidade porque ela não é um segmento solto, que necessite da verificação da distribuição para convalidar o estatuto de sua natureza, fazendo conhecer o seu sentido, mas um segmento que já veicula um sentido e uma referência.

Ela tem sentido porque é enformada de significação, isto é, porque necessariamente relaciona semiotismo e semantismo, e tem referência porque se reporta a uma situação. Todavia, ainda que o sentido possa ser inteligível, já que ele é o resto que sobra da enunciação tornando a transmissibilidade possível, a referência é em função da reatualização em discurso.

Assim, a compreensão de uma frase está na relação do sentido, o inteligível, com a referência, o reatualizável e, por isso, com possibilidade de diferença. É dessa contradição que emergem as possibilidades de leitura de uma proposição. Por isso mesmo, quando Benveniste diz que a frase é “*unité complète, qui porte à la fois sens et référence*”²⁵⁷, compreendamos “*complet*” por “*qui comporte un vaste ensemble d’éléments qui couvrent bien le domaine en question*”²⁵⁸ – embora “*complet*” tenha também a acepção de absoluto, daquilo que recobre o todo, ele também tem a acepção daquilo que recobre uma boa parte, mas não o todo.

A frase, então, é uma unidade completa no sentido de que, embora recobre uma boa porção, por veicular um sentido, que é inteligível, não recobre o todo, já que também veicula uma referência, que é evanescente. Se a frase tivesse só referência, a transmissibilidade seria impossível, dado que não seria possível haver um enunciado que sobra da enunciação – ele desapareceria junto com essa enunciação; e se a frase tivesse só sentido, a transmissibilidade também seria impossível, porque o sentido estaria encravado na estrutura, o que feriria o princípio de funcionamento dessa própria estrutura, que é genuinamente relacional.

²⁵⁷ BENVENISTE, 1966, p. 130: “unidade completa, que porta, ao mesmo tempo, sentido e referência”.

²⁵⁸ COMPLET. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “que comporta um vasto conjunto de elementos que cobrem bem o domínio em questão”.

3. OS PROCEDIMENTOS DESTA PESQUISA

A discrição, a descrição e a interpretação são feitas a partir de traduções de *L'appareil formel de l'énonciation* do próprio Émile Benveniste. Isso porque, além de esse ser o último texto escrito por ele, é o texto que daria a ignição para formular sua teoria da enunciação, se o derrame não tivesse acabado por matá-lo. Dessa maneira, nada mais justo do que analisar as traduções de um texto tão importante do próprio autor a partir do qual constituiremos nossa formação em Linguística.

Assim sendo, depois de escolhido o texto de Émile Benveniste que seria analisado, tivemos que escolher quais línguas de chegada seriam contempladas. Esse texto foi traduzido em algumas línguas; em nossa análise, trabalharemos com apenas três versões: a versão em língua francesa foi primeiramente publicada na revista *Langages* de Paris em 1970 e no livro *Problèmes de Linguistique Générale* em 1974; a versão em língua portuguesa é de 1989; e a versão em língua espanhola, de 1999 no México. O tradutor brasileiro é Marco Antônio Escobar e o mexicano é Juan Almela.

Com os textos compilados, foi necessário alinhá-los a fim de que pudéssemos ter uma visão mais completa dos três textos juntos. Alinhar textos significa colocar os parágrafos das três versões que se correspondem na mesma fileira, de forma paralela. Isso porque, de posse dos textos alinhados, há uma maior facilidade de manejar a investigação do funcionamento do semantismo social nas três línguas.

Nesta pesquisa, pois, fazemos uma análise integrativa do funcionamento da significação no modo semântico. A significação também poderia ser analisada no modo semiótico, porém, como temos o objetivo de compreender o funcionamento do semantismo social na tradução, o mais adequado é fazer uma análise semântica. Apesar de o semantismo social abarcar tanto as designações, o sentido, como a referência, nosso foco será o sentido, dado que o mecanismo da referência chamaria outras reflexões, que nos fariam fugir de nossos objetivos e de nossa hipótese. Por esse motivo, ao longo da análise, traremos reflexões sobre cultura naquilo em que ela toca o funcionamento do sentido, não da situação do discurso, isto é, não faremos uma análise das histórias das ideias veiculadas nas sociedades em questão.

Como o mecanismo linguístico que nos propomos estudar nesta dissertação é o semantismo social, fazemos uma análise semântica, dado que ele só pode ser apreendido a partir de uma perspectiva *top-down*. Derivando o sentido da síntese, é necessário partir da integração na frase para compreender a dissociação de suas unidades linguísticas em níveis

inferiores. Se o objetivo fosse estudar a forma, a qual deriva da análise, o movimento seria o inverso. Além do mais, nosso objeto de estudo será visto a partir da tradução e, sendo esta uma manifestação da linguagem que provém de um processo global de transposição de sentidos, a Semântica é a disciplina que dá conta de seu funcionamento, segundo os pressupostos de Benveniste.

Por conseguinte, como a transposição de semiotismos entre línguas é o impossível da tradução, sustentamos que a Semiótica não se adequa à análise dessa manifestação da linguagem. Isso não significa dizer, porém, que a estrutura linguística será ignorada. Ora, o sentido funciona na própria estrutura. A questão é que, na Semântica, o ponto de partida é o semantismo, ou o sentido, veiculado pelo semiotismo, ou a forma, a fim de compreender o funcionamento dessa própria estrutura, não o contrário.

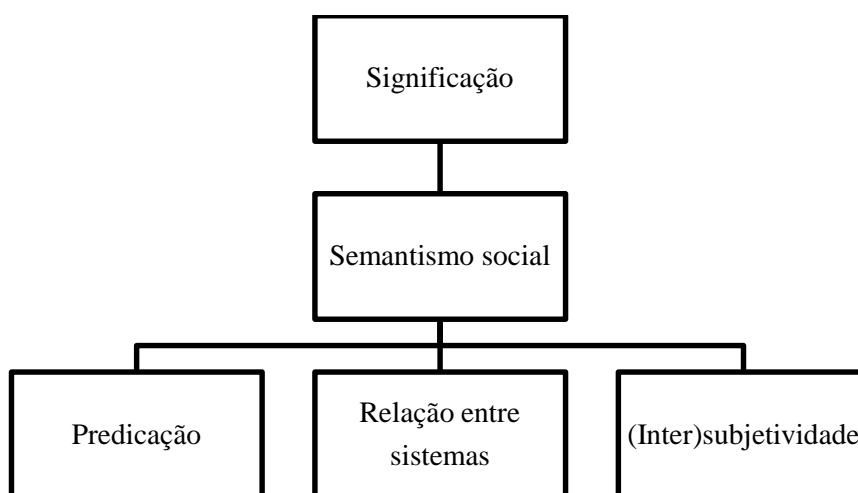
Funcionando o semantismo na frase, a qual está para a heterogeneidade, uma vez que ela não é um constituinte, mas um segmento de discurso, não é possível fixar categorias de análise. A frase, estando para o infinito, não é ela mesma um frasema que pudesse sofrer distribuição, a fim de que a segmentação e a substituição fossem operadas para se encontrar as unidades categoremáticas comuns de uma língua em particular e sua natureza. Não podendo instituir classes, podemos, porém, elencar temas que conduzam à análise. Isso porque o fato de a investigação dar-se em função do *corpus* não implica que não podemos estabelecer alguns temas que dêem direção a ela. Inclusive, tal exercício é importante para se alinhar os conceitos teóricos à prática.

“Thème” em francês, dentre outros, pode significar: “sujet, idée sur lesquels portent une réflexion, un discours, une œuvre, autour desquels s'organise une action”²⁵⁹. Apropriamo-nos, pois, dessa definição francesa para justificar o porquê partiremos de temas para fazer Semântica. Sabemos que o sentido da frase é a ideia que ela veicula. Nada melhor, então, que partir de uma ideia, o tema, que porta reflexões teóricas, ao redor da qual poderemos organizar coerentemente teoria e prática. Julgamos que analisar as ideias possíveis que são veiculadas nas frases de nosso *corpus* e como elas são transpostas a outras línguas a partir de ideias teóricas bem estruturadas na análise é uma maneira adequada de nos fazer inserir em nossa perspectiva teórica, na qual o homem é tido como sendo constituído no e pelo discurso, isto é, como só podendo se formar subjetivamente por essas ideias que o atravessam por meio da língua.

²⁵⁹ THÈME. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “assunto, ideia sobre os quais se baseiam uma reflexão, um proferimento, uma obra, em redor dos quais se organiza uma ação”.

Nesse sentido, julgamos adequado dividir esta análise em três eixos temáticos: (i) a palavra, a frase e o texto, no qual retomaremos a discussão do capítulo 3, principalmente sobre a função proposicional, e do capítulo 4, sobre a predicação; (ii) a problemática da transistemática e do interlinguismo, em que rediscutimos os conceitos dos capítulos 1 e 2, a saber, a relação entre os sistemas semiológicos e a natureza do sistema linguístico; e (iii) o paradoxo do semantismo social, no qual, problematizando o discutido no capítulo 3 sobre como compreendemos o semantismo social e no capítulo 4 sobre como compreendemos a tradução, vamos alinhar essas questões ao próprio conteúdo de *L'appareil*, a fim de tirar conclusões mais fundantes sobre o semantismo social entre línguas. Assim sendo, poderíamos elaborar o seguinte esquema para explicar como esses eixos temáticos, na verdade, se constituem como submecanismos do mecanismo linguístico maior a que nos propomos a estudar:

Figura 10 – Eixos temáticos de análise.



Fonte: A autora.

Cada um dos eixos temáticos, tratados ao longo de toda dissertação, foram condensados e relacionados com a tradução no item 3 do capítulo 3, “o semantismo social na tradução”. Sobre o primeiro eixo, a função proposicional engloba toda a questão de a palavra preencher uma função proposicional, a qual terá o funcionamento de emprego; de a frase ela mesma não poder preencher uma função, já que ela veicula uma ideia; e, por isso tudo, de o texto não poder ser um nível superior. No segundo eixo, a relação entre sistemas compreende o fato de a língua ser um princípio estrutural; portanto, um sistema que comporta diversas estruturas, o que leva ao problema da impossibilidade do mero deslocamento das unidades entre sistemas. E, no terceiro eixo, e a (inter)subjetividade gera o paradoxo no funcionamento

das designações do semantismo social, uma vez que, sendo ele compartilhado entre os locutores de uma língua, quando um deles o alça a emprego, essas designações vão ser tomadas de maneira particular e única.

Discutido isso teoricamente, é importante verificar, agora, como tudo isso é de fato operacionalizado no *corpus* a fim de podermos problematizar nossa hipótese, de que o semantismo social possa funcionar interlinguisticamente. A escolha dos temas vem, pois, em função dessa hipótese. O tema da predicação responde o porquê a tradução é possível. O tema da relação entre sistemas responde como se dá o funcionamento entre línguas, se interlinguisticamente ou transistematicamente. E o tema sobre a intersubjetividade responde sobre o papel do semantismo social para a tradução.

Assim mesmo, ainda que, em cada seção, o artigo *L'appareil* seja tomado por inteiro, consideramos que demarcá-lo em três seções seria mais conveniente para que, em cada uma delas, os detalhes de cada tema possam ser vistos com mais clareza, em vez de fazermos apenas uma vista d'olhos pelo artigo inteiro para discutir cada um dos eixos temáticos. *L'appareil* é composto de 39 parágrafos, uns muito grandes, ocupando quase uma página inteira, e outros muito pequenos, composto de duas linhas; e de duas partes, a primeira, do parágrafo 1 ao 26, em que Benveniste esboça os caracteres gerais da enunciação, e a segunda, do parágrafo 28 ao 39, em que ele discute sobre o quadro figurativo da enunciação.

Faremos a divisão, pois, em três partes: (i) o primeiro eixo, a palavra, a frase e o texto, será discutido a partir dos parágrafos 1 a 15 de *L'appareil*, em que Benveniste apresenta as condições iniciais de funcionamento da enunciação; (ii) o segundo eixo, a problemática da transistematica e do interlinguismo, a partir dos parágrafos 16 a 27 de *L'appareil*, em que esse autor discute a situação particular de desdobramento da enunciação; (iii) o terceiro eixo, o paradoxo do semantismo social, dos parágrafos 28 a 39 de *L'appareil*, em que ele traz uma citação de Malinowski para problematizar o quadro figurativo da enunciação.

4. EM RESUMO

Neste capítulo, discutimos a noção de método em Benveniste, ao qual nos filiamos, a partir do seu texto *Les niveaux d'analyse linguistique*. A esse respeito, vimos que o método integrativo de Benveniste rege o critério de integração, o operador, que é o nível linguístico, e os procedimentos, que são a discrição, a descrição e a interpretação.

Para fazer a discrição, o linguista tem que se valer da dissociação, da distribuição e da integração. Isso permite que ele faça uma descrição que relacione coerentemente teoria e

prática. Por ser coerente, a interpretação que emerge dela está pautada na formalidade, e não no ponto de vista subjetivo do linguista. Isso significa que o fato de o sentido e, portanto, a subjetividade terem de fazer parte necessariamente da análise não implica que daí possamos tirar qualquer conclusão.

Outro ponto importante é a concepção de frase de Benveniste que, ao levar em conta a predicação, retoma Aristóteles e vai além dele ao mesmo tempo. Retoma, porque afirma que não existe frase que não seja predicativa, isto é, que não predique uma propriedade a um sujeito. Mas vai além de Aristóteles, porque ele considera a proposição a partir da noção de função inter-humana, o que faz com que tanto a interrogação quanto a exclamação sejam consideradas como proposição, de par com a declaração.

Com relação aos procedimentos de análise desta pesquisa, a descrição é feita por meio do operador de análise, o nível linguístico. Como nos propomos a estudar o sentido, ela deve ser *top-down*, isto é, partimos da integração para a dissociação. Desta feita, a descrição é dividida em três temas, os quais podem ser compreendidos em três conceitos: a predicação, a relação entre sistemas e a subjetividade. Consequentemente, o último procedimento da análise integrativa, a interpretação, vem em função desses conceitos.

CAPÍTULO VI

UMA ANÁLISE INTEGRATIVA ENTRE LÍNGUAS

1. A PALAVRA, A FRASE E O TEXTO

Benveniste (1966), ao propor uma definição de palavra baseada no problema da predicação, simplesmente traz uma novidade a esse respeito, já que, além de tirar a palavra do lugar comum, daquilo que está entre dois espaços em branco, também permite trazer consequências importantes. Uma das primeiras consequências está para a própria definição de tradução que ele propõe.

Como já discutimos, para Benveniste (1974, p. 228), a tradução é um processo global de transposição de sentidos, o que pressupõe a sua noção de cultura – o meio humano que está para além das funções biológicas do homem, dando forma, sentido e conteúdo à vida²⁶⁰. Por isso, aquilo que é transposto na tradução demanda ser reescrito e reinterpretado.

Por esse motivo, ao longo desta análise, utilizaremos o termo “transposição” em relação sinonímica a “reescrita” e “reinterpretação” e em relação antonímica a “cópia”, “transcrição” e “colagem”, dado que, nessa perspectiva, a noção de transposição vai na contramão de transcrição, isto é, como a palavra não é meramente algo que está entre dois espaços em branco, ela não pode ser meramente copiada, imitada na tradução.

Antes de adentrarmos nos desdobramentos dessa questão, discutamos, primeiramente, o que o conceito de palavra em Benveniste colabora para compreender a delimitação da frase e do texto, noções fundamentais para se compreender o processo da tradução. Façamos, pois, um batimento com os problemas que Saussure (1964) apresenta sobre a definição de palavra e de frase, a fim de compreendermos a dimensão da novidade benvenistiana.

No primeiro capítulo desta dissertação, vimos que as entidades linguísticas se apresentam para o locutor como uma massa indistinta na matéria fônica e que as unidades, por outro lado, podem ser delimitadas, reconhecidas por meio de uma operação mental que o locutor faz. Essa operação é regida pelo sentido, seja ele o semiótico ou semântico. Por esse motivo, no capítulo segundo, vimos que a entidade linguística pode ser tomada ou como o signo ou como a palavra.

Nesse sentido, no terceiro item do capítulo segundo do CLG, Saussure traz a problemática de nem sempre a noção de palavra corresponder à de unidade, aproximação essa

²⁶⁰ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 30.

que pode trazer dificuldades. Na cadeia da fala, poder-se-ia considerar a palavra como a combinação de um som e de uma ideia. Entretanto, isso não é dado de antemão:

Prenons le français *mois*. J'admets que *moi* et *mois* est différent pour nous. (*Mot*: combinaison de son et d'idée). *Mois* est donc un mot. *Mois* singulier et *mois* pluriel, est-ce le mot? Sans doute, alors "cheval" et "chevaux", c'est le même mot. Mais il faut faire de cela une abstraction ; nous prenons comme unité quelque chose qui est déjà un résultat, qui n'est pas donné. (SAUSSURE, 1989, p. 238)²⁶¹

No caderno de Constantin, há a problemática de que, se a palavra for considerada a combinação do mesmo som e da mesma ideia: (i) unidades com o mesmo som, mas sentidos diferentes, são palavras diferentes, ex.: "moi" e "mois"; (ii) unidades com o mesmo som e com o mesmo sentido são a mesma palavra, ex.: "mois" singular e "mois" plural; (iii) unidades com sons diferentes, mas o mesmo sentido, são a mesma palavra, ex.: "cheval" e "chevaux". Isso, pois, acirraria a delimitação entre palavra e unidade, o que faz com que Saussure afirme "ce n'est pas là une définition du mot" ou "par là, on n'a pas voulu définir le mot", ou "ce sont bien des mots, mais la définition...", ou que ele até ensaie uma definição em sala de aula, mas a risque depois²⁶². Toda essa dificuldade de Saussure em definir a palavra está marcada no caderno de seus alunos, de uma forma ou de outra.

Trazendo isso para o nosso *corpus*, vejamos o título: "l'appareil formel de l'énonciation", "o aparelho formal da enunciação" e "el aparato formal de la enunciación". Por exemplo, "appareil", "aparelho" e "aparato", por possuírem sons diferentes, mas o "mesmo" sentido, seriam a mesma palavra? Nessa perspectiva, o fato de serem unidades diferentes funcionando em estruturas diferentes, mas que podem ser associadas paradigmaticamente, isto é, ser reconhecidas como semanticamente semelhantes no eixo das associações, abre a brecha de elas poderem ser consideradas a mesma palavra.

Entretanto, se elas fossem a mesma palavra, elas seriam intercambiáveis, podendo-se agenciar "appareil" em "o appareil formal da enunciação" ou "aparato" em "l'aparato formel de l'énonciation". Enfim, qualquer uma dessas permutas poderia acontecer apenas virtualmente, já que nenhuma dessas unidades, no sintagma em que se encontram, preencheria uma função proposicional, dado que, por exemplo, um locutor brasileiro poderia não

²⁶¹ "Tomemos a palavra francesa "mois". Eu admito que "moi" e "mois" são diferentes para nós. (*Palavra*: combinação de som e de ideia). "Mois" é, então, uma palavra. "Mois" singular e "mois" plural é uma única palavra? Sem dúvida, então, "cheval" e "chevaux" são a mesma palavra. Mas é necessário fazer uma abstração sobre isso, pois tomamos como unidade algo que já é um resultado, que não é dado".

²⁶² SAUSSURE, 1989, p. 239: "isso não é uma definição de palavra", "com isso, não quisemos definir a palavra", "isso são palavras, mas a definição...".

reconhecer “appareil” semioticamente em “o appareil formal da enunciação”, o que acarretaria que, para ele, essa entidade não teria um emprego na frase, não sendo, portanto, palavra.

Diante da dificuldade em definir a palavra, Saussure (1989, p. 238-239) vai elencando vários critérios para tal, dos quais, estudando os cadernos de seus alunos, podemos destacar os seguintes: (i) a unidade não é dada diretamente porque ela é o resultado da operação do intelecto; (ii) a palavra forma uma seção na cadeia da fala; (iii) uma mesma palavra pode ter diferentes aspectos, segundo a maneira como é vocalizada, por exemplo, “le *mois* de décembre” e “un *mois* après”; (iv) é necessário procurar a unidade concreta além da palavra; (v) a unidade não está na cadeia da fala para receber um sentido – é o sentido que cria a unidade; (vi) há outros gêneros de unidades - as palavras compostas e os afixos.

Em linhas gerais, esses critérios esparsos permitem-nos dizer que a palavra é a realização da unidade na cadeia fônica, unidade essa que vem em função da atribuição de sentido por um locutor. O locutor atribui sentido a uma entidade da língua, que se torna uma unidade, a qual forma parte da cadeia linear que caracteriza a materialização da língua, na oralidade. No entanto, como o próprio Saussure afirma que a materialização da língua não interessa à Linguística, por ser abstrata a essa ciência, a palavra não poderia ser simplesmente a realização material da entidade.

De qualquer forma, como esses critérios parecem dispersos e soltos, o que constatamos é que Benveniste, na sua leitura de Saussure, tece um fio de coerência sobre essa questão ao definir a palavra a partir da noção de função proposicional. Saussure, ao dizer “je vais prendre le mot comme formant une section dans la chaîne du discours et non dans l’ensemble de sa signification”²⁶³, deixa a brecha de compreendermos que, sua teorização, de forma geral, já permitia tirar o desdobramento de que a palavra preenche uma função na frase.

A edição crítica de Engler data de 1968, a qual, embora Benveniste a cite no *Dernières Leçons* (1968-1969), quando da escrita de *La forme*, que data de 1966, ainda não a conhecia. Portanto, o que teoriza sobre a palavra e a frase em *La forme* não poderia advir das novidades trazidas por Engler, mas pelo que o CLG como um todo permitia entrever. Antes mesmo de 1966, Benveniste já fala da função proposicional e traz a seguinte definição de palavra em *Les niveaux*, de 1962: “le mot peut donc se définir comme la plus petite unité signifiante libre

²⁶³ SAUSSURE, 1989, p. 238: “vou tomar a palavra como formando uma seção na cadeia do discurso e não no conjunto de sua significação”.

susceptible d'effectuer une phrase, et d'être elle-même effectuée par des phonèmes”²⁶⁴.
Operacionalizemos tal conceito no seguinte excerto do *corpus*:

Quadro 5 – Recorte do primeiro parágrafo do *corpus*.

Toutes nos descriptions linguistiques consacrent une place souvent importante à l'«emploi des formes». Ce qu'on entend par là est un ensemble de règles fixant les conditions <i>syntactiques</i> dans lesquelles les formes peuvent ou doivent normalement apparaître, pour autant qu'elles relèvent d'un paradigme qui recense les choix possibles.	Todas as nossas descrições linguísticas consagram um lugar frequentemente importante ao "emprego das formas". O que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições <i>sintáticas</i> nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis.	Todas nuestras descripciones lingüísticas consagran un lugar a menudo importante al "empleo de las formas". Lo que se entiende por esto es un conjunto de reglas que fijan las condiciones sintácticas en las que las formas pueden o deben aparecer normalmente, por pertenecer a un paradigma que abarca las elecciones posibles.
---	---	---

O modo como os ocidentais convencionaram padronizar a escrita faz com que tenhamos um olhar muito automatizado com relação a ela: na primeira frase do texto, “souvent” poderia ser tida como uma palavra pelo simples fato de estar entre dois espaços em branco. Entretanto, é necessário ter em mente que essa padronização é apenas um efeito da maneira como cada palavra desse recorte preenche uma função proposicional, não a causa. Façamos, pois, um teste - retiremos todos os espaços em branco da primeira frase, de maneira a que ela fique assim: “toutesnosdescriptionslinguistiquesconsacrentuneplacesouventimportant teàemploidesformes”.

Como seria possível operar os cortes de delimitação? Nada impossível, dado que, em algumas culturas, por exemplo, entre os romanos, a padronização de escrita era semelhante a essa: escreviam todas as palavras juntas e em letras maiúsculas e isso não era um empecilho para que conseguissem reconhecer as unidades nessa cadeia semiótica. Seria de extrema importância e necessidade trazer a língua latina neste trabalho naquilo em que ela contribui para a compreensão das línguas neolatinas.

Todavia, como não temos condições para isso, fiquemos apenas com as três línguas que nos propomos a estudar. Não deixemos, porém, de reconhecer o problema metodológico que essa falta acarreta em nossa pesquisa: desconsiderar a estrutura que fundamenta o francês, o português e o espanhol pode incorrer no erro de tirarmos, dessas três línguas, conclusões

²⁶⁴ BENVENISTE, 1966, p. 124: “a palavra pode, então, definir-se como a menor unidade significativa livre suscetível de efetuar uma frase e de ser ela mesma efetuada por fonemas”.

que não coadunariam com as conclusões que tiraríamos se o latim fosse posto como base. Temos, porém, que assumir essa falta.

Voltando à cadeia semiótica “*toutes nos descriptions linguistiques consacrent une place souvent importante à l'emploi des formes*”, o corte nela é completamente possível porque ele se dá em função de dois aspectos, concomitantemente: (i) o reconhecimento da estrutura fonemática e os possíveis significados relacionados a ela, o que forma uma unidade semiótica e (ii) a compreensão do emprego dessa unidade semiótica na frase, o que a torna uma unidade semântica. Como a união entre significante e significado é necessária e só existe devido à convenção, operar o corte na estrutura fonemática, para quem é locutor dessa estrutura, torna-se uma empreitada factível. Assim sendo, na porção “*toutes nos descriptions linguistiques*”, poder-se-ia operar o corte entre “*tout*” e “*es*”, já que ambos configuram-se como signos da língua francesa. Como é o significado que cria a unidade, seria possível atribuir um significado a “*tout*” e outro a “*es*”, configurando-os como unidades distintas. No entanto, fazer o reconhecimento semiótico dessa maneira comprometeria a compreensão da frase.

Isto é, ainda que a união entre um significante e um significado seja sempre necessária, ela sempre vem em função do modo semântico. Portanto, a delimitação não é dada de antemão, mas em decorrência do olhar do locutor sobre a frase, que faz o jogo entre as relações associativas possíveis no eixo do signo, e as relações sintagmáticas possíveis no eixo da frase. Assim sendo, reconhecidas e compreendidas as palavras “*descriptions*” e “*linguistiques*”, na porção “*toutes nos*”, o corte adequado seria “*toutes*” e “*nos*”. Isso só faz reafirmar o dizer de Saussure de que a unidade é o resultado de uma operação do intelecto, na medida em que cabe ao locutor manejar com as relações possíveis, tanto no modo semiótico, eixo dos paradigmas, quanto no modo semântico, eixo do sintagma.

Como a convenção de escrita atual faz-nos o favor (ou o desfavor) de já operar o corte na estrutura fonemática do significante, pensemos sobre os desdobramentos dos aspeios e dos itálicos no texto. Na primeira frase dele, “*l'emploi des formes*” é aspeado, como também nas traduções: “*emprego das formas*” e “*empleo de las formas*”. Na frase seguinte, “*syntactiques*” é colocado em itálico, como também em português “*sintáticas*”, mas não em espanhol “*sintácticas*”.

Com isso, vemos que o fato de as entidades estarem separadas por espaços em branco em uma frase não significa que ali elas estejam funcionando como unidades, isto é, o corte feito na cadeia semiótica pelos espaços em branco não torna as entidades imediatamente unidades. Quando o locutor aspeia ou coloca em itálico alguma entidade, ele ali já intenta conferir um efeito de sentido que, sem esses recursos, poderia ser outro. Quando a tradução é

feita e essas marcas não são seguidas, por exemplo, em espanhol, o tradutor não colocou “*sintácticas*” em itálico, os efeitos de sentido possivelmente provenientes desse itálico não são transpostos.

Pelo que conhecemos da teoria de Benveniste, “*l’emploi des formes*” foi aspeado porque ele, geralmente, utiliza as aspas para fazer menção, isto é, trazer para a metalíngua aquilo que estaria para o uso. Decorre-se disso que, na frase “*toutes nos descriptions linguistiques consacrent une place souvent importante à l’emploi des formes*”, as descrições linguísticas não consagram um lugar importante a como elas mesmas empregam as formas da língua, mas à noção de emprego das formas, isto é, fazem muita teorização sobre o que é o emprego das formas, não sobre se as descrições mesmas empregam essas formas.

Assim sendo, na frase seguinte “*ce qu’on entend par là est un ensemble de règles fixant les conditions syntactiques [...]*”, Benveniste introduz o que ele mesmo entende por “emprego das formas”, por isso, coloca em itálico “*syntactiques*”. Geralmente, o itálico, nesse autor, vem em função de uma extensão do sentido de um determinado termo, de sua especialização na teoria dele. Consequentemente, ele marca que “*syntactiques*” em sua obra não estaria para o sentido em voga desse termo na Linguística de sua época, isto é, as leis de combinações dos elementos linguísticos que visam a atender apenas a uma demanda do Estado, mas para as leis de combinações existentes na estrutura própria de uma língua. Em outras palavras, poderíamos ler que Benveniste quer marcar que “*syntactiques*” não está meramente para a gramática normativa, mas para a estrutura mesma. Quando esse termo deixa de ser colocado em itálico na tradução espanhola, essa interpretação possível é perdida.

Vimos até agora que a palavra não pode ser confundida meramente com aquilo que está entre dois espaços em branco, na cadeia semiótica da escrita, porque ela não é dada de antemão. Inclusive marcações como aspas e itálico podem alterar a maneira como locutor compreende uma determinada entidade como unidade. Quando o locutor delimita uma unidade, ele reconhece esse elemento como efetuando uma frase, como sendo uma parte da frase sem que essa seja a soma de suas partes. Vejamos:

Quadro 6 – Recorte do segundo parágrafo do *corpus*.

Nous voudrions cependant introduire ici une distinction dans un fonctionnement qui a été considéré sous le seul angle de la nomenclature morphologique et grammaticale. Les conditions d’emploi des	Gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção em um funcionamento que tem sido considerado somente sob o ângulo da nomenclatura morfológica e gramatical. As condições de emprego das	Desearíamos, con todo, introducir aquí una distinción en un funcionamiento que ha sido considerado desde el ángulo exclusivo de la nomenclatura morfológica y gramatical. Las condiciones de
---	--	--

formes ne sont pas, à notre avis, identiques aux conditions d'emploi de la langue.	formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua.	empleo de las formas no son, en nuestro concepto, idénticas a las condiciones de empleo de la lengua.
--	---	---

Nesse recorte, “nous voudrions cependant introduire ici une distinction [...]” é traduzido por “gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção [...]” e por “desearíamos, con todo, introducir aquí una distinción”. Em L2 e L3, os tradutores viram a necessidade de traduzir “contudo” e “con todo” marcando uma divisão dessas unidades com outras por meio da vírgula, o que não é feito em L1. Assim, vemos que a maneira como se delimitam determinadas unidades em português e espanhol é diferenciada do francês até mesmo na maneira como elas são grafadas na escrita. Isso por causa do meio humano, que dá forma, sentido e conteúdo, a cultura²⁶⁵, em que vivem os franceses ser diferente do meio no qual vivem os brasileiros e os hispanos.

Essas conjunções que marcam adversidade foram interpretadas como necessitando de ser destacadas da frase, seja esse destaque proveniente do emprego da forma, que compõe os modelos linguísticos ou gramaticais que institucionalizam o uso de uma determinada língua, ou do emprego da língua, que compõe a estrutura própria de uma língua.

Por conseguinte, o reconhecimento de “cependant” como “contudo” e “con todo” decorre de sua marcação como unidade destacada em L2 e L3. Consequentemente, não se pode dizer que o fato de “à notre avis”, que é marcado entre vírgulas, também ser marcado entre vírgulas em L2 e L3, “em nosso modo de entender” e “en nuestro concepto”, leve a que essas traduções sejam uma mera colagem de L1. Na verdade, a necessidade de se destacar essas locuções adverbiais em L2 e L3 vem em função da interpretação que os tradutores fazem do semantismo de L1 e sua consequente transposição nos semiotismos de L2 e L3, e não da mera colagem do semiotismo de L1.

Em outras palavras, as marcações da vírgula foram feitas nas traduções não para fazer uma cópia da cadeia semiótica de L1, mas para fazer o semantismo de L1 reconhecível e compreensível na cadeia semiótica de L2 e L3. Grafar “em nosso modo de entender” e “en nuestro concepto” sem a marcação da vírgula poderia causar um estranhamento nos seus respectivos leitores.

Tanto não é uma cópia do semiotismo de L1, mas uma interpretação de seu semantismo, que a expressão “à notre avis”, ao invés de ser traduzida com as tão usuais “em

²⁶⁵ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 30.

nossa opinião” ou “en nuestra opinión”, o foi por outras expressões que não deixam de ser menos compreensíveis que essas. Isso faz com que a palavra seja tida como a menor unidade significante livre suscetível de efetuar uma frase, não meramente um elemento que “aparece” na frase para ser “imitado” ou “copiado” na tradução:

Quadro 7 – Recorte do terceiro parágrafo do *corpus*.

L'emploi des formes, partie nécessaire de toute description, a donné lieu à un grand nombre de modèles, aussi variés que les types linguistiques dont ils procèdent. La diversité des structures linguistiques, autant que nous savons les analyser, ne se laisse pas réduire à un petit nombre de modèles qui comprendraient toujours et seulement les éléments fondamentaux.	O emprego das formas, parte necessária de toda descrição, tem dado lugar a um grande número de modelos, tão variados quanto os tipos lingüísticos dos quais eles procedem. A diversidade das estruturas lingüísticas, tanto quanto sabemos analisá-las, não se deixa reduzir a um pequeno número de modelos, que compreendem sempre e somente os elementos fundamentais.	El empleo de las formas, parte necesaria de toda descripción, ha dado objeto a gran número de modelos, tan variados como los tipos lingüísticos de que proceden. La diversidad de las estructuras lingüísticas, en la medida en que sabemos analizarlas, no se puede reducir a un número exiguo de modelos que comprenderían siempre y sólo los elementos fundamentales.
--	--	--

Em “partie nécessaire de toute description”, observamos que “de” não está nesse aposto meramente para ligar “partie nécessaire” e “toute description”. Sendo a palavra a menor unidade significante livre suscetível de efetuar uma frase, “de” pode ser considerado: (i) “unidade”, porque composto de um significante e um significado; (ii) “menor”, porque é uma parte da cadeia semiótica desse aposto que permite ser delimitada com relação às outras, comportando ela mesma uma estrutura fonemática que é a contraparte de um significado; (iii) “significante”, porque, além de se formar ela mesma como um signo, que possui uma imanência necessária, permite veicular um sentido no modo semântico; (iv) “livre”, porque ela mesma preenche uma função proposicional.

Portanto, o fato de as preposições serem consideradas palavras gramaticais não implica que elas não veiculem um sentido e o fato de que elas sejam tidas como formas presas ou dependentes, como na teorização de Mattoso Câmara (2004), não implica que elas não preencham elas mesmas uma função proposicional. Assim, “de”, nesse aposto, é suscetível de realizar a frase em que está contida, isto é, de colocar essa cadeia semiótica em funcionamento, fazendo com que o semiotismo se articule com o semantismo. Benveniste diz que a palavra é *suscetível* de efetuar uma frase porque há a possibilidade disso, não as garantias. Se uma entidade não é agenciada em uma frase de modo a permitir a compreensão, ela não pode ser tida como unidade semântica.

Nesse trecho, “de” em L1 é a única unidade que possui exatamente a mesma forma em L2 e L3: “partie nécessaire de toute description” foi traduzida como “parte necessária de toda descrição” e “parte necesaria de toda descripción”. Isso não significa, porém, que tenham a mesma função. “De” não se relaciona com “partie” e “description” da mesma forma que “parte” e “descrição” ou “parte” e “descripción”. Dentre vários motivos possíveis, podemos elencar uma questão semiótica: a estrutura fonemática de “de” é realizada de maneira muito divergente em L1 /də/, em L2 /dʃi/ e em L3 /de/. No modo semiótico, como o significado é apenas a contraparte conceitual do significante, é evidente que a maneira como a imagem acústica é impressa na mente dos locutores modifica a relação que eles têm com o significado. Com isso, queremos dizer que, funcionando uma unidade em estruturas diferentes, nas quais a organização das relações é diferente, a forma relacionar-se-á ao sentido de maneira também diversa. Portanto, uma unidade só é unidade em função de uma estrutura, não podendo dizer-se que a tradução de “de” em L2 e L3 foi uma mera cópia de “de” em L1.

Dado que a palavra efetua a frase, seu emprego depende da ideia da frase. Por isso, passemos à discussão sobre o conceito de frase. No final do terceiro item do capítulo segundo do CLG, Saussure (1964, p. 148) coloca à mostra duas teses: uma que defende que a frase está para a língua e outra que defende que a frase está para a fala. Cada uma delas possui consequências: se a frase está para a língua, a palavra é apenas uma abstração, dado que seria apenas uma parte, uma fração que, fora da frase, não teria realidade linguística²⁶⁶; se a frase está para a fala, ela não pode ser ela mesma uma unidade linguística, dado que a fala é heteróclita. Reflitamos sobre isso em um trecho do *corpus*:

Quadro 8 – Quarto parágrafo do *corpus*.

Tout autre chose est l'emploi de la langue. Il s'agit ici d'un mécanisme total et constant qui, d'une manière ou d'une autre, affecte la langue entière. La difficulté est de saisir ce grand phénomène, si banal qu'il semble se confondre avec la langue même, si nécessaire qu'il échappe à la vue.	Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido.	Muy otra cosa es el empleo de la lengua. Aquí es cosa de un mecanismo total y constante que, de una manera o de otra, afecta a la lengua entera. La dificultad es captar este gran fenómeno, tan trivial que parece confundirse con la lengua misma, tan necesario que se escapa.
--	--	---

²⁶⁶ Cf. SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 240.

Se a frase estivesse para a língua, a palavra “*langue*” em “*tout autre chose est l'emploi de la langue*” não poderia ser utilizada na frase seguinte “*il s'agit ici d'un mécanisme total et constant qui, d'une manière ou d'une autre, affecte la langue entière*” ou mesmo na seguinte “[...] *qu'il semble se confondre avec la langue même*”. Isso porque o simples fato de ser possível agenciar uma mesma palavra em sintagmas diferentes implica que essa palavra funcione no paradigma como signo, isto é, implica que esta entidade componha a rede de relações associativas de uma estrutura, tomando sua identidade pela negação com outras entidades, o que faz com que ela se torne uma unidade concreta, não abstrata.

“Unidade” porque possui sua natureza derivada da negação e da oposição, ou seja, do funcionamento próprio da língua, e “concreta” porque permite ser reconhecida e compreendida por um locutor, o qual tem a possibilidade de apropriar-se dela e agenciá-la de modos infinitos, embora circunscritos pelas regras de combinação da estrutura. Em outros termos, a palavra é uma unidade concreta, não porque o locutor possa agenciá-la da maneira que queira, o que faria com que ele lhe conferisse sua natureza, mas porque é a língua que lhe confere a natureza e permite ao locutor poder manejá-la a partir de uma vasta gama de possibilidades.

Ademais, se a frase estivesse para a língua, a palavra “*langue*” não teria realidade linguística fora de uma determinada frase, o que não disponibilizaria a um tradutor elevar-se acima do semiotismo de “*langue*” e daí depreender um possível semantismo que pudesse se encaixar na estrutura de L2 ou L3. Isso mostra que a cultura, no caso, a francesa, produz uma estrutura linguística específica, condicionando-a a esse meio humano e, ao mesmo tempo, permite que essa estrutura seja relacionada a outras.

Por isso, a frase não está para a língua e é possível a tradução de “*langue*” em “coisa bem diferente é o emprego da língua” ou “*muy otra cosa es el empleo de la lengua*”, como também a sua recorrência nas duas frases seguintes de cada uma dessas línguas. O que nos resta, pois, é o fato de a frase estar para a fala. Por isso, observemos:

Quadro 9 – Quinto parágrafo do *corpus*.

L'énonciation est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation.	A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.	La enunciación es este poner a funcionar la lengua por un acto individual de utilización.
---	--	---

Se a frase está para a fala, essa frase não pode ser uma unidade linguística. Não pode ser unidade porque a fala é heterogênea e, por causa disso, engloba “*les combinaisons par lesquelles le sujet parlant utilise le code de la langue en vue d'exprimer sa pensée*”

personnelle”²⁶⁷. Como o pensamento tem que se assujeitar à língua para se tornar exprimível nesse sistema semiológico, tem que ser convertido ao seu aparelho conceitual, proveniente da cultura, o que o faz ajustar-se ao semantismo, o qual, por sua vez, é articulado com o semiotismo. Dessa maneira, a frase não é uma unidade porque as combinações que podem ser obtidas nela e por meio dela estão para o infinito, dado que o semantismo não é colado no semiotismo, mas articulado, encaixado, organizado.

Assim sendo, no excerto do *corpus* acima, verificamos que a característica de a frase não ser uma unidade é um fato, visto que a própria possibilidade de se poder compreender a definição de “énonciation” e de transpô-la a L2 e a L3 revela que o que está em jogo é um processo semântico, não um semiótico. Nesse último caso, a frase teria uma ideia colada a ela e, portanto, não poderia ser “destacada” de sua forma. Saussure, pois, dá mostras de que coaduna com a segunda tese, pois afirma: “dans la phrase, tout est diversité, et si l’on veut trouver quelque chose de commun, on arrive au mot qu’on ne cherchait pas directement”²⁶⁸.

Ora, a diversidade não permite a distinção por negação e oposição; por isso, a frase não é uma unidade. No capítulo quinto, Saussure confirma essa suspeita: “la phrase est le type par excellence du syntagme. Mais elle appartient à la parole, non à la langue”²⁶⁹. Assim, a diversidade conferida à frase dá-se não porque a fala permita qualquer combinação, mas porque a fala é um documento de língua²⁷⁰, paramentado culturalmente, de que o locutor se serve para fazer essas combinações. Em termos benvenistianos, poderíamos justificar que a frase está para a fala não só porque é heteróclita, mas também porque se configura como proposição.

A esse respeito, notemos que o quinto parágrafo do *corpus* é em si mesmo uma frase. O fato de Benveniste poder destacar essa frase do texto, conferindo-lhe a categoria de parágrafo, reforça mais a ideia de que ela é uma proposição, não uma unidade. Isso porque toda frase predica, na medida em que atribui um predicado a um sujeito. O predicado, pois, não é um constituinte da frase, mas uma propriedade fundamental dela, isto é, um mecanismo que lhe é constitutivo; por isso, não pode ser distribuído, opondo-se a outros predicados em um mesmo nível linguístico.

²⁶⁷ SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 42: “as combinações pelas quais o locutor utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento pessoal”.

²⁶⁸ SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 240: “na frase, tudo é diversidade e, se quisermos encontrar algo de comum, chegaremos à palavra que não procurávamos diretamente”.

²⁶⁹ Ibid., p. 283: “a frase é o tipo do sintagma por excelência. Mas ela pertence à fala, não à língua”.

²⁷⁰ Cf. SAUSSURE, 1964, p. 146.

Isso leva Benveniste a estender a noção de predicado e afirmar: “une phrase ne peut donc pas servir d'intégrant à un autre type d'unité. Cela tient avant tout au caractère distinctif entre tous, inhérent à la phrase, d'être un prédicat”²⁷¹. Isto é, a frase é ela mesma um predicado. O que torna o signo significativo é a distinção – no nível das unidades semióticas, ser significativo é ser distintivo. Agora, o que torna a palavra significativa é a predicação – no nível categoremático, ou da frase, ser significativo é ser predicativo.

Assim, no trecho “l'énonciation est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation”, não é só aquilo que está à direita do sujeito que é o predicado, mas a própria frase o é, como também suas traduções. Toda a frase é um predicado por ela não ser um frasema ou uma “unidade frasal”. Isso porque, em primeiro lugar, ela não possui distribuição. Por exemplo, a tradução em L2 “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, por não ser um frasema, não pode ser distinguida de outras frases, entrando em relação de negação e de oposição, mesmo se fosse o enunciado “original” de L1.

Não faz, pois, sentido tomar L1 como modelo e os enunciados de L2 e L3 como mera transcrição desse modelo. Tradução seria transcrição, se a frase fosse uma unidade distintiva, unidade essa que pudesse ser transferida para outro lugar como no jogo de xadrez. Ainda que relacional, a metáfora do jogo de xadrez dá conta apenas das unidades distintivas da língua.

Em segundo lugar, a frase não é um frasema porque não tem emprego. Sabemos que a possibilidade de uma entidade linguística ter um emprego em uma frase é sua capacidade de preencher uma função proposicional. Ora, a frase não preenche uma função proposicional no texto. Se preenchesse, ela seria uma forma do texto. Vejamos:

Quadro 10 – Recorte do sexto parágrafo do *corpus*.

Le discours, dira-t-on, qui est produit chaque fois qu'on parle, cette manifestation de l'énonciation, n'est-ce pas simplement la « parole »? — Il faut prendre garde à la condition spécifique de l'énonciation : c'est l'acte même de produire un énoncé et non le texte de l'énoncé qui est notre objet.	O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a "fala"? É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto.	El discurso — se dirá —, que es producido cada vez que se habla, esa manifestación de la enunciación, ¿no es sencillamente el "habla"? Hay que atender a la condición específica de la enunciación: es el acto mismo de producir un enunciado y no el texto del enunciado lo que es nuestro objeto.
---	--	---

²⁷¹ BENVENISTE, 1966, p. 128: “uma frase não pode, então, servir de integrante de outro tipo de unidade. Isso tem relação, sobretudo, ao caráter distintivo entre todos, inerente à frase, de ser um predicado”

Na última parte desse recorte, não se pode dizer que “il faut prendre garde à la condition spécifique de l'énonciation” preenche uma função proposicional no enunciado em que está inserido e que “c'est l'acte même de produire un énoncé et non le texte de l'énoncé qui est notre objet” preenche outra função proposicional no mesmo enunciado, simplesmente por estarem separados por dois pontos.

Ora, nessa porção do sexto parágrafo, o que se tem não é uma única frase composta por duas partes separadas por dois pontos. O que se tem, na verdade, é uma consecução de duas frases: “il faut prendre garde à la condition spécifique de l'énonciation” é uma frase, da mesma forma como “c'est l'acte même de...” o é. Portanto, são enunciados que funcionam eles mesmos como predicado, por isso, não preenchem uma função proposicional na porção de texto em que se encontram, não se podendo, pois, reduzir a noção de frase àquela que está para o ponto final.

O simples fato de, por exemplo, ter sido traduzida “il faut prendre garde à la condition spécifique de l'énonciation” como “é preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação” ou “hay que atender a la condición específica de la enunciación”, mostra que ela mesma comporta uma ideia que pôde ser transposta, não simplesmente transcrita, nas línguas de chegada, segundo a definição de Benveniste (1974, p. 228) de que a tradução é um processo global de transposição. Para observar isso, joguemos com as relações associativas.

Haveria outras possibilidades para a frase de L1 ter sido traduzida para L2, tais como: “é necessário precaver-se da condição específica da enunciação” ou “deve-se atentar com cautela à condição específica da enunciação”; ou para L3: “hay que cuidar la condición específica de la enunciación”. Enfim, as palavras dessa frase podem ser tomadas como signo para que se jogue com as relações associativas possíveis, a fim de que elas possam desempenhar outras funções proposicionais na frase. Todavia, o enunciado não deixou de modificar sua propriedade de predicar pelo simples fato de as relações entre suas partes terem modificado.

Quadro 11 – Sétimo parágrafo do *corpus*.

Ce grand procès peut être étudié sous divers aspects. Nous en voyons principalement trois.	Este grande processo pode ser estudado sob diversos aspectos. Veremos principalmente três.	Este gran proceso puede ser estudiado de diversos modos. Vemos tres principales.
--	--	--

Por conseguinte, no recorte acima, os enunciados não estão em relação de diferenciação. “Nous en voyons principalement trois” possui a unidade “en” que retoma “divers aspects” e que foi adequada às estruturas de L2 e L3. Apesar de podermos explicitá-

lo, por exemplo, em L2 “veremos principalmente três deles” ou “sobre isso, veremos principalmente três”; e em L3 “vemos tres principales de ellos” ou “sobre ello, vemos principalmente tres”, dessas ou de outras maneiras, esses enunciados não deixam de funcionar como predicados meramente por se ter reformulado o lugar de suas partes.

Isto é, ainda que de L1 possamos reescrever enunciados diversos em L2 e L3, omitindo ou explicitando, por exemplo, certas partes, as alterações que podemos fazer na rede de relações de suas partes não os torna unidades diferentes, mas predicados diferentes. Assim, as culturas diversas possibilitam ao locutor maneiras diversas de predicar no modo semântico, não maneiras diferentes de distinguir as unidades da língua no modo semiótico.

Na gama de possibilidades de reescrita de um mesmo enunciado em L1, o que se tem são frases que predicam de maneira diferente, não frases que se distinguem entre si por negação. “Veremos principalmente três” e “veremos principalmente três deles” e “sobre isso, veremos principalmente três” não estão em relação de distinção diversa, mas de predicação diversa.

Quadro 12 – Recorte do oitavo parágrafo do *corpus*.

Le plus immédiatement perceptible et le plus direct — bien qu'en général on ne le mette pas en rapport avec le phénomène général de l'énonciation — est la réalisation vocale de la langue.	O mais imediatamente perceptível e o mais direto — embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenómeno geral da enunciação — é a realização vocal da língua.	El más inmediatamente perceptible y el más directo — con todo y que en general no se le relacione con el fenómeno general de la enunciación — es la realización vocal de la lengua.
---	--	---

Na frase, a forma são suas palavras, e o sentido, a ideia que veicula. Desse modo, no texto, as frases já estão veiculando ideias, por isso, elas não podem ser colocadas na categoria forma que preenche uma função proposicional e que é distintiva, mas de sentido que veicula ideias. Do excerto acima, “bien qu'en général on ne le...” é distintivo na frase em que se encontra porque possui uma função, entretanto, essa frase não tem função nenhuma no texto. Predicar não é uma função, mas uma propriedade. Tanto não é que, se fosse, essa frase não teria sentido nenhum nas traduções, muito menos na língua de partida, dado que começa com uma zeugma de “aspect” do parágrafo anterior: a realização vocal, de que Benveniste tratou no parágrafo anterior, é um dos diversos aspectos da enunciação. Assim, “le plus immédiatement perceptible et le plus direct”, sem zeugma, ficaria como “le plus immédiatement aspect perceptible et le plus direct”. Se predicar fosse uma função, a frase seria uma unidade distintiva. Se fosse uma unidade distintiva, ela seria a soma de suas partes.

Assim, a frase do recorte acima não poderia veicular uma ideia com a zeugma, pois ficaria faltando nela uma parte que entraria na soma de seu sentido.

Consequentemente, em L2 e L3 é possível tirar uma compreensão de L1, porque nessas línguas de chegada os enunciados não têm emprego, mas ideia. O emprego resulta da dissociação do todo, pois é forma; já a ideia resulta do agenciamento das partes, pois é sentido. A ideia, ainda que enformada em uma cultura específica, pode ser transposta de uma língua a outra, uma vez que a tradução é um processo global de compreensão, o emprego não. O desdobramento disso é que o predicado parece poder ser transposto, o modo de predicar, não. Analisemos:

Quadro 13 – Recorte do nono parágrafo do *corpus*.

Ici la question — très difficile et peu étudiée encore — est de voir comment le « sens » se forme en « mots », dans quelle mesure on peut distinguer entre les deux notions et dans quels termes décrire leur interaction.	Aqui a questão — muito difícil e pouco estudada ainda — é ver como o "sentido" se forma em "palavras", em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação.	Aquí la cuestión —muy difícil y todavía poco estudiada— es ver cómo el "sentido" se forma en "palabras", en qué medida puede distinguirse entre las dos nociones y en qué términos describir su interacción.
--	---	--

Nesse trecho, constatamos que em L1 “ici la question — très difficile et peu étudiée encore — est de voir comment le ‘sens’ se forme en ‘mots’”, tanto em L2 como em L3 o apostro também foi marcado por travessões, os termos “sens” e “mots” também foram marcados por aspas e as duas frases também foram diferenciadas por vírgula, dentre outros. Isso indica, em primeiro lugar, que a transcrição de sinais gráficos de uma língua para outra não implica transcrever o predicado mesmo e, em segundo lugar, que transcrever esses sinais gráficos não é o mesmo que fazê-lo com relação ao modo de predicar.

No que concerne ao primeiro aspecto, vimos que o predicado, por não ser uma unidade distintiva, não pode ser transcrito, apenas reescrito ou transposto, na medida em que se apresente por meio de um processo global de compreensão. Dessa maneira, o fato de que a frase em L1, aparentemente, apresente-se da mesma forma em L2 e em L3 por seus sinais gráficos terem sido transcritos, não significa que o enunciado ele mesmo o tivesse sido. Para que um predicado seja traduzido, é necessária a compreensão semântica, não meramente a cópia do reconhecimento semiótico. O fato de um dos aspectos do reconhecimento semiótico, os sinais gráficos, ter sido copiado em L2 e L3, não implica que, para traduzir a frase, o tradutor não tivesse que ter “se descolado” do semiotismo a fim de poder apreender um semantismo possível.

Logo, os sinais gráficos foram transcritos, e o predicado transposto, reinterpretado, de acordo com os fundamentos que tomamos de Benveniste. Entretanto, o modo de predicar essa frase não pode ser transposto. Embora os enunciados de L2 e L3 pareçam uma “colagem” de L1, o que se tem é o predicado de L1 funcionando de maneira diversa em L2 e L3. Isso porque essas estruturas têm mecanismos diferentes, porém semelhantes, da estrutura de L1. Com isso, os tradutores precisaram apreender um sentido possível do predicado de L1 para transpô-lo a outras línguas, mas, ao transpô-lo, o modo de predicar já teve que ser diferente necessariamente, dado que a ideia estará funcionando na estrutura enformada por outra cultura.

Por exemplo, no trecho “dans quelle mesure on peut distinguer...”, apesar de que a compreensão global de “on” possa ser transposta, essa compreensão global não entrará com o mesmo emprego em L2 – “em que medida se pode distinguir...” – nem em L3 – “en qué medida puede distinguirse...”. Ou ainda “encore” de “très difficile et peu étudiée encore” terá um modo de predicação diferente em L2 – “muito difícil e pouco estudada ainda” - e em L3 – “muy difícil y todavía poco estudiada”. É possível reconhecer “encore” em “todavía” pela estabilização de sentidos, no entanto, “todavía” é predicado de maneira tão diversa de “encore” que até sua ordem no agenciamento muda.

Mesmo que a ordem fosse “igual”, como o “ainda” de L1, a predicação teria aí um modo diferente, dado que se tratam de estruturas diferentes, que possuem redes de relações diferentes justamente por funcionarem em meios humanos diversos. Resumindo, o predicado pode ser traduzido porque ele veicula uma ideia, mas o modo como as palavras da frase são predicadas não o pode, já que cada língua possui uma maneira diferente de empregar suas palavras:

Quadro 14 – Décimo parágrafo do *corpus*.

On peut enfin envisager une autre approche, qui consisterait à définir l'énonciation dans le cadre formel de sa réalisation. C'est l'objet propre de ces pages. Nous tentons d'esquisser, à l'intérieur de la langue, les caractères formels de l'énonciation à partir de la manifestation individuelle qu'elle actualise. Ces caractères sont les uns nécessaires et permanents, les autres incidents et liés à la particularité de l'idiome choisi. Pour la commodité, les données	Pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização. É o objeto próprio destas páginas. Tentaremos esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Estes caracteres são, uns necessários e permanentes, os outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido. Por comodidade, os dados utilizados aqui são	Puede, en fin, considerarse otro enfoque, que consistiría en definir la enunciación en el marco formal de su realización. Tal es el objeto propio de estas páginas. Tratamos de esbozar, dentro de la lengua, los caracteres formales de la enunciación a partir de la manifestación individual que actualiza. Tales caracteres son necesarios y permanentes los unos, los otros incidentales y ligados a la particularidad del idioma elegido. Por comodidad, los datos aquí utilizados
--	--	--

utiliséés ici sont tirées du français usuel et de la langue de la conversation .	tirados do português [francês] usual e da língua da conversação.	proceden del francés usual y de la lengua de la conversación.
--	--	---

A frase, pois, comporta uma forma, mas seu funcionamento está mais próximo do sentido, na medida em que ela é operacionalizada necessariamente no modo semântico. Sendo o sentido a noção que deriva do funcionamento da língua na intersubjetividade, que se dá por aquilo que extrapola as funções biológicas no homem, a cultura, a frase comporta unidades que possuem sentido, ou emprego, e veicula, ela mesma, uma ideia que provém da compreensão do todo, não da soma do emprego das palavras.

Assim, na última frase desse parágrafo, na tradução em L2 “por comodidade, os dados utilizados aqui são tirados do português [francês] usual e da língua da conversação” o tradutor viu a necessidade de traduzir “français” por “português” e colocar “francês” entre chaves não porque ele quisesse romper a tradução estabilizada de “français”, mas porque a compreensão da frase permitiu que modificasse o signo a fim de que ele, funcionando como palavra, pudesse ter um emprego semelhante a L1 para o leitor de L2. Todavia, constatamos que o ato de colocar “francês” entre colchetes marque um receio de sair da estabilização dos sentidos ou por conservadorismo ou pela opinião de ter de marcar a língua de partida.

De uma forma ou de outra, em L3, isso não se passa: “por comodidad, los datos aquí utilizados proceden del francés usual y de la lengua de la conversación”. Isso significa que, para além da estabilização de sentidos, está em jogo também a subjetividade, enquanto manejo individual da língua por um locutor, no caso, os tradutores. Cabe lembrar que, para Benveniste, o emprego das palavras na frase é sempre particular, portanto, a ideia que veicula também é particular, na medida em que envolve uma situação de discurso e locutores. Por esse motivo, o funcionamento da frase acaba se confundindo com os mecanismos próprios ao sentido semântico, visto que o agenciamento de suas partes, a forma, resulta em ideias possíveis, as quais, para serem compreendidas, têm que sê-lo na e pela frase necessariamente.

A fim de melhor compreender esse fato linguístico, retomemos Saussure. Como vimos, para esse autor, a frase é o tipo de sintagma por excelência e pertence à fala. Porém, ele mesmo se questiona : “le propre de la parole, c’est la liberté des combinaisons; il faut donc se demander si tous les syntagmes sont également libres”²⁷², ou seja, a fala estando para o infinito de combinações e os sintagmas, para ele, estando para a língua enquanto organização

²⁷² SAUSSURE. In: ENGLER, 1989, p. 284: “o próprio da fala é a liberdade de combinações. É necessário, então, perguntar-se se todos os sintagmas são igualmente livres”.

semiótica, portanto, comportando regras de combinações, é necessário sabermos se os sintagmas podem ser combinados de maneira infinita:

Quadro 15 – Décimo primeiro parágrafo do *corpus*.

Dans l'énonciation, nous considérons successivement l'acte même, les situations où il se réalise, les instruments de l'accomplissement.	Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização.	En la enunciación consideramos sucesivamente el acto mismo, las situaciones donde se realiza, los instrumentos que la consuman.
---	---	---

Se a frase estivesse para a língua, o parágrafo acima, que é ele mesmo um enunciado, estaria pronto no sistema. Caberia ao locutor escolhê-lo entre os outros enunciados prontos do sistema e simplesmente encaixá-lo no texto. No entanto, isso levaria a que frase fosse uma unidade distintiva. Ademais, a cultura proveria não a intersubjetividade, mas, por assim dizer, a interegoidade, no sentido de que os locutores não teriam a faculdade de produzir frases, apenas “recortariam e colariam” frases que estivessem prontas na língua, como máquinas.

Assim, para responder à pergunta de Saussure, é necessário levar em conta a dupla propriedade da frase de que trata Benveniste: “ce qui lui devient plus ou moins sensible est la diversité infinie des contenus transmis, contrastant avec le petit nombre d'éléments employés”²⁷³. O pequeno número de elementos empregados na frase está funcionando no modo semiótico, no eixo paradigmático, e a frase funciona no eixo sintagmático, no modo semântico.

Assim sendo, a frase possui a propriedade de, ao mesmo tempo em que se enforma de um semiotismo finito, enforma-se de significação, o que faz com que ela possa transmitir uma quantidade indefinida de sentidos. Isso permite que “les instruments de l'accomplissement” seja traduzido como “los instrumentos que la consuman” em L3, dado que, na tradução, o modo de predicar não tendo que ser transposto, a morfossintaxe também não. Assim, o adjunto adnominal “de l'accomplissement” pode ser traduzido como oração adjetiva em L3 “que la consuman”. O pequeno número de elementos empregados em L1 permite ao tradutor apreender uma noção que pode se apresentar sob uma forma diversa.

Com isso, vemos que o sintagma pode comportar um número infinito de combinações. Entretanto, isso não implica que o sintagma esteja meramente para a fala:

Quadro 16 – Décimo segundo parágrafo do *corpus*.

²⁷³ BENVENISTE, 1966, p. 130: “o que torna mais ou menos considerável para o locutor é a diversidade infinita de conteúdos transmitidos, contrastando com o pequeno número de elementos empregados”.

L'acte individuel par lequel on utilise la langue introduit d'abord le locuteur comme paramètre dans les conditions nécessaires l'énonciation. Avant l'énonciation, la langue n'est que la possibilité de la langue. Après l'énonciation, la langue est effectuée en une instance de discours, qui émane d'un locuteur, forme sonore qui atteint un auditeur et qui suscite une autre énonciation en retour.	O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retomo.	El acto individual por el cual se utiliza la lengua introduce primero el locutor como parámetro en las condiciones necesarias para la enunciación. Antes de la enunciación, la lengua no es más que la posibilidad de la lengua. Después de la enunciación, la lengua se efectúa en una instancia de discurso, que emana de un locutor, forma sonora que espera un auditor y que suscita otra enunciación a cambio.
--	--	---

No próprio *L'appareil*, Benveniste diferencia fala - “la relation du locuteur à la langue [qui] determine les caractères linguistiques de l'énonciation”²⁷⁴ - de discurso - “manifestation de l'énonciation”²⁷⁵. Se a frase estivesse para a fala, como afirma Saussure, não haveria comunicação. Em primeiro lugar, porque a fala é a relação de *um* locutor com a língua, o que não garante a intersubjetividade. Isto é, considerar a frase no plano da fala seria julgar possível ao locutor informá-la de um semiotismo, que é sempre social porque é da língua, mas não de um semantismo social, dado que a significação aí informada seria reduzida meramente à relação subjetiva do locutor com a língua, a qual não seria, em todos os aspectos, compartilhada com outros locutores que se constituem em uma cultura específica.

Trazendo isso para nosso escopo de estudo, a tradução não seria possível. Por exemplo, a frase “avant l'énonciation, la langue n'est que la possibilité de la langue” seria formulada em L2 e L3 num semiotismo comum entre seus respectivos interlocutores, mas não num semantismo que pudesse ser compreendido de maneira semelhante entre eles. O que faz “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” compreensível em língua portuguesa não é simplesmente o fato de que consigamos reconhecer sua forma, mas, sobretudo, porque conseguimos reconhecer e compreender sua estrutura. A estrutura relaciona tanto a forma como o sentido, portanto, essa frase só pôde ser traduzida porque o tradutor logrou depreender um sentido genérico possível da forma no semiotismo de L1, o qual foi semantizado, também na forma, as palavras, e no sentido, uma ideia possível, e, por conseguinte, alçado à frase.

²⁷⁴ BENVENISTE, 1974, p. 80: “a relação do locutor com a língua [que] determina os caracteres linguísticos da enunciação”.

²⁷⁵ Ibid., loc. cit.: “manifestação da enunciação”.

Depois desse processo de compreensão global, ele pôde transmutar o sentido semantizado de L1 à experiência em L2, na medida em que o alçou a uma forma e a um sentido semiotizados que permitissem aos locutores brasileiros colherem a forma e os sentidos semantizados possíveis que esse semiotismo permite. Portanto, as leituras possíveis que esses locutores fazem dessa frase em L2 não podem advir de um trabalho do tradutor que proviesse meramente da fala. Dessa forma, a frase não está para a fala, em segundo lugar, porque a fala determina os caracteres linguísticos da enunciação, não os manifesta:

Quadro 17 – Décimo terceiro parágrafo do *corpus*.

En tant que réalisation individuelle, l'énonciation peut se définir, par rapport à la langue, comme un procès d'appropriation. Le locuteur s'approprie l'appareil formel de la langue et il énonce sa position de locuteur par des indices spécifiques, d'une part, et au moyen de procédés accessoires, de l'autre.	Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de <i>apropriação</i> . O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.	En tanto que realización individual, la enunciación puede definirse, en relación con la lengua, como un proceso de <i>apropiación</i> . El locutor se apropia el aparato formal de la lengua y enuncia su posición de locutor mediante indicios específicos, por una parte, y por medio de procedimientos accesorios, por otra.
--	--	---

A fala não é manifestação, mas sim a “porção individual” de língua que tem acesso um locutor – “porção individual” naquilo a que ele pode aceder a fim de manejá-la. Grosso modo, é como se a fala antecedesse a manifestação da enunciação, já que é ela que provê os recursos para tal. A fala, pois, possibilita a enunciação. Assim, ela permite que na frase “en tant que réalisation individuelle, l'énonciation peut se définir [...]” possa haver tanto a metalíngua, na medida em que o tradutor, a partir da porção individual de L1 que o constitui, consegue depreender um predicado das relações associativas possíveis que o modo semiótico provê, quanto a tradução, na medida em que esse predicado é transposto a um modo de predicar concernente à estrutura de L2, qual seja “enquanto realização individual, a enunciação pode se definir [...]”, ou à de L3, “en tanto que realización individual, la enunciación puede definirse [...]”.

Em suma, como a frase não pode estar para a fala, pelos motivos supracitados, ela só pode estar para o discurso. Isso porque o discurso é manifestação da enunciação, manifestação essa possibilitada não só pela fala, mas também pela língua. Não obstante a enunciação seja um ato que insira o locutor no que diz, ela o faz abrindo a condição de diálogo, o que só é possível porque há cultura – um meio que dá forma e sentido à vida. Consequentemente, o discurso intenta a intersubjetividade: a comunicação serve para viver. Ele não concerne

meramente à relação do locutor com a língua, mas, sobretudo, à relação desses dois com outro(s) locutor(es). É por esse motivo que Benveniste afirma que a frase é uma unidade de discurso. Aprofundemos, pois, essa questão, com a problemática da definição de texto:

Quadro 18 – Parágrafos quartoze e quinze do *corpus*.

Mais immédiatement, dès qu'il se déclare locuteur et assume la langue, il implante l' <i>autre</i> en face de lui, quel que soit le degré de présence qu'il attribue à cet autre. Toute énonciation est, explicite ou implicite, une allocution, elle postule un allocutaire.	Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o <i>outro</i> diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário.	Pero inmediatamente, en cuanto se declara locutor y asume la lengua, implanta al <i>otro</i> delante de él, cualquiera que sea el grado de presencia que atribuya a este otro. Toda enunciación es, explícita o implícita, una alocución, postula un alocutario.
Enfin, dans l'énonciation, la langue se trouve employée l'expression d'un certain rapport au monde. La condition même de cette mobilisation et de cette appropriation de la langue est, chez le locuteur, le besoin de référer par le discours, et, chez l'autre, la possibilité de co-référer identiquement, dans le consensus pragmatique qui fait de chaque locuteur un co-locuteur. La référence est partie intégrante de l'énonciation.	Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir idênticamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.	Finalmente, en la enunciación, la lengua se halla empleada en la expresión de cierta relación con el mundo. La condición misma de esta movilización y de esta apropiación de la lengua es, en el locutor, la necesidad de referir por el discurso y, en el otro, la posibilidad de correferir idénticamente en el consenso pragmático que hace cada locutor un colocutor. La referencia es parte integrante de la enunciación.

A frase é uma unidade de discurso conforme ela seja um segmento de discurso, não uma unidade distintiva. A noção de unidade distintiva implica a distribuição de elementos do mesmo nível e sua consequente dissociação e integração. Assim, “toute énonciation est, explicite ou implicite, une allocution, elle postule un allocutaire” seria considerada uma unidade semiótica que entra em relação de negação e diferenciação com “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” e com “toda enunciación es, explícita o implícita, una alocución, postula un alocutario”. Entretanto, isso implicaria a frase estar para a língua, o que vai na contramão do próprio fato de a tradução existir.

Consequentemente, a frase é um segmento de discurso. “Segmento”, porque não é uma unidade distintiva, não podendo ser nem um constituinte nem um integrante. “De discurso”, porque depende da relação para ser compreendida. Entretanto, o segmento é uma

porção de língua feita de antemão na distribuição, “de antemão”, porque o sentido não foi necessariamente considerado. Como a frase considera o sentido necessariamente, ela também pode ser tida como uma unidade de discurso. “Unidade”, não para remeter à distinção, mas ao sentido que se dá apenas no e pelo discurso.

Dessa maneira, é o discurso, funcionando como o alçamento do semiotismo de “[...] il implante l'*autre* en face de lui [...]” à significação, que permite ao tradutor transmutá-lo a frase em “[...] ele implanta o *outro* diante de si[...]” ou em “[...] implanta al *otro* delante de él[...]”, sem que, em L2, tenha-se que explicitar o referente de “ele” e, em L3, explicitar nem o referente muito menos o lexema “il”; ou, ainda, cometer-se o equívoco de traduzir “face” pelo lexema que corresponde à parte do corpo humano. O sentido transposto no sintagma é infinito, porém, esse mesmo sentido, veiculado no discurso, impede que se possa fazer qualquer semantização. Se a frase fosse uma unidade distintiva, esse tipo de equívoco poderia acontecer, já que as unidades distintivas possuem um significado genérico que pode ser semantizado de diversas maneiras. Sem o discurso, não haveria a possibilidade de conferir ordem a essa diversidade.

Por conseguinte, na comunicação, mais especificamente, na tradução, não é apenas a língua que confere organização, mas também a linguagem via discurso. Dessa maneira, as frases “mais immédiatement [...]”, “toute énonciation est [...]”, “enfin [...]”, “la condition même [...]”, “la référence est [...]” e todas as outras frases que entram no texto do nosso *corpus* não são organizadas pela língua, mas pela linguagem. Isso porque Benveniste afirma que “il n’y a pas de niveau linguistique au-delà du niveau catégorématique”²⁷⁶, isto é, o texto não pode ser um nível linguístico, uma vez que não existe um nível linguístico acima do categoremático, que é o da frase.

Desse modo, o que faz com que uma frase seja conectada a outra tanto em L1 quanto em L2 ou L3 não é a língua, mas a linguagem: “[le langage] enchaîne les propositions dans le raisonnement et devient l’outil de la pensée discursive”²⁷⁷. Por exemplo, os conectores “mais” do primeiro parágrafo e “enfin” do segundo e seus respectivos em L2 “mas” e “por fim” e em L3 “pero” e “finalmente”, embora sejam unidades linguísticas, entram no texto para fazer uma articulação semântica que, só podendo provir da estrutura, não dependem dessa estrutura. Expliquemos.

²⁷⁶ BENVENISTE, 1966, p. 129: “não há nível linguístico além do nível categoremático”.

²⁷⁷ Ibid., p. 29: “[a linguagem] encadeia as proposições no raciocínio e torna-se a ferramenta do pensamento discursivo”.

Como Benveniste afirma que “une proposition peut seulement précéder ou suivre une autre proposition, dans un rapport de consécution”²⁷⁸ e que “un groupe de propositions ne constitue pas une unité d’un ordre supérieur à la proposition”²⁷⁹, o texto não é um nível superior em que as frases sejam constituintes, mas um suporte que permite a relação de frases que se sequenciam no discurso, ou melhor, o texto é uma consecução de frases. O que faz com que essa consecução seja coesa e coerente vem, em primeiro lugar, da própria manifestação do manejo enunciativo do escritor que começa e termina o texto com frases, encadeando outras no entremeio, a fim de veicular determinada(s) ideia(s) e, em segundo lugar, da manifestação do manejo do leitor, que alça a escrita à enunciação novamente.

Não há na língua uma consecução fixa de frases. O que vai construindo essa sequenciação é a associação entre a enunciação, a qual atualiza a língua, e o discurso, o qual articula semiotismo e semantismo. Assim, notemos bem que, como o discurso implica tanto língua como fala, ao mesmo tempo em que não há uma consecução fixa de frases em um texto, já que o locutor articula essas frases em discurso na medida em que ele mesmo atualiza a língua, essa consecução não pode ser feita de qualquer jeito, dado que o locutor está inserido em um meio cultural específico.

Consequentemente, o texto provém da estrutura, já que é necessária uma base para a atualização. Entrementes, ele não depende dessa estrutura na medida em que não é a estrutura em si que organiza o texto, mas a própria atualização dessa estrutura, via discurso. Se assim não fosse, a tradução seria impossível. Isso porque o modo de predicar não pode ser transposto, apenas o predicado. Se o texto fosse o último nível linguístico, cada frase de L1 seria um constituinte seu, com o que a estrutura é que organizaria o agenciamento desses constituintes. A consequência disso seria que o modo de predicar de L1 teria que ser transposto a L2 e a L3, dado que o modo de predicar está no seio desse agenciamento. Entretanto, como L2 e L3 têm estruturas diferentes de L1, seu modo de predicar não pode simplesmente ser transposto. Não há como o emprego das palavras de L1 serem simplesmente sucadas nas frases de L2 e L3.

Desta feita, não é a estrutura que faz a organização do texto, porque entre as frases não há agenciamento, por não serem unidades distintivas, e elas contêm um modo de predicar, não sendo elas mesmas um modo de predicar que pudesse ser sucado em outra língua. O modo de predicar - ou as funções proposicionais, o agenciamento, o emprego das palavras, enfim - que as frases contêm é particular a uma determinada estrutura. Todavia, esse modo de predicar

²⁷⁸ Ibid, loc. cit.: “uma proposição pode apenas preceder ou seguir outra em uma relação de consecução”.

²⁷⁹ Ibid., loc. cit.: “um grupo de proposições não constitui uma unidade de ordem superior à proposição”.

forma um predicado que, embora dependa dessa estrutura, veicula uma ideia da qual pode ser “desprendida” e compreendida em outras. Aí está a possibilidade da tradução. O texto, sendo uma consecução de predicados, permite que a(s) ideia(s) depreendidas dessa consecução sejam reformuladas em outras línguas.

Para finalizar, chegamos à conclusão de que a tradução é possível porque a noção de palavra, em Benveniste, implica função proposicional, a de frase implica unidade de discurso e, a de texto, consecução de proposições. Então, como a nossa hipótese poderia ser formulada nos termos “a tradução é possível porque o semantismo social pode funcionar interlinguisticamente” e tendo nós discutido neste item a questão da possibilidade da tradução, julgamos agora ser necessário discutir a questão do interlinguismo para, depois, do semantismo social.

2. O PROBLEMA DA TRANSISTEMÁTICA E DO INTERLINGUISTICO

Para discutir o semantismo social interlinguístico, tomemos como ponto de partida a questão da transistemática, termo que forjamos a partir da seguinte afirmação de Benveniste: “la valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre. Il n’y a pas de signe trans-systématique”²⁸⁰. É evidente que, como se trata do artigo *Sémiologie de la langue*, sobre “signo transistemático” ele se refere ao fato de que um signo não pode funcionar em dois sistemas semiológicos diferentes, os quais, configurando-se como organizações que definem entidades de naturezas díspares, estas não podem simplesmente funcionar em outro sistema. Por exemplo, os elementos do sistema semiológico dos sinais de trânsito não funcionam no sistema do código Morse e vice-versa. Contudo, quando analisamos os excertos abaixo, constatamos que não se trata de sistemas semiológicos diferentes:

Quadro 19 – Décimo sexto parágrafo do *corpus*.

Ces conditions initiales vont régir tout le mécanisme de la référence dans le procès d'énonciation, en créant une situation très singulière et dont on ne prend guère conscience.	Estas condições iniciais vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação, criando uma situação muito singular e da qual ainda tido se tomou a necessária consciência.	Estas condiciones iniciales van a gobernar todo el mecanismo de la referencia en el proceso de enunciación, creando una situación muy singular y de la cual no se adquiere la menor conciencia.
---	--	---

²⁸⁰ BENVENISTE, 1974, p. 53: “o valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo transistemático”.

Sendo todos eles língua, portanto, um mesmo sistema semiológico, o que difere entre eles é a estrutura. A língua é um sistema que comporta estruturas várias, já que ela é um princípio de classificação: em cada cultura, o mundo é, por assim dizer, “classificado” de maneira diversa, produzindo estruturas diferentes. Eis aí o problema: se o valor de um signo se define pelo sistema que o integra, o valor dos signos linguísticos de estruturas diferentes se define de maneira semelhante, já que integram o mesmo sistema semiológico? Pode o signo de uma estrutura funcionar em outra? Nesse sentido, haveria signo linguístico transistemático?

Se tomarmos apenas o começo do parágrafo desse excerto do *corpus*, “ces conditions initiales vont régir...”, e o compararmos com suas traduções, “estas condições iniciais vão reger...” e “estas condiciones iniciales van a gobernar...”, o que se tem de antemão é a impressão da tamanha semelhança, tanto semiótica quanto semântica, entre essas frases.

Não só a estrutura fonemática dos signos que as compõe é parecida, o que nos leva a afirmar que os sentidos semióticos, por serem apenas a contraparte desses significantes, também tenham parecença, mas também as palavras e o sentidos semânticos que veiculam. Assim, por exemplo, traduzir “régir” por “governar” em L3, embora nessa língua haja “regir”, denota as possibilidades outras de relações que uma estrutura diferente proporciona. Analisando outro parágrafo:

Quadro 20 – Décimo sétimo parágrafo do *corpus*.

L'acte individuel d'appropriation de la langue introduit celui qui parle dans sa parole. C'est là une donnée constitutive de l'énonciation. La présence du locuteur à son énonciation fait que chaque instance de discours constitue un centre de référence interne. Cette situation va se manifester par un jeu de formes spécifiques dont la fonction est de mettre le locuteur en relation constante et nécessaire avec son énonciation.	O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação.	El acto individual de apropiación de la lengua introduce al que habla su habla. He aquí un dato constitutivo de la enunciación. La presencia del locutor en su enunciación hace que cada instancia de discurso constituya un centro de referencia interna. Esta situación se manifestará por un juego de formas específicas cuya función es poner al locutor en relación constante y necesaria con su enunciación.
---	---	--

Pelo fato de o semiotismo de “l'acte individuel d'appropriation de la langue introduit celui qui parle dans sa parole” ser semelhante ao de L2 e L3, é possível apostar na transistemática, dado que os signos de uma estrutura particular podem funcionar em estruturas

diversas, entre línguas aparentadas, pelas três possuírem uma base em comum, o latim, base essa que, por ser estrutural é, sobretudo, cultural: nos semiotismos de L1, L2 e L3 não há meramente uma semelhança semiótica, mas uma romanidade quanto à forma de simbolizar o mundo.

Outro ponto em favor disso é sabermos que, entre os sistemas semiológicos, é possível veicular sentido semântico sem forma, no caso dos sistemas puramente semânticos, como a pintura, e forma sem sentido semântico, como entre os sistemas puramente semióticos, como os sinais de trânsito, por exemplo. Como a língua é o sistema semiótico por excelência, a transistêmica se daria pela forma de uma língua poder ser enformada pelo semantismo de outra.

Assim, quando analisamos a frase em L1 e suas respectivas traduções - “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” e “el acto individual de apropiación de la lengua introduce al que habla su habla” - poderia ser afirmado que a estrutura fonemática do latim foi enformada pelo emprego da língua que as culturas gaulesa e ibérica foram desenvolvendo ao longo dos milênios de modo a tanto inserir modificações em sua forma quanto a possibilitar a veiculação de um semantismo semelhante, uma vez que essas modificações na forma não foram de tal modo significantes, a ponto de não mais se reconhecer o latim em L1, em L2 e em L3.

Por mais que a relação entre essas línguas permita tanto um reconhecimento semiótico quanto uma compreensão semântica, o semiotismo é outro, como também o semantismo. É intrigante encontrar parença no semiotismo, mais especificamente na estrutura fonemática de “la présence du locuteur à son énonciation fait que...”, “a presença do locutor em sua enunciação faz com que...” e “la presencia del locutor en su enunciación hace que...” e, ao mesmo tempo, diferenças no semantismo, no agenciamento das formas, tais como “fait que” por “faz com que”, “la présence... à son” por “la presencia... en su...”, o que não impossibilita compreender uma ideia possível que parece ser compartilhada não só pela forma e pelo sentido do semantismo, mas também do semiotismo.

É provável, pois, que a união necessária entre significante e significado não leve a que a união entre forma e sentido na língua também seja necessária. Isso porque a língua não é simplesmente um sistema em que manipulamos signos, mas em que formamos frase: “si la langue peut être un interprétant général, c’est qu’elle n’est pas seulement un système où l’on

manipule des signes. C'est le seul système dans lequel on puisse former des phrases"²⁸¹.
Explicuemos:

Quadro 21 – Décimo oitavo parágrafo do *corpus*.

Cette description un peu abstraite s'applique à un phénomène linguistique familier dans l'usage, mais dont l'analyse théorique commence seulement. C'est d'abord l'émergence des indices de personne (le rapport <i>je-tu</i>) qui ne se produit que dans et par l'énonciation : le terme <i>je</i> dénotant l'individu qui profère l'énonciation, le terme <i>tu</i> , l'individu qui y est présent comme allocataire.	Esta descrição um pouco abstrata se aplica a um fenómeno linguístico familiar no uso, mas cuja análise teórica está apenas começando. É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação <i>eu-tu</i>) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo <i>eu</i> denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo <i>tu</i> , o indivíduo que aí está presente como alocutário.	Esta descripción poco abstracta se aplica a un fenómeno lingüístico familiar en el uso, pero cuyo análisis teórico apenas se está iniciando. Esta primero la emergencia de los indicios de persona (la relación <i>yo-tú</i>), que no se produce más que en la enunciación y por ella: el término <i>yo</i> denota al individuo que profiere la enunciación, el termino <i>tú</i> , al individuo que está presente como alocutario.
--	--	--

O fato de a língua ser o interpretante de todo e qualquer sistema semiótico, embora não o seja de todo e qualquer sistema semiológico, abre a possibilidade do funcionamento semiótico. Qualquer sistema semiótico possui uma estrutura semiótica, porém, apenas a língua possui um funcionamento tal que uma forma possa veicular diversos sentidos e que “um” sentido possa ser veiculado por diversas formas. Isso significa dizer que há uma maleabilidade na articulação semântica, não uma necessidade que venha em função de conferir uma identidade fixa às unidades semânticas.

Por conseguinte, no sistema semiótico linguístico, o diálogo entre diversas estruturas torna-se factível. “Diálogo” como termo técnico em Benveniste – a interação que se instaura entre locutor e alocutário via discurso, implicando, portanto, um *eu* que se constitui do *tu* no e pelo discurso. Assim, nas traduções de “[...] mais dont l'analyse théorique commence seulement” verificamos tanto o diálogo quanto a heterogeneidade proveniente dessa maleabilidade entre forma e sentido.

Em português, “[...] mas cuja análise teórica está apenas começando”, o emprego de “apenas” confere à ideia da frase o sentido de que a análise teórica do funcionamento da enunciação está “com dificuldade, a custo, mal” ou “somente, unicamente, exclusivamente”²⁸² no começo. Em espanhol, “[...] pero cuyo análisis teórico apenas se está iniciando”, o emprego de “apenas” confere o sentido de que a análise teórica da enunciação “difícilmente,

²⁸¹ BENVENISTE, 2012, p. 143: “se a língua pode ser um interpretante geral, ela não é apenas um sistema em que manipulamos os signos. É o único sistema no qual podemos formar frases”.

²⁸² APENAS. In: HOUAISS, et al., 2001, não paginado.

casi no”²⁸³ começou, que mal está no começo. O fato de que em espanhol se pudesse tê-lo traduzido por “solamente” não implica que essa seria a melhor escolha, já que o emprego dessa palavra em francês também permite outra(s) escolha(s).

Assim, vemos que, tanto em L2 quanto em L3, há dois empregos diferentes, o da restrição e o da exclusividade, que se aproximam, embora, em francês, elas possam ser enunciadas de maneiras diversas e separadas: para marcar a restrição, diz-se que “seulement” “marque l'opposition, la restriction”²⁸⁴ e, para marcar exclusividade, há outra entrada “à l'exclusion de toute autre chose”²⁸⁵.

Essa heterogeneidade, pois, mostra que “seulement” não tenha que ser traduzido necessariamente por “solamente”, mas que também possa ser traduzido por “apenas” em espanhol, por exemplo. Com isso, vemos que a necessidade predomina no modo semiótico, ao passo que, no modo semântico, é a arbitrariedade que predomina. Isto é, embora haja romanidade comum entre essas línguas, ela não é necessariamente homogênea:

Quadro 22 – Décimo nono parágrafo do *corpus*.

De même nature et se rapportant à la même structure d'énonciation sont les indices nombreux de l' <i>ostension</i> (type <i>ce</i> , <i>ici</i> , etc.), termes qui impliquent un geste designant l'objet en même temps qu'est prononcée l'instance du terme.	Da mesma natureza e se relacionando a mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de <i>ostensão</i> (tipo <i>este</i> , <i>aqui</i> , etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo.	De igual naturaleza y atinentes a la misma estructura de enunciación son los indicios numerosos de la <i>ostensión</i> (tipo <i>este</i> , <i>aquí</i> , etc.), términos que implican un gesto que designa el objeto al mismo tiempo que es pronunciada la instancia del término.
---	---	---

O princípio estrutural da língua rege que os signos se relacionem de maneira diferente, dado que, devido às diferentes culturas em que estão imersos, a experiência é transmutada a signo, arbitrariamente, de maneira diversa, o que gera estruturas diferentes. Assim, as disparidades na estrutura fonemática e no modo de relacionar os significados entre “de même nature et se rapportant à la même structure d'énonciation sont les indices nombreux de l'*ostension* [...]”, “da mesma natureza e se relacionando a mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de *ostensão* [...]” e “de igual naturaleza y atinentes a la misma estructura de enunciación son los indicios numerosos de la *ostensión* [...]” não indica meramente o fato de termos diante de nós semiotismos diferentes, mas, sobretudo, maneiras variadas de se “sulcar” na estrutura a experiência, o viver em sociedade.

²⁸³ APENAS. In: DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2014, não paginado: “dificilmente, quase não”.

²⁸⁴ SEULEMENT. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “marca a oposição, a restrição”.

²⁸⁵ SEULEMENT. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “à exclusão de qualquer outra coisa”.

Essa variedade leva a que, se a rede de relações mudar, a estrutura muda, o que faz voltar ao problema da transistêmica ou de, se cada signo funcionar em uma estrutura, isso impeça que se faça em outra, dado que todos estão funcionando no mesmo sistema. A esse respeito, analisemos “ostension” das frases citadas acima. “Ostension” tem o significado de “exposition de reliques”²⁸⁶.

É evidente, porém, que na frase “de même nature et se rapportant à la même structure d'énonciation sont les indices nombreux de l'*ostension* [...]”, “ostension” nada tem a ver com exposição de relíquias. Em francês, há outra palavra, “ostensible” que significa “que l'on ne cache pas, qui est fait avec l'intention d'être vu”²⁸⁷. Portanto, “ostensible” não é derivado de “ostension”, por mais que suas estruturas fonemáticas sejam semelhantes, porque seus significados são diferentes entre si. Entretanto, ao que tudo indica, Benveniste criou um neologismo, fazendo “ostension” derivar de “ostensible” por regressão, o que gerou polissemia no termo.

Assim, os termos da língua que designam um objeto no momento da enunciação são ostensivos porque têm a função de fazer ver esse objeto, por isso, são chamados por ele de “índices de ostensão”. Inclusive, o termo “ostension” foi italizado por Benveniste, o que demonstra que isso advém de uma particularidade teórica dele. Essa criação que Benveniste sulcou na estrutura francesa foi transposta a L2 e L3, mas não como neologia, dado que tanto “ostensão” como “ostención” já tenham um sentido semelhante a “ostensible” em L2 e L3. Essa rede intrincada de relações leva-nos a pensar se, nesse caso, a transistêmica se deu, de modo a que o signo “ostension” e sua maneira singular de significar em L1 foi transposto a L2 e L3, inclusive porque “ostensão” e “ostención” também foram italizados. Vejamos outro caso:

Quadro 23 – Vigésimo parágrafo do *corpus*.

Les formes appelées traditionnellement «pronoms personnels», «demonstratifs» nous apparaissent maintenant comme une classe d'«individus linguistiques», de formes qui renvoient toujours et seulement à des «individus», qu'il s'agisse de personnes, de moments, de lieux, par opposition aux termes	As formas denominadas tradicionalmente "pronomes pessoais", "demonstrativos", aparecem agora como uma classe de "indivíduos linguísticos", de formas que enviam sempre e somente a "indivíduos", quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam	Las formas llamadas tradicionalmente "pronombres personales", "demostrativos", nos aparecen ahora como una clase de "individuos lingüísticos", de formas que remiten siempre y solamente a "individuos", trátase de personas, de momentos, de lugares, por oposición a los términos nominales que remiten
---	--	---

²⁸⁶ OSTENSION. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “exposição de relíquias”.

²⁸⁷ OSTENSIBLE. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “que não se esconde, que é feito com a intenção de ser visto”.

nominaux qui renvoient toujours et seulement à des concepts. Or le statut de ces « individus linguistiques » tient au fait qu'ils naissent d'une énonciation, qu'ils sont produits par cet événement individuel et, si l'on peut dire, « semel-natif ». Ils sont engendrés à nouveau chaque fois qu'une énonciation est proferée, et chaque fois ils designent à neuf.	sempre e somente a conceitos. Ora o estatuto destes "indivíduos linguísticos" se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, "semel-natif". Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo.	siempre y solamente a conceptos. Ahora, el estatuto de estos "individuos lingüísticos" procede del hecho de que nacen de una enunciación, de que son producidos por este acontecimiento individual y, si puede decirse, "semelnativo". Son engendrados de nuevo cada vez que es proferida una enunciación, y cada vez designan de nuevo.
--	---	--

Na frase “or le statut de ces ‘individus linguistiques’ tient au fait qu'ils naissent d'une énonciation, qu'ils sont produits par cet événement individuel et, si l'on peut dire, ‘semel-natif’”, “semel-natif” é formado por hibridismo, dado que “semel” é latino, “uma vez”, e “natif” é francês, “nativo, que é inato”. “Semel-natif” seria, portanto, a entidade linguística que foi uma vez “nascida” na enunciação, isto é, produzida unicamente nessa enunciação, tornando-se uma unidade; se “nascida” de outra enunciação, torna-se outra unidade. “Semel-natif” refere-se, pois, aos índices de ostensão. Esse neologismo híbrido também é transposto a L2 e a L3, isto é, o mesmo signo que funciona em língua francesa passou a funcionar em outras estruturas, o que poderia ser tido como um caso de transistemática. Vejamos outro excerto:

Quadro 24 – Vigésimo primeiro parágrafo do *corpus*.

Une troisième série de termes afférents à l'énonciation est constituée par le paradigme entier — souvent vaste et complexe — des formes temporelles, qui se déterminent par rapport à l'EGO, centre de l'énonciation. Les « temps » verbaux dont la forme axiale, le « présent », coincide avec le moment de l'énonciation, font partie de cet appareil nécessaire.	Uma terceira série de termos que dizem respeito à enunciação é constituída pelo paradigma inteiro — frequentemente vasto e complexo — das formas temporais, que se determinam em relação a EGO, centro da enunciação. Os "tempos" verbais cuja forma axial, o "presente", coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário.	Otra serie, tercera, de términos aferentes a la enunciación está constituida por el paradigma entero —a menudo vasto y complejo— de las formas temporales, que se determinan por relación con el EGO, centro de la enunciación. Los "tiempos" verbales cuya forma axial, el "presente", coincide con el momento de la enunciación, forman parte de este aparato necesario.
---	--	--

Outro suposto caso de transistemática estaria na transposição de “ego” em “[...] qui se déterminent par rapport à l'EGO”, “[...] que se determinam em relação a EGO”, “[...] que se determinan por relación con el EGO”. Todavia, como vimos no item anterior, transpor implica reescrita, não cópia. Reescrever a unidade “ego” do latim em L1, L2 e L3 já tem como consequência a mudança na rede de relações.

Considerar, pois, que um signo possa ser deslocado de uma estrutura a outra e continuar sendo o mesmo signo, pressupõe cópia, não reescrita, o que contradiz os pressupostos saussurianos, como também os de cultura de Benveniste. Ora, um signo só existe pela negação, oposição e diferenciação. Ele não existe *a priori*, assim, julgar que um signo possa meramente ser transferido de L1 a L2, por exemplo, implica ele existir antes de L2. E é justamente o fato de a língua provir de um vazio que possibilita a intersubjetividade. Vemos, pois, que a questão da transistemática se pauta em bases frágeis.

Tomemos a seguinte afirmação de Benveniste: “le locuteur peut ne pas aller plus loin; il a pris conscience du signe sous l’espèce du ‘mot’. Il fait un début d’analyse linguistique à partir de la phrase et dans l’exercice du discours”²⁸⁸. Conceber “ego”, ou “semel-natif” ou “ostension”, enfim, como casos de transistemática é partir do ponto de vista do locutor, que sempre toma o signo como palavra, não do cientista da linguagem. Tendo justificado a declaração de Benveniste, que abre esse item da dissertação, de que não pode haver signo transistemático entre sistemas semiológicos diferentes, agora justificamos o motivo pelo qual não pode haver transistemática nem no mesmo sistema semiológico, a língua.

O fato de o sistema linguístico poder comportar várias estruturas leva à necessidade de se reconhecer que, embora todas as línguas sejam organizações binárias que geram significâncias – o modo semiótico e o modo semântico –, o que faz com que todas as línguas sejam língua, a maneira de gerar essas significâncias é sempre diferente. Por conseguinte, o signo linguístico não pode ser definido pela língua, mas por uma língua específica, isto é, por uma estrutura específica, que produz um semiotismo e um semantismo particulares a ela, porque é enformada em uma sociedade específica.

Dessa maneira, ao contrário de afirmar, como Benveniste, que “la valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre”²⁸⁹, afirmaríamos que não é o valor da unidade semiótica que se define pelo sistema, mas o valor da entidade linguística.

A entidade linguística é um elemento do sistema que ainda não foi delimitado, isto é, que ainda não foi reconhecido nem compreendido pelo locutor, não se configurando, pois, ainda, nem como unidade semiótica nem como unidade semântica. Em contrapartida, isso não significa que não tenha sido definida pelo sistema.

A entidade linguística, por estar funcionando no sistema, só existe, necessariamente, no e por esse sistema, isto é, já é definida pela negação, diferenciação e oposição. Por esse

²⁸⁸ BENVENISTE, 1966, p. 131: “o locutor pode não ir mais longe. Ele tomou consciência do signo sob a forma de ‘palavra’. Ele começa a análise linguística a partir da frase e no exercício do discurso”.

²⁸⁹ Id., 1974, p. 53: “o valor de um signo se define apenas no sistema que o integra”.

motivo, o valor da entidade é definido pelo sistema. Entretanto, quando delimitada por um locutor, ela passa a funcionar como unidade semiótica de uma estrutura específica, o que faz com que o valor da unidade semiótica seja definido por essa estrutura.

Consequentemente, tomar “ego”, ou “semel-natif” ou “ostension” como podendo ser deslocados a outra estrutura sem terem seu valor modificado, não é só confundi-los com a palavra, mas, sobretudo, com a entidade linguística. Quando o tradutor se eleva acima do semiotismo de L1, na metalíngua, para traduzir o trecho “[...] qui se déterminent par rapport a l'EGO”, a unidade “ego” de L1 passa a funcionar como entidade na metalíngua e, depois, como unidade na estrutura de L2 ou de L3. Desta feita, “ego” funciona de maneira diversa, como signo e como palavra, em L1, L2 e L3.

O resultado disso é que a transistemática não é possível, dado que o valor do signo e, por conseguinte, a maneira como ele é transmutado a palavra, sempre estará em função de uma estrutura específica. Se não há transistemática entre as línguas, pelo menos entre as línguas a que nos propomos a estudar aqui, só pode haver interlinguismo:

Quadro 25 – Recorte do vigésimo segundo parágrafo do *corpus*.

Le présent est proprement la source du temps. Il est cette présence au monde que l'acte d'énonciation rend seul possible, car, qu'on veuille bien y réfléchir, l'homme ne dispose d'aucun autre moyen de vivre le « maintenant » et de le faire actuel que de le réaliser par l'insertion du discours dans le monde. On pourrait montrer par des analyses de systèmes temporels en diverses langues la position centrale du présent.	O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o "agora" e de tomá-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Poder-se-ia mostrar pelas análises de sistemas temporais em diversas línguas a posição central do presente.	El presente es propiamente la fuente del tiempo. Es esta presencia en el mundo que sólo el acto de enunciación hace posible, pues —piénsese bien— el hombre no dispone de ningún otro medio de vivir el "ahora" y de hacerlo actual más que realizarlo por inserción del discurso en el mundo. Podría mostrarse mediante análisis de sistemas temporales en diversas lenguas la posición central del presente.
--	--	--

O interlinguismo seria a possibilidade de apenas o emprego desse signo, enquanto palavra no sintagma, funcionar em estruturas diferentes. Por exemplo, a frase “le présent est proprement la source du temps” veicula uma ideia, que não é a soma dos empregos das palavras, mas que advém da relação entre eles. O que possibilitou “source” ser traduzido por “origem” em L2 e “fuente” em L3 foi justamente o fato de que o agenciamento da forma e do sentido da frase permitiu desprender um emprego de “source” que fosse compatível tanto com a estrutura de L1 tanto com L2 e L3.

Como o emprego é o sentido da palavra e esse sentido só pode ser concebido quando o tradutor alça o semiotismo da escrita a discurso por meio da enunciação, ele depende do presente, tal como explica Benveniste nesse trecho do *corpus*, na medida em que o presente é a presença do locutor no mundo que revela sua maneira de viver o agora.

Por esse motivo, o emprego da palavra é sempre particular à sua frase, ou melhor, à maneira como o locutor, no mundo simbolizado e socialmente desigual, alça os signos a discurso em um determinado presente, portanto, o emprego é sempre particular à sua estrutura, enquanto articulação de forma e de sentido. Isso leva ao problema de se, no interlinguismo, é apenas a ideia da frase de uma estrutura que pode funcionar em outra estrutura.

Isso é um problema porque o cientista não pode partir do mesmo nível linguístico que o locutor leigo: “quand le linguiste essaie pour sa part de reconnaître les niveaux de l’analyse, il est amené par une démarche inverse, partant des unités élémentaires, à fixer dans la phrase le niveau ultime”²⁹⁰. O linguista não pode simplesmente partir do nível categoremático, como o locutor, e afirmar que a tradução é um processo de transposição de frases de uma estrutura a outra. É preciso fazer um processo inverso, partindo dos níveis inferiores até chegar ao nível da frase:

Quadro 26 – Vigésimo terceiro parágrafo do *corpus*.

Ainsi l'énonciation est directement responsable de certaines classes de signes qu'elle promeut littéralement à l'existence. Car ils ne pourraient prendre naissance ni trouver emploi dans l'usage cognitif de la langue.	Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente a existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua.	Así la enunciación es directamente responsable de ciertas clases de signos que promueve, literalmente, a la existencia. Pues no podrían nacer ni hallar empleo en el uso cognitivo de la lengua.
---	---	--

Na análise semântica, se o linguista quiser analisar a frase, ele terá que fazer a dissociação e a distribuição entre o agenciamento das palavras. Se quiser analisar as palavras, terá que fazer a integração e distribuição na frase. De qualquer forma, não poderá ficar só na frase. O movimento acima-baixo ou baixo-acima é necessário, qualquer que seja a perspectiva. Isso porque a forma é a dissociação em constituintes e o sentido é a integração de integrantes²⁹¹. Por conseguinte, embora o objetivo seja partir “de cima” ou da frase, é

²⁹⁰ BENVENISTE, 1966, p. 131: “quando o linguista tenta, por sua parte, reconhecer os níveis de análise, é levado por uma direção inversa, partindo das unidades elementares para fixar na frase o nível último”.

²⁹¹ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 126-127.

necessário fazer a dissociação para averiguar a natureza das unidades envolvidas nela para o rigor científico.

Desta feita, da frase do excerto acima, “ainsi l'énonciation est directement responsable de certaines classes de signes qu'elle promet littéralement à l'existence” não se pode dizer que ela foi transposta para L2 e L3. O fato de a frase ser uma proposição implica que ela é um predicado que comporta um modo de predicar, a saber, o agenciamento, as funções das palavras, a articulação semântica, entre outros.

No item anterior, afirmamos que o modo de predicar não pode ser transposto, apenas o predicado. Entretanto, olhando essa questão a partir do interlinguismo, enxergamos que a afirmação de que, na tradução, o predicado é reescrito, exige um refinamento, para que não se tenha a ideia de que estamos partindo do nível categoremático sem considerar os outros níveis.

Desconsiderando o nível linguístico como operador de análise, far-se-ia a dissociação do trecho de “ainsi/l'/énonciation/est/directement/responsable/de/certaines/classes/de/signes” a partir da distribuição dessas unidades na estrutura de L1 que permite essa segmentação no semiotismo, a qual, aliás, já está dada pela escrita. De qualquer maneira, essa distribuição também poderia entrar em relação a “assim/a/enunciação/é/diretamente/responsável/por/certas/classes/de/signos” e a “así/la/enunciación/es/directamente/responsable/de/ciertas/clases/de/signos”, numa associação de um para um “ainsi/assim/así”, “l'/a/la”, “énonciation/enunciação/enunciación”, “est/é/es”, “directement/diretamente/directamente”, “responsable/responsável/responsable”, “de/de/de”, “certains/certas/ciertas”, “classes/classes/clases”, “de/de/de”, dado que a dissociação levaria a chegarmos à forma de L1, as palavras, que pudesse ser relacionada às formas de L2 e L3 como se estivessem funcionando na mesma estrutura pelo simples fato de estarem no mesmo nível.

O fato de “de/de/de” estarem funcionando, no nível inferior, como sêmio-categorema; no nível intermediário, como sêmio-categorema que entra na frase para expressar a subordinação entre o grupo que inclui elementos e os elementos que são atribuídos a esse grupo; e, no nível superior, como encabeçamento de um sintagma preposicional, não dá a licença de atestar que essas formas, oriundas da dissociação das frases em que se encontram, possam ser distribuídas entre si indistintamente pelo simples fato de, no predicado em que se encontram, estarem funcionando nos níveis linguísticos de maneira semelhante.

Esse funcionamento é semelhante, não igual. “De” é categorema da língua francesa, “de” é categorema da língua espanhola e “de” é categorema da língua portuguesa. “De” inclui os elementos “signes” no grupo “classes” na expressão “classes de signes” em L1. Cada um

desses signos, não possuindo a mesma estrutura fonemática, não possui exatamente o mesmo significado. Assim, no nível inferior, a subordinação entre “classes” e “signos” em L2 e “clases” e “signos” em L3, embora seja semelhante, não é idêntica. Por conseguinte, os sintagmas preposicionais encabeçados por “de/de/de” nessas línguas também não possuem exatamente o mesmo agenciamento.

Tanto é diferente que, na tradução de “responsable de” a L2 e a L3, a relação não é mais “de/de/de”, mas “de/por/de”, já que sua tradução em português é “responsável por” e, em espanhol, “responsable de”. Em francês, “responsable” é regido pela preposição “de”, como também em espanhol; no entanto, em português, a preposição regida é “por”. Com isso, queremos mostrar que o agenciamento entre as línguas é diferente, estabelecendo, inclusive, formas diferentes para instaurar a relação entre as unidades. A semelhança entre o “de” de L1 e o “de” de L3 é apenas aparente, visto que, se comparadas a uma terceira língua, o “por” de L2, deixa à vista que estamos operando sob outra rede de associações.

Consequentemente, o julgamento de que unidades semelhantes de estruturas diferentes que funcionam no mesmo nível também têm um funcionamento semelhante nessas estruturas, à primeira vista, parece considerar os níveis, mas, na verdade, não o faz, uma vez que o fato de o nível ser o operador implica que ele tenha suas especificidades em uma estrutura específica.

Com isso, relacionar elementos de estruturas diferentes, distribuindo-os indistintamente por valermos da asserção de que a frase em si de L1 é traduzida para L2 e L3 acaba levando ao problema da transistemática, de que o signo de uma estrutura possa funcionar em outra e de que essas estruturas possam ser intercambiáveis. Em outras palavras, a romanidade existente entre L1, L2 e L3 não permite que o signo de uma estrutura seja alocado a outra indistintamente.

Ora, se o signo de uma estrutura não pode ser meramente deslocado para outra, a frase, muito menos. Isso porque, a frase já sendo um nível linguístico, os níveis que ela comporta sempre estarão em atividade em função desse nível categoremático, dado que ele é o último nível possível na língua. Vejamos:

Quadro 27 – Recorte do vigésimo quarto parágrafo do *corpus*.

Outre les formes qu'elle commande, l'énonciation donne les conditions nécessaires aux grandes fonctions syntaxiques.	Além das formas que comanda, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintéticas.	Aparte de las fuerzas que gobierna, la enunciación da las condiciones necesarias para las grandes funciones sintéticas.
--	---	---

A forma da frase “*outre les formes qu'elle commande, l'énonciation donne les conditions nécessaires aux grandes fonctions syntaxiques*” não foi traduzida para L2 nem para L3, apenas seu sentido, porque, sendo ela mesma o último nível linguístico da língua francesa, essa proposição só pode funcionar nas redes de relações dessa língua. É por isso que Benveniste diz que a cultura dá forma à vida²⁹²: ela confere um aparelho ao homem, uma língua específica, cuja configuração não pode ser simplesmente sulcada em outra.

Assim, asseverar que essa frase em si foi traduzida a L2 e L3 implicaria o mero deslocamento e não a transposição. Isso porque “traduzir” aqui levaria a desconsiderar todo o funcionamento semiótico de L1 que a torna uma estrutura específica e fazer forçar que ela se encaixe na estrutura de L2 e L3 perfeitamente. Não só seu modo de predicar não pode ser encaixado, como também o próprio predicado, que é um nível funcionando de maneira específica em L1, não o pode.

Benveniste declara que “*c'est dans le discours, actualisé en phrases, que la langue se forme et se configure. Là commence le langage*”²⁹³. A esse respeito, julgamos que o dito “na tradução, o predicado é transposto” deva ter o seguinte refinamento: “na tradução, a ideia do predicado é transposto”. A frase é a materialidade que atualiza o discurso.

Como materialidade, ela funciona em uma estrutura específica, não podendo ser traduzida para outra. Agora, o discurso, por ser a linguagem em ação, pode sim ser atualizado em outra estrutura. E é por isso que Benveniste afirma que a cultura confere sentido ao homem²⁹⁴: ao mesmo tempo em que ela faz a enunciação ser enformada em uma estrutura dada, a cultura faculta ao homem poder significar outras estruturas. Funcionamento paradoxal esse que é o que justamente permite a tradução.

Por mais que a frase já esteja funcionando no modo semântico e por mais que seu funcionamento se aproxime muito do funcionamento do sentido, é necessário o estabelecimento da distinção entre frase e discurso. A frase funciona no discurso e este é atualizado na frase, porém, o primeiro não possui autonomia com relação à estrutura, ao passo que o segundo já possui relativa autonomia. Expliquemos:

²⁹² Cf. BENVENISTE, 1966, p. 30.

²⁹³ BENVENISTE, 1966, p. 131: “é no discurso, atualizado em frase, que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”.

²⁹⁴ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 30.

Quadro 28 – Vigésimo quinto parágrafo do *corpus*.

On y attribuera pareillement les termes ou formes que nous appelons d' <i>intimation</i> : ordres, appels concus dans des catégories comme l'imperatif, le vocatif, impliquant un rapport vivant et immédiat de l'énonciateur à l'autre dans une référence nécessaire au temps de l'énonciation.	De modo semelhante distribuir-se-ão os termos ou formas que denominamos de <i>intimação</i> : ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação.	Parecidamente serán atribuidos los términos o formas que llamamos de <i>intimación</i> : órdenes, llamados concebidos en categorías como el imperativo, el vocativo, que implican una relación viva e inmediata del enunciador y el otro, en una referencia necesaria al tiempo de la enunciación.
--	---	--

A frase é o último nível linguístico. Deste modo, em “on y attribuera pareillement les termes ou formes que nous appelons d'*intimation* [...]” atingimos o limite linguístico que a significação de L1 permite articular. Essa frase, não obstante veicule sentido, não tem emprego no texto, portanto, ela não pode ser meramente reescrita em L2 ou L3. Considerar que a frase em si foi traduzida para L2 ou L3 tem como consequência tomá-la como integrante de uma unidade maior, o texto. Desta feita, não podendo a frase em si ser traduzida, o que pode ser reescrito na tradução deve estar para além da dissociação, integração ou distribuição, isto é, não deve ser em si uma unidade distintiva nem ser tomado como tal.

Ao compararmos o enunciado acima com “de modo semelhante distribuir-se-ão os termos ou formas que denominamos de *intimação* [...]”, por exemplo, podemos questionar que o fato de o predicado não ser uma unidade distintiva não implica que as unidades distintivas que ele contém, as palavras, não possam ser transpostas. A questão é que, nas palavras do próprio Benveniste, a tradução é um processo global, ou seja, julgar que “on” foi reescrito por “se”, “y” foi omitido e que “attribuera” por “distribuir-[...]ão” isoladamente é tomar cada palavra como sendo um pacote de sentido fechado em si, partindo do ponto de vista do locutor, não do cientista.

Para que “on y attribuera” seja traduzido, é preciso compreender os sentidos não só do sujeito e do verbo, mas também do objeto que o complementa “les termes ou formes [...]”, já que em L2 essa informação é importante para a concordância, a fim de que cheguemos a uma tradução possível: “distribuir-se-ão”. Comparando com L3, “serán atribuidos”, vemos que houve a possibilidade de converter o que estava na voz ativa em L1 para a voz passiva em L2.

Dessa maneira, nem mesmo as unidades distintivas que compõem uma frase são traduzidas em si, mas sim o que pode emergir dessa distinção no eixo paradigmático em relação com seu agenciamento no eixo sintagmático. Tanto é assim que “pareillement” foi transposto por “de modo semelhante” em L2 e por “parecidamente” em L3. Ora, se a palavra em si fosse traduzida, uma unidade de L1 não poderia ser reescrita por 3 unidades em L2.

Assim, esse “o que pode emergir da distinção”, por mais que só exista por causa dessa diferenciação, não é ele mesmo distintivo, por isso, pode ser traduzido.

Em resumo, a frase não pode ser tida como unidade distintiva; portanto, ela não pode ser ela mesma reescrita em outra estrutura, apenas o que emerge do agenciamento das palavras. Nem suas unidades distintivas elas mesmas podem ser transpostas em outra estrutura, apenas o que emerge da distinção em relação com o agenciamento. Isso que emerge tanto da frase quanto das palavras em emprego na frase é que nos ajuda a compreender como se dá o processo de interlinguismo:

Quadro 29 – Recorte do vigésimo sexto parágrafo do *corpus*.

Moins évidente, peut-être, mais tout aussi certaine est l'appartenance de l'assertion à ce même repertoire. Dans son tour syntaxique comme dans son intonation, l'assertion vise à communiquer une certitude, elle est la manifestation la plus commune de la présence du locuteur dans l'énonciation, elle a même des instruments spécifiques qui l'expriment ou l'impliquent, les mots <i>oui</i> et <i>non</i> assertant positivement ou négativement une proposition.	Menos evidente talvez, mas também certo, é o fato de a <i>asserção</i> pertencer a este mesmo repertório. Em seu rodeio sintético, como em sua entonação, a <i>asserção</i> visa a comunicar uma certeza, ela é a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação, ela tem mesmo instrumentos específicos que a exprimem ou que a implicam, as palavras <i>sim</i> e <i>não</i> afirmando positivamente ou negativamente uma proposição.	Menos evidente quizá, pero no menos cierta, es la pertenencia de la <i>aserción</i> a este mismo repertorio. Tanto en su sesgo sintáctico como en su entonación, la <i>aserción</i> apunta a comunicar una certidumbre, es la manifestación más común de la presencia del locutor en la enunciación hasta tiene instrumentos específicos que la expresan o implican, las palabras <i>sí</i> y <i>no</i> que asertan positiva o negativamente una proposición.
---	---	---

Segundo Benveniste “le signe est l'unité minimale de la phrase susceptible d'être reconnue comme identique dans un environnement différent, ou d'être remplacée par une unité différente dans un environnement identique”²⁹⁵. No nível intermediário, uma palavra da frase pode ser tida como signo, já que, nesse nível, a palavra está no entremeio do modo semiótico, funcionando como constituinte, e do modo semântico, funcionando como integrante. Aí, pois, tanto o eixo paradigmático quanto o eixo sintagmático entram para possibilitar emergir esse algo que é transposto na tradução.

Assim sendo, em “[...] les mots *oui* et *non* assertant positivement ou négativement une proposition”, até mesmo o que está em menção, “oui” e “non”, é empregado como constituinte, podendo ser reconhecido, e como integrante, podendo ser substituído. A questão é que, quando se muda o “ambiente”, ou melhor, a estrutura, há algo que permite “oui” ser

²⁹⁵ BENVENISTE, 1966, p. 131: “o signo é a unidade mínima da frase suscetível de ser reconhecido como idêntico em um meio diferente ou de ser substituído por uma unidade diferente em um meio idêntico”.

reconhecido por “sim” ou “si” e que “non” o seja por “não” e “no”. Porém, quando se permanece na mesma estrutura, “sim” e “si” ou “não” e “no” não podem ser substituídos na estrutura de L1, senão, não há reconhecimento. O que, pois, na tradução, permite que se reconheça “oui” e “non” em L2 e L3 e, ao mesmo tempo, não permite que “sim” e “si” ou “não” e “no” sejam substituídos em L1?

Como um signo não pode funcionar em outra estrutura, não pode haver essa substituição. E, como a palavra não pode ser traduzida para outra estrutura, o que permite reconhecer-se “oui” em “sim”, por exemplo, não é o sentido de “oui”, dado que seu emprego é sempre particular à estrutura em que é operacionalizado, mas, sobretudo, o sentido de “[...] les mots *oui* et *non* assertant positivement ou négativement une proposition”. É a ideia possível que emerge das relações sintagmáticas desse enunciado que possibilita elencar traduções possíveis no eixo paradigmático. Em outros termos, no nível intermediário, “oui” primeiramente foi tomado como palavra em emprego na proposição, o que proporcionou fazer vir à tona um sentido possível, o qual foi relacionado com signos possíveis de L2 ou L3 no eixo paradigmático, a fim de que esse sentido pudesse ser articulado com um signo que funcionasse como palavra nas frases de L2 ou L3, isto é, que pudesse ter um emprego nesses predicados. Em outro excerto,

Quadro 30 – Vigésimo sétimo parágrafo do *corpus*.

Plus largement encore, quoique d'une manière moins catégorisable, se rangent ici toutes sortes de modalités formelles, les unes appartenant aux verbes comme les « modes » (optatif, subjonctif) énonçant des attitudes de l'énonciateur à l'égard de ce qu'il énonce (attente, souhait, appréhension), les autres à la phraseologie (« peut-être », « sans doute », « probablement ») et indiquant incertitude, possibilité, indecision, etc., ou, délibérément, refus d'assertion.	De modo mais amplo, ainda que de uma maneira menos categorizável, organizam-se aqui todos os tipos de modalidades formais, uns pertencentes aos verbos, como os "modos" (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros a fraseologia ("talvez", "sem dúvida", "provavelmente") e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção.	Más ampliamente aún, si bien de manera menos categorizable, se disponen aquí toda suerte de modalidades formales, unas pertenecientes a los verbos como los "modos" (optativo, subjuntivo) que enuncian actitudes del enunciador hacia lo que enuncia (espera, deseo, aprensión), las otras a la fraseología ("quizá", "sin duda", "probablemente") y que indican incertidumbre, posibilidad, indecisión, etc., o, deliberadamente, denegación de aserción.
--	---	---

Vemos que o emprego de “quoique” não foi transposto, mas, ao contrário, permitiu fazer emergir um emprego de L2 ou L3 que operasse nas especificidades dessas estruturas. Isso é concedido porque a ideia da frase “plus largement encore, quoique d'une manière moins

catégorisable, se rangent ici toutes sortes de modalités formelles, les unes appartenant aux verbes comme [...]” coloca à disposição empregos de “quoique” que o tradutor consiga compreender e, compreendendo-os, ele pode fazer o reconhecimento semiótico em L2 como “ainda que” e em L3 como “si bien”, o que não implica que esse reconhecimento não pudesse se dar por meio de outros signos.

A tradução é, pois, um processo que começa no todo e chega às partes, e não das partes ao todo. Depois, o tradutor tem que partir das partes e voltar ao todo. Por isso, o interlinguismo só é possível porque a ideia de uma proposição viabiliza a transposição de sentidos. A transposição de sentidos da frase, entretanto, não é feita de qualquer maneira. Como não há língua sem discurso e como a tradução é um processo global de compreensão, essa transposição é organizada pelo discurso, não pela língua.

Não o é pela língua pelos motivos que discutimos ao longo desse item: (i) porque não podemos traduzir a frase, dado que ela funciona em uma estrutura específica, isto é, seu funcionamento é semântico, mas ainda depende do semiotismo, enformado em uma cultura; (ii) porque não podemos traduzir a palavra, uma vez que ela é o integrante de uma frase, a qual funciona em uma estrutura específica, também dependendo do semiotismo; (iii) porque não podemos traduzir o sentido da palavra, já que ele é seu emprego e o emprego é sempre particular a uma frase por estar articulado a uma função proposicional.

Assim, tanto a frase, a palavra e o sentido da palavra não têm autonomia com relação à estrutura de uma língua. Do semantismo, o que nos resta é o sentido da frase, o único que pode ser transposto para outras estruturas, justamente pelo fato de ser organizado pelo discurso, não pela língua.

Em suma, o interlinguismo é a transposição de ideias dos predicados do nível categoremático de uma estrutura para o nível categoremático de outras estruturas, transposição essa organizada pelo discurso. A questão é que o discurso não é um nível linguístico, conquanto só funcione no nível categoremático. Por conseguinte, no próximo item, discutiremos essa característica do funcionamento do discurso, o que justamente permite que o semantismo social seja interlinguístico. Com isso, será possível compreender por que Benveniste declara que a cultura, além de forma e sentido, confere conteúdo ao homem²⁹⁶.

²⁹⁶ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 30.

3. O PARADOXO DO SEMANTISMO SOCIAL

Como vimos no item anterior, quando Benveniste diz que não há signo transistemático, ele se refere aos signos pertencentes a sistemas semiológicos diferentes. Como os signos linguísticos pertencem ao mesmo sistema, eles podem ser interlinguísticos só naquilo em que veiculam, o sentido, não naquilo de que se constituem, a forma:

Quadro 31 – Vigésimo oitavo parágrafo do *corpus*.

Ce qui en général caractérise l'énonciation est l' <i>accentuation de la relation discursive au partenaire</i> , que celui-ci soit réel ou imaginé, individuel ou collectif.	O que em geral caracteriza a enunciação é a <i>acentuação da relação discursiva com o parceiro</i> , seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.	Lo que en general caracteriza a la enunciación es la <i>acentuación de la relación discursiva al interlocutor</i> , ya sea éste real o imaginado, individual o colectivo.
--	---	---

Assim sendo, o parágrafo acima, que é ele mesmo um predicado, pôde ser traduzido graças ao fato de os empregos das palavras, decorridos de suas funções proposicionais, relacionarem-se de modo a conferir, juntos, sentido(s) para a frase. Como a escrita é um sistema semiótico, entre as unidades de “ce qui en général caractérise l'énonciation est...” há oposição e negação, do que emerge uma diferenciação conferida pelo valor, fazendo com que cada signo se constitua na forma por aquilo que o outro não é. Quando o tradutor lê o encadeamento entre esses signos e os alça a unidades semânticas, essa diferenciação passa a conferir empregos possíveis para as palavras, os quais, agenciados, permitem relacionar forma(s) e sentido(s) às línguas de chegada, sejam “o que em geral caracteriza a enunciação é...” ou “lo que en general caracteriza a la enunciación es...”.

Como agenciar é dispor as unidades de uma língua de modo a que o todo responda à conexão das partes, entre a emergência de empregos agenciados em uma frase em L1 e sua(s) relação(ões) com forma(s) e sentido(s) nas línguas de chegada, há a impossibilidade de agenciarmos as unidades das línguas de chegada como as da língua de partida. Dentre os motivos já discutidos anteriormente, também está o fato de que, em L2 e L3, o todo responde às partes de maneira diversa à L1 porque os empregos de uma estrutura são dispostos de modo a veicular ideias, as quais responderão a esses empregos em função dessa estrutura, mais especificamente, em função da maneira como o locutor faz esse todo responder às partes:

Quadro 32 – Vigésimo nono parágrafo do *corpus*.

Cette caractéristique pose par	Esta característica coloca	Esta característica plantea por
--------------------------------	----------------------------	---------------------------------

nécessité ce qu'on peut appeler le <i>cadre figuratif</i> de l'énonciation. Comme forme de discours, l'énonciation pose deux « figures » également nécessaires, l'une source, l'autre but de l'énonciation. C'est la structure du <i>dialogue</i> . Deux figures en position de partenaires sont alternativement protagonistes de l'énonciation. Ce cadre est donné nécessairement avec la définition de l'énonciation.	necessariamente o que se pode denominar o <i>quadro figurativo</i> da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas "figuras" igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do <i>diálogo</i> . Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação.	necesidad lo que puede llamarse el <i>cuadro figurativo</i> de la enunciación. Como forma de discurso, la enunciación plantea dos "figuras" igualmente necesarias, fuente la una, la otra meta de la enunciación. Es la estructura del <i>diálogo</i> . Dos figuras en posición de interlocutores son alterativamente protagonistas de la enunciación. Este marco es dado necesariamente con la definición de la enunciación.
---	--	---

As noções que podemos implicar de “c'est la structure du *dialogue*” na tradução colocam duas figuras em ação: (i) a estrutura e o discurso da língua de partida, a fonte da enunciação e (ii) a estrutura e o discurso das línguas de chegada, os fins da enunciação - para utilizar os termos de Benveniste no trecho acima. O discurso que pode advir dessas estruturas depende da maneira como o tradutor as semantiza, dado que ele fica no entremeio da fonte e dos fins. Se o tradutor for locutor de L1 e for traduzi-la a L2 ou L3, seu ponto de vista será diferente se ele fosse locutor de uma das línguas de chegada. Como esse último é o caso em questão das traduções de nosso *corpus* – o tradutor de L2 é brasileiro e o tradutor de L3 é mexicano – não devemos deixar de sinalizar o fato de que qualquer um desses locutores, ao desdobrarem-se à estrutura de uma língua que lhes é estrangeira para discursivizá-la em sua língua materna, fá-lo necessariamente a partir da língua que os constitui, a partir da primeira língua que lhes permitiu simbolizar o mundo, a língua materna.

Como o homem não nasce na natureza, mas na cultura, a qual vem por meio de uma língua, o ponto de vista de cada locutor em direção a uma estrutura outra será informado pela maneira como eles semantizam sua língua materna. Por conseguinte, em “é a estrutura do *diálogo*” e “es la estructura del *diálogo*” não houve uma passagem direta de “c'est la structure du *dialogue*”, já que esse processo dependeu do olhar dos tradutores, que são falantes informados de cultura, isto é, locutores, não meramente falantes, seres biológicos dotados de um aparelho fonador²⁹⁷.

A cultura é inerente à sociedade: “ce qu'une culture interdit la caractérise au moins autant que ce qu'elle prescrit”²⁹⁸. Por esse motivo, traduzir o semantismo de uma língua a

²⁹⁷ Cf. AGUSTINI, 2014, arquivo pessoal.

²⁹⁸ BENVENISTE, 1966, p. 30: “o que uma cultura interdita a caracteriza o mesmo tanto do que ela prescreve”.

outra não implica poder transpor todo o seu modo semântico. O modo semântico tem forma - as palavras e o agenciamento dessas palavras na frase - e sentido – os empregos da palavra e a ideia da frase.

O funcionamento da estrutura, que já discutimos nos itens anteriores, impossibilita que a forma, mesmo no modo semântico, seja transposta. Esse funcionamento também impossibilita a reescrita de um dos aspectos do sentido do modo semântico, o emprego da palavra, em outra estrutura, já que ele também está necessariamente vinculado a uma estrutura específica. E isso se dá porque a linguagem manipula a cultura²⁹⁹, e esta interdita e permite certos funcionamentos. A esse respeito, discutamos algumas questões:

Quadro 33 – Trigésimo parágrafo do *corpus*.

On pourrait objecter qu'il y peut y avoir dialogue hors de l'énonciation ou énonciation sans dialogue. Les deux cas doivent être examinés.	Poder-se-ia objetar que pode haver diálogo fora da enunciação, ou enunciação sem diálogo. Os dois casos devem ser examinados.	Podría objetarse que puede haber diálogo fuera de la enunciación o enunciación sin diálogo. Deben ser examinados los dos casos.
--	---	---

O fato de a frase ser um todo não implica que ela não possa ser dissociada e dar-se atenção para a tradução de uma palavra em específico. Por exemplo, “y” do trecho acima pode e deve ser dissociado a fim de pensarmos possibilidades de sua transposição em L2 e L3 e questionar: será que a melhor opção seria tê-lo ocultado? Se julgamos haver ocorrido um ocultamento, então, apostamos na sua tradução, pautando-se no fato de que a estrutura dos predicados de L2 e L3 pudesse ressignificar a função proposicional de “y”, que é tida como só existindo em língua francesa?

A cultura impede fazer com que essa dissociação torne o emprego dessa palavra independente da frase ou que essa dissociação torne seu emprego equiparável a uma tradução em L2 ou L3, no sentido de haver uma e apenas uma equivalência. Isso porque a linguagem, manipulando a cultura, faz com que a palavra seja enformada de significação, isto é, simbolize conforme aquilo que caracteriza uma determinada cultura.

Esse modo específico de simbolizar, porém, permite que o sentido ou a ideia da frase seja transposto. Entretanto, ela nunca o é totalmente, já que, por ser organizada pelo discurso, o locutor está aí fazendo a mediação necessariamente:

²⁹⁹ Ibid., loc. cit.

Quadro 34 – Recorte trigésimo primeiro parágrafo do *corpus*.

Dans la joute verbale pratiquée chez différents peuples et dont une variété typique est le <i>hain-teny</i> des Merinas, il ne s'agit en réalité ni de dialogue ni d'énonciation.	Na disputa verbal praticada por diferentes povos e da qual uma variedade típica é o <i>hain-teny</i> dos Merinas, não se trata na verdade nem de diálogo nem de enunciação.	En la justa verbal practicada por diferentes pueblos, y de la cual es una variedad típica el <i>hain-teny</i> de los Merina, no se trata en realidad ni de diálogo ni de enunciación.
---	---	---

O discurso nada mais é que um efeito da maneira como locutor semantiza uma estrutura. Assim, quando o tradutor lê “il ne s'agit en réalité ni de dialogue ni d'énonciation”, por exemplo, e intenta encontrar equivalências em L2 ou L3, ele coloca essas estruturas em funcionamento, produzindo sentido(s) para o predicado, os quais escapam ao seu controle e que refletem mesmo essa falta de controle. Por isso, o sentido da frase não é o mesmo que discurso:

La phrase, création indéfinie, variété sans limite, est la vie même du langage en action. Nous en concluons qu'avec la phrase on quitte le domaine de la langue comme système de signes, et l'on entre dans un autre univers, celui de la langue comme instrument de communication dont l'expression est le discours. (BENVENISTE, 1966, p. 130)³⁰⁰

Como uma das designações de “vie” no dicionário é “mode d'existence de quelqu'un, d'un groupe que définissent un ensemble d'occupations, d'activités ou de préoccupations spécifiques”³⁰¹, compreendemos que a frase é o modo de existência da atividade da linguagem, a maneira como a linguagem se materializa. O discurso é manifestação da linguagem. A frase é o modo dessa manifestação, e a ideia é a noção implicada por esse modo de manifestação.

Em outras palavras, a cultura, por engendrar estruturas diferentes, “prescreve” um modo específico de manifestação da linguagem – as leis de agenciamento das palavras na frase. Entretanto, isso não impossibilita que uma ideia seja implicada desse modo e enformada em outro modo de manifestação. Expliquemos.

No ato da enunciação, o locutor pode materializar “il ne s'agit en réalité ni de dialogue ni d'énonciation” de diversas maneiras em L2 ou L3, isto é, os predicados “não se trata na verdade nem de diálogo nem de enunciação” e “no se trata en realidad ni de diálogo ni de enunciación” poderiam ser outros porque a ideia que se implica de L1 está impedida de ser

³⁰⁰ “a frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a vida própria da linguagem em ação. Concluímos disso que, com a frase, saímos do domínio da língua como sistema de signos e entramos em outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”.

³⁰¹ VIE. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado: “modo de existência de alguém ou de um grupo que um conjunto de ocupações, de atividades ou de preocupações define”.

engessada em uma única forma. A cultura prescreve formas, no plural, de materialidade para a ideia, não apenas *uma* forma. Um dos motivos disso é que essa ideia está imbricada com a maneira como o tradutor, no mundo e na sociedade e suas instituições, semantiza essa estrutura, portanto, sendo o tradutor diferente, seu modo de manifestação pode ser diferente:

Quadro 35 – Recorte do trigésimo segundo parágrafo do *corpus*.

A l'inverse, le « monologue » procède bien de l'énonciation. Il doit être posé, malgré l'apparence, comme une variété du dialogue, structure fondamentale. Le « monologue » est un dialogue interiorisé, formulé en « langage intérieur », entre un moi locuteur et un moi écouteur.	Inversamente, o "monólogo" procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O "monólogo" é um diálogo interiorizado, formulado em "linguagem interior", entre um eu locutor e um eu ouvinte.	A la inversa, el "monólogo" procede por cierto de la enunciación. Debe ser planteado, pese a la apariencia, como una variedad del diálogo, estructura fundamental. El "monólogo" es un diálogo interiorizado, formulado en "lenguaje interior", entre un yo locutor y un yo que escucha.
--	--	--

O tradutor, portanto, não pode se apartar do seu lugar de locutor, daquele que também é atravessado pelo discurso, isto é, pela língua em emprego. A ideia possível que emerge de “il doit être posé, malgré l'apparence, comme une variété du dialogue, structure fondamentale” permitiria atualizar “posé” em L2 de outras formas que não apenas “classificado”, por exemplo, “compreendido”, “tomado”, “tido”, e em L3, para além de “planteado”, como “pensado”, “tratado”, entre outros. É por isso que a cultura confere conteúdo ao homem: ela o constitui, não o engessando em uma forma fixa. Assim, “conteúdo” deve ser visto aqui na perspectiva benvenistiana de conteúdo-continente: a sociedade é o conteúdo e a língua é o continente, ou melhor, esta contém a sociedade, e suas representações sociais, em seu aparelho conceitual³⁰².

Isso acirra a questão da predicação: a ideia não pode ser compreendida fora da frase, embora não se possa ter acesso à ideia “original”, uma vez que, em primeiro lugar, a situação de discurso sempre escapa e, em segundo lugar, o locutor pode até intentar veicular uma ideia, mas, ao agenciá-la na frase, acaba fazendo com que outra ideia seja veiculada, ou melhor, ele não tem controle sobre como seu interlocutor a receberá e, portanto, o interlocutor não tem controle sobre o que o locutor intentava dizer.

Entre “classificado” e “tomado” ou “planteado” e “pensado” há diferenças, mas o tradutor tem que fazer uma escolha, da qual ele não tem o comando sobre os efeitos de

³⁰² Cf. BENVENISTE, 1974, p. 96.

sentido que podem incidir nos leitores nem sobre se ela corresponderia ao que Benveniste “de fato” estava pensando ao colocar “posé”, se é que o próprio Benveniste tivesse governo total sobre isso.

Quadro 36 – Recorte do trigésimo terceiro parágrafo do *corpus*.

Ces situations appelleraient une double description, de forme linguistique et de condition figurative. On se contente trop facilement d'invoquer la fréquence et l'utilité pratiques de la communication entre les individus pour admettre la situation de dialogue comme résultant d'une nécessité et se dispenser d'en analyser les multiples variétés.	Estas situações exigiriam uma dupla descrição, da forma linguística e da condição figurativa. Contenta-se muito facilmente com invocar a frequência e a utilidade práticas da comunicação entre os indivíduos, para que se admita a situação de diálogo como resultando de uma necessidade, abstendo-se assim de analisar as múltiplas variedades.	Estas situaciones pedirían una descripción doble, de forma lingüística y de condición figurativa. Se contenta uno demasiado fácilmente con invocar la frecuencia y la utilidad prácticas de la comunicación entre los individuos para admitir la situación de diálogo como resultante de una necesidad y prescindir de analizar sus múltiples variedades.
---	--	---

Por mais que haja várias possibilidades de o discurso se materializar em uma estrutura, o locutor não parte do nada. Isso significa dizer que em “ces situations appelleraient une double description, de forme linguistique et de condition figurative” não se pode fazer emergir toda e qualquer ideia. Isso porque tanto o semiotismo como boa parte do semantismo dessa frase são organizados pela língua. Emergir é fazer elevar, fazer sair de onde estava mergulhado³⁰³. Por conseguinte, a ideia, apesar de ser organizada pelo discurso, emerge de uma base, a língua, a qual, sendo forma, o locutor, afetado pelo semantismos social, só pode conferir sentido à frase por imotivação, não por motivação.

Com isso, queremos chegar ao fato de que “estas situações exigiriam uma dupla descrição, da forma linguística e da condição figurativa” ou “estas situaciones pedirían una descripción doble, de forma lingüística y de condición figurativa”, não obstante pudessem ter sido materializadas sob outros modos de manifestação, em “ces situations appelleraient une double description, de forme linguistique et de condition figurative” subjaz uma convenção que restringe toda e qualquer frase para a manifestação da língua pelos locutores.

Essa convenção é um dos aspectos prescritos pela cultura, conferindo conteúdo ao homem, o que acirra a questão da *inter*-subjetividade. Isto é, por mais que a semantização de uma estrutura seja subjetiva, por ela ser decorrência da enunciação, tanto a manifestação, o discurso, quando o modo de manifestação, a frase, devem seguir um dos princípios de

³⁰³ EMERGIR. In: MICHAELIS, 2009, não paginado.

funcionamento mais importantes da língua, por ser justamente ele que a torna forma - o princípio estrutural, enunciado por Benveniste da seguinte maneira: “*le caractère absolu du signe linguistique* ainsi entendu commande à son tour la *nécessité* dialectique des valeurs en constante opposition”³⁰⁴. Essa necessidade dialética de valores, por advir de uma convenção, só pode se dar em uma cultura específica, que é social. Por isso, a *inter*-subjetividade:

Quadro 37 – Recorte do trigésimo quarto parágrafo do *corpus*.

Le cas du langage employé dans des rapports sociaux libres, sans but, mérite une considération spéciale. Quand des gens s'assoient ensemble auprès d'un feu de village après avoir achevé leur tâche quotidienne ou quand ils causent pour se délasser du travail, ou quand ils accompagnent un travail simplement manuel d'un bavardage sans rapport avec ce qu'ils font, il est clair qu'ici nous avons affaire à une autre manière d'employer la langue, avec un autre type de fonction du discours.	O caso da linguagem usada no livre e fortuito intercuro social merece especial atenção. Quando várias pessoas sentam-se juntas em torno da fogueira da aldeia, depois de terminadas as tarefas quotidianas, ou quando batem papo, descansando, do trabalho, ou quando acompanham algum simples trabalho manual com um tagarelar que nada tem a ver com o que estão fazendo — é claro que, nestes casos, estamos diante de um outro modo de usar a linguagem, com um outro tipo de função do discurso.	El caso del lenguaje empleado en relaciones sociales libres, sin meta, meriece una consideración especial. Cuando se sienta gente alrededor de la hoguera del pueblo después de concluir su faena cotidiana o cuando charlan para descansar del trabajo, o cuando acompañan un trabajo simplemente manual con un chachareo que no tiene que ver con lo que hacen, es claro que estamos ante otra manera de emplear la lengua, con otra tipo de función del discurso.
---	---	--

O signo compreendido como uma forma bilateral, ou melhor, com duas partes que estão de encontro uma a outra necessariamente, implica uma positividade. No entanto, essa positividade só existe em função da necessidade dialética dos valores, isto é, da oposição. A imanência existente no semiotismo, pois, reclama a arbitrariedade no semantismo. Se assim não fosse, se a imanência se estendesse até o semantismo, a língua seria substância. Como não o é, no recorte acima, em que começa a citação de Malinowski por Benveniste em *L'appareil*, observamos que em “le cas du langage employé dans des rapports sociaux libres, sans but, mérite une considération spéciale” não há motivo no mundo que conduza o tradutor brasileiro a reescrever a parte “dans des rapports sociaux libres, sans but” como “no livre e fortuito intercuro social” e nós, por exemplo, a transpô-lo como “nas relações sociais livres, sem fim imediato”; ou ao tradutor mexicano fazê-lo como “en relaciones sociales libres, sin meta”, o que faríamos da mesma maneira.

³⁰⁴ BENVENISTE, 1966, p. 55: “o caráter absoluto do signo linguístico assim entendido requiere, por sua parte, a necessidade dialética dos valores em constante oposição”.

O fato de não haver causa empírica que faça proceder a diferença ou a semelhança das possíveis traduções de L1 não implica a inexistência de uma causa formal para tal. A imotivação existente no modo semântico está para a inexistência de causa empírica, ou seja, não há nada no mundo tangível que faça com que o tradutor transponha uma ideia de L1 num modo de manifestação ou outro ou, antes, que ele depreenda uma ideia ou outra da estrutura de L1.

A falta de causa empírica não permite que o tradutor compreenda qualquer ideia e manifeste o discurso em qualquer predicado. Se o discurso emerge da língua, então, tem de haver uma causa para que uma frase de L1 seja transposta de tal ou de outra maneira em L2 ou L3. Assim, as representações sociais, a cultura, prescrevem e proíbem determinados modos de manifestação para a ideia, mas não são elas mesmas as causas empíricas disso. Essa causa, advinda da língua, não pode ser empírica, então, deve ser formal:

Quadro 38 – Recorte do trigésimo quinto parágrafo do *corpus*.

Une simple phrase de politesse, employée aussi bien parmi les tribus sauvages que dans un salon européen, remplit une fonction à laquelle le sens de ses mots est presque complètement indifférent. Questions sur l'état de santé, remarques sur le temps, affirmation d'un état de choses absolument évident, tous ces propos sont échangés non pour informer, non dans ce cas pour relier des gens en action, certainement pas pour exprimer une pensée...	Uma simples frase de cortesia, tão usada entre as tribos selvagens como nos salões europeus, cumpre uma função para a qual o sentido de suas palavras é quase completamente indiferente. As perguntas sobre a saúde, os comentários sobre o tempo, as afirmações de algum estado de coisas absolutamente óbvio tudo são frases trocadas não com a finalidade de informar, nem para coordenar as pessoas em ação e certamente que não para expressar qualquer pensamento...	Una simple frase de cortesía, empleada tanto en las tribus salvajes como en un salón europeo, cumple con una función para la cual el sentido de sus palabras es casi del todo indiferente. Preguntas sobre el estado de salud, observaciones sobre el tiempo, afirmación de un estado de cosas absolutamente evidente, todas estas cosas son intercambiadas no para informar, no en este caso para ligar a personas en acción, tampoco, de fijo, para expresar un pensamiento...
--	--	--

Em “[...] tous ces propos sont échangés non pour informer [...]”, há algo nessa porção do sentido do predicado que sobrevém da relação arbitrária entre língua e mundo, com o intermédio do homem e que, por ser sucedido dessa arbitrariedade, só pode ter sua causa na forma, a língua, e não na substância, o mundo. Isso se dá, em primeiro lugar, porque há possibilidade de formular outros modos de manifestação dessa frase em L2, a não ser só o da tradução publicada por um profissional “[...] tudo são frases trocadas não com a finalidade de informar [...]”, mas também alguém não profissional, mas que conheça tanto L1 quanto L2,

por exemplo, as nossas “[...]todas essas frases são permutadas não para infomar [...]” ou “[...]tudo isso que é dito é permutado não para infomar [...]”.

Quando lemos “[...] todas estas cosas son intercambiadas no para informar [...]”, perguntamo-nos do porquê “propos” foi traduzido por “cosa” em L3, e chegamos à conclusão de que “cosa” deva ter um conceito ainda mais genérico em L3 que em L2, podendo ter um emprego na frase para remeter-se a fatos linguísticos, quais sejam, perguntas sobre estado de saúde, apontamentos sobre o tempo, entre outros, que são apresentados no começo do predicado. Em outras palavras, “cosa” seria um resumitivo, “todas estas cosas”. Esse simples questionamento mostra que há algo que resta do funcionamento do sentido advindo da interação entre homem e mundo e que permite encontrar semelhanças e diferenças entre traduções possíveis da(s) ideia(s) de uma frase.

Como o semantismo social é a configuração da sociedade no aparelho conceitual da língua³⁰⁵, apontamo-lo como essa causa formal. Isso porque, primeiramente, o semantismo social só se define na relação entre língua e mundo. Além disso, ele se configura como um mecanismo semântico, de funcionamento de sentidos. E, finalmente, porque ele se constitui como um testemunho da organização social, isto é, o semantismo social é justamente aquilo que resta (e que permanece por algum tempo) da maneira como o homem, em sociedade, significa o mundo:

Quadro 39 – Recorte do trigésimo sexto parágrafo do *corpus*.

On ne peut douter que nous ayons ici un nouveau type d'emploi de la langue — que, poussé par le démon de l'invention terminologique, je suis tenté d'appeler <i>communio phatique</i> , un type de discours dans lequel les liens de l'union sont créés par un simple échange de mots... Les mots dans la communion phatique sont-ils employés principalement pour transmettre une signification, la signification qui est symboliquement la leur? Certainement pas.	Não há dúvida de que temos aqui um novo tipo de uso linguístico — que estou tentado a chamar <i>comunhão fática</i> , instigado pelo demônio da invenção terminológica — um tipo de discurso em que os laços de união são criados pela mera troca de palavras... As palavras, na comunhão fática são usadas, principalmente, para transmitir uma significação, a significação que é, simbolicamente, a delas? Certamente que não.	Es indudable que estamos ante un nuevo tipo de empleo de la lengua —que, empujado por el demonio de la invención terminológica, siento la tentación de llamar <i>comunión fática</i> , un tipo de discurso en el cual los nexos de unión son creados por un simple intercambio de palabras... Las palabras en la comunión fática ¿son empleadas principalmente para transmitir una significación que es simbólicamente la suya? No, de seguro.
--	---	--

³⁰⁵ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 98.

A maneira como o homem significa o mundo tem como efeito a cultura, que, isso sendo, já é por si mesma simbólica. Por isso, ela se dá por representações sociais que constituem o homem, organizadas no aparelho conceitual da língua, do qual o semantismo social é o testemunho. Assim, o semantismo social permite os vários tipos de modos de manifestação do discurso, sucedido do ato de manejo de L1 e da tentativa de transpor uma ideia dela para a frase de L2 ou L3. Essa variedade compõe-se de diversificação ou de semelhança porque o semantismo social implica, ao mesmo tempo, constância e particularização (ver item 3 do capítulo 3).

Implica constância porque há um ponto fixo para esse aparelhamento conceitual: o mundo. Assim, na frase de Malinowski “[...] que, poussé par le démon de l'invention terminologique, je suis tenté d'appeler *communion phatique*”, podemos encontrar semelhança conceitual em “[...]que estou tentado a chamar *comunhão fática*, instigado pelo demônio da invenção terminológica” ou em “[...] que, empujado por el demonio de la invención terminológica, siento la tentación de llamar *comunión fática*”.

Notemos bem que, do parágrafo 34 ao 37 de *L'appareil*, há a citação de Malinowski traduzida por Benveniste do inglês. Dessa maneira, o termo “phatic communion”³⁰⁶ foi traduzido por “communion phatique” em francês, por “comunhão fática” em português e por “comunión fática” em espanhol. A possível ideia que Benveniste depreendeu da frase em que está o termo em inglês permitiu que ele atribuísse um emprego à parte do todo em L1, “communion phatique”, o mesmo acontecendo em L2 e L3.

O fato de os quatro termos terem uma estrutura fonemática semelhante faz afirmar que há uma estrutura em comum entre eles, o latim, no qual, funcionando um aparelho conceitual que abrangia a civilização romana, as línguas neolatinas ainda configuram esse aparelho, tanto que as imagens acústicas e os conceitos até mesmo parecem iguais. Assim, até mesmo o inglês “phatic communion”, embora essa língua não seja latina, possui uma estrutura comum em latim nesse caso em específico.

Não o sendo completamente, porém, justamente pelos signos dessas línguas já estarem opondo-se em outras redes de relações. Além do mais, também, pelo fato de os aparelhos conceituais de L1, L2 ou L3, por mais que ainda tenham uma romanidade, possuem suas especificidades, no caso, da cultura francesa, da cultura brasileira e da cultura mexicana. Assim, da mesma forma que não podemos reduzir a cultura brasileira à romana, já que ela

³⁰⁶ MALINOWSKI, 1923, p. 315.

está atravessada pela de muitos outros povos, não se pode excluir o que há de romano na cultura brasileira, por exemplo.

Enfim, disso não devemos tirar a conclusão de que a constância no semantismo social permita que o emprego da palavra seja transposto para outra estrutura. Não o pode, como já vimos, por cada emprego ser particular a uma frase, que possui um agenciamento distinto, o qual funciona em uma estrutura específica. Dessa forma, não foi o emprego de “phatic communion” que foi reescrito para L1, mas o todo da frase do inglês permitiu encontrar um todo em francês, no qual fosse possível agenciar o emprego de “communion phatique”.

Tomar o todo como ponto de partida implica considerar toda a rede de relação e o papel que uma parte joga nesse todo. Todavia, tomar a parte como ponto de partida é julgar que a parte possa ser sulcada numa estrutura outra, sofrendo modificações em sua “forma”. Ora, sendo uma língua dada uma estrutura, a unidade só existe em função dessa estrutura. Considerar que de “phatic communion” para “communion phatique” houve apenas uma modificação na “forma” é julgar a definição de forma como algo muito banal, como se tivesse restrita a seu “modo de apresentação”, mais tecnicamente, a sua estrutura fonemática no modo semiótico. Ora, a forma não se restringe ao modo semiótico. Ademais, é o sentido que cria a forma, isto é, fora de um aparelho conceitual, não é possível delimitar uma entidade nem como unidade semiótica nem como unidade semântica.

Resumindo, o fato de poder haver constância entre o semantismo social de uma mesma língua ou entre línguas implica que há uma semelhança na maneira de os homens significarem o mundo, semelhança essa que não implica homogeneidade cultural, muito menos estrutural. Tanto é assim que o semantismo social também comporta a particularização:

Quadro 40 – Recorte do trigésimo sétimo parágrafo do *corpus*.

Mais pouvons-nous la considérer comme un mode d'action? Et dans quel rapport se trouve-t-elle avec notre concept crucial de contexte de situation? Il est evident que la situation extérieure n'entre pas directement dans la technique de la parole. Mais que peut-on considérer comme <i>situation</i> quand nombre de gens bavardent ensemble sans but? Elle consiste simplement en cette atmosphère de sociabilité	Mas podemos considerá-la um modo de ação? E em que relação se situa com a nossa concepção decisiva de contexto de situação? É óbvio que a situação exterior não participa diretamente na técnica da fala. Mas o que é que pode ser considerado <i>situação</i> quando um certo número de pessoas tagarelam juntas sem finalidade? Consiste, apenas, nessa atmosfera de sociabilidade e no fato de uma	Pero ¿podemos considerarla coma un modo de acción? ¿Y en qué relación está con nuestro concepto decisivo de contexto de situación? Es evidente que la situación exterior no interviene directamente en la técnica de la palabra. Pero ¿qué se puede considerar como <i>situación</i> cuando un grupo de gente charla sin meta? Consiste sencillamente en esta atmósfera de sociabilidad y en el hecho de la comunión personal de esa
--	---	--

et dans le fait de la communion personnelle de ces gens.	comunhão pessoal dessas pessoas.	gente.
---	-------------------------------------	--------

Se houvesse apenas constância, o testemunho seria espectral de maneira igual entre todos os locutores que partilham de uma mesma cultura. Tanto não há só constância que “elle consiste simplement en cette atmosphère de sociabilité [...]”, nós traduziríamos por “ela consiste simplesmente dessa atmosfera de sociabilidade”, não por “consiste, apenas, nessa atmosfera de sociabilidade [...]” como o fez o tradutor brasileiro. Não se trata de uma tradução ser melhor ou mais correta que a outra, mas de que, a ideia, sendo organizada pelo discurso, decorre da maneira particular como nós e o tradutor brasileiro manejamos L1 e L2. Havendo pontos de contato, pela constância do semantismo social, também há pontos de divergência, pela particularização que o próprio semantismo social promove.

As traduções, pois, aproximam-se naquilo que foi convencionalizado em uma língua e entre línguas. Entretanto, nunca há homogeneidade. O testemunho da sociedade que nos deixa registrado o semantismo social permite a diferença. Isso porque, ao mesmo tempo em que a língua fornece o mesmo aparelho formal a todos seus locutores, cada vez que cada um deles se utiliza desse aparelho, eles se apropriam de forma única e não-idêntica dele. Isso é a particularização. Assim sendo, mesmo que dois mexicanos traduzissem o trecho por essa “mesma” frase “consiste sencillamente en esta atmosfera de sociabilidad [...]”, ela não seria a mesma para os dois. E ela também não é a mesma para os diversos mexicanos que a leem. Sendo o parágrafo 37 o último da citação de Malinowski, vejamos outras questões funcionando na escrita própria de Benveniste:

Quadro 41 – Trigésimo oitavo parágrafo do *corpus*.

On est ici à la limite du «dialogue». Une relation personnelle crée, entretenue, par une forme conventionnelle d'énonciation revenant sur elle-même, se satisfaisant de son accomplissement, ne comportant ni objet, ni but, ni message, pure énonciation de paroles convenues, répétée par chaque énonciateur. L'analyse formelle de cette forme d'échange linguistique reste à faire.	Estamos aqui no limite do "diálogo". Uma relação pessoal criada, mantida, por uma forma convencional de enunciação que se volta sobre si mesma, que se satisfaz em sua realização, não comportando nem objeto, nem finalidade, nem mensagem, pura enunciação de palavras combinadas, repetidas por cada um dos enunciadores. A análise formal desta forma de troca linguística esta por fazer.	Estamos aquí en las lindes del "diálogo". Una relación personal creada, sostenida, por una forma convencional de enunciaci3n que vuelve sobre sí misma, se satisface con su logro, sin cargar con objeto, ni con meta, ni con mensaje, pura enunciaci3n de palabras convenidas, repetida por cada enunciadore. El análisis formal de esta forma de intercambio lingüístico está por hacer.
---	--	--

A frase é o último nível linguístico e o semantismo social que se implica dela faz parte desse nível, contudo, o discurso, que permite depreender esse semantismo social, não é um nível linguístico. Por exemplo, “on est ici à la limite du «dialogue»” funciona como operador para se fazer a dissociação e a integração e comparar a ideia que vem dessa integração com L2 “estamos aqui no limite do “diálogo”” e L3 “estamos aquí en las lindes del “diálogo””. Entretanto, a manifestação dessa frase, ou o discurso que se revela ao locutor quando maneja essa estrutura semiótica, não é operador para nada. Portanto, apesar de a estrutura da língua permitir veicular um semantismo social, ela não permite veicular a maneira particular que o tradutor serviu-se dele para transpor a ideia de uma frase a outra língua, dado que isso é organizado pelo discurso, sempre ancorado no momento da enunciação, que se esvai.

A frase, pois, é um acontecimento que se passa na língua. O discurso, por outro lado, é um acontecimento que se passa no mundo, significado por essa língua, ou melhor, o discurso se passa na cultura. Assim, essas representações sociais, ao mesmo tempo que prescrevem uma maneira específica de simbolizar o mundo, permitem a transposição desses sentidos, o que faz não podermos aceder à causa de o tradutor mexicano ter traduzido “limite” por “lindes” e não por “límite”, mas de podermos entrever essas possibilidades. É por isso que lançamos, nesta dissertação, a prerrogativa de que, na transposição de ideias entre línguas, o tradutor não encaixa o semantismo de uma língua a outra, mas produz um terceiro semantismo (ver fig. 8).

Quadro 42 – Recorte do trigésimo nono parágrafo do *corpus*.

Il faudrait aussi distinguer l'énonciation parlée de l'énonciation écrite. Celle-ci se meut sur deux plans: l'écrivain s'énonce en écrivant et, à l'intérieur de son écriture, il fait des individus s'énoncer. De longues perspectives s'ouvrent à l'analyse des formes complexes du discours, à partir du cadre formel esquissé ici.	Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui.	También habría que distinguir la enunciación hablada de la enunciación escrita. Esta se mueve en dos planos: el escritor se enuncia escribiendo y, dentro de su escritura, hace que se enuncien individuos. Se abren vastas perspectivas al análisis de las formas complejas del discurso, a partir del marco formal aquí esbozado.
--	--	---

Como o nosso *corpus* se trata de tradução escrita, tomamos uma frase do excerto acima tanto como objeto de análise quanto como citação que fundamenta o progresso de nossa argumentação: “celle-ci [l'énonciation écrite] se meut sur deux plans: l'écrivain s'énonce en écrivant et, à l'intérieur de son écriture, il fait des individus s'énoncer”. A escrita

de L1 convida os tradutores de L2 ou de L3 a se enunciarem. Nesse ato, eles se elevam acima do semiotismo de L1 e depreendem um possível semantismo. Não sendo possível sulcar o semantismo de L1 a L2 ou L3, a saber, o agenciamento, o emprego das palavras, a referência das palavras, a situação de discurso, entre outros, eles se servem daquilo que está no entremeio da maneira como o escritor se enunciou na escrita e como ele, o tradutor, se enuncia nessa escrita. O semantismo social, pois, permite que ele compreenda uma ideia possível da frase acima citada, ideia essa que ele encontra uma possibilidade de transpor a L2 ou L3. Para tal, ele precisa reescrever essa ideia para a estrutura dessas línguas.

Ao fazê-lo por “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”, o tradutor demonstra que essa transposição se deu graças à maneira particular que ele maneja tanto L1 quanto L2, maneira essa que, decorrendo de um processo global de compreensão, não se refere nem ao semantismo de L1 nem ao de L2, mas a um terceiro semantismo que fica no entremeio dessas duas estruturas.

Notemos bem que falar de semantismo e de semantismo social é distinto. Para traduzir a frase para o espanhol “el escritor se enuncia escribiendo y, dentro de su escritura, hace que se enuncien individuos”, o tradutor precisou pautar-se no semantismo social de L1 e L3, testemunho esse que, inclusive, está registrado nas gramáticas e nos dicionários. O semantismo social é o testemunho da sociedade, a institucionalização tanto da forma quanto do sentido do modo semântico de uma língua, ainda que não se restrinja aos registros oficiais do Estado.

O semantismo ou o modo semântico, por outro lado, constitui-se como o plano linguístico que relaciona articulação semântica e funcionamento semiótico, no imbricamento de forma e sentido. O semantismo ou o modo semântico engloba o semantismo social. Por isso, estando para além dessa institucionalização, permite sua existência.

É por isso que se trata de um *paradoxo* do semantismo social: este advém da maneira particular que uma sociedade simboliza o mundo, a cultura, e, por isso, é veiculado em uma estrutura particular. Entretanto, ao mesmo tempo, por ser organizado pelo modo semântico da língua, permite que ideias possam ser transpostas a outras estruturas.

DA TRADUÇÃO À LÍNGUA: DESDOBRAMENTOS

Voltando à projeção feita por Benveniste, de que o semiotismo é o impossível da tradução e o semantismo, o possível, poderíamos resumir os resultados desta dissertação na confirmação de nossa hipótese: o semantismo pode funcionar interlinguisticamente. Isso se desdobra em três consequências: na tradução, (i) não é o todo do semantismo que é transposto, (ii) o tradutor produz um terceiro semantismo e (iii) o semantismo social permite a produção deste terceiro semantismo. Para compreendê-las, fazemos um apanhado geral desta pesquisa.

Nesta dissertação, vimos que as entidades linguísticas se apresentam para o locutor como uma massa indistinta na matéria fônica e que as unidades, por outro lado, podem ser delimitadas, reconhecidas por meio de uma operação mental que o locutor faz. Essa operação é regida pelo sentido, seja ele o semiótico ou o semântico.

Assim, a unidade não está na cadeia da fala para receber um sentido – é o sentido que cria a unidade. Por isso, a palavra não pode ser confundida meramente com aquilo que está entre dois espaços em branco, na cadeia semiótica da escrita, porque ela não é dada de antemão. Inclusive marcações como aspas e itálico podem alterar a maneira como o locutor compreende uma determinada entidade como unidade.

Constatamos, na análise do *corpus*, que as marcações de pontuação foram feitas nas traduções não para fazer uma cópia da cadeia semiótica de L1, mas para fazer o semantismo de L1 reconhecível e compreensível na cadeia semiótica de L2 e L3, o que coloca por terra a possibilidade de o signo ser transistemático.

Outro argumento que coloca por terra a transistemática é que a palavra é a menor unidade significante livre suscetível de efetuar uma frase, não meramente um elemento que “aparece” na frase para ser “imitado” ou “copiado” na tradução. Com isso, queremos dizer que, funcionando uma unidade em estruturas diferentes, nas quais a organização das relações é diferente, a forma relacionar-se-á ao sentido de maneira também diversa.

Portanto, uma unidade só é unidade em função de uma estrutura, dado que ela está enformada por representações sociais específicas, não se podendo dizer que a tradução de uma palavra, por mais que ela se assemelhe à forma e ao sentido de L1, será mera transcrição.

Além do mais, a tradução seria transcrição se a frase fosse uma unidade distintiva, unidade essa que pudesse ser transferida para outro lugar como no jogo de xadrez. Ainda que relacional, a metáfora do jogo de xadrez dá conta apenas das unidades distintivas da língua. Isto é, ainda que de L1 possamos reescrever enunciados diversos em L2 e L3, omitindo ou

explicitando, por exemplo, certas partes, as alterações que podemos fazer na rede de relações de suas partes não os torna unidades diferentes, mas predicados diferentes.

Na gama de possibilidades de reescrita de um mesmo enunciado em L1, o que temos são frases que predicam de maneira diferente, não frases que se distinguem entre si por negação e oposição. As frases não estão em relação de distinção diversa, mas de predicação diversa. Por esse motivo, a tradução não está para a transistemática, mas para o interlinguismo.

Assim, com relação à transistemática, sobre “signo transistemático”, constatamos que Benveniste (1974, p. 53) refere-se ao fato de que um signo não pode funcionar em dois sistemas semiológicos diferentes, os quais, configurando-se como organizações que definem entidades de naturezas díspares, esses elementos não podem simplesmente funcionar em outro sistema.

Entretanto, isso poderia abrir a brecha para compreender que, como “la valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre”³⁰⁷ e a língua sendo um mesmo sistema que comporta várias estruturas, os signos dessas diferentes estruturas poderiam funcionar em uma ou em outra pelo simples fato de serem elementos constitutivos do mesmo sistema.

Contudo, depois de fazer as análises, constatamos que o fato de o sistema linguístico poder comportar várias estruturas leva à necessidade de reconhecermos que, embora todas as línguas sejam organizações binárias que geram significâncias – o modo semiótico e o modo semântico –, o que faz com que todas as línguas sejam língua, a maneira de gerar essas significâncias é sempre diferente.

Por conseguinte, o signo linguístico não pode ser definido pela língua, mas por uma língua específica, isto é, por uma estrutura específica que produz um semiotismo e um semantismo particulares a ela. Dessa maneira, ao contrário de afirmar, como Benveniste, que “la valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre”, afirmaríamos que não é o valor da unidade semiótica que se define pelo sistema, mas o valor da entidade linguística. Por isso, no trecho “la valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre” Benveniste diz “système” fazendo entender “structure”.

Isso faz com que a transistemática implique distinção, e o interlinguismo, predicação. A frase é a manifestação de língua que predica. Nela, a forma são suas palavras, e o sentido, as ideias que veicula. Desse modo, no texto, as frases já estão veiculando ideias, por isso, elas

³⁰⁷ BENVENISTE, 1974, p. 53: “o valor de um signo se define apenas no sistema que o integra”.

não podem ser colocadas na categoria de forma que preenche uma função proposicional e que é distintiva, mas de sentido que veicula ideias. Predicar não é uma função, mas uma propriedade.

Se predicar fosse uma função, a frase seria uma unidade distintiva. Se fosse uma unidade distintiva, ela seria a soma de suas partes. Consequentemente, em L2 e L3 é possível tirar uma compreensão de L1, porque nessas línguas de chegada os enunciados não têm emprego, mas ideia. O emprego resulta da dissociação do todo, pois é forma; já a ideia resulta do agenciamento das partes, pois é sentido.

Como a frase é um predicado que veicula sentidos, é necessário pensar o que dela pode ser transposto de uma língua a outra – se os sentidos das palavras, o emprego, ou o sentido da frase, a ideia. Vimos que a ideia pode ser transposta de uma língua a outra, uma vez que a tradução é um processo global de compreensão, o emprego não. O desdobramento disso é que o predicado parece poder ser transposto, o modo de predicar, não.

Dado que a cultura confere forma ao homem, o predicado é transposto e o modo de predicar, não. Os predicados de L1 funcionam de maneira diversa em L2 e L3, dado que as estruturas dessas línguas de chegada têm mecanismos diferentes da estrutura de L1.

Com isso, os tradutores precisam apreender um sentido possível do predicado de L1 para transpô-lo a outras línguas, mas, ao transpô-lo, o modo de predicar, a saber, as funções proposicionais, o agenciamento, o emprego das palavras, já são diferentes necessariamente por serem manejados em outra estrutura – a cultura também confere sentido ao homem: uma maneira particular de simbolizar o mundo. Em outros termos, o predicado pode ser traduzido porque ele veicula uma ideia, mas o modo como as palavras da frase são predicadas não o pode, já que cada língua possui uma maneira diferente de empregar suas palavras.

Por esse motivo, o funcionamento da frase acaba se confundido com os mecanismos próprios ao sentido semântico, visto que o agenciamento de suas partes, a forma, resulta em ideias possíveis, as quais, para serem compreendidas, têm de sê-lo na frase necessariamente. Essa necessidade leva ao problema de compreender se a frase está para o discurso ou para a fala. No próprio *L'appareil*, Benveniste diferencia fala - “la relation du locuteur à la langue [qui] détermine les caractères linguistiques de l'énonciation”³⁰⁸ - de discurso - “manifestation de l'énonciation”³⁰⁹. Se a frase estivesse para a fala, como afirma Saussure (1964, p. 172), não haveria comunicação. Em primeiro lugar, porque a fala é a relação de *um* locutor com a

³⁰⁸ BENVENISTE, 1974, p. 80: “a relação do locutor com a língua [que] determina os caracteres linguísticos da enunciação”.

³⁰⁹ Ibid., loc. cit.: “manifestação da enunciação”.

língua, o que não garante a intersubjetividade. Isto é, considerar a frase no plano da fala seria julgar possível ao locutor enformá-la de um semiotismo, que é sempre social porque é da língua, mas não de um semantismo social, dado que a significação aí enformada seria reduzida meramente à relação subjetiva do locutor com a língua, a qual não é, em todos os aspectos, compartilhada com outros locutores.

Dessa forma, a frase não está para a fala, em segundo lugar, porque a fala determina os caracteres linguísticos da enunciação, não os manifesta. A fala não é manifestação, mas sim a “porção individual” de língua que tem acesso um locutor – “porção individual” naquilo a que ele pode aceder a fim de manejá-la. Grosso modo, é como se a fala antecedesse a manifestação da enunciação, já que é ela que provê os recursos para tal. A fala, pois, possibilita a enunciação.

Em suma, como a frase não pode estar para a fala, pelos motivos supracitados, ela só pode estar para o discurso: “la phrase est l’unité du discours”³¹⁰. Isso porque o discurso é manifestação da enunciação, manifestação essa possibilitada não só pela fala, mas também pela língua. Por conseguinte, na comunicação, mais especificamente, na tradução, não é apenas a língua que confere organização, mas também o discurso por meio da linguagem.

Por mais que a frase já esteja funcionando no modo semântico e por mais que seu funcionamento se aproxime muito do funcionamento do sentido, é necessário o estabelecimento da distinção entre frase e discurso. A frase funciona no discurso, o discurso é atualizado na frase, porém, o primeiro não possui autonomia com relação à estrutura, ao passo que o segundo já possui relativa autonomia.

Benveniste declara que “c’est dans le discours, actualisé en phrases, que la langue se forme et se configure. Là commence le langage”³¹¹. A esse respeito, julgamos que o dito “na tradução, o predicado é transposto” deva ter o seguinte refinamento: “na tradução, a ideia do predicado é transposto”. A frase é a materialidade que atualiza o discurso. Como materialidade, ela funciona em uma estrutura específica, não podendo ser traduzida para outra. Agora, o discurso, por ser a linguagem em ação, pode sim ser atualizado em outra estrutura.

A frase, por não poder ser tida como unidade distintiva, não pode ser ela mesma reescrita em outra estrutura, apenas o que emerge do agenciamento das palavras. Nem suas unidades distintivas elas mesmas podem ser transpostas em outra estrutura, apenas o que

³¹⁰ BENVENISTE, 1966, p. 130: “a frase é a unidade do discurso”.

³¹¹ Ibid., p. 131: “é no discurso, atualizado em frase, que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”.

emerge da distinção em relação com o agenciamento. Isso que emerge tanto da frase quanto das palavras em emprego na frase é que nos ajuda a compreender como se dá o processo do interlinguismo. Nesse processo, estão imbricadas as noções de: texto, eixo paradigmático e sintagmático, nível categoremático, e diferença entre semantismo e semantismo social.

Como Benveniste afirma que “une proposition peut seulement précéder ou suivre une autre proposition, dans un rapport de consécution”³¹² e que “un groupe de propositions ne constitue pas une unité d’un ordre supérieur à la proposition”³¹³, o texto não é um nível superior em que as frases sejam constituintes, mas um suporte que permite a relação de frases que se sequenciam, ou melhor, o texto é uma consecução de frases. O que faz com que essa consecução seja coesa e coerente vem, em primeiro lugar, da própria manifestação do manejo enunciativo do escritor que começa e termina o texto com frases, encadeando outras no entremeio, a fim de veicular determinada(s) ideia(s) e, em segundo lugar, da manifestação do manejo do leitor, que alça a escrita à enunciação novamente.

Não há, na língua, uma consecução fixa de frases. O que vai construindo essa sequenciação é a associação entre a enunciação, a qual atualiza a língua, e o discurso, o qual articula semiotismo e semantismo. Consequentemente, o texto provém da estrutura, já que é necessária uma base para a atualização. Entrementes, ele não depende dessa estrutura na medida em que não é a estrutura em si que organiza o texto, mas a própria atualização dessa estrutura, via discurso.

O linguista não pode simplesmente partir do nível categoremático, como o locutor, e afirmar que a tradução é um processo de transposição de frases de uma estrutura a outra. É preciso fazer um processo inverso, partindo dos níveis inferiores até chegarmos ao nível da frase. Segundo Benveniste “le signe est l’unité minimale de la phrase susceptible d’être reconnue comme identique dans un environnement différent, ou d’être remplacée par une unité différente dans un environnement identique”³¹⁴. No nível intermediário, uma palavra da frase pode ser tida como signo, já que, nesse nível, a palavra está no entremeio do modo semiótico, funcionando como constituinte, e do modo semântico, funcionando como integrante. Aí, pois, tanto o eixo paradigmático quanto o eixo sintagmático entram para possibilitar emergir esse algo que é transposto na tradução.

³¹² BENVENISTE, 1966, p. 129.: “uma proposição pode apenas preceder ou seguir outra em uma relação de consecução”.

³¹³ Ibid., loc. cit.: “um grupo de proposições não constitui uma unidade de ordem superior à proposição”.

³¹⁴ BENVENISTE, 1966, p. 131.: “o signo é a unidade mínima da frase suscetível de ser reconhecido como idêntico em um meio diferente ou de ser substituído por uma unidade diferente em um meio idêntico”.

Como um signo não pode funcionar em outra estrutura, não pode haver a substituição de um signo de L1 a outro das línguas de chegada. E, como a palavra não pode ser traduzida para outra estrutura, o que permite reconhecer uma palavra de L1 como sendo “equivalente” a outra nas línguas de chegada, não é o sentido dessa palavra, dado que seu emprego é sempre particular à estrutura em que é operacionalizado, mas, sobretudo, o sentido da frase em que é manejada. É a ideia possível que emerge das relações sintagmáticas desse enunciado que possibilita elencar traduções possíveis no eixo paradigmático.

Em outros termos, no nível intermediário, o signo primeiramente é tomado como palavra em emprego na proposição, o que proporciona fazer vir à tona um sentido possível, o qual é relacionado com signos possíveis de L2 ou L3 no eixo paradigmático, a fim de que esse sentido possa ser articulado com um signo que funcione como palavra nas frases de L2 ou L3, isto é, que possa ter um emprego nesses predicados. A tradução é, pois, um processo que começa no todo e chega às partes, não das partes ao todo. O interlinguismo só é possível porque a ideia de uma proposição viabiliza a transposição de sentidos.

A transposição de sentidos da frase, entretanto, não é feita de qualquer maneira. Como não há língua sem discurso e como a tradução é um processo global de compreensão, essa transposição é organizada pelo discurso, não pela língua. Não o é pela língua pelos motivos que discutimos ao longo da análise: (i) porque podemos traduzir a frase, dado que ela funciona em uma estrutura específica, isto é, seu funcionamento é semântico, mas ainda depende do semiotismo; (ii) porque não podemos traduzir a palavra, uma vez que ela é o integrante de uma frase, a qual funciona em uma estrutura específica, também dependendo do semiotismo; (iii) porque não podemos traduzir o sentido da palavra, já que ele é seu emprego e o emprego é sempre particular a uma frase por estar articulado a uma função proposicional.

Assim, tanto a frase, a palavra e o sentido da palavra não têm autonomia com relação à estrutura de uma língua. Do semantismo, o que nos resta é o sentido da frase, o único que pode ser transposto para outras estruturas, justamente pelo fato de ser organizado pelo discurso, não pela língua.

Em suma, o interlinguismo é a transposição de ideias dos predicados do nível categoremático de uma estrutura para o nível categoremático de outras estruturas, transposição essa organizada pelo discurso. A questão é que o discurso não é um nível linguístico, conquanto só funcione no nível categoremático. Vejamos.

Dado que apenas o sentido ou a ideia da frase pode ser traduzida, ela nunca o é totalmente, já que, por ser organizada pelo discurso, o locutor está aí fazendo a mediação necessariamente. A ideia que implicamos de L1 está impedida de ser engessada em uma única

forma. Um dos motivos disso é que essa ideia está imbricada com a maneira como o tradutor semantiza essa estrutura, portanto, sendo o tradutor diferente, seu modo de manifestação pode ser diferente.

Se o discurso emerge da língua, então, tem de haver uma causa para que uma frase de L1 seja transposta de tal ou de outra maneira em L2 ou L3. Essa causa, advindo da língua, não pode ser empírica, deve ser formal. A causa não pode ser empírica porque a positividade do signo só existe em função da necessidade dialética dos valores, isto é, da oposição. A imanência existente no semiotismo, pois, reclama a arbitrariedade no semantismo. Se assim não fosse, a imanência se estenderia até o semantismo, o que faria a língua ser substância. Como não o é, há uma imotivação no modo semântico, fazendo com que não haja nada no mundo tangível que faça com que o tradutor transponha uma ideia de L1 num modo de manifestação ou outro, ou, antes, que ele depreenda uma ideia ou outra da estrutura de L1.

Não podendo ser empírica, essa causa deve ser formal: como o semantismo social é a configuração da sociedade no aparelho conceitual da língua³¹⁵, apontamo-lo como essa causa formal. As traduções, pois, aproximam-se naquilo que foi convencionado em uma língua e entre línguas. Entretanto, nunca há homogeneidade. O testemunho da sociedade que nos deixa registrado o semantismo social permite a diferença.

Isso porque, ao mesmo tempo em que a língua fornece o mesmo aparelho formal a todos os seus locutores, cada vez que utilizamos esse aparelho, eles se apropriam de forma única e não-idêntica dele. É por isso que, na transposição de ideias entre línguas, o tradutor não encaixa o semantismo de uma língua a outra, mas produz um terceiro semantismo (ver fig. 8). Desta feita, a cultura confere conteúdo ao homem: ela o constitui, possibilitando que ele simbolize o mundo, sem engessá-lo.

A noção de semantismo, pois, tem de ser diferente da de semantismo social. O semantismo social é o testemunho da sociedade, a institucionalização tanto da forma quanto do sentido do modo semântico de uma língua, ainda que não se restrinja aos registros oficiais do Estado. O semantismo, por outro lado, constitui-se como o plano linguístico que relaciona articulação semântica e funcionamento semiótico, no imbricamento de forma e sentido. O semantismo ou o modo semântico engloba o semantismo social. Por isso, estando para além dessa institucionalização, permite sua existência.

Assim, a produção de um terceiro semantismo pelo tradutor envolve a possibilidade de transpormos a ideia no nível categoremático de L1, advinda de seu semantismo social, ao

³¹⁵ Cf. BENVENISTE, 1966, p. 98.

nível categoremático de L2 ou L3, que permite veicular uma ideia (des)semelhante nessas estruturas, pautada no semantismo social delas. Por conseguinte, na metalíngua, é como se o tradutor tivesse que criar todo um modo semântico que, para ele, dessem conta de atender às particularidades tanto do semantismo social de L1 quanto de L2 ou L3.

Isso implica que a capacidade de elevarmo-nos acima do semiotismo de uma língua, na metalíngua, não implica que possamos nos apartar da nossa condição de sermos constituídos por essa língua. Esse movimento de elevar-se acima já vem em função do funcionamento do discurso: erguer-se acima do semiotismo para fazer depreender um semantismo já é resultado do emprego da língua, isto é, já é uma forma de manifestação dessa língua, o discurso. É por isso que, na enunciação escrita, o tradutor se enuncia “em cima” da escrita na qual o escritor já havia se enunciado e possibilita uma reescrita tal que os locutores de outras línguas possam se (re)enunciar “em cima” da escrita, que já é reescrita, do escritor.

Retomando, pois, nossa hipótese, vemos que o semantismo social funciona interlinguisticamente na tradução justamente pela frase ser uma unidade de discurso. A originalidade benvenistiana em conferir um novo estatuto para a frase, concedendo-lhe o carácter de ser o último nível linguístico, provoca uma reação em cadeia nas noções de significação, de predicação, de palavra, de texto, de sintaxe, de imanência, entre outros, fazendo com que tudo isso se organize de maneira a reafirmar sua tese de que a língua tem um funcionamento constitutivamente paradoxal.

Por conseguinte, a sagacidade do pensamento de Benveniste, advindo de sua erudição incomparável, torna praticamente impossível ir além desse autor. Da tradução à língua, logramos formular novidades apenas no que concerne ao objeto de pesquisa: (i) o modo semântico não pode ser completamente transposto na tradução: a forma não o pode, e o sentido, apenas a ideia; (ii) para que a ideia seja transposta, o tradutor produz um terceiro modo semântico, comportando a maneira subjetiva com que ele simboliza os semantismos sociais de L1 e L2/L3 – se assim não o for, o interlinguismo não é possível; (iii) é o modo semântico que permite a existência do semantismo social, entretanto, na tradução, são justamente os semantismos sociais de L1 e L2/L3 que permitem a produção de um terceiro modo semântico, a ser enformado no semiotismo de L2/L3.

A conjugação dessas três consequências sobre a tradução leva a uma quarta, sobre a língua: o modo semântico é enformado em um modo semiótico, o que constitui uma estrutura específica; entretanto, ele não está de todo preso a esse semiotismo. E isso é de longe uma novidade, já que confirma a afirmação de Benveniste sobre a faculdade metalinguística: “la faculté métalinguistique, à laquelle les logiciens ont été plus attentifs que les linguistes, est la

preuve de la situation transcendante de l'esprit vis-à-vis de la langue dans sa capacité sémantique”³¹⁶.

Do interlinguismo na tradução, chegamos à faculdade metalinguística na língua. O princípio estrutural da língua permite que o homem, em sociedade, simbolize o mundo por meio de diversas estruturas. Assim, a língua é manifestada pelo homem em um idioma particular por meio da capacidade semântica desta estrutura. Entretanto, essa estrutura constitui o homem no seu semiotismo e no seu semantismo, sem apriacioná-lo. De todos os mecanismos do modo semântico de uma estrutura particular, a ideia é a única que vai ao encontro da língua, já que, com a língua, o homem aprendeu, antes de tudo, a significar.

Em outras palavras, a ideia está mais para o sistema do que para a estrutura. Com o sistema, o homem maneja mecanismos de simbolizar o mundo. Como esses mecanismos são universais, é possível que as ideias, ainda que sulcadas em estruturas diferentes, possam ser transpostas. Isso é a metalinguagem e é graças a ela que o homem não se limita à cultura que lhe foi herdada, podendo *dialogar* com outras. O homem é homem porque é constituído de língua, não necessariamente de uma língua particular.

Partimos de Benveniste e, depois de um longo percurso, retornamos a Benveniste. Desta feita, fazemos das palavras de Benveniste sobre Saussure, as nossas: “en restaurant la véritable nature du signe dans le conditionnement interne du système, on affermit, par-delà Saussure, la rigueur de la pensée saussurienne”³¹⁷. Dissertando sobre a natureza da frase na tradução, consolidamos, para além de Benveniste, o rigor do pensamento benvenistiano. Benveniste e Saussure são, primeiramente e sempre, os homens dos fundamentos.

³¹⁶ BENVENISTE, 1974, p. 229: “A faculdade metalinguística, à qual os lógicos estiveram mais atentos que os linguistas, é a prova da situação transcendente da mente com relação à língua na sua capacidade semântica”.

³¹⁷ BENVENISTE, 1966, p. 55: “restaurando a verdadeira natureza do signo no condicionamento interno do sistema, consolidamos, para além de Saussure, o rigor do pensamento saussuriano”.

GLOSSÁRIO

Agenciamento: arranjo das palavras na frase de modo a produzir significância, sintaxe.

Análise hipolinguística: análise dos merismas da língua.

Análise extralinguística: análise das frases e de seu imbricamento com o discurso.

Análise intralinguística: análise das unidades da língua.

Enunciação: ato de manejar os signos em linguagem.

Discurso: o que surge como efeito da linguagem colocada em ação ou o tipo de enunciado em que o locutor se enuncia.

Categorema ou sêmio-categorema: forma presa que tem função classificatória, a de fornecer classes e subclasses formais.

Distinção: relação que permite separar e discretizar um signo de outro.

Entidade: segmento de língua ainda não reconhecido semioticamente nem compreendido semanticamente.

Efeito de sentido: o que pode ou não resultar do manejo dos signos.

Estrutura semiótica: organização de signos, forma constante que pode veicular sentidos diversos.

Emprego: o sentido da palavra, capacidade de integrar um sintagma e preencher uma função proposicional.

Equivocidade: relação de um para vários que surge como efeito da situação de discurso no semantismo.

Forma: na Linguística, o signo propriamente dito ou a relação que pode advir do agenciamento de um signo a outro – a sintaxe; na Semiologia, o signo, o sinal, ou a relação entre signos/sinais.

Falha constitutiva: o fato de nenhum locutor ter a mesma experiência de linguagem que outro, provocando um desencaixe na comunicação.

Fonema ou sêmio-fonema: unidade distintiva do significante; assim, aqui ser distintivo é ser significativo, uma vez que a unidade preenche uma função.

Frase: predicado, encadeamento de signos em sintagma que predica, isto é, que atribui propriedades dizendo.

Função: o papel que um elemento pode preencher no jogo da língua.

Função proposicional: papel sintático que uma palavra preenche na frase.

Funcionamento semiótico: oposição, constante e paradoxal, entre forma e sentido na língua; propriedade da língua de permitir ao locutor formar frases.

Ideia: sentido da frase, efeito do agenciamento das palavras.

Lexema ou sêmio-lexema: entidade livre da língua que tem função lexical, a de designar uma noção.

Língua: sistema ou estrutura. Enquanto sistema, a língua é um princípio de classificação, que comporta os mecanismos gerais de funcionamento das línguas. Enquanto estrutura, a língua é um idioma específico.

Linguagem: a língua posta em ação, portanto, decorre da relação entre língua e fala, produzindo discurso.

Merisma: caracter distintivo do significante; assim, aqui ser distintivo é ser puramente distinguidor, uma vez que o caracter distintivo apenas confere traços acústicos ao significante.

Narrativa: tipo de enunciado em que o locutor não se enuncia.

Negação: relação que confere identidade a um signo negando o que outro signo seja – “um signo é o que o outro não é”.

Oposição: relação de contraste e de “confronto” entre os signos que confere movimento à estrutura.

Palavra: unidade semântica capaz de preencher uma função proposicional na frase.

Paradigma: tipo de relação que se dá entre os signos de modo a se encadearem “em nuvem” por associação.

Princípio estrutural: preceito de língua que lhe atribui a propriedade de comportar várias estruturas ou idiomas.

Referente: na Linguística, a coisa no mundo significada pela língua ou a situação de discurso; na Semiologia, a coisa ou a situação em si mesma.

Romanicidade: o mundo romano, o aparelho conceitual de Roma que ainda permite veicular formas e sentidos semelhantes ao latim nas línguas neolatinas.

Semantismo: o modo semântico da língua, a maneira de organização das palavras em sintagma via discurso.

Semantismo social: documento de língua, o fato de que os sentidos da língua se estabilizam por meio da comunicação; cristalização social.

Semiotismo: o modo semiótico da língua, a maneira de organização dos signos em paradigma.

Sentido: o conceito da palavra, a representação mental do mundo que surge como efeito do funcionamento da própria língua via comunicação.

Significação: na Linguística, atividade significante da língua que decorre como efeito do funcionamento semiótico; na Semiologia, efeito de se compreender algo da relação entre o signo/sinal com o mundo.

Significado: conceito genérico que significa por distinção, oposição e negação.

Significância: modo de significar, de produzir efeitos de sentido; pode dar-se semiótica e/ou semanticamente.

Significante: imagem acústica, representação mental do som.

Signo: unidade semiótica, segmento distintivo de língua que se dá pela relação necessária entre um significado e um significante.

Simbolização: representação do mundo que se dá por meio de uma forma - um signo ou um sinal.

Sinal: unidade rudimentarmente semiótica, segmento que se dá pela relação direta entre forma e referente.

Sintagma: tipo de relação que se dá entre os signos de modo a se encadearem linearmente e consecutivamente.

Sistema semântico: tipo de organização que produz significância sem estrutura, porque não se constitui nem por signos nem por sinais; por isso, sua forma é tão diversa quanto os sentidos veiculados.

Sistema semiológico: qualquer tipo de organização que produz significância.

Sistema semiótico: tipo de organização que produz significância por meio de uma estrutura e, por isso, pode ser convertido à língua.

Situação de discurso: localização no tempo e no espaço, afetados pela língua, que permite intentar objeto(s) no mundo.

Transcrição: cópia ou colagem da palavra de uma língua a outra.

Transposição: na Tradução, é a modalidade de tradução de se modificar a classe gramatical de uma palavra de uma língua a outra; na Linguística, é o ato de fazer significar as ideias enformadas em uma língua no semiotismo de outra.

Unidade: segmento de língua reconhecido semioticamente – o locutor consegue apontar que determinado signo pertence à sua língua – ou compreendido semanticamente – o locutor consegue depreender representações mentais possíveis de uma palavra.

Univocidade: relação de um para um que surge como efeito da negação no semiotismo.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C. A instância do sujeito na anotação de sala de aula. In: AGUSTINI, C; BERTOLDO, E (Org.). **Linguagem e enunciação: subjetividade-singularidade em perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 141-164.

_____. **A enunciação do transbordamento das regras**: a estilística no discurso da gramática. 2003. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. Émile Benveniste : a atualidade de suas teorizações. Uberlândia, 6 out 2014. **Arquivo pessoal**.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Saint-Amand: Éditions Gallimard, 2002, v. 1. (1966)

_____. **Problèmes de linguistique générale**. Saint-Amand: Éditions Gallimard, 2002, v. 2. (1974)

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Marco Antônio Escobar. Campinas: Pontes, 2006.

_____. El aparato formal de la enunciación. In: _____. **Problemas de linguística general II**. Trad. Juan Almela. México: Siglo XXI editores, 1999.

_____. Manuscrits inédits. In: MARTIN, S (Org.). **Émile Benveniste pour vivre langage**, Caen, L'Atelier du Grand Tétras, 2009. (não paginado)

_____. **Dernières leçons**. Paris: Ehes Gallimard Seuil, 2012.

BESCHERELLE. Paris: Hatier, 2006.

BLANCHÉ, R. **La logique et son histoire**. Paris: Armand Colin, 2002.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen & Unwin, 1979.

BORTOLANZA, J. As gramáticas e a tradição na terminologia verbal. In: **Anais do XIV CNLF**. Cifefil: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B8i6qhYPgfrlVmdiVWVISGY4MGc/edit>> Acesso em 23 out 2014.

DICIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Madrid: RAE, 2014. Disponível em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>> Acesso em 10 out 2014.

DUCROT, O. Referência. In: **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. Pour une sémantique structurale. In: _____. **Essais linguistiques I**. Copenhagen: Nordisk Sprog-og Kulturforlag, 1959 [1957].

HOUAISS, A; VILLAR, M; FRANCO, F (ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. Madrid: Catédra, 2008.

JEUGE-MAYNART, I (org.). **Larousse : dictionnaires de français**. Paris: Éditions Larousse, 2012. Disponível em : <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>> Acesso em 28 jun 2014.

KRITZMAN, L. D. **The columbia history of the twentieth French thought**. New York: Columbia University Press, 2006.

MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive languages. In: ODGEN, C; RICHARDS, I. **The meaning of meaning**. New York: A Harvest Book, 1923.

MATTOSO CÂMARA, J. **Estrutura da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Vozes, 2004.

MICHAELIS. São Paulo, Editora Melhoramentos: 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em 20 out 2014.

MORVAN, D (Org.). **Le robert de poche**. Paris: Le Robert-Sejer, 2011.

NORMAND, C. Les termes de l'énonciation de Benveniste. **Histoire épistémologie langage**, Paris, v. 8, n. 8, p. 191-206, 1986. Disponível em : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_1986_num_8_2_2232> Acesso em: 25 jan. 2013.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1964.

_____. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1969.

SCHOELLER, G. **Dictionnaire biographique des auteurs**. Paris: Robert Lafont, 1980.

TODOROV, T. Recherches sémantiques. **Langages**, Paris, n. 1, p. 5-43, 1966.

_____. Émile Benveniste, le destin d'un savant. In: BENVENISTE, E. **Dernières leçons**. Paris: Seuil, 2012.